



# A Saga dos Reinos Encantados

O Despertar dos Dragões

José Américo Paiva Moreira

# A Saga dos Reinos Encantados: O Despertar dos Dragões

José Américo Paiva Moreira

# Table of Contents

<b>1</b>	<b>A Descoberta do Pergaminho</b>	<b>4</b>
	A Biblioteca Secreta de Espiral de Vidro . . . . .	6
	Desvendando o Antigo Pergaminho . . . . .	8
	A Profecia do Despertar dos Dragões . . . . .	9
	O Chamado à Aventura de Aria . . . . .	11
	Revelação dos Poderes Mágicos de Aria . . . . .	12
	Encontro com Roran Tempestário . . . . .	14
	Aparição de Lysander Martelar . . . . .	16
	Aliança com Gavriel Brilhaouro . . . . .	18
	Formação do Grupo de Aventureiros . . . . .	20
	Mergulhando nos Mistérios do Passado . . . . .	21
	O Início da Jornada Épica . . . . .	24
<b>2</b>	<b>Formação do Grupo de Aventureiros</b>	<b>26</b>
	Aria encontra o pergaminho . . . . .	28
	Conhecendo Roran, o mago talentoso . . . . .	30
	A união com Lysander, o cavaleiro destemido . . . . .	31
	Gavriel, o duende caçador de tesouros se junta ao grupo . . . . .	33
	Desvendando a história dos aliados . . . . .	36
	Unindo forças contra a ameaça dos dragões . . . . .	38
	Enfrentando obstáculos juntos . . . . .	39
	Reconhecendo suas habilidades complementares . . . . .	41
	Desenvolvendo laços de confiança e amizade . . . . .	43
	Conhecendo Aryssa, a dragonesa destemida . . . . .	45
	Preparação para a jornada perigosa . . . . .	47
<b>3</b>	<b>A Profecia dos Dragões</b>	<b>49</b>
	Revelação do conteúdo do pergaminho . . . . .	51
	Origem e história dos dragões em Eldoria . . . . .	53
	A relação entre os dragões e os elementos . . . . .	55
	O selamento dos dragões e as consequências para Eldoria . . . . .	57
	A profecia do retorno dos dragões e o grande conflito . . . . .	59
	O papel de Aria e seus aliados na profecia . . . . .	61

As possíveis conseqüências do retorno dos dragões . . . . .	62
A responsabilidade de proteger Eldoria das forças das trevas . . .	65
A motivação dos personagens para embarcar na jornada épica . .	66
<b>4 Enfrentando Criaturas Mágicas</b>	<b>70</b>
A chegada à Floresta das Sombras . . . . .	72
O embate com os lobos mágicos . . . . .	74
A batalha contra as serpentes aladas . . . . .	75
Aprisionados pelas aranhas gigantes . . . . .	78
Desvendando o enigma das fadas ilusórias . . . . .	80
O encontro com o guardião centauro . . . . .	82
A ameaça das górgonas pétreas . . . . .	84
Aliança inesperada com as criaturas da floresta . . . . .	85
<b>5 Resolvendo Enigmas Enfeitiçados</b>	<b>88</b>
Introdução aos Enigmas Enfeitiçados . . . . .	90
A Câmara das Estátuas Sussurrantes . . . . .	92
O Labirinto das Sombras . . . . .	94
A Ponte Mágica da Sabedoria Perdida . . . . .	96
Os Relógios do Tempo Deformado . . . . .	99
As Palavras - Código Enfeitiçadas . . . . .	100
Enigmas dos Elementos . . . . .	102
O Quebra - Cabeça do Tesouro do Duende . . . . .	104
A Torre das Chaves Ocultas . . . . .	105
Desvendando o Segredo do Pergaminho . . . . .	107
<b>6 Revelação dos Segredos de Eldoria</b>	<b>110</b>
Visita à Biblioteca Esquecida . . . . .	112
Descobrimos os Cinco Reinos Perdidos . . . . .	114
A História dos Dragões Antigos . . . . .	116
Os Elementos e os Mestres - Druidas . . . . .	118
A Prisão Dimensional das Criaturas Lendárias . . . . .	120
Os Símbolos Místicos e a Linguagem Arcana . . . . .	122
A Tragédia de Eldrannon, o Dragão de Fogo . . . . .	124
O Surgimento da Oraclea Negra e seu Culto . . . . .	125
As Chaves para Desvendar os Portais Dimensionais . . . . .	127
A História de Sangue e Traição nos Reinos de Eldoria . . . . .	129
A Rainha Elfa e o Reino das Fadas Proibido . . . . .	130
A Importância de Selar e Proteger os Segredos de Eldoria . . . .	133
<b>7 Aprimorando Habilidades Mágicas</b>	<b>135</b>
Desenvolvendo habilidades individuais . . . . .	137
Prática de magia combinada . . . . .	139
Domínio dos elementos . . . . .	141
Aperfeiçoando as habilidades em batalha . . . . .	143
A busca pelo conhecimento arcano . . . . .	144

Treinamento com Aryssa, a dragonesa . . . . .	146
Fortalecimento de vínculos e trabalho em equipe . . . . .	148
Despertar dos poderes ocultos . . . . .	149
<b>8 Forja de Alianças Improváveis</b>	<b>152</b>
Formando Alianças com Inimigos . . . . .	154
Um Encontro com a Resistência . . . . .	156
A Dragonesa Exilada: Aryssa Vendaval . . . . .	158
Desvendando a Lealdade do Passado . . . . .	159
Enfrentando Preconceitos e Desconfianças . . . . .	161
Um Pacto de Amizade Inabalável . . . . .	163
Juntando Forças e Confrontando Novos Perigos . . . . .	165
O Poder da União na Luta Final . . . . .	167
<b>9 Desafios de Coragem e Determinação</b>	<b>170</b>
Desafio na Floresta das Sombras . . . . .	172
A enfrentar os Medos Interiores de Aria . . . . .	173
O Encontro com os Guardiões Elementares . . . . .	175
Aventura Subaquática no Lago Cristalino . . . . .	177
A Batalha no Deserto Congelado de Cryorin . . . . .	179
O Labirinto dos Espelhos da Lua Prateada . . . . .	181
Confronto com os Fantasmas do Passado . . . . .	183
A Prova de Coragem no Pântano dos Desesperados . . . . .	185
Forjando Laços Inquebráveis de Amizade . . . . .	187
O Teste Final de Determinação e Coragem . . . . .	189
<b>10 A Batalha nas Fronteiras das Trevas</b>	<b>192</b>
Aproximação da Fronteira das Trevas . . . . .	194
Plano de ataque improvisado . . . . .	196
Batalha inicial contra as forças das trevas . . . . .	197
O surgimento de aliados inesperados . . . . .	199
Aria enfrenta o líder das forças das trevas . . . . .	202
Luta árdua e vitória da amizade e união . . . . .	204
Preparação para enfrentar os dragões novamente . . . . .	206
Reflexões e sacrifícios pessoais antes da batalha final . . . . .	207
<b>11 Libertação dos Dragões</b>	<b>210</b>
A Profecia Revelada: Explicação Detalhada . . . . .	212
A Dimensão Obscura: Conhecendo o Mundo Sombrio . . . . .	213
A Busca pelos Artefatos Mágicos: Primeira Pista . . . . .	216
Aliança com a Dragonesa: Descobrimo seu Exílio . . . . .	218
A Travessia da Floresta das Sombras: Enfrentando Perigos . . . . .	220
O Guardião e a Lição das Habilidades Mágicas: Desenvolvimento de Poderes . . . . .	222
O Desafio do Labirinto Gélido: Testando a Coragem dos Heróis . . . . .	224
Desvendando o Passado de Roran e Lysander: Segredos Revelados . . . . .	226

A Batalha Contra o Primeiro Dragão: Momentos de Tensão . . .	229
Abrindo a Dimensão Obscura: Enfrentando as Forças das Trevas	231
O Sacrifício e a Libertação dos Dragões: O Fim da Batalha . . .	232
<b>12 A Ascensão da Resistência Unida</b>	<b>236</b>
Apresentação dos Personagens Coordenando a Resistência . . . . .	238
Compartilhando Informações e Estratégias Cruciais . . . . .	240
Planejando Missões para Impedir a Libertação dos Dragões Restantes	242
Treinamento de Habilidades Mágicas e Combate em equipe . . . . .	244
Estabelecendo Alianças com Outros Reinos e Líderes . . . . .	246
Desvendando os Planos das Forças das Trevas . . . . .	247
Ataques - surpresa para Desarticular Operações Inimigas . . . . .	249
Preparação para a Batalha Final Contra as Forças das Trevas . . .	251
<b>13 A Restauração da Paz em Eldoria</b>	<b>253</b>
Aliança com a Dragonessa . . . . .	255
Segredos Revelados Sobre a Profecia . . . . .	256
Encontro com um Antigo Inimigo . . . . .	258
A Conquista do Artefato Poderoso . . . . .	261
A Batalha Contra o Primeiro Dragão . . . . .	262
Sacrifícios e Escolhas Difíceis . . . . .	264
Restauração da Paz em Eldoria . . . . .	266

# Chapter 1

## A Descoberta do Pergaminho

O vento uivava ao redor da antiga construção, ecoando como um coro ensurdecedor de almas perdidas. Aria enfrentou o medo que apertava seu coração enquanto empurrava a porta de ferro enferrujada que rangia com o esforço. Era um som estranho e alienado naquele santuário de pedra e silêncio.

A sala que se revelava diante dela estava repleta de prateleiras em arcos onde livros e mais livros quase transbordavam, amontoados, como velhos amigos discutindo histórias em sussurros. Uma luz difusa, que desafiava a lógica da ausência de janelas, banhava o ambiente com uma beleza tranquila. O pulso de Aria se acalmou, e ela atravessou a soleira, sentindo o ar gélido como o sopro do tempo pronunciado.

Roran Tempestário, com sua capa vermelho-sangue em contraste com sua pele pálida, observava de longe a entrada da amiga na biblioteca secreta. Lutava para conter a curiosidade e a ansiedade, mas estava profundamente ciente de que o que Aria descobrisse naquela sala poderia mudar o mundo como conheciam.

”Não se pode desistir por medo de confrontar a sorte”, Aria murmurou para si mesma e, então, seguiu em frente, passando os dedos pelas lombadas e pó acumulado do passado.

Livros e pergaminhos, gravados com letras arcanas e conversas de dragões e profecias, eram fragmentos de conhecimento que antecederam a fundação do próprio reino de Eldoria. Aria se sentia como uma viajante perdida e

encantada na vastidão do tempo, vagando por eras vivas, assombrada e envergonhada.

À medida que Aria continuou sua busca, uma frase chamou sua atenção e o coração parou por um momento.

"Despertar dos Dragões."

Ela puxou o livro da prateleira com cuidado, como se o simples ato de tocá-lo pudesse liberar os poderes estrondosos dos seres que a profecia previa. Quando Aria limpou o pó do pergaminho que soava como o sussurro de mil segredos escondidos por eras, pôde ler o restante do título.

"A Profecia do Despertar dos Dragões: O Renascimento das Sombras"

Antes que pudesse pensar nas possíveis implicações da descoberta, Aria ouviu o som de passos apressados atrás dela e se virou, assustada.

"O que você encontrou?" Roran perguntou, tentando olhar por cima do ombro de Aria, mas lutava com o medo de perturbar algo que poderia não ser domado.

"É um livro", começou Aria, escolhendo as palavras cuidadosamente, estudando os olhos de Roran. "Fala sobre uma profecia."

"E como exatamente essa profecia afeta a nossa realidade?" Roran perguntou, como se temesse a resposta enquanto ele erguia o queixo para expressar a coragem que lhe faltava.

"Roran, diz respeito ao retorno dos dragões."

O silêncio que se seguiu entre os dois era palpável, pesado com a importância das palavras.

"O que isso significa, Aria? O que isso significa para Eldoria?" Roran perguntou, incapaz de conter as preocupações que lhe dominavam.

Aria fechou os olhos por um momento para encontrar coragem e clareza. Quando os abriu novamente, a determinação resplandecente em suas íris azuis deu a Roran algo pelo qual se agarrar.

"O retorno dos dragões pode ser a tempestade perfeita que mudará Eldoria para sempre, abalando sua própria fundação até as entranhas do mundo mágico. Mas não será sem luta. Devemos proteger o equilíbrio do mundo, do estrondo das garras e do eco das profecias."

"Como faremos isso?" Roran perguntou, a incerteza surgindo novamente.

"Juntos", Aria declarou. E com a palavra foi selado o destino deles - uma aliança de magia e coração. Antigos segredos se desenrolariam diante deles e mudariam seus caminhos para sempre. Unidos na busca pela



salvação do mundo que tanto amavam, Aria Fontane e Roran Tempestário se aventuravam em direção ao horizonte do desconhecido, enfrentando profecias ancestrais e provações inimagináveis com uma coragem inabalável.

## A Biblioteca Secreta de Espiral de Vidro

Aria sentia como se os ventos gelados que uivavam lá fora ecoassem no profundo de seu ser enquanto se esgueirava pela floresta envolta num manto negro de sombras. Sua mente vagava a cada passo contra a umidade gélida pelo passado recente, pelos dramas pessoais e pelas encruzilhadas do destino que a trouxeram até ali, ao limiar do medo e do desconhecido.

Era madrugada quando chegou à antiga biblioteca de Espiral de Vidro, uma construção solitária e imponente que desafiava o tempo e a própria lógica, oculta nas fendas daquela Montanha de Argenti - o morro dos sábios. E, apesar de sua estatura singular e de sua clara assinatura mágica que pulsava no ar a cada respiração, a Biblioteca parecia tão deslocada no cenário quanto a própria Aria.

”Lutar contra o infinito”, murmurou a feiticeira baixinho, sua voz um fio de desespero e esperança, ”ou procurar refúgio no passado ”

Aria abaixou-se diante do grande portão de ferro enferrujado, escondido sob um espesso manto de trepadeiras e musgos, e colocou a palma da mão direita sobre as runas de uma língua antiga e esquecida, sentindo a energia ancestral que jazia latente ali.

”Revele-me seus segredos”, sussurrou Aria com suas últimas forças, e um brilho fraco e instável tomou forma à sua volta, como se o espírito da biblioteca a sondasse e decidisse se aquelas eram palavras dignas de atenção.

Então, o ferro começou a se dobrar e se retorcer, mudando de forma e se fundindo em uma intrincada combinação de runas e engrenagens mágicas. Com um estalo, o portão se abriu, revelando um vasto corredor de colunas retorcidas e sombrias que pareciam se estender ao infinito. Aria deu o primeiro passo hesitante, cada célula de seu corpo vibrando como se estivesse sendo puxada por mil fios invisíveis.

”Está aqui”, ela murmurou para si mesma, caminhando em direção ao interior da biblioteca, deixando para trás o frio do dia nascente.

O interior da sala estava mergulhado em trevas, mas Aria percebeu, sem surpresa, que uma tênue luz brilhava através do espaço. A luz cresceu aos

poucos, revelando fileiras de altas prateleiras repletas de volumes empoeirados e raros, pergaminhos e mapas de tempos imemoriais.

Com cada passo cauteloso que dava, Aria sentia-se mais forte, como se aquelas baldosas de pedra antiga pudessem curar a alma e infundir uma nova energia em seu corpo. Ela ouviu vozes, sussurros de tempos passados e futuros, chamando-a e pedindo que se aproximasse.

Andava devagar, seus olhos dançando sobre pergaminhos e livros empoeirados que pareciam titubear em sussurros. Seus dedos se estenderam para tocar a lombada de um velho e grosso volume, sentindo o peso da história nele imbuída.

"O labirinto do tempo", sussurrou Aria, erguendo o livro e estreitando os olhos para ler o título.

De repente, uma voz firme e severa rompeu o silêncio:

"Aonde pensas que vais com isso, menina?"

A pálida mão hesitante de Aria paralisou no ar. Era uma voz desconhecida para ela, mas havia algo naquele tom gelado que a fez pensar nas cordas tensas de um arco, os dentes afiados de uma espada faminta, a força implacável das correntes petrificadas do destino.

"Tens a autorização para estar aqui?" questionou a voz, agora impaciente e rígida.

Aria engoliu em seco, compreendendo que não havia tempo nem fôlego para falsidade ou mentira.

"Meu nome é Aria Fontane", respondeu, virando-se para encarar o interlocutor desconhecido. "Sou uma feiticeira e vim até aqui em busca de respostas."

A figura surgiu das sombras do coração da biblioteca, caminhando em direção a Aria com passos firmes e silenciosos. Era um homem de meia-idade, cabelos escuros e compridos a cair sobre os ombros, os olhos estreitos e frios como os das grandes águias que caçavam nos picos das Montanhas Argentinas.

Ele a fitou por um longo momento - um julgamento, Aria perceberia mais tarde -, e um estremecimento desconfortável percorreu sua espinha. Depois, em silêncio, o homem estendeu a mão, apontando para um canto sombrio da sala onde um único volume jazia sobre uma mesa.

"Procuras a Profecia do Despertar dos Dragões?", perguntou, e Aria sentiu como se seu coração saltasse para a garganta. "Lá está ela."

Aria olhou fixamente para o livro, sentindo que seu destino foi amarrado nas runas e no couro do tomo misterioso. Acontecesse o que acontecesse, ela sabia que as palavras contidas naquele livro mudariam sua vida para sempre.

## Desvendando o Antigo Pergaminho

Aria manteve seus olhos fixos no centro do pergaminho, observando cada curva e detalhe das runas antigas. As palavras pareciam dançar e pulsar na folha amarelada, como se contivessem a energia de um milhão de corações batendo no ritmo do tempo. Ela estendeu a mão, seus dedos pálidos e trêmulos quase tocando a superfície frágil do documento. No instante em que sua pele fez contato com as runas, uma onda de energia atravessou seu corpo e Aria soube que nunca mais seria a mesma.

Roran observava com o olhar atento, seus olhos brilhantes de curiosidade e apreensão. Ele não pôde evitar um resfolegar baixo e chocado quando viu a pele de Aria adquirir um tom azulado e etéreo, alimentada pela magia das runas.

”O que está acontecendo, Aria?”, perguntou, sua voz carregada de inquietude e preocupação. Aria, no entanto, não respondeu de imediato - seu corpo tremia por um momento, e então, ela suspendeu a mão, como se o pergaminho ecoasse a melodia das estrelas.

”Não tenha medo, Roran”, murmurou Aria, a voz quase um sussurro, límpida como águas cristalinas. ”Este pergaminho contém uma verdade. Uma verdade sobre os dragões.”

Roran engoliu em seco e se aproximou, insistindo: “Mas o que diz a profecia? Qual é o segredo que essa verdade oculta?”

Aria fechou os olhos, e sentiu a resposta vibrar em cada fibra de seu ser. Sua voz ecoou pelo silêncio da biblioteca, sussurrando segredos esquecidos há eras: ”Fala do retorno dos dragões, Roran, e de como eles voltarão à vida e espalharão a sombra pela terra de Eldoria. Mas também fala das almas corajosas, destinadas a enfrentar os dragões e a proteger nosso mundo do caos.”

Houve uma pausa, como se o ar dentro da biblioteca se tornasse denso com a importância de suas palavras. E então, de pé diante do antigo pergaminho, Aria levantou a cabeça com determinação, sua voz ganhando

força e certeza.

”Eu acredito que este é o nosso destino, Roran. Juntos, embarcaremos nesta jornada para proteger Eldoria da ameaça dos dragões, e encontraremos aliados inesperados”, concluiu, lançando-lhe um olhar incisivo.

Roran permaneceu em silêncio, porém sua expressão era de crescente determinação. Encarando os olhos de Aria, ele balançou a cabeça em concordância. ”Se esta é a vontade do destino, não podemos fugir. Estou ao seu lado, Aria.”

E assim, diante daquela profecia antiga e poderosa, Aria e Roran selaram seu pacto nas sombras do passado, unindo-se num juramento sagrado e inquebrantável. Mal sabiam eles que o encontro que tiveram com o antigo pergaminho seria apenas o começo de sua extraordinária jornada, e que muitas provações, sacrifícios e surpresas estariam em seu caminho para enfrentar o retorno dos dragões.

## A Profecia do Despertar dos Dragões

Aria e Roran tinham poucas alternativas, e a floresta gomia ao vento, trazendo o odor de pinho e a promessa de chuva. Os olhos escuros e frios do homem de cabelos compridos, que a encarava a poucos passos de distância, não ofereciam acolhimento nem esperança. Sua túnica negra fazia as asas de um corvo enlutado, e um de seus menores gestos - a simples inclinação de uma das mãos - conjuraria um mundo de dor e destroços sobre a feiticeira e seu amigo.

Mas mesmo estando diante de uma figura tão sombria, Aria e Roran não pareciam se abalar. Aria, por sua vez, percebeu que quaisquer perigos que o homem pudesse representar eram nada se comparados à novidade pulsante em seu sangue, à antiga profecia do Despertar dos Dragões.

”A noi!”, exclamou. O sol poente ardia por detrás deles, e, por um momento apenas, Aria se sentia tão gloriosa e indomável quanto a esfera dourada às suas costas. As suas palavras encheram-se do tipo de confiança que só uma feiticeira conhece, e elas voaram pelo ar, ecoando a mais suave das melodias.

”\_A noi!\_ ”, repetiu Roran. Seu rosto erguia-se com bravura, e sua fé iluminava-o como uma estrela: uma estrela que enfrentava a escuridão e o desconhecido, com a mesma coragem das primeiras luzes do dia.

O homem negro levantou colunavelmente uma sobrancelha e apertou os pálidos lábios em desaprovação. Houve um instante de silêncio em que o único som era o murmúrio suave das árvores e o arfar ofegante de Aria e Roran. O homem fitou-os com um olhar de desprezo, mas depois, irrompeu em uma risada.

”É tão improvável ver paixão e coragem nos olhos de mortais tão jovens! Fazig tempo que não me deparo com tamanha ousadia em almas tão trouxas. Pergunto - me se já habitaram antes entre esses muros da Biblioteca de Espiral de Vidro Talvez tenham vindo parar já antes ao desconhecido Já enfrentaram os terrores das sombras e do desconhecido Mal sabem, porém, que o verdadeiro abismo não se vê; vive apenas em cada palavra desta profecia.”

Sua voz aguda oscilava ora medonha, ora ridícula, mas nem Aria nem Roran derrubavam-se ao chão. Ambos agarraram-se às palavras e aguçaram tanto os ouvidos quanto o espírito, tentando decifrar sozinhos os mistérios que somente a magia tinha concebido.

”O que significam essas palavras?”, perguntou Aria. ”Os dragões acordarão? Há sinais em todos os reinos de velhas sombras da memória, rastros de um medo arcano por entre as páginas de pergaminhos há muito ilegíveis. Temo que uma ameaça ancestral esteja despertando, prenhe de sólbrias intenções.”

O homem negro vacilou e pareceu considerar a resposta por um instante, antes de responder com calma: ”Não posso, menina, nem devo revelar - lhe tudo - mas escute minhas palavras: se está tão ávida por segredos e temores, então tenha cuidado, pois em Eldoria, as trevas já percorrem os corações de muitos.

Concentre-se, antes, na pergunta que surge em seu coração mais profundo: como enfrentar estes dragões? Veja - nem toda criatura das trevas segue um caminho depravado por sua natureza, e não são todos os dragões que cospem veneno e fogo. Alguns assemelham - se à terra, à água, aos ventos - os elementos do mundo.”

Aria e Roran já ouviam falar das antigas lendas dos dragões elementais, e suas palavras ecoavam no silêncio da biblioteca, o pó e a sobrevoada de papéis amarelecidos pareciam testemunhas de mais eras pelos corredores.

Aria respirou fundo. ”Diga-me, por favor!”, implorou. ”Pode ser o único lugar em todo o Reino onde encontraremos as respostas que precisamos ”.

Estendeu a mão, tocando-lhe a mão glacial.

E, assim, unidos em uma causa comum, eles se aventuraram no coração desconhecido da antiga biblioteca, guiados pelas palavras e pelos medos do homem escuro. À medida que a noite caía, a incerteza preenchia a todos eles, até mesmo o homem de cabelos compridos.

E Aria não conseguia imaginar o que seu encontro com a Profecia do Despertar dos Dragões poderia significar - se iria trazê-los consolo, conhecimento ou a mais profunda aflição. Mas sabia que, no fim, ela e seus aliados enfrentariam o desconhecido e lutariam até a última gota de suas forças pelo mundo de Eldoria que tanto amavam.

## O Chamado à Aventura de Aria

Aria caminhava lentamente até a janela, seus olhos repletos de temor e admiração. O crepúsculo pairava no horizonte, como um delicado manto cor-de-rosa drapejado sobre os campos estendidos de Eldoria. Ela pensou nos desafios que enfrentaria, nas batalhas que certamente travaria com inimigos desconhecidos e nos sacrifícios que faria. Dúvidas e receios acenavam em seu íntimo, assumindo proporções inimagináveis.

Roran ergueu-se do assento onde repousava mergulhado em suas próprias reflexões. Enfrentar o chamado daquela antiga profecia era uma perspectiva assustadora. A responsabilidade compartilhada pelos dois ameaçava esmagá-los, e Roran temia pela vida de sua companheira de jornada.

Ele caminhou suavemente até Aria, colocou a mão gentilmente em seu ombro e perguntou com um sussurro, "O que sente agora, Aria?" Os olhos da jovem feiticeira brilharam como se estivessem prestes a derramar as lágrimas retidas.

"Não sei, Roran," ela confessou. "Medo, esperança, dúvida. Parece que todos esses sentimentos, tão antagônicos quanto complementares, fervem no meu ser, tornando-se um só. Estou apreensiva pelo que nos aguarda no caminho que escolhemos trilhar."

Roran olhou bem nos olhos de Aria, buscando oferecer algum conforto a ela. "Aria, nós dois sabemos que a causa que abraçamos é nobre, e você não está sozinha nessa luta. Tenho mais fé do que possa expressar em palavras quanto ao nosso sucesso, e estou disposto a lutar até que o fulgor dos meus dias esgote-se, se isso significar a salvação de Eldoria. Porque, no fim, é a

nossa casa, o nosso legado e nosso dever. Não podemos ignorar o chamado da profecia.”

Aria levantou os olhos e, sem dizer uma palavra, agarrou-se a Roran com força, como uma criança buscando refúgio. A ambiguidade da situação criava um laço de silenciosa cumplicidade entre ambos. Naquele momento, tudo parecia unir-se: a amizade, o carinho e a compreensão de que o sofrimento compartilhado, talvez, não fosse tão insuportável quanto imaginavam.

Quando, por fim, suas mãos se soltaram do abraço, Aria deixou escapar uma respiração entrecortada de soluço, um misto de estremecimento e alívio. O olhar de Roran lhe transmitia confiança e determinação. Sentia em seu coração que, a despeito do medo, a coragem finalmente encontrava seu espaço.

”Está bem, Roran. Está bem,” Aria sorveu as lágrimas, com os olhos inchados. ”Vamos cumprir nosso papel nesta profecia e no destino de Eldoria. Junto com nossos futuros aliados, lutaremos para que a escuridão não consuma nossa terra. Não sei o que enfrentaremos, nem o que nos aguarda, mas está decidido. Estaremos juntos. Até o fim.”

Roran não conseguia conter um sorriso resolutivo. ”Não teria dito melhor, Aria. Quando enfrentarmos as forças das trevas, meu coração estará alinhado aos ritmos do seu, corajosos e destemidos; quando a incerteza e o medo tentarem tomá-la, lá estarei eu ao seu lado, como um escudo; e, quando a vitória finalmente chegar, compartilharemos juntos o triunfo de um futuro mais brilhante.”

As palavras de Roran soaram quase como um juramento solene, um hino de coragem e amizade que ecoou por toda Eldoria, como se fossem acompanhadas pelo vento, no momento em que Aria e seu companheiro iniciavam sua jornada épica em direção a um horizonte desconhecido, mas inegavelmente repleto de esperança.

## **Revelação dos Poderes Mágicos de Aria**

Em uma manhã aveludada, o sol se levantava fazendo sua luz se infiltrar timidamente através dos vitrais da sombria biblioteca, quando Aria desajeitadamente derrubou um pesado tomo de seu esconderijo na prateleira mais alta. O impacto fez o livro se abrir, erguendo uma nuvem de pó e exalando um cheiro acre e enjoativo que levou Aria a tossir, enquanto

olhos lacrimejantes fitavam o volume. A julgar pelo excesso de símbolos e ilustrações nos pergaminhos que outrora compunham suas páginas, Aria intuiu que aquela obra guardava alguma magia ancestral, mística e poderosa.

Atraída pelo misterioso livro, Aria estendeu a mão para tocá-lo, mas uma sensação incomum de formigamento, um peso penetrante e levemente hostil, fez com que ela hesitasse. Contudo, a curiosidade a impulsionou a ignorar tais alertas e segurar firmemente o livro entre suas mãos. Num átimo de ousadia infantil, ela abriu o volume, ouvindo o estalo abrupto da lombada que se desdobrava.

Para a sua surpresa, as páginas pareciam estar vivas. Símbolos místicos, como serpentes mágicas, correram, rastejaram e dançaram diante seus olhos, transformando-se de formas simples a complexas figuras geométricas. Uma voz sussurrada e antiga, insinuando-se de algum lugar no hubris das palavras, começou a recitar um encantamento druídico que Aria desconhecia. Seu interior foi tomado por uma sensação peculiar de melancolia e de uma ânsia arrebatadora por conhecimento.

Erguendo-se repentinamente, Aria sentiu uma energia estranha e irrefreável se infiltrar em seu ser. O ar ao seu redor começou a vibrar intensamente, enviando reverberações que faziam os livros e pergaminhos estremecerem e sacudirem-se terrorizados nas prateleiras, como se implorassem para serem libertados dali. Seu único olho bom se arregalou em tamanha grandiosidade, compelido, até então, à total admiração.

Foi então que Aria sentiu a necessidade de erguer as mãos em direção ao jorro de saberes que se espalhava em torno dela. Sem pensar, começou a sussurrar palavras de poder desconhecidas em uma língua obscura e arrastada. Agora, as palavras dançavam no ar à sua volta, subjugadas à sua vontade. Cada vez mais intensamente, ela sentia o poder crescer dentro de si.

Mesmo estando extasiada, Aria percebeu que aquela energia crescia perigosamente. Um pensamento lúcido, ainda que fugaz, riscou sua mente: Ela não sabia como controlar aquele poder. Em um gesto de desespero, ela puxou as palavras de volta para as letras mágicas daquele pesado tomo, ordenando, angustiada, que retornassem ao seu reduto.

Na última batida do coração, o último fôlego do vento se acalmou e as letras inchadas se acovardaram de volta para o livro, trêmulo e envergonhado, como animais tímidos encolhidos a um canto.



Por um instante, Aria olhou, incrédula, para suas mãos. Seu corpo tremia, e sua respiração era irregular. A consciência do que acabara de acontecer lhe atingiu como uma vaga de gelo, uma verdade implacável banhando sua alma com uma certeza assustadora: ela detinha em si um poder místico passivo de ser a criação e destruição do mundo como bem entendesse.

Roran adentrou a biblioteca, atraído pelos sons de tumulto. A expressão no rosto marcado das feições suaves de sua amiga o fez temer pelo pior. Com um breve gesto de seu cajado, conjurou uma energia mística, concatenando cada livro e pergaminho dispersos de volta ao seu devido lugar nas estantes. Depois, buscou os olhos arregalados de Aria, enquanto estendia a mão para pegar o livro misterioso e fechá-lo com firmeza e cuidado.

Eles trocaram um olhar solene de entendimento, e então Aria falou em voz trêmula, um arrepio de medo na sua voz:

”Não sei o que eu sou, Roran. Nesse momento, sou tudo, sou nada, sou uma semente de vitória e rejeição, de luz e escuridão. Não consigo frear esse poder que vive em mim. Eu temo que essa corrente Essa maré selvagem possa me consumir e levar tudo o que amo com ela.”

Roran sorriu com carinho e envolveu o braço ao redor dos ombros de Aria, levando-a suavemente para fora da biblioteca, conduzindo-a para longe dos desconhecidos daquele lugar opressor e sombrio.

”Não tema, Aria”, disse ele ternamente. ”Encontre conforto em minha presença, e saiba que estarei sempre ao seu lado para guiá-la e protegê-la. Juntos, aprenderemos a domar e entender esse poder.”

E, com um olhar de determinação, Aria assentiu, enxugando as lágrimas que teimavam em transbordar dos seus olhos. Naquele instante, sentiu que, ao lado de Roran e daqueles que confiavam nela, não importava o que acontecesse: enfrentaria o destino, fosse ele calcado na glória ou na ruína.

## **Encontro com Roran Tempestário**

Naquela manhã sombria, o alpendre do Eremitério lançava sombras enigmáticas na paisagem circundante. Aria ficou parada, contemplando as figuras rastejantes e dançantes que se mesclavam com a névoa densa e fria do bosque. Seu coração estava repleto de nostalgia pela hospitalidade efêmera que encontrara ali e pelo encontro com Roran, que a aguardava ansiosamente.

O vento sibilante soprou gentilmente através dos carvalhos antigos, envolvendo Aria num abraço melancólico e transportando - a de volta ao momento em que seus olhos se encontraram pela primeira vez com os de Roran. Naquela época, ainda não sabia o quanto sua vida mudaria desde aquele instante. Não podia imaginar o quão grande e real seria o vínculo que compartilhariam, protegendo e apoiando um ao outro no seu emaranhado e labiríntico destino.

Conforme se aproximava do Eremitério, os olhos de Aria pousaram sobre a figura esguia e altiva de Roran, que a esperava do lado de fora. Trajado com um manto azul ornamentado com desenhos intrincados, ele a cumprimentou com um sorriso caloroso que cintilava em seus olhos índigo.

"Eu estava ansioso para vê-la, Aria," disse Roran. A voz dele era suave, como um riacho calmo, mas contida em temor e urgência. "Por favor, sente-se. Preciso falar-lhe sobre algo de suma importância."

As palavras de Roran soaram como um sussurro em meio à lufada de vento, despertando a curiosidade de Aria. Ela aceitou seu convite e sentou-se ao pé de uma árvore centenária com folhas amareladas pelo outono. Roran, com a gravidade que lhe era peculiar, acompanhou-a e revelou, com voz marcada pelo peso da responsabilidade carregada:

"Eu estive em minhas preces e meditações, como costumo fazer todas as manhãs, quando tive uma visão, um presságio, talvez. A imagem que vi era reveladora, tanto quanto assustadora. Eu a vi, Aria, naquilo que parecia ser um campo de batalha, confrontando algo que emanava trevas e opressão."

A declaração de Roran provocou calafrios em Aria, que nunca havia experimentado nem considerado a si mesma como parte de uma situação tão precária e nefasta. Ela engoliu em seco, tentando disfarçar o temor que se apoderava de sua voz:

"Roran, o que significa tudo isso? O que eu poderia fazer em um campo de batalha? Sou apenas uma feiticeira aprendiz com habilidades mágicas inconstantes e mal compreendidas."

Roran encarou Aria, seus olhos procuravam comunicação e compreensão. "Eu não sei, Aria. Mas entenda - talvez a profecia que nos trouxe juntos nos destine a mais do que imaginamos. E, aconteça o que acontecer, eu prometo que estarei ao seu lado, apoiando-a e protegendo-a do que quer que venha a enfrentar."

As palavras de Roran soaram como um voto eterno, provocando uma

intensa torrente de emoções em Aria. Uma lágrima solitária desceu pelo rosto alvo dela, contendo temor e gratidão.

Roran observou Aria com os olhos repletos de afeto. Buscou uma mecha solta do cabelo de Aria, e, num gesto carinhoso, colocou - a atrás da orelha da jovem feiticeira. "Aria, a relação entre nós, desenvolvida ao longo desta jornada, é uma força tão poderosa quanto convém a essas circunstâncias misteriosas. Eu sinto que estamos destinados a mudar o destino de Eldoria, e faremos isso juntos, cientes das ameaças que pairam em nosso país."

Através da densa cortina de emoções que turvava seus olhos, Aria percebeu profundamente o alcance das palavras de Roran. Com um sorriso hesitante esboçado em seus lábios trêmulos, ela murmurou em resposta, "Obrigada, Roran. Vamos enfrentar nosso destino, sejam quais forem as adversidades que enfrentemos, sabendo que nossa amizade e compreensão mútua serão a motivação necessária. Eldoria precisa de nós, e vamos nos erguer para cumprir nosso papel."

Roran assentiu com ternura e, em silêncio fraterno, ambos se levantaram e partiram em direção ao desconhecido, segurando-se às mãos um do outro, em um gesto que parecia transcender os próprios limites de Eldoria.

## **Aparição de Lysander Martelar**

O jovem Lysander Martelar cavalgava pela campina, o rosto pálido quase tão alvo quanto as grandes e reluzentes asas do corpo escultural do grifo que costumava montar, à medida em que dispersavam, frenéticas, as sombras do crepúsculo. Uma amargura densa encharcava cada prece que dirigia aos deuses, em um grito ensurdecedor de angústia e desolação: jamais imaginaria estar em tal situação.

Apenas algumas horas antes, durante a amanhecer, Lysander Martelar, o destemido e honrado cavaleiro, havia sido traído por seus próprios irmãos de armas. Falsas acusações calculadamente lançadas deram-lhe um novo título: desertor, um pária bem debaixo do estandarte ao qual tanto se submetera servindo. Aquela, então, prometia ser a noite mais escura e amarga de sua vida. As trevas pareciam mais pesadas e quietas. Uma eternidade silenciosa.

Sentindo um aperto no coração, ele parou diante da casa onde Aria morava. A jovem, que conheceu ao acaso em uma taverna, era uma feiticeira que, como Lysander, carregava consigo fortes cicatrizes de um passado

doloroso e uma aura melancólica que impregnava a visão de todo o seu horizonte.

"Devo confiar nela?", Lysander murmurava, enquanto o vento noturno sussurrava através de suas vestes cinzas, típicas do oficialato das forças ebrigardenses.

"Sim, acredito que sim!", exclamou subitamente, o olhar transbordando esperança em meio à escuridão que jazia. "Não é à toa que sou chamado de o Martelar!", dizia, como que reconhecendo sua própria infinita valentia nos momentos de maior desespero.

Atormentado pelas dúvidas e incertezas que dançavam em sua cabeça, ele hesitou antes de tocar brevemente a maçaneta da porta. Preparou-se para derrubar toda a angústia, pronta para irromper em um clamor mudo, com a fraca esperança de que ela, no âmago de sua própria luta, pudesse ouvi-lo.

Antes que ele pudesse realizar esse ato desesperado, porém, a porta se abriu lentamente - como se tivesse sido convocada para fazê-lo. Aria, a quem a dor se enroscava no olhar como uma raiz, fitou Lysander com uma empatia que transcendia a alma.

"Lysander O que aconteceu?", perguntou com uma voz carregada ao mesmo tempo de preocupação e súplica.

Lysander, ofegante e com as veias saltando sob a tempestade de emoções que o transtornava, olhou nos olhos de Aria e viu ali a autenticidade e a compreensão de alguém que, como ele, conhecia bem demais a sensação de estar só, desamparado.

"Aria ", murmurou, quase em um pedido por um abrigo seguro e confiável, "eu venho te suplicar, implorar! Eu eu não tenho a quem recorrer, não sei mais em que crer. Fui traído As garras da traição arderam e me cercaram, revelando um plano ardiloso e covarde. Preciso buscar refúgio e proteção, consiga fortalecer meu âmago e trazer à luz a verdade e penso, íntima e fervorosamente, que tu és a única pessoa em quem ainda posso confiar."

Os olhos de Aria cintilavam com lágrimas que refletiam o espectro de emoções que agora a envolviam. Ela se aproximou lentamente e, com a mais gentil das palavras, disse: "Entre, Lysander. Eu estou à tua escuta e estarei ao teu lado, proteger-te-ei com minha vida se necessário. Não há lugar para honra e amizade onde não há bravura e lealdade".

Lysander sentiu, naquele instante, o seu coração aliviado e a angústia

parcialmente amenizada, seu ser tomado por um silêncio cálido e confortador, imerso no olhar acolhedor de Aria que se lançava para ele como um farol no meio da escuridão da noite.

Ele aceitou seu convite e entrou na casa, sentindo a presença solene de Aria ao seu lado. Sentia, no fundo do seu coração, que a aliança tinha sido selada e que, juntos, Aria e Lysander, teriam uma chance de varrer as trevas que, implacáveis, assolavam suas histórias e almas.

## **Aliança com Gavriel Brilhaouro**

Gritos de indignação e desespero ecoavam das paredes dos corredores sombrios da Fortaleza Opala, onde Aria, Roran e Lysander agora caíam direcionados à fria solidão das masmorras. O silêncio, no entanto, veio absolutamente sufocante quando depararam-se com aquela masmorra escura e desconfortável. Os passos dos guardas pareciam ressoar para sempre pela mente de Aria conforme depositavam cada prisioneiro em suas respectivas celas e marchavam de volta pelo corredor, fechando a pesada porta de madeira atrás de si.

Aria caminhou pensativamente diante do brilho suave que emanava das pequenas fendas da pedra que separava sua cela. Levou as mãos aos lábios quase ressecados e capturou a última lembrança da chuva que caíra tão abundante há apenas algumas horas, e que proporcionara a seus dedos a última sensação de alívio. Em um movimento suave e quase gracioso, mas sem deixar de carregar a agonia de uma melancolia cruamente dolorida, lançou-se contra os gastados cobertores ali dispostos e debateu-se na cama num choro sufocado pelos soluços e pelos lençóis que nela estavam.

E então, um ruído rasgou o silêncio da solidão, um som rápido, quase como um bater de pequenas asas, um som que desapareceu pelo corredor antes que Aria conseguisse reunir forças para investigar. No entanto, não conseguiu deixar de notar o reflexo brilhante das pequenas pedras verdes que dançavam ao redor da cela, como pequenas lanternas acesas em sua noite de solidão, revelando uma figura iluminada pela beleza que se intensificava com a escuridão que reinava ali.

Assumindo ares de mistério e procurando anunciar a surpresa com pitadas de desdém irônico, a figura caminhou até a cama e sentou-se, olhando para Aria. "E pensar que se pôs a lamentar a própria sorte, quando eu estaria à

espera de trazer algum alívio a seu infortúnio, jovem feiticeira.”

As palavras eram suaves como um sussurro, mas também amáveis e confiantes, um contraste com o rosto que estava obscurecido pela penumbra. Curiosa e como que impulsionada por uma força avassaladora, Aria removeu-se das cobertas e sentou-se na cama, seu olhar fixo naqueles olhos de um verde intenso que carregavam consigo o farol da esperança.

”Quem és?”, perguntou hesitante, com as lágrimas a escorrerem-lhe ainda pelo rosto. ”Ser-te-ia amigo ou algo similar?”

O vulto estalou os dedos e, num átimo de segundo, o tênue brilho das pequenas lanternas-verde aumentou, iluminando-o como um holofote anunciando a aparição de algo grandioso e ambivalente. Foi então que Aria pôde ver aquele rosto, tão gentil e ao mesmo tempo enigmático, de um pequeno ser com orelhas pontudas, cabelos ruivos e olhos verdes e vívidos.

”Gavriel Brilhaouro, às suas ordens, minha cara e mártir sofredora”, ele proferiu com uma reverência teatral e um sorriso que parecia carregar, ainda que hesitante, a coragem necessária a enfrentar o Caronte que as sombras daquelas masmorras estavam prestes a revelar. ”E eu vim resgatá-los”.

No íntimo, Aria debatia-se entre o alívio trazido pela aparição repentina e inesperada de Gavriel e a dúvida que pairava em seu coração, questionando-se se poderia realmente confiar nel em meio às trevas daquela masmorra em que se encontrava, e das quais ela então buscava escapar.

”São somos, enfim”, hesitou Aria por um instante, buscando no ar o fio de coragem que tornaria seu pedido de socorro menos vulnerável àquele desconhecido, ”amigos, sim, ou não seriam os primeiros a quem lhes rogaria para libertar-me da força implacável que me levaria a Lúcifer”.

Ao ouvir tais palavras, sussurradas com urgência e determinação, Gavriel estendeu sua mão estreita e pequena para a de Aria, prometendo com um sorriso fugaz e firme: ”Eu a trarei de volta à luz, Aria. Não tenha medo”.

Aria ergueu-se, e, viu-se então mergulhar nas águas profundas dos olhos verdes de Gavriel, como se buscassem ali um abrigo que, embora fulgurante, maculava a escuridão que a envolvia em seu ignorado véu almiscarado, provando a si mesma e a ele que, naquele ato de confiança e entrega, não havia ”outro caminho senão se viçar de venturoso em busca do desconhecido com palavras cujos timbres soavam como praga mil vezes invocada”.

Gavriel, sem nenhum resquício de hesitação ou dúvida, levou Aria até a cela ao lado e deslizou habilmente uma chave dourada na fechadura de

ferro. Conforme a cela se abria, Roran e Lysander fitaram os olhos ansiosos e gratos naquele ser gentil e calculista que se revelara: Gavriel Brilhaouro.

Aquela união forjada nas masmorras da Fortaleza Opala, através do olhar esperançoso de Aria e preces silenciosas, encontraria em Gavriel Brilhaouro uma nova força e um precioso aliado para lutar corajosamente contra a crescente escuridão que obscurecia cada vez mais o horizonte do destino de Eldoria. E, juntos, de mãos dadas e na forja eterna de uma amizade criada nos abismos de suas angústias, almas atormentadas agora alçavam voo em direção ao longínquo amanhecer que as esperava.

## Formação do Grupo de Aventureiros

Gritos de indignação e desespero ecoavam das paredes dos corredores sombrios da Fortaleza Opala, onde Aria, Roran e Lysander agora buscavam abrigo em meio à caçada que se lançara sob seus calcanhares trôpegos e afritos. A escuridão parecia se adensar, buscar novas poções de sombras a fim de encobrir a luz minguate de um amanhecer que já findara fazia tanto tempo. O silêncio, no entanto, veio absolutamente sufocante quando depararam-se com o refúgio inesperado: o covil de Gavriel Brilhaouro.

Aria caminhou pensativamente diante de seus dois aliados, interrogando-se se estariam prontos para aderirem a aquelas sombras que seriam o abrigo destinado a lhes proteger, a lhes acalantar. Levou as mãos aos lábios na tentativa de reter em si o último alento da esperança que escapulava de sua alma a qualquer sinal de fraqueza, e deliberou:

”São somos, enfim ”, hesitou Aria por um instante, buscando no ar o fio de coragem que tornaria sua petição menos vulnerável aos homens que a ladeavam, ”amigos, sim, ou não seriam os primeiros a quem lhes rogaria para libertar-me da força implacável que me levaria a Lúcifer”.

Ao ouvir tais palavras, sussurradas com urgência e determinação, Roran estendeu seu braço largo e musculoso e depositou a mão no ombro de Aria, prometendo com um sorriso fugaz e firme: ”Eu a trarei de volta à luz, Aria. Não tenha medo”.

Com um aceno de cabeça agradecido e olhar hesitante, Aria então girou a maçaneta que os separava do refúgio e permitiu que seus aliados e ela entrassem na estalagem escura. Lysander, com uma expressão profunda de preocupação, não deixou de emitir uma percepção aguçada sobre o que

estavam prestes a enfrentar:

”Não há como evitar, há um preço a ser pago ao adentrar estas sombras. Mas, segundo dizem, ele - Gavriel Brilhaouro -, é alguém com quem podemos contar. Um ser tão respeitável e renomado quanto se pode imaginar em nosso mundo.”

A noite já ia adiantada e os três personagens notaram a presença de outros seres encantados na penumbra que jazia. Criaturas de outras esferas e mundos também pareciam ter sido atraídos para aquele lugar esconso e pitoresco. Foi então que, subitamente, surgiu uma figura ágil e graciosa sobre uma das mesas do recôndito lugar. Uma breve luz emanava do olhar verde e penetrante desse ser, agora se revelando como o próprio Gavriel Brilhaouro.

Deslizando de sua transfigurar - se da sombra na qual estava oculto, aproximou-se cheio de pompa e ironia de Aria, Roran e Lysander e vociferou com a afeição de um bufão: ”Saudações, meus nobres! Ouvi vossos clamores e elucidar-lhes-ei, com presteza, trarei-vos o salvo-conduto de que necessitam. Eis aqui Gavriel Brilhaouro, à disposição de vossas necessidades!”

Os três aventureiros fitaram - no entre perplexos e intrigados. Dentre as sombras e na companhia de seres encantados, Gavriel transmitia um conforto enigmático e, ao mesmo tempo, um receio por sua companhia. Tinham nas mãos a chance de fugir e vencer os desafios que se apresentavam, de solucionar os enigmas de seus destinos, mas para isso precisariam confiar naquele duende de origem amigada, incerta como as trevas da noite.

Fechando os olhos e cerrando os punhos, Aria ergueu-se e estendeu uma das mãos em direção a Gavriel, ouvindo-o cantarolar sutilmente enquanto os três, com coragem pulsante em suas veias, aceitavam selar a nova aliança.

## Mergulhando nos Mistérios do Passado

Aria sentia as pedras sob seus pés, fendas e fissuras em sua palma, cada linha e marca intercaladas entre os dedos como uma escrita em braille, desvendando, assim, o mapa silencioso que navegavam através daquele imenso oceano de rochas e cavernas. Suas palavras se perdiam nos ecos que carregavam consigo a melancolia adormecida de um reino que há tempo esquecera as marcas de sua própria memória, como se o silêncio se impregnasse no âmago de sua história e carcomia suas bases até que o esquecimento fosse a única



forma de narrar sua estória.

Lysander puxava o antigo arco de seu pai. "Nem todo o ouro do mundo é suficiente para recuperar aquilo que o tempo nos rouba", pensou ele, enquanto auscultava o leve rangido da corda, provavelmente deteriorada pela umidade bruta do ambiente.

"Eterno é o movimento da sândase nas clepsidras", murmurou Gavriel, o caçador de tesouros duende que acompanhava Aria como uma sombra inofensiva. "E todos os que carregamos conosco - no coração, nas marcas de nossas mãos e em cada pedra que um dia cobriu a grandiosidade de um reino -, jazemos por fim como lembranças que também se apagam no palimpsesto do tempo."

Gavriel Brilhaouro, cujos cabelos vistosos e olhos verdes lembravam o nascer da aurora em um céu perene e surpreendente, acompanhou Aria com a solenidade e seriedade nunca antes vistas em seu olhar. Quando se depararam com o monólito negro que por si só encerrava e desvendava os segredos mais profundos de Eldoria, não hesitou em oferecer seus ombros como apoio para que ela pudesse estender seus pesarosos dedos e acariciar a fria pedra, buscando nelas as cicatrizes daquela memória angustiada.

"Pobre menina!" pensara, acorrida pelo pesar que jazia no peito da Jovem Aria, enquanto as donzelas à sua volta escarneavam-na. "É uma sina cruel, a de ter o sangue mais frio do que o próprio gelo que corre pelo manto desta serra."

E, então, aquele estrondo surdo ressoou pelas paredes, como a lufada que aquecia o copo do soldado que observa o crepúsculo da batalha em um horizonte carbonizado pela pólvora. Aria sentiu a queda, o tom épico e intransigente de uma melodia fatal.

"Aresancti vinzivar, ave Ígnea "

Tal mantra ecoou por toda parte, infiltrou-se em todos os recantos e se fez compreender por todos. Aria, lendo a palavra como se viesse de dentro de seus próprios olhos, permitia-se, por fim, desvendar o legado antiquíssimo que carregava em si, como chilreios de pássaros extintos que ainda bailavam em sua memória.

Com um gesto repousante e ligeiro, o antigo pergaminho tomou forma, desenrolando-se como um parto de impossibilidades e lágrimas, onde a escrita esvaiu-se como águas passadas entre as pontas dos dedos tremeluzentes de Aria, enfim.

”De áreas vastas, centros etéreos, a luar e no deserto imbecilizado pelos cataventos, proclamam solenes e brilhantes as rochas tétricas e pontiagudas semelhantes a adagas, alucinantes e arrebatadoras, que carregam os passos daqueles que um dia se fizeram filhos do Grande Dragão. Si, in hoc signo vinces ”

Eles não compreenderam a princípio, mas algo em seus corações entendeu a urgência do chamado, a melancolia que jazia como ecos por trás das rugas daquele pergaminho, e sabiam que aquele som era como um esquivo golpetear de pés sobre a areia quente do deserto.

”What’s in a name?”, pensava Aria em seu íntimo, enquanto reunia os fôlegos de sua história e o que vislumbrava mediante o risco de um futuro trêmulo e árduo. A palavra, carcomida pelo tempo e pelos litígios, carregava em si a esperança de um chamado às armas, de um último grito de guerra e de coragem diante do horizonte em desilusão. ”In nomine patris, filii, et ignis potentia quam flammis nostra confidimus.”

”Seremos apenas uma sombra por trás do sol, com a luz a nos escorrer pelas fendas como um escândalo daqueles que buscam se esconder e ocultar. Seremos o cadinho carregado pelas águas desavergonhadamente púrpura, como um véu que conduzira aqueles que um dia se permitiram sentir o doce aroma da ingenuidade transbordar pelas almas aniquiladas à busca de seu próprio renascimento.”

Aria encarou seus amigos, aqueles que escolhera e aqueles que a escolheram, e com um olhar decidido e transbordando coragem, tão claro quanto seu raro poder de controlar a água, anunciou que a hora da verdade se aproximava, que os conflitos do passado emergiriam em escalas avassaladoras e que eles, juntos, mergulhariam no caldeirão das sombras em busca das respostas para salvar Eldoria.

Com passos hesitantes e corações unidos, eles adentraram no desconhecido, na melodia embriológica de vidas homenageadas e logo esquecidas, eles deram início à jornada para proteger a tudo o que lhes era sagrado e, simultaneamente, descobrir a verdade - unidos, por amor e coragem - em um brado que ressoou pelas eternidades daquelas que já foram e daquelas à espera.

## O Início da Jornada Épica

Nuvens negras encerravam-se tensa e umbrosamente no horizonte de Eldoria, esticando-se como braços arduos de um titã alado enquanto o último raio de sol ecoava experimentando em vão se desprender daquelas garras intransigentes.

Aria, de pé sobre os últimos degraus antes do mundo em ruínas, sentia o peso da responsabilidade comprimir-se intransigentemente contra seu peito, apertando sua magra estrutura até que o ar que abastecia seus pulmões tornava-se escasso, rarefeito diante do destino e véu gélido do desconhecido que se estendiam implacavelmente aos seus pés. Os olhos nublados e temerosos lançavam pequenas chispas d'água, ansiosos por levar consigo o fardo do legado sombrio e grandioso que se permitia desvelar diante de sua tênue determinação.

Roran e Lysander postaram-se silenciosamente ao lado de Aria, e um vento, esquivo e álgido, acrescentou uma sinfonia fantasmagórica à imagem da amizade e da valentia ali mesmo, em uma dimensão paralela aos horrores que jaziam ocultos, ecoando nos grilhões de ilusões e sombras.

Em um respiro decisivo, Aria quebrou aquele silêncio que, até então, retirava-se temeroso por trás dos sussurros e murmúrios sóbrios, e exclamou com voz tremulante mas convicta: "Nós enfrentaremos as tormentas e músicas mortais, as arquibancadas cegas e as chamas que correm como víboras pela carcaça de nosso mundo alienado, salvaremos Eldoria, amigos."

Gavriel, o duende caçador de tesouros, esvoaçava nervosamente ao redor do grupo, com sua feição jocosa substituída por uma expressão preocupada. "O caminho que nos espera é sombrio e repleto de perigos, é certo", disse ele, lançando um olhar ansioso ao horizonte opressor. "Mas juntos, nós somos uma força que qualquer criatura ou feitiço sombrio deve temer."

Lysander vertia uma luz forçosa sobre seu rosto duro e cansado, enquanto seus olhos incendiários, como o braseiro de um forjar, instilavam a coragem e a sabedoria apropriadas em um guerreiro cuja vida servia única e exclusivamente à valentia, à bravura de despojar-se de si mesmo e sublimar-se mediante o amor à causa, aos sussurros envergonhados de um mundo que doía.

"Não há covardes nesta jornada", proferiu ele, a voz cavernosa e melodiosa contrastava profundamente com a suavidade depauperada da paisagem

aterradora e moribunda. "Os passos que damos hoje serão gravados nas pedras e nas memórias de Eldoria, e juntos, seguiremos adiante até que o último sussurro de esperança seja resgatado das garras do silêncio."

Roran, o mago talentoso, fitou seus amigos e aliados com uma serenidade e determinação emanando de seu semblante como o brilho dourado das estrelas. E, estendendo uma mão amiga e reconfortante, disse:

"Diante do abismo do desconhecido e das trevas, caminharemos juntos. E quando a hora mais sombria chegar, minha magia e meu coração se unirão a todos vocês. Eu juro por Eldoria e por nossa amizade."

E então, ouviram-se os clarins da aventura chamarem hesitantes, como o sol que oscila entre céu e horizonte. Aria Fontane rumou em direção à floresta profunda e inquietante, com Roran e Lysander ao seu lado, Gavriel voando com sorrateira agilidade. E enfrentaram aquelas charnechas sombrias e malévolas que prometiam a derradeira agonia aos que ousassem penetrar na escuridão, pois eles sabiam que, para proteger as gentes de Eldoria, não havia outra escolha a não ser mergulhar no caldeirão das sombras.

## Chapter 2

# Formação do Grupo de Aventureiros

Era Sallasare, a nona noite dos sonhos. Eldoria estava mergulhada em festa e o ledo estremecer da alegria. A lua brilhava como um fitil incandescente, lembrando o cálido abraço dos que se ausentam. Nessa fatídica noite os horizontes da estrada se tecem e se intercalam, porém, desenha-se a dor como um prelúdio à ascese que, fulgorando e fosforejando, emoldura os bordados etéreos de encantamento e de dor. Pela derradeira vez, o portal do crepúsculo permitira que os destinos de Aria, Roran, Lysander e Gavriel se entrelacem em um lilás murmúrio e confiança que gruda como cera em seus corações e lágrimas, compungindo e chibatando cada pensamento e palavra.

Aria se permite uma última eglógica melodia, um tilintar hesitante que caminha sutis passos por sua tez e evapora-se, em uma súplica silenciosa, à cumplicidade daquelas águas taciturnas e fugidias. Lysander, taciturno e tacanho em um recanto enublado, contempla o suave murmúrio das águas, como as lembranças finais de um adeus há muito selado na gaveta dos documentos oficiais e pouco saudosos. Roran sabiamente não pronuncia sequer uma palavra, pois sabe que o espaço entre os murmúrios não conhece paragens nem lamentos, e deve ser percorrido um passo por vez. Gavriel voa por entre os dedos e as ondas como água, balbucia e estremece com a begônia, uma que outrora florescia no jardim do tempo. Eles não o compreendem.

Mas, está determinado. Aqui está este grupo de aventureiros estupefato

e desesperançoso, uma disparidade de sonhos e de vozes prestes a rasgar a memória da paz, rumo ao arco habitado pelos dragões e pelos segredos que, há tempo, perderam - se nas garras vorazes do esquecimento.

Um vento inaudível abraçou - os, e a figura exulta de Aria palpitou uma palavra muda e solene, anunciando um destino e um elogio que reverberou àquelas que nascem e morrem dentre as águas e as gotas redimensionadas em uma sinfonia inesquecível.

”Pela última vez”, disse Aria, inaudível e emocionada. ”Acordemos para o amanhecer e o crepúsculo deste mundo, e provemos o caudal de nossos corações em um destino incerto e transiente.”

”Nem a fortuna nem a aflição podem nos ungir, pois somos aqueles que enfrentaremos o mundo, não cabisbaixos em um exílio, mas vertendo olhares e sussurros à exumação de nossas vidas e pulsares”, murmura Lysander, o romântico que em sua língua guarda os segredos de uma história.

”A água é o caudal, a estrada que nos leva às pontes onde o destino seguirá seus próprios pés, orgulhoso e inescrutável”, Gavriel, o caçador de tesouros, responde pálido e brejeiro ao exalar o aroma inconfundível de uma lânguida saudade.

”Flores murchas não são os cartógrafos deste caminho que pertence àqueles de coração heróico. Seremos apenas silhuetas caminhantes e anônimas, em um mundo que não quer nos ouvir, porém, onde há som e cores, aqui jazeremos: em um retorno silencioso e infinito, preservando as promessas e o elo feroz da amizade”, conclui Roran, o mago que possuía os mistérios do tempo e do espaço embaralhados em seu olhar, cuja sabedoria ora amargava tal qual o sumo das romãs silvestres, brotando uma ogiva de estilhaçar.

Nessa noite fatídica, cada um deles carrega uma esperança e uma história, porém sabe que há segredos cuja revelação aguçaré e realçará os vórtices de desconfiança e amargor que, por ora, enclausuram - se em suas coxias e vozes.

E, enquanto Aria guarda em mãos a bússola de um destino arrebatador, convida seus amigos à reunião incólume e breve, a começar a bordar seus fados e estórias na página em branco daquela lua mergulhada em trevas.

## Aria encontra o pergaminho

A bruma, disforme e inesquiva, imiscui - se às sombras como um vento outonal, entravando seu olhar trêmulo nas frestas esmaecidas de um mundo que se aproxima, palidamente contrastado, ao eclipse do conhecimento. A biblioteca, um relicário olvidado de silêncio e reflexões suspensas no ar, não prescrevia qualquer servidão aos dogmas e murais categóricos -ambicionava singelamente ao desvelar do véu que escorria, tênue e dissipado, em um coro de vozes e lucidez antes escudado nas amarras pretéritas do inconsciente.

Aria Fontane caminhava descalça por aquele solo, e era como se uma outra versão de si mesma, escondida debaixo das camadas de uma vida trivial e inóspita, alcançasse a superfície da memória e emergisse, prístina, como uma miragem emoldurada no espelho dos sonhos. Ela vagava, hesitante, por entres os corredores serpenteantes e enevoados, à procura do elo desaparecido mas persistente, como uma prece emudecida em um cálice quebradiço.

A poeira se acumulava em arabescos tribais sobre os livros incontáveis, e cada um deles oferecia um canto hermeticamente vedado de sabedoria e de tormento. Não era um lugar qualquer, ela sabia disso. Aria estava prestes a desvelar um mistério consignado ao esquecimento solitário, e essa descoberta estava pavimentada na tapeçaria incandescente de esperanças e temores. Sentia como se a gravidade puxasse cada um de seus pensamentos, arrastando - os em um leito de rio silente e inescrutável.

De repente, deteve - se diante de uma estante aparentemente sem importância, mergulhada na penumbra e na gravidade de um passado trancafiado décadas a fio nas prisões das elucubrações abstrusas e de sombras fosforescentes. Os dedos trêmulos aproximaram - se de um livro empoeirado, meio escondido por detrás de uma tapeçaria insípida e desbotada.

A penumbra, porém, carcomia a folhagem das letras e despreparava, reflexiva, o caminho de leitura descosido que se travestia em torrente etérea e zelosa. À medida que Aria retirava o livro do seu sombrio esconderijo, um pergaminho amarelado e surrado deslizou até o chão.

Não pareceu obra do acaso; ao contrário, algo naquela inesperada revelação exalava um odor penetrante de predestinação, como se as estrelas e as incessantes elipse que permeiam a eternidade tivessem conjugado suas vozes, num intricado intricado de tempo e espaço, para guiar Aria até aquele pergaminho milenar.

Com uma cautela quase reverente, a jovem feiticeira estendeu a mão e apanhou o pergaminho. Uma espessa camada de pó se desprezou do objeto em questão, como uma névoa antiqüíssima a enrolar fragmentos de memórias ancestrais entre seus dedos. Aria desdobrou o pergaminho com extrema delicadeza, temendo que o papiro desmoronasse ao toque de suas mãos.

E foi ali, imersa na penumbra daquela biblioteca secreta, que os olhos de Aria foram trespassados pelas palavras esquecidas e irrompendo como uma sinfonia extremecida de paixão e ânsia à escuridão incandescente. As linhas serpenteantes revelavam um processo longo e fatigante, como a investida de grandes guerreiros quebrando-se em fragmentos em um caudal de escaramuças e tempestades.

O pergaminho continha uma profecia tão antiga quanto o esquecimento, uma ameaça que se avizinhava no horizonte como um manto sinistro de sombras e destruição. Falava do despertar de um mal primordial, de seres antigos e devastadores que retornariam em um tempo determinado para disseminar o caos e o fim a Eldoria.

Quando Aria finalmente ergueu o olhar daquela profecia, sua mente estava tomada por um turbilhão de emoções e antecipação. Cada partícula do seu ser sabia que aquela descoberta não era apenas um acaso - era o chamado de um destino cósmico que a convocava para uma jornada onde um caminho contundente e terrível se desenhava.

A jovem sentiu o peso daquele pergaminho em suas mãos como se fosse muito mais do que um mero objeto, como se carregasse consigo o fardo do mundo e dos incontáveis temores que a esperariam na aurora dessa senda tumultuada. Silenciosamente, fechou os olhos, sentindo o pulsar do próprio coração e a energia daquele pergaminho pulsarem juntos, como um eco infinito de um cântico ancestral.

Disposta a enfrentar seu destino, Aria respirou fundo e sussurrou, enferma de coragem e de incerteza: "Que os laços ébrios do futuro neguem-se a me ausentar, pois serei eu, e somente eu, a abraçar o destino de Eldoria e a misteriosa sinfonia lançada a mim nesse pergaminho ancião."

E naquele instante, deslaçado das amarras de um passado quebradiço e efêmero, Aria Fontane abandonou o mundo espectral da biblioteca secreta, o pergaminho ancestral aninhado entre seus dedos trêmulos, iniciando a saga que uniria o destino do reino de Eldoria ao mesmo de seu próprio coração.



## Conhecendo Roran, o mago talentoso

Aria fitava o dourado da ampulheta afogada em sombras e melancolia. As lágrimas de areia expressavam uma densidade opaca e assustadora, e ela pressentia o tamborilar de seus medos e das sombras extenuantes de Eldoria, essa paródia de escuridões desterradas dos castelos encerrados em dimensões tão tenebrosas e evanescentes como a súbita passagem dos astros pelos labirintos siderais. Cogitava se existiriam algum modo de encurtar essa trajetória gélida e ameaçadora que desfia-se através do tempo, o bramido dos oceanos e das águas de Titânia perante a tormenta de sua dúvida consternada era tão intenso que parecia atravessar os corredores dos anos e refulgir o teor surdo e embevecido de seu clamor, repousando como um amálgama de lutas inconcessas e entremeadas nas cordas de um laço sutil e indissolúvel.

O fogo crepitava naquela noite gélida e sombria quando sua fuga desesperada foi interrompida pelo encontro inesperado. Pois aí, adiante do seu caminhar vacilante, encontrava-se ele: Roran Tempestário, um mago de aparência inicialmente inofensiva e turbilhão de segredos imperscrutáveis.

O suave brilho de sua aura azulada iluminava fracamente a penumbra daquela noite desolada, como se fosse uma pálida lembrança de uma lua há muito tempo extinta. Roran, entretanto, mantinha-se impassível. Seus olhos, profundos como os abismos do mar, pareciam refletir, simultaneamente, a serenidade das águas calmas e a fúria das tempestades em sua estranha melancolia.

Aria hesitou por um breve instante antes de prosseguir em direção a Roran. Ela sabia que, nessa jornada, precisaria de aliados - e, possivelmente, Roran Tempestário representava essa oportunidade. "Seja o que for que o destino me reserva", pensou ela, enquanto uma luz trêmula de coragem furtiva acendia-se em seu olhar contemplativo.

- Então, você é Roran, o mago talentoso? - indagou Aria, tentando equilibrar o tom de sua voz entre a hesitação de quem se aproxima de um desconhecido e a expectativa de ter encontrado uma promessa de uma aliança.

Roran ergueu seus olhos, desta vez transbordando uma corrente de ira e sofrimento opressiva, como se as estrelas que decifram o enigma de seu destino ardessem em labaredas implacáveis.

- Quem pergunta? - rebateu Roran, sua voz carregando uma enigmática melancolia e um timbre de sabedoria que evocava ecos desde tempos imemoriais.

- Meu nome é Aria Fontane - respondeu ela, evocando o poder de sua voz rouca e costumeiramente segura. Entretanto, na presença de Roran, esse tom soava como se reverberasse por séculos, oscilando entre a serenidade e a pura perturbação. - Portadora da chave do destino de Eldoria.

A palavra "destino" pareceu atingir Roran com a força inabalável de todas as tempestades do mundo, mas sua expressão não se abateu pela chuva de sentimentos, tão somente manteve-se firme como pedra ante o vento de uma profecia.

- Oposto ao destino, em outro extremo, encontra-se o arbítrio - disse Roran. Seu olhar virou-se para Aria com um misto de dor e resignação, tão escuro e frio quanto a noite em que suas palavras ecoavam tempestuosas. - E aqui estamos, ambos sob o fardo que o destino nos impele e o arbítrio que teima em não nos abandonar.

Aria sentiu-se como se a voz de Roran estivesse invocando uma tormenta e, ao mesmo tempo, desfazendo-se em um nevoeiro etéreo e nostálgico de um tempo há muito esquecido. Cada palavra saltava ao desconhecido como um feixe febril de coragem e resignação, e era como se o universo inteiro cantasse em resposta.

- Conheço a história de Eldoria - murmurou ela, e sua voz soava como um grito fugidio absorto nas amarras onduladas do vento. - Venha conosco, e juntos desvelaremos os segredos do pergaminho e combateremos as forças que rondam Eldoria.

Roran olhou para o horizonte dilacerado pelos raios do crepúsculo. As sombras das estrelas pareciam tecer, silenciosamente, um cálice de esperança e solidão que delineava o caminho que se estendia adiante.

- Por Eldoria - concordou Roran, e juntos eles adentraram as sombras, determinados a impedir a virada das trevas que ameaçavam tomar o que lhes era mais caro - seu lar, sua vida e sua liberdade.

## **A união com Lysander, o cavaleiro destemido**

Aria e Roran recuperavam o fôlego após terem enfrentado juntos a ameaça das sombras traiçoeiras, os olhares sondando os horizontes circunjacentes

em busca da próxima aflição disformemente oculta. O vento, ansiosamente e insólito, escorregava pelos cabelos de Aria, esculpindo um arabesco enfermo de indistinção nas paisagens abaladas e úberes das terras de Eldoria. Ela sabia que Roran era de confiança, mas não esperava cruzar caminho tão cedo com outro viajante destemido, disposto a enfrentar as forças do mal que se acumulavam no horizonte como um exército da noite.

Foi então que Lysander, o cavaleiro destemido, irrompeu no encontro de ambos, cheio de bravura e ímpeto. Seu corcel negro avançava com velocidade tergeminate, a crina flamejante e as patas desembestadas no delírio das sombras expansando-se ao carminar do ocaso. Revoadas de névoa tortuosa deixavam-se dispersar pelo vento, rastros eriçados de espectros semeando a antecâmara de uma idiossênciã inarticulável e enebrada pelas correntes abismais da neblina púrpura.

Lysander, em seu ímpeto, desviou-se a tempo de evitar uma colisão com Aria e Roran, o seu poderoso garanhão solene detendo-se abruptamente sob o peso da pressão de suas rédeas exaustas e patinantes. À medida que ele descia calmamente de seu cavalo e avançava a passos solenes em direção a Aria e Roran, seu semblante parecia emanar uma quietude calculada, como se todos os anseios e temores do mundo pudessem ser medidos e interpretados em um fôlego.

- Que ousadia é essa de invadir o caminho de quem busca a salvação de Eldoria? - questionou Aria, sua voz emborecida de desconfiança e coragem temerosa na antecâmara da profecia.

Lysander, o cavaleiro destemido, ergueu seu olhar em direção a ela e reconheceu o fogo que ardia em Aria como um estandarte da determinação que ambos compartilhavam.

- Peço desculpas pela abrupta entrada, mas permita-me apresentar-me: sou Lysander, o cavaleiro destemido, outrora fiel guardião do reino, e hoje solitário em minha busca pelo restabelecimento da paz em Eldoria. Escutei rumores do ressurgimento da profecia sombria, e acredito que nossos destinos talvez possam estar entrelaçados em uma jornada onde érica e esperança, morte e redenção se perfazem e altercam em um anagrama de espectros.

Aria e Roran entreolharam-se, sentindo o peso daquelas palavras que, embora sussurradas em um timbre atenuante, continham em seu bojo o clamor furioso de um coração justamente angustiado pelas ordálias apontadas

pelo pergaminho e pelo destino que o tinha como recebedor.

Roran foi o primeiro a falar, seus olhos ironicamente soturnos parecendo querer represar um mar bravio de sentimentos e sensações que apenas ele era capaz de desvendar:

- Amigo Lysander, nossas trajetórias podem ter sido distintas até o presente momento, mas creio que possamos lutar juntos contra as sombras que rondam Eldoria. Sou Roran Tempestário, mago talentoso e buscador dos mistérios arcanos, e ofereço os meus serviços nessa causa.

Aria respirou profundamente e acrescentou, colocando em suas palavras a resiliência de um povo afeito à adversidade e ao combate:

- Estamos cada vez mais próximos, meus amigos. Não me abandono a quimeras incolores e desmesuradas, mas há esperança. Há força na união de nossos propósitos, e na contraposição das nossas fraquezas, findaremos a tormenta que se avizinha.

Recuperando-se do choque da união tão repentina e inesperada, Lysander estendeu seu braço forjado em lutas e batalhas e selou o pacto, na generosidade plena de sua coragem e lealdade imarcescíveis.

- Pois que assim seja - rosnou ele, em um tom sincero e apoteótico. - Unidos, desferiremos nosso último golpe contra o mal que cerca Eldoria, e em nossas mãos, distribuiremos a aurora da justiça e a abertura do destino que nos espera, irrequieto e onívoro, na selva da profecia e do embate desfraldado.

As mãos unidas, Aria, Roran e Lysander reforçaram o laço que, a um só tempo, os unia como amigos e como combatentes em uma guerra inevitável e etérea. Ainda havia muitos mistérios e batalhas adiante, mas cada um sentia, naquele momento, que a promessa de amanhã era como um céu estrelado: vasto, solene e irremediavelmente belo.

## **Gavriel, o duende caçador de tesouros se junta ao grupo**

### Capítulo 4: A Espera da Virada da Maré

Os pés de Aria afundavam nas raízes retorcidas crepitantes do solo enquanto seguia pela Floresta dos Sussurros, seu olhar arisco procurava penetrar a espessa cortina de sombras e os sons distantes atraindo seu estraçalhado coração em um cabresto incerto de estirantes suspiros. As palavras enigmáticas de Roran e Lysander se perdiam nas reticências de

seu pensamento, como rios que se derramam nas encostas invisíveis de um monte sombrio e sem consolo. No entanto, em seu íntimo, ela sabia que a jornada apenas começara, e que a profecia pelos séculos suprimida clamava por seu deslindar, um eco profuso que se refletia em cada folha e fragmento de retalhos escurecidos pelo enigma maldito de seus destinos.

A tênue luz do entardecer penetrava pelos interstícios da copa das árvores agonizantes, entrelaçando-se com a névoa fria que obscurecia ainda mais a paisagem excruciante da floresta. Aria mal vislumbrava o caminho à frente, e sentia o medo a lhe enlaçar os membros, paralisando-a com seu toque gélido e insidioso.

Foi nesse exato instante de vulnerabilidade e trevação que o lampejo tímido de uma chama refulgiu em uma clareira incerta adiante. A visualização daquele clarear, abençoado ou enganoso, concedeu-lhe uma fagulha minúscula de esperança em seu coração esquivo, e o oportunismo tênue de seu olhar adiantou-se na discordância singela da luz nas sombras.

Aproximando-se cautelosamente do discreto clarão, Aria pôde discernir uma figura ímpar e desconhecida, absorvendo-se em minúcias e detalhes apenas divulgados entre murmúrios clandestinos e insinuações blasfemas nas tocas e refúgios escusos de Eldoria. Ali, sentado junto à labareda pausada e temerosa, estava Gavriel Brilhaouro, o astuto duende caçador de tesouros, circundado por um emaranhado de artefatos desconhecidos e fragmentos de mapas espalhados pelo solo, qual crítica translúcida de sua figura naquela obliética de tons rubros e amarelos.

Gavriel ergueu o olhar ao sentir a presença de Aria, evidenciando um sorriso pícaro que revelava ao mesmo tempo os segredos arquitetados e a bondade velada por trás de sua fachada oportuna e etérea.

- Quem se aproxima da brenha da travessia das sombras? - indagou o duende, com uma voz cálida a testemunhar a candura de suas intenções e o fulgor lúcido da excruciação de certezas - Um viajante, arrancado de seu repouso e busca pela verdade?

Aria hesitou, desconfiada daquele desconhecido que parecia tão desconcertantemente familiar e afável em seu riso prateado e olhos faiscantes de astúcia. Entretanto, era possível perceber em sua expressão demensal algo op10o à futilidade de engano, um lampejo de congenialidade que instigava a curiosidade de Aria sem oferecer-lhe a ameaça de represália ou desencanto.

- Meu nome é Aria Fontane - disse ela finalmente, tentando serpentear

pela penumbra enérgica das chamas, sua voz agoniada de súplicas e denunciante contorceu-se nos pormenores do aceno da temperatura diáfana. - Estou em busca da solução de um enigma complexo, um mistério de Eldoria que remonta aos confins do tempo.

A expressão de Gavriel densificou-se como o orvalho precocemente congelado em uma aurora sombria, banhado por um luar obscuro e desordenado. Ele levantou-se, seus olhos tinindo de inquirição e perscrutação diáfana, enquanto a alvorada das arestas geladas do crepúsculo encontrava-se com aquela elocução desesperada de cores e profecias.

- Já ouvi falar de tal busca, Aria Fontane - murmurou ele, com um timbre enigmático, quesitos minúsculos de transcendência entoando no intricar de sua empresa sideral. - Talvez possa ajudá-la nesta tarefa perene, embora seja apenas um caçador de tesouros, um explorador daquilo que é despojado pelo tempo e desdenhado pelos de língua cônica e palato refinado que ignora tesouros incomensuráveis da antiguidade.

- Junte-se a nós, então, Gavriel Brilhaouro - disse Aria, seu coração infligido pela agonia por ter encontrado um possível aliado na busca pela salvação de Eldoria Tateando mais ritmos pantanosos e desalinhando vértices desconhecidos. - Juntos, seremos mais fortes, unidos por um propósito que nos transcende e talvez possa redefinir nossos destinos e o de Eldoria.

Gavriel acenou com a cabeça e, sem mais hesitação, atirou sua mochila abarrotada de mistérios e segredos por sobre os ombros delgados, o peso desnecessário da precisão e da busca sutilmente esvaziada no balanço temeroso entre a luz do futuro e a escuridão do passado.

- Pela verdade e pelo equilíbrio - concordou Gavriel, em um murmúrio quase inaudível, mas que carregava consigo a força inexorável das montanhas e oceanos ancestrais de Eldoria, indissolventes em sua clareza inumana e esperança sussurrante. - Que nossos corações e almas se possam florescer na travessia desta jornada errância, e que nossos passos perscrutem o mundo que nos envolve em sua rígida espiral de mistérios e destinos inexoráveis.

Com Gavriel a seu lado, desfiando-se na labiríntica geometria daquela floresta trevosa e desorientada, Aria deixou-se florescer na consciência do imenso cálculo que se apresentava, o oráculo sinuoso de suas inquietações e realizações a erguer-se além e através da interminável batalha de selvaguardar Eldoria das trevas e desordenado caos de almas agonizantes e profecias extenuantes.

## Desvendando a história dos aliados

### Capítulo 5: Desvendando a História dos Aliados

Enquanto o sol descia sobre as colinas ondulantes de Eldoria, a banda de aventureiros desfrutava de um momento insólito de paz e tranquilidade em meio à sua missão formidável. Aria, Roran, Lysander e Gavriel, o duende, haviam acampado perto do precipício de um penhasco majestoso, as luzes místicas do crepúsculo evoluindo por entre as nuvens acima, parecendo abraçar um segredo que, embora revelador, insistia em manter-se oculto.

Sentados em círculo ao redor de um braseiro crepitante, cujas chamas dançavam luminosamente como as ambições desmedidas e sonhos precários que cada um deles mantinha no âmago de seu ser, os amigos começaram a contar suas histórias, compartilhando o legado que os uniu em sua investida contra as sombras de Eldoria.

Aria, reverberando em seu coração a cadência melancólica e os aços da tristeza que seu povo havia sofrido, começou a narrar uma pequena parte de sua odisseia enigmática:

- Sempre fui uma buscadora da verdade, uma mulher cuja audácia me levava a desafiar as tradições de Eldoria e a mergulhar nas profundezas do vasto mundo místico que nos circundava. Quando encontrei aquele pergaminho encantado na Biblioteca Secreta de Espiral de Vidro, senti uma tremenda intuição de que minha vida e Eldoria estavam prestes a mudar

Os olhos de seus interlocutores se encheram de uma única pergunta indescritível: como aquela breve história poderia tecer uma trama tão intensa e impregnada de destino? Aria, esboçando um sorriso entendido, continuou:

- Eu sei que isso pode parecer pouco e vago, mas eu sempre senti que a magia em Eldoria foi além daquilo que apenas conhecíamos. E eu sabia que precisava desvendar a verdade sobre o nosso passado místico, a fim de encontrar respostas e forjas na fornalha do tempo a esperança melancólica que pairava sobre o horizonte esmaecido da vida.

Roran, o mago talentoso, foi o próximo a falar, seus olhos misteriosos refletindo o brilho do crepúsculo poente e os rastros sombrios de um passado entremeado de segredos ocultos:

- Sempre fui intrigado pela ciência arcana e pelo estudo das leis que governavam o universo místico. Passei anos recluso, dedicando - me ao

conhecimento teórico e prático, convencido de que o domínio dos elementos seria nossa única salvação em face das ameaças inomináveis que espreitavam os confins mais profundos e esquivos de Eldoria. Mas, no fundo do meu coração, eu não podia deixar de sentir que algo estava terrivelmente errado, e que devia haver um motivo maior e mais complexo para aqueles seus dons arcanos

Aria, Roran e Gavriel, o caçador de tesouros duende, todos lançaram olhares expectantes a Lysander, o cavaleiro destemido, cujo silêncio obstinado até então havia sugerido omissão às reminiscências dos outros. No entanto, em um timbre rouco que carregava consigo a nebulosa de um desalívio finalmente exorcizado, ele começou a desvelar sua história:

- Fui em algum momento um guardião leal de Eldoria, um cavaleiro que, embora destemido e imbuído de uma enorme força, nunca tinha verdadeiramente enfrentado o seu próprio medo e vulnerabilidade. Eu assisti meus irmãos e irmãs tombarem em combate, vitimados pelos avisos da profecia que havíamos todos, em algum nível, escolhido ignorar. Mal podia imaginar que esse caminho empedido da redenção me apresentasse, como uma aurora tardia em um mundo que havia sido há muito tempo mergulhado na escuridão de suas próprias inquietações e pensamentos insanos.

Em um momento sagrado de comunhão e intensa cumplicidade que desafiava a dor e a solidão entorpecentes do tempo, Aria, Roran, Lysander e Gavriel, o caçador de tesouros duende, encontraram algo que há muito buscavam: o curativo redentor da amizade e da unidade que, embora enlaçado pela sombra de uma profecia e pela inquietação de um futuro indefinível, iria sustentá-los através das provações ardentes e angustiadas que invadiam Eldoria a cada passo.

Esse momento, tão fugaz quanto inesquecível, encheria seus corações com uma coragem renovada e uma determinação incandescente que lhes permitiria enfrentar os desafios e adversidades da jornada, impulsionando-os na busca pela verdade e pela defesa de Eldoria, até que os céus mais uma vez se enchessem do fulgor transcendente da luz, e a escuridão fosse finalmente dissipada pelos sussurros etéreos da salvação e do renascimento.



## Unindo forças contra a ameaça dos dragões

As montanhas Argentinas erguiam - se como sentinelas silenciosas, testemunhando os séculos infindáveis de lutas e esplendores derramados pelas entranhas de Eldoria. Em seus picos gélidos e inacessíveis, escondia - se o precioso conhecimento que Aria, Roran, Lysander e Gavriel buscavam para impedir o Despertar dos Dragões e os horrores indizíveis que poderiam trazer sobre a terra.

As provações enfrentadas e superadas desde o início de sua jornada forjaram amizades indestrutíveis e a confiança mútua dos quatro companheiros. Aria Fontane, cujo domínio sobre a água enfrentara a fúria dos lobos mágicos da Floresta das Sombras, começava a sentir a angustiante carga de ser o arauto da profecia. Roran Tempestário, o abnegado mago que carregava em suas cicatrizes as marcas de um passado enigmático, vislumbrava a possibilidade de redenção nos olhos de seus amigos e na descoberta de seu propósito maior. Lysander Martelar, o cavaleiro destemido e leal, começava a duvidar de suas habilidades frente à magnitude da tarefa que lhes fora designada. E, por fim, o astuto duende caçador de tesouros, Gavriel Brilhaouro, calejado pelas experiências adversas que moldaram suas habilidades e caráter, escondia - se em seu sorriso pícaro enquanto carregava um segredo revezado em sua auréola de mistério.

Assim, naquele crepúsculo enluarado, enquanto o último brilho do sol se esvaía no horizonte como um adeus turvo e lívido, Aria e seus companheiros reuniram - se em um conselho solene e restrito, onde as palavras sopesavam suas próprias tonalidades de esperança e receio na névoa do desconhecido.

Aria iniciou a conversa com uma voz embargada pelo temor do futuro, mas resoluta e sedimentada pela convicção de que somente juntos poderiam enfrentar o vendaval de sombras que se erguia diante deles.

- Nós percorremos um caminho longo e sinuoso até aqui, meus amigos - disse ela, seus olhos azuis como o oceano refletindo a penumbra lírica da noite - Mas ainda temos muito a fazer para impedir o Despertar dos Dragões e salvar Eldoria. Somente unindo nossas forças e habilidades é que poderemos enfrentar a ameaça que se avizinha.

Lysander, o rosto vincado pelos anos e batalhas, endossou as palavras de Aria com uma voz grave e ressonante, seu olhar repleto de determinação e um brilho de anseio oculto nas profundezas de suas irises.

- Aria tem razão. Já vimos o quão poderosos nossos inimigos são, e sei que somente juntos, utilizando nossas forças combinadas e explorando nossos talentos até o limite, teremos alguma chance contra essa ameaça a Eldoria.

Houve uma pausa carregada de desalento e resignação entre os quatro companheiros. Nesses momentos de bravura arrefecida sobre a fogueira crepitante, como brasas que lutam contra o sufocamento das cinzas, eles se questionavam se o sacrifício de suas vidas em prol de Eldoria não seria em vão, se o que estava por ser enfrentado estava além de suas capacidades e forças combinadas.

Roran, entretanto, o talentoso mago que sempre havia mantido sua postura enigmática, finalmente soltou um suspiro profundo e acenou em concordância com Aria e Lysander.

- Aria, Lysander, vocês estão corretos. Temos que unir nossas habilidades mágicas, nossas forças e nossos espíritos em um único propósito, pois é somente dessa forma que poderemos enfrentar essa força tenebrosa que nos aguarda.

Gavriel, o duende astuto e charmoso, aproximou-se e pousou a mão no ombro de Lysander, a outra segurando com firmeza seu bastão enfeitiçado. Seu olhar era ausente das usual picardia e troça, sendo agora povoado por uma seriedade vigorosa e inviolável.

- Juntos somos mais fortes e, se unirmos nossas habilidades mágicas e combativas, poderemos percorrer o caminho mais sombrio e enfrentar as chamas draconianas que buscam incendiar nosso lar. Eu lutarei ao lado de vocês.

E assim, como uma única entidade forjada pelos desígnios do destino e pelas adversidades superadas juntos, Aria, Roran, Lysander e Gavriel enfrentariam a ameaça dos dragões e das forças das trevas. Unidos pela valentia, determinação e amizade inquebrantável, juntos marchariam para uma batalha de proporções épicas, onde somente a certeza de sua união e a sublimação de suas forças cintilantes na escuridão poderiam fazê-los triunfar e trazer a luz para Eldoria outrora novamente.

## **Enfrentando obstáculos juntos**

Capítulo 7: Enfrentando Obstáculos Juntos

Eldoria, com suas paisagens deslumbrantes e criaturas místicas, tornara-se também o cenário de um conflito cujas coordenadas ocultas e desafios insidiosos se impunham às almas fatigadas de Aria, Roran, Lysander e Gavriel. Eles haviam enfrentado juntos os perigos da Floresta das Sombras e agora adentravam o Deserto Congelado de Cryorin, onde a névoa gelada que arrepiava seus corpos parecia rasgar também o próprio tecido de suas esperanças e sonhos.

A trilha que os conduzia através dos vales e ravinas do deserto era íngreme e traiçoeira, e os ventos uivantes ameaçavam açoitá-los o rosto e arrancar-lhes as palavras antes que sequer fossem pensadas, muito menos proferidas. Roran, cujos olhos concentrados e luminosos estudavam os contornos de cada rocha e montículo de neve, manteve-se sempre ao lado de Aria, como se ansiando compartilhar com ela a força indomável de seu espírito e a coragem resiliente de sua determinação.

Porém, em um instante de descuido ou pura exaustão, Aria escorregou no gelo traiçoeiro da trilha, seu corpo caindo desamparadamente no abismo que se abria com uma profundidade aterradora à margem do caminho. O coração de Roran parou e seu estômago se contorceu em um nó excruciante de angústia e desespero, mas seu instinto de proteção e lealdade a Aria se sobrepôs à névoa paralisante do medo.

Com um grunhido gutural e selvagem, Roran lançou-se de cabeça à beira do precipício, agarrando as mãos trêmulas de Aria no último momento possível. Os dedos de ambos entrelaçados em uma promessa silenciosa de que não se deixariam cair, não importando quão ameaçadora fosse a escuridão à sua volta ou quanto a agudeza do vento gelado esmagasse seus pulmões.

Lysander e Gavriel, que haviam testemunhado estarecidos a queda quase fatal de Aria, também se mobilizaram em um ato de devoção e bravura altruísta. Enquanto Lysander agarrava-se firmemente à cintura de Roran, unindo-se a ele no objetivo comum de salvar Aria das garras da morte, Gavriel usava sua graça ágil e destreza incansável para lançar seu bastão ao redor de uma saliência próxima, fazendo dele um apoio improvisado.

Em um tremor de tensão, força e determinação que parecia aniquilar-se pelos ecos glaciais do deserto, Roran conseguiu em última instância puxar Aria de volta à segurança, seu corpo frágil e trêmulo ansioso por abraçar o calor familiar de seus aliados.

Era como se uma força maior, um vento invisível e inabalável, tivesse sussurrado palavras de ânimo e encorajamento, instigando-os a enfrentar juntos os obstáculos que se deparavam em seu caminho, pois era somente em suas forças unidas e espíritos entrelaçados que eles encontrar o triunfo e a esperança necessários para vencer o mal em Eldoria.

Neste instante decisivo, onde a angústia e o temor eram substituídos por uma gratidão combalida e um amor fiel imortalizado nas chamas douradas de uma amizade inquestionável, Aria, Roran, Lysander e Gavriel compreenderam uma verdade crucial: o poder da união e da lealdade era uma mágica mais intensa e inviolável do que as maldições ancestrais e as sombras espreitantes que os aguardavam nas profundezas de Eldoria.

Juntos, de mãos dadas e corações entrelaçados como as estrelas prateadas que ousavam refulgir na vastidão escura do céu, eles marchavam em direção a seus destinos enigmáticos e misteriosos, como um hino que ressoava e curava as feridas do tempo e do medo, clamando pela esperança e pelo sol imperecível de um amanhã onde os dragões seriam finalmente confrontados e as trevas banidas das margens de Eldoria, como a névoa dissipada pelas mãos gloriosas do amanhecer.

## Reconhecendo suas habilidades complementares

À medida em que as ruínas da antiga cidade surgiam como miragens outonais nas solenes brumas de Eldoria, Aria, Roran, Lysander e Gavriel foram assaltados por uma percepção penetrante e abissal: a jornada que estivera a forjar em seus corações uma ternura inesperada e um vínculo indomável também se imiscuíra em suas habilidades e convicções prévias, como se buscasse até-las com um fio de ouro invisível e inquebrável.

Naquelas horas alvissareiras de caminhada e luta, como se a sombra de cada adversidade destacasse com maior nitidez os raios claros e irrefutáveis de sua união, eles aprenderam a encontrar um complemento mútuo e irrefutável em suas habilidades, mesmo - e especialmente - quando pareciam ser tão diferentes entre si.

Aria, tua graça lacustre, quando com o canto melódico da alma que fazias com que a essência cristalina do oceano se entrelaçasse ao teu desejo e se erguesse como uma muralha impetuosa, não poderias ter imaginado a simetria quemante com as brasas aguerridas encravadas na argila do coração

de Roran.

Roran, teu ímpeto cortante e furioso como uma tempestade germinada nas profundezas do desconhecido, mal poderias auferir que em teu cerne habitava também um jardim virginal e fecundo onde brotavam todas as sementes lançadas pela bonança e generosidade de Lysander.

E Lysander, cuja força retumbava como um abre-alas nas muralhas sinuosas das adversidades, avistavas com um olhar sereno e intrépido a alegria fugaz e atrevida de Gavriel, convidando-o a pousar na vastidão alva e prateada de teu coração flamejante como lira forjada nas estrelas.

Nas catacumbas medonhas e desabrochadas de Eldoria, as quatro almas gêmeas e fraternalmente entrelaçadas enfrentaram o que jamais haviam imaginado enfrentar em seus passados encolerizados e em seus destinos plangentes: elas se depararam com a imensidão de sua própria essência complementar e mosaico.

Como uma única entidade caleidoscópica e irrefreável, Aria, Roran, Lysander e Gavriel irromperam na escuridão lívida que os ameaçava engolfar e, em um abraço sublime, entonaram a canção divina da amizade verdadeira e da resistência incontestável:

”Não somos apenas quatro corações que batem em consonância com a melodia do destino e da magia; somos as pedras angulares de uma construção maior, onde meus mistérios e poderes são os sussurros que ancoram tua coragem, e onde tuas cicatrizes são a tela em que minhas lágrimas resplandecem como estrelas.”

”Se sou água em minha essência, sede em meu anseio e chuva em meus perdões, sou também vulcão e chama em tua presença. Se sou tormenta e fúria, tambores e relâmpagos, és também o plácido silêncio que encontra seu repouso em minha razão.”

”Ao teu lado, eu sou aço teimado e ferido, mas também sou a ária que dança em teu abraço. E no regaço de teus sonhos, sou o grin que se esconde atrás do medo, a flecha que se diverte com a tolice de nossos inimigos e que lança as sementes de alegria no coração do destino.”

E assim, como uma harmonia conjurada nas areias translúcidas e flamejantes do espírito, Aria, Roran, Lysander e Gavriel arremessavam-se ao coração pulsante de suas demandas e perigos, e incontestemente, visceralmente, enfatizavam a mesclagem polissensorial de suas habilidades e anseios.

Era como se sílábula e nota, verso e aroma, imagem e vibração com-

pussem um uníssono eloquente e incomparável em seu poder e sua capacidade de subjugar as trevas, as ameaças e as provações da vida e do tempo.

Juntos, eles compreenderam que o destino os havia encontrado e entrelaçado no tapete sagrado de Eldoria não para fazê-los caminhar em um fardo inexorável e mortificador, mas sim para providenciar-lhes a certeza límpida e inextrincável de que sua força complementar era a circunstância que fulgurava e rebrilhava entre os espinhos do infortúnio e da indagação.

No furor da batalha e no torpor da vigília, no fulgor da luz e na espessura da sombra, eles uniram suas mãos, sabendo que a simetria e a compleição de suas habilidades seriam a muralha e o sol que se ergueriam diante das ventanias e dos abismos que se abriam às portas de Eldoria.

E somente juntos, unidos pela coragem, pela visão que compreendiam gêmea e extremada, Aria, Roran, Lysander e Gavriel seriam capazes de enfrentar o exército de sombras e entidades que os aguardavam nas trincheiras das ruínas e dos pesadelos.

## **Desenvolvendo laços de confiança e amizade**

### Capítulo 9: Desenvolvendo Laços de Confiança e Amizade

Na vastidão nebulosa das Montanhas Argentinas, Aria, Roran, Lysander e Gavriel encontravam - se acampados sob a proteção de uma saliência rochosa, suas respirações quentes e exaustas se misturando com o frio cortante da noite. O último embate na Floresta das Sombras havia deixado cicatrizes físicas e emocionais em cada um deles, mas também fomentara, de modo surpreendente e jamais entreventado, um vínculo estimulante entre os quatro corações que pulsavam em ritmo compassado à luz das estrelas.

Mantidos juntos por uma confiança alquímica e irresistível emergida em meio à carnificina da batalha e dos desafios que juntos enfrentavam, eles se recostavam em suas mantas, os corpos doloridos aquiessendo no desconforto do terreno não tão plano, enquanto suas mentes se demoravam na encruzilhada de eventos passados e porvir, e nas lições que haviam extraído do sinuoso labirinto de provações do destino.

”Não tinha percebido até agora”, murmurou Aria, seus dedos sábios e delicados traçando constelações efêmeras no céu cálido e pungente de silêncio, ”como a dificuldade, o terror e a desolação podem também dar

origem a uma força insuspeitada e um afeto exasperante entre aqueles que dividem a trincheira com seus corações e espíritos.”

Roran, absorto nas chamas trêmulas da fogueira, assentiu com um sorriso melancólico e enigmático, o fulgor do fogo se entrelaçando nos contornos de suas feições fatigadas e esculpidas pela faina e pela névoa. ”Também eu me espanto”, confessou ele, a voz regada a um sabor de lamento e ternura que apenas Aria compreendia e ousava desvelar, ”como a peregrinação do medo e das sombras nos conduz, como uma bússola desventurada, ao inefável e sagrado terreno do afeto e da lealdade.”

Lysander, lançando um olhar lúcido e candente ao abismo que se abria na descrição de Roran, entrou na conversa com uma voz cheia de admiração e pesar. ”Eu me pergunto”, sondou ele, ”se em algum momento de nossa trilha, por mais árdua e insondável que seja, encontraremos algo que trespassará a muralha de nossa confiança e nos fará consumir a angústia e o tormento da dúvida. Quando estivemos na Cloaca do Alento Serpentino, um medo me trespassou a carne e quase me desnor-teou. Recobrei o prumo quando Aria ousou me estender a mão; com um instante, ela cravou ferrete de fogo em minha alma. Desde então, me encarcerou dentro de uma esfera de lealdade destemida.”

Gavriel, cuja figura grácil e esguia resvalava nas sombras como um rio sussurrante que serpenteava entre as pedras, gargalhou com um riso que convocava o vento, a luz e o frescor da manhã, concordando com a eloquência desmedida e imprescindível de Lysander. ”Penso que, meu amigo”, retrucou ele, os olhos faiscando com uma alegria inconsolável e uma devoção infrangível, ”nós encontramos nos recônditos mais insuspeitos e temerosos de nossa jornada a argamassa e o cimento que nos unem como irmãos e guerreiros, e que suscitam a coragem e a confiança para enfrentarmos juntos os desafios que nos espreitam nas sombras e nas arestas das montanhas.”

Em um silêncio solene e repleto das notas argentinas de uma melodia invisível, Aria, Roran, Lysander e Gavriel entrelaçaram suas mãos, compartilhando o calor e a promessa inquebrantável de uma lealdade indestrutível que havia brotado, como uma flor inesperada e mística, em meio às tempestades glaciais e às batalhas sangrentas do destino.

Assim juravam, daquele instante em diante, que suas almas e corações estariam unidos por um laço auroral e invencível de confiança e amizade, e que pelas mãos entrelaçadas, eles marchariam frente aos ventos famintos e

aos espectros lúgubres que ardiam nas catacumbas de Eldoria, como uma torre de esperança imbatível, uma fortaleza gloriosa e serena que, com a magia de seu amor fraternal, iria aprisionar e subjugar as sombras e os desesperos do tempo e da marcha inexorável do destino.

## Conhecendo Aryssa, a dragonesa destemida

### Capítulo 6: A Fenda Temporal do Céu Encarnado

Em mundos antigos e já transcedidos, existem histórias que sussurram nos ouvidos da memória e da alma como o roçar delgado de asas noturnas e inefáveis. Sabe-se, pelo véu brumoso do olvido e pela pena sagrada do espanto, que em Eldoria, no fulgor extremado e inclemente da aurora gélida e patente, Aria, Roran, Lysander e Gavriel se depararam com um ser cuja grandeza deu ensejo à série de proações e coragem que se estenderiam por toda a sua jornada.

No levante arfante de seu caminho repleto de perigos e revelações, Aria e seus companheiros adentraram os vales rubros e cinzelados do Pico Flamífero, onde a promessa de uma fonte de poder e sabedoria ainda maior se acoplava, como uma espinha de gélido degelo, ao percurso das sombras e da aurora. Lá, onde o sopro dos voranos se combina ao tremular de estalactites incandescentes e onde a angústia e a glória da herança eldoriana jazem na densidade suspirante e calcária da terra - materna, eles encontraram Aryssa, a dragonesa destemida e temerária cujo esplendor e delíquio se fariam intrincados ao próprio fio do destino.

Desafiadora e regalada em sua postura wariana e de projecção invicta, Aryssa Vêndavall, a dragonesa enroscada em segredos e veios de lava oculta, enfrentou os olhares transidos e profundamente enleados dos quatro aventureiros, enquanto estendia as escamas imantadas de seu corpo colossal aos céus suplicantes e agônicos, como um último brado de reverberação e desafio.

"Quem ousa adentrar o meu lar e chamar pelo meu nome?" - perguntou ela, sua voz um eco emoldurado por labaredas e estertores de luz crepuscular. E, em um rugido ao mesmo tempo terrível e majestoso, a dragonesa soltou o fogo que ardia em seu peito.

Aria, Roran, Lysander e Gavriel enrijeceram - se na bofetada gélida e voraz da ventania, uma mistura aérea de fuligem e maravilha, e a jovem



feiticeira adiantou - se, os olhos cobertos pela cetina intangível do déspártir e do cárdim, e proferiu com um gracejo de aragem e súplica:

”Aryssa Vêndavall, vimos em busca de sua sabedoria e bravura, pois nos foi revelado, num forrar de estrelas e insídias, que somente com seu auxílio poderemos enfrentar os dragões e as sombras que procuram rastejar pelas frestas de Eldoria.”

O silêncio voraz da dragonesa recaiu sobre os quatro aventureiros como uma bruma imponente e intransponível, até que por fim ela sussurrou uma resposta, as chamas em seu largo peito oscilando em um balé de cores implacáveis e enigmáticas:

”Se quereis minha ajuda e o elixir de minha sabedoria, deveis cumprir com três provações desmedidas e sofridas.”

A primeira das provações lançada por Aryssa àqueles bravejadores de coragem e acrofobia consistiu em escalar as montanhas ardentes e seias do Pico Flamífero, um exercício que demandou de cada um o equilíbrio de sua essência e a precisão irretocável de seus impulsos.

A segunda, mais intrincada e impregnada de fulgor, envolvia Aria e Roran completando um conjunto de rituais arcanos intrincados, tendo como único suporte a fraterna cumplicidade fragorosa e contundente em seus laços de amizade.

E a terceira e última provação transmitida no eco oscilante e inoxoro das palavras de Aryssa requereu que Lysander e Gavriel travassem um embate de dilemas e estratégias usando apenas a sagacidade e encontrar soluções engenhosas em situações desesperadoras e improváveis.

Assim se sucederam as três provações sob o olhar embrasado e eriçado de Aryssa, que, após contemplar a destreza, a confiança e os vínculos de aliança que uniam aqueles quatro corações temerários, abriu a fenda efêmera e ancestral de seu olhar e concedeu - lhes, com um último sussurro de salvação e de alma - ardente:

”Eu sou vossa aliada nesta batalha, e juntarei minha alma de chamas e ventos aos vossos corações de água que dançam e harpejam pelos vales do destino.”

Em um ímpeto catárquico e inimaginável, os quatro aventureiros se viram unidos pela presença mítica e arrebatadora de Aryssa, uma dragonesa a princípio encerrada nas membranas pétrea e fortificante do orgulho e da desconfiança, mas que agora, como um fio de interferência e fulgurante

eternidade, fundir-se-ia à força e à sabedoria de Aria, Roran, Lysander e Gavriel, moldando-os em um oásis de pujança e de ousadia invencíveis.

## Preparação para a jornada perigosa

A sombra derradeira da noite morosa e dúplice nebulava os alicerces e alicerces d'ouro e prata dos arcos da Cidade Esmeralda como uma manta de ventos e pavões cintilantes, sacudindo os ramos de murta e estrelícia nas janelas do palácio esculpidas pelas mãos ciosas e inebriantes do firmamento em fuga. Ao longo dos corredores silenciosos e repletos de estátuas abluídas no dissipar de crepúsculos ainda não vindouros, Aria, Roran, Lysander e Gavriel concentravam suas forças, desveladas em ondas de afeição e prezando pela mentira-afora, em prol dos dias ameaçadores e incertos que os aguardavam nas montanhas e nos vales denegridos e estriados de Eldoria.

O lume camarada e caviloso das tochas aninhadas nas colunas furtivas do salão cavilavam e aflagavam os fantasmas insuspeitos de lápides nunca havidas e de sonhos jamais esquadrinhados por Aria e seus companheiros, enquanto suas mãos ágeis e sábias coletavam, em algararra surda e nefelibata, as armas e os dons enfeudados por seu destino e por seus corações. À lamúria dos sinos lemiscatantes e ao aprisco açulado da madrugada insone, Roran inclinou-se para seu livro de feitiços e magia, as letras abismadas e enevoadas de ópalas e de corrente emotiva perquirindo sua alma e deixando transpassar os olhos resolutos e denegridos de Gavriel, que dançavam entre as filas e as boléias de facas enfeitadas e adagas enigmáticas.

”Sobra o voo do corvo”, pressagiu Lysander, a voz embargada, soturna e escancarada de eldrich e d’esperança fértil, ”sabemos que nosso caminho zerda e desabita além das sendas e das fronteiras mais remotas. Que a aurora se faça de sina que nós quatro entrevemos e adivinhamos em nossos medos e nossas lágrimas de suma e de lince.” Ele tocou uma clava talhada em um mineral precioso e impregnado dos frêmitos e das ressonâncias de um tempo findo, enquanto Aria, com um sussurro de luar, perscrutava um mapa dwimmerban, onde pontos agrídoces e pálidos fulgiam em migalhas de conhecimento inédito e conspurcado.

Roran, emergindo das brumas e dos escaninhos de palavras nas páginas desfolhadas de seu tomo, em voz fremosa, lavrada em arpejos de hélios e de ecos ermos, murmurou um enigma que os penetrava em suas vigílias e em

seus tremores alvoroçados, pois nas ondulações e no trinado do pergaminho, serpenteando seus talentos e seus terrores, uma profecia se erguia como uma barreira inebriante e indecifrável, à qual suas mãos vacilantes e atônitas podiam somente inferir e acarpiar:

”Hei de encontrar o que me é inextrincável”, sonhou Gavriel, antecipando-se ao frisson de Roran, ”se a salvação e a redenção de Eldoria pendem de nossa busca e de nosso angar astuto e inconcebível, então a aurora será nosso porta - estandarte, e a luz desvelada, nossa bússola de esperança.” Concordando com o que disse o duende caçador de tesouros, Aria lançou um olhar ascendente e decidido a seus companheiros, percebendo no olhar fulvo e tenebroso de cada um a singularidade e a predestinação de lealdade e esmero que os circundava, envolvendo-os como um farol e um labirinto de tênues fenecias e febris prorrompos do porvir.

”Aurora e sombra”, entoou Aria em dínamo e ato consumado, os dedos tecidos de cristais e de bruma segurando e platinando o mapa selado e enevoadado em seu coração, ”ambos se entretecem e amalgamam na estrada insidiosa e esperançosa que trilharemos em busca do destino que se esgueira por entre os meandros do mundo e as profundezas de nossa coragem e bondade diáfanos.”

Após um sinuoso e áureo silêncio, no qual os quatro aventureiros enclausuraram seus corações e suas almas em um cárcere de oração e de alento bravo, Roran, Lysander, Gavriel e Aria se lançaram, envoltos em brumas e auroras, rumo ao limiar de um novo dia e ao fulgur do desafio e da batalha que os espionava, oculto e latente, nas trincheiras sinuosas e enleadas do futuro etéreo e estreme.

## Chapter 3

# A Profecia dos Dragões

As brasas crepitantes do fogo e a bruma motejada de orvalho que lhes envolvia travavam uma batalha insolente entre si, como duelistas incansáveis, enquanto Aria desenrolava o antigo pergaminho descolorido e enigmático que encontrara na Biblioteca Secreta da Espiral de Vidro. Seus companheiros se aconchegaram ao redor dela, Roran com seus olhos afiados como agulhas, Lysander de punhos cerrados e Gavriel com um ar de curiosidade insuperável. Juntos enfrentariam a revelação que se escondia por trás daquele papel enrugado e desafiador, tragado por uma caligrafia esfumaçada e angustiante como a seiva das montanhas e o pulsar das almas abalroadas pela escuridão.

Aria levantou o olhar, alimentando - se do fogo nos olhos dos que a cercavam e, com uma respiração tênue e atordoada como o vento, começou a desvelar as palavras ancestrais que lhes esperava. Cada sílaba parecia arrancar de seu peito um suspiro abafado, um gemido etéreo e uma balada de desconforto e mescla de apreensão que a açoitava e a arrastava para os abismos insondáveis de uma história há muito desaparecida nas brumas do esquecimento.

”Eis que, nos domínios esquecidos de Eldoria, na aurora dos tempos, os dragões reinavam supremos”, ela começou, a voz vacilante e densa como a névoa do oceano, ”Criaturas poderosas, amadas e temidas por igual, os dragões foram uma força motriz na criação dos reinos que conhecemos hoje.”

Aria prosseguiu, desenterrando das entranhas do pergaminho os segredos salteadores e escarpados das lendas e tradições de Eldoria. Conforme ela desvendava a relação entre os majestosos dragões e os elementos fundamentais que teciam as urdiduras endamente do mundo, uma cortina oculta e

aveludada em seu coração se rasgava, revelando a dimensão do que estavam prestes a enfrentar.

”Os dragões - senhores do Fogo, da Água, do Ar e da Terra - foram selados nas profundezas de um sono obscuro”, prosseguiu ela, ”aprisionaram - se em abismos insondáveis e camuflados pelas mãos sábias dos antigos feiticeiros que, em um último esforço de legado e redenção, selariam também o destino e a desolação latentes nas veias desse legado titânico e dilacerador.”

Roran não conteve seu espanto, um clarão de força e medo faiscando em seus olhos como labaredas de um vulcão recém - despertado. Lysander, por sua vez, manteve a expressão inalterada, como se a torrente de informações lhe proporcionasse a fortaleza necessária para enfrentar o que viria adiante.

A tensão era palpável e implacável. Na voz de Aria começaram a despertar os vestígios de uma profecia que os atormentaria e os enlaçaria às cordas enfarpeladas e cintilantes do destino, que, como fios de marionete, os arrastaria para o olho do furacão e do pandemônio.

”Profetiza - se que, no alvorecer do dia que atravessaremos como ossos quebrados e mãos que clamam por um abraço esquecido, os dragões voltarão a se erguer deste sono eterno, eimitirão novamente seu clamor e sua força arrebatadora ao mundo, afagando o crepúsculo e o flamular das constelações em um abraço tétrico e enrobustecido. Será este o dia em que a aurora emplumada das almas de Eldoria penderá por um fio tão delicado e angustiado quanto a dúvida nos olhos de um coração aflito.”

Enquanto as últimas palavras da profecia reverberavam com a força de um trovão que atravessa a madrugada, todos estremeceram nas profundezas viscerais de seus medos. Aria, cuja mão leve e fremente segurava o pergaminho, sentia no coração a pulsão de seu chamado, um grito que ardia e irrompia por entre as amarguras do passado em uma canção suave e intrincada ao desespero. Lysander, com o vigor conhecido apenas por aqueles motivados por um propósito mais profundo e intransponível, estremeceu como se despertasse de um sono febril e atordoante, e Roran, cujos olhos ardentes pareciam querer conhecer e capturar até o último vestígio desta profecia, mal sufocou o grito de angústia e coragem que lhe subia à garganta como uma torrente indomada.

Apenas Gavriel permaneceu quieto, voltando seu olhar para a escuridão e para a frieza encantadora e lacrimosa da penumbra. Não se sabe o que pensava, mas talvez, naquele breve íterim que separa a angústia e

a esperança, o coração inquieto do duende estivesse prestes a encontrar o propósito que tanto buscava.

Aria, com o olhar enevoado e orvalhado pelas névoas da dúvida e da coragem, voltou seus olhos à profecia, que agora, como um canto de sereia, a chamava para uma jornada que os faria atravessar o perigo, o desconhecido e o abismo estriado e ameaçador que se projetava em Eldoria como uma flecha alvejada por destino e por desejo.

## Revelação do conteúdo do pergaminho

O único som que atravessava a quietude do claustro, envolvendo as figuras sombrias dos quatro companheiros, era o crepitar delicado e febril das chamas das tochas de cetim e âmbar que serpenteavam pelas paredes triscadas e abismadas pela melodia alademada e balouçante das sombras. Roran reclinou-se sobre o espaldar da cadeira, as mãos infernais e régias cruzadas sobre o regaço, enquanto Lysander apoiava-se com a cautela das candeias nos véus das janelas e Gavriel contemplava o mármore e as estrelas, alheado e meditabundo.

Aria. Ela segurava o pergaminho, pulsando suavemente entre seus dedos, como se fosse um coração prestes a ser devorado. O olhar desesperado que ondulou e feriu a porção mais radiosa e escondida de sua alma fez com que seus três aliados compartilhassem um arrepio inescrutável - uma bússola enfeitiçada pela volúpia e prelúdios do desconhecido.

"O que diz o pergaminho, Aria?", sussurrou Gavriel, incapaz de afastar os olhos da escuridão e das constelações lapsas que fendiam a vastidão de Eldoria.

Aria enrolou uma mecha de cabelo atrás de sua orelha esguia com uma timidez relutante típica, como se estivesse prometendo algo que as lágrimas e as orações em seu coração não eram capazes de corresponder. Com um suspiro tímido e trespassado pelos céus e pelos abismos em seus olhos, iniciou na dicção e no canto tão árduo e caviloso quanto a penumbra que a encerrava: "Na aurora dos tempos, eis que surgiam os guardiões, e o mundo se prostrava em temor e reverbero aos seus pés."

Roran lançou um olhar inquisitivo a Aria, as chamas das tochas tremulando e dançando em seus olhos como menestréis flamejantes ofertando e barganhando uma dança às criaturas esconsas e verossímeis do passado.

”Guardiões?”, murmurou Lysander, sua voz magicavra desprendendo-se dos lustros e do murmurejo do vento sobre a vidraça. ”Quem eram? O que foram?”

Aria agitou sua cabeça de um lado a outro, como um farol em busca de uma sombra terrelíngua e estrenada. ”Não diz direito”, resumiu ela em acorde e súplica alordes, ”mas o pergaminho - a profecia - refere-se a dragões.”

O silêncio que seguiu suas palavras foi tão resoluto e escarlate quanto a morte que se desenhava no tremular dos véus e nas cortinas murmurantes lá fora. Roran, acordando-se de seu êxtase e de sua reclusão insondáveis, prendeu o olhar na palidez enluarada das chamas e gaguejou: ”Dragões? Criaturas longínquas e ansiadas das lendas e das canções de amor?”

”São eles”, confirmou Aria com um estremecimento e um suspiro con-frangido. Pausou por instantes, lendo o conteúdo do pergaminho com uma atenção que percutia e lacrimejava em desespero e coragem. ”Mas eis que o sangue e o esquírol derramado pelos âmagos e pelas veias do mundo convergiram em uma torrente de ira e desespero, e o que antes era fábula e rirante se tornou maldição e desdouro para as almas de Eldoria.”

Gavriel estreitou os olhos, o fulgor trevoso e esvanecido da noite atravessando as palavras e a convicção crescente em seu coração. ”E o que fez com que os dragões se tornassem maldição?”

”A profecia”, vacilou Aria, tão atormentada pelas palavras transpostas e serpenteantes das letras no pergaminho quanto pelos gritos e pelos súplicas encarceradas em Eldoria, ”fala sim de uma fenda, uma escuridão mordaz e impenetrável que surgiu das cinzas dos dragões guerreiros e que, desde então, devora e aniquila as estrelas e os rincões de afeição e de meiguice que nos aglomeram e nos nutrem.”

”E devemos”, perguntou Roran com a cautela e a sofreguidão da agonia que lhe galgava e lhe prefigurava o coração rendado aos medos e aos prantos, ”enfrentar esses dragões? Recuperar as estrelas tão debitadas e fulgidas em nosso coração de Eldorianos?”

Aria, cobrando-se de sua relutante e sombria punhalada em oração e d’anvento, assentiu, o olhar sofrendo e depravado por tanto clamor e decepção. ”Esse é nosso destino”, proferiu ela com um pesar e Ânasia de d’encanto e de lamúrias, ”a historia e a aurora de Eldoria passam pelos dragões e pela escuridão líquida que nos gera e nos ennevisca untermo.”

Lysander, com penetrado e resilito como uma panacéia cristalina e d'esperança, em voz resplandecida e almejante, deixou transpor do sincástico e d'esperanto de seu corcundar a certeza e a diligência que arranca as correntes e dilacera os corpos que chacinam desfeitos na veemência dos tempos: "E lutaremos juntos, Aria, Roran, Gavriel e você, para restaurar a paz às terras de Eldoria e realizar o destino cruel e redentor que nos encarcerou nas malhas do passado."

"São os dragões", aventurou-se Gavriel, seu olhar encaminhando-se aos abismos e aos clarões celestes que esquadrihavam a madrugada ansiosa, "são os dragões, essas criaturas de lenda e de tormento, que nos salvarão dos precipícios e das voragens da escuridão infinda."

Aria, os olhos repletos de determinação e de lágrimas agrídoces e enfeitçadas, ergueu o olhar aos companheiros de jornada, partilhando e prendendo em seu coração a liberdade, a camaradagem e a incerteza que os levariam pelos meandros e pelos pesares dos desígnios entrevados pelas forças do ocaso e da alvorada.

## Origem e história dos dragões em Eldoria

Ao entardecer, o último raio de sol que trespassava as estrebarias do castelo Eldengard banhava a penumbra do claustro onde Aria desentranhava com olhos viscosos e áridos o antigo pergaminho. Seus companheiros se aconchegavam ao redor dela, Roran com seus olhos afiados como agulhas, Lysander de punhos cerrados e Gavriel com um ar de curiosidade insuperável. Juntos enfrentariam a revelação que se escondia por trás daquele papel enrugado e desafiador, tragado por uma caligrafia esfumaçada e angustiante como a seiva das montanhas e o pulsar das almas embriagadas pela escuridão.

Aria levantou o olhar, alimentando - se do fogo nos olhos dos que a cercavam, e, com uma respiração tênue e atordoada como o vento, começou a desvelar as palavras ancestrais que lhes esperavam. Cada sílaba parecia arrancar de seu peito um suspiro abafado e um gemido etéreo, envoltos em uma melodia de desconforto que a açoitava e a arrastava para os abismos insondáveis das memórias há muito desaparecidas nas brumas do esquecimento.

"Eis que, nos ermos esquecidos de Eldoria, na aurora dos tempos, supre-



mos reinavam os dragões”, ela começou, a voz vacilante e densa como a névoa do oceano, ”Criaturas grandiosas, amadas e temidas por igual, os dragões foram uma força primordial na criação dos reinos que hoje conhecemos.”

Aria prosseguiu, desenterrando das entranhas do pergaminho os segredos salteadores e escarpados das lendas e tradições de Eldoria. Conforme ela desvendava a intrincada tapeçaria da história dos majestosos dragões e sua dança etérea com os elementos fundamentais que as urdiam nas entranhas do mundo, uma cortina oculta e aveludada em seu coração se rasgava, revelando a dimensão do que estavam prestes a enfrentar.

”Os dragões, senhores do Fogo, da Água, do Ar e da Terra, foram selados nas profundezas de um sono obscuro”, prosseguiu ela, ”aprisionados em abismos inimagináveis e ocultados pelo manto sábio dos antigos feiticeiros que, em um último lampejo de legado e redenção, selariam também a sorte e a desolação contidas nessas veias titânicas e dilaceradoras.”

Roran não conteve seu espanto, um clarão de força e medo faiscando em seus olhos como labaredas de um vulcão recém-despertado. Lysander, por sua vez, manteve a expressão inalterada, como se a torrente de informações lhe proporcionasse a fortaleza necessária para enfrentar o que viria adiante. Gavriel permaneceu quieto, voltando seu olhar para a escuridão e para a frieza encantadora e lacrimosa da penumbra.

A tensão era palpável e implacável. Aria, cuja mão leve e fremente segurava o pergaminho, sentia o chamado a descobrir mais e enfrentar a profecia que agora lhe arrebatava o coração. Lysander, com a valentia conhecida apenas por aqueles motivados por um propósito mais profundo e intransponível, levantou - se da cadeira, e Roran, cujos olhos ardentes pareciam querer conhecer e capturar cada vestígio desta profecia, mal sufocou o grito de angústia e coragem que lhe subia à garganta como uma torrente indomada.

Aria sentiu como se desvelasse, a cada fruição caligráfica que seus olhos e sua alma assimilavam, a mesma partitura que embalava o ritmo dos acontecimentos ancestrais de Eldoria. ”Leões de fontes flamejantes e serpentes de asas cristalinas. Montanhas que tremulavam e rios que arremessavam - se pelos céus. O mundo culturejava - se, e os dragões, essências vivas, vibrantes e marmorizadas dos elementais que teciam os véus cósmicos, reinavam sob a aurora.”

Gavriel, encantado e terrificado por igual, questionou de forma inquisitiva,

”Como foram aprisionados esses seres tão poderosos? Que sortilégio, que poder imenso conseguiu subjugar tais entidades?”

Aria suspirou, como se o peso do pergaminho a arrastasse para o chão. ”Então os dragões se erguiam contra o próprio mundo e, na batalha titânica, uma chama negra se alastrou pelos reinos, abraçando matizes e estrelas cadentes, açoitando a criação. Em desespero, os cinco senhores mais sábios dos cinco reinos de Eldoria reuniram - se em uma convocação desesperada e, unindo seus conhecimentos e suas mágicas, forjaram um feitiço tão poderoso, que condenou os dragões a um sono eterno.”

”Um feitiço?”, repetiu Gavriel, o coração leve com esperança, ”O que acontecerá quando os dragões se libertarem? Há algo que possamos fazer para detê-los?”

## **A relação entre os dragões e os elementos**

Capítulo 3: A Relação Entre os Dragões e os Elementos 1. Revelação do conteúdo do pergaminho 2. Origem e história dos dragões em Eldoria 3. A relação entre os dragões e os elementos

Em meio à escuridão misteriosa do espaldar que emoldurava o claustro, Aria continuou a ler a história contida no pergaminho de Eldoria. As palavras se sucediam com determinação e ferocidade, desvendando mais e mais segredos e mistérios intrínsecos ao berço das fábulas e das lendas.

”Ademais, pois que se conspurca então a fraqueza, a inercidade e a esvazição do cerne líquido das esferas e dos elementos”, recitou Aria, os olhos brilhando com a intensidade das brasas e das supernovas que pulsavam em seu coração. ”O amor e o enlace dos dragões aos elementos, que antes suturava e salvaguardava os veios de Eldoria, carcomerem - se e fincaram, a um tempo distante e peremptório, nos espasmos e nos gritos daqueles que habitavam o recôncavo de nossa lembrança.”

A aragem que dançou e abraçou o torpor e a voluptuosidade das sombras do claustro atordido e ensimesmado pela profecia fez com que Lysander, Roran e Gavriel se perguntarem, a um mesmo tempo, pelos porquês e pelos veredictos daquelas criaturas que, reinando céleres e majestadas em sua própria aurora, entregaram - se ao torpor na mesma facundia com que se entregariam, eis então, à misericórdia e à penumbra das cinzas.

”E que elementos são esses?”, indagou Roran, as mãos ensimesmadas em

dúvida e em gládio. "Que fraqueza e traição poderiam coroar a narração, a história erguida previamente pela pena surgida?"

Aria esboçou um sorriso triste, choroso em seu rosto trêmulo e triscado em lágrimas inexas e audazes, como cometas sem rastro ou coração. Com um olhar que erguia-se das palavras no pergaminho como se navegassem e perdurasse em um combate entre árvore e sargaço, ela aos poucos retomou a leitura, com a mesma convicção embargada que levava suas palavras a percorrer as estâncias e a vastidão do silêncio que as engoliam.

"Fogo, Água, Terra e Ar", prosseguiu Aria, sua voz quase dissonante em seu temor e sua esperança confrangidos. "Os quatro elementos que teciam a magia e a beleza de Eldoria eram partes incoercíveis e fornitoras dos dragões - essências e signos em sua origem e em sua prole."

Lysander contemplou o abismo encoberto pela noite e pelos pesares que escapavam do cândido e do fulgor premutiço de Aria, prendendo-se ao instante e à cortina de sombras que convergia e somava-se junto a seus sonhos fugidios. "Entendo que os dragões, despertados em ira e furor, convocaram então as forças dos quatro elementos para arrasar Eldoria em seus pasmos - como facção última?"

Aria assentiu com certo pesar, relevante e cêrulo como a saliência dos raios que rasgam a noite e o édolo do medo.

"Mas, vejam bem", murmurou Gavriel, o olhar imaruro e foyavante aos rastos e conexões labirínticas da lápide das estrelas emurada e perdida no esfumar e na cruenta ligação entre passado e futuro. "Se os dragões afundaram em trevas e em desespero, o que antes era amor e enlaço, não seria possível, deleitante e cálido, assumir que a mesma inversão pode-se dar pela força e pela justiça de uma nova aurora?"

Roran lançou um olhar perscrutador a Gavriel, o brilho de um desafio despertando nas profundezas de seus olhos penetrantes. "Você sugere então, meu caro amigo, que os dragões poderiam ser convencidos, galhardos e corajosos, a abandonarem as sombras e voltarem a reestabelecer a paz e a magia uniterma de Eldoria?"

Aria ergueu os olhos vasculhadores do pergaminho, cravando no éter e nas esperanças que percorriam e enlaçavam os encantos e os mistérios da noite o seguinte pensamento: "E se a aurora e a esperança untuka das veias de Eldoria jazer exatamente na essência dos mesmos que um dia cindiram e esgarantiram o coração deste povo?"

As tochas, então num trepidar e num espanto, vibraram e esqueceram a quietude lamuriante do claustro, e, num enlaceamento de fogo e de fé, despregaram e envolveram em seu almenhar a vereda que guiava cada um dos aliados.

Aria, Roran, Lysander e Gavriel respiraram fundo, beborroteados pelas sombras e confabulosearam no véu pela missão e pela jornada que os aguardava - um desafio colossal e enigmático, cuja resposta poderia estar nas próprias forças e entidades que os instigavam em suas memórias e em seu percurso enlangues promoventurado.

## O selamento dos dragões e as consequências para Eldoria

Na escuridão que se encolhia diante das chamas inconstantes das tochas, Aria e seus aliados ouviam o murmúrio fraco e trêmulo das palavras antigas que se desprendiam do pergaminho e se mesclavam à atmosfera carregada de temor e silêncio. De súbito, Lysander ergueu a cabeça e inquiriu, a voz carcomida pelo peso do passado:

”Se os dragões foram selados em suas tumbas inescrutáveis, então como será possível que despertem novamente para assolar o mundo de Eldoria e destruir o frágil equilíbrio em que vivemos?”

Aria contemplou os escritos ancestrais encobertos em véus e sombras, tentando decifrar o enigma escondido em sua intrincada tessitura caligráfica. ”Eis que, ungidos pelos astros e pela fortuna funesta, os dragões fitaram-se em uma profecia - a cisão e disrupção do mundo imerso no Fogo, Água, Terra e Ar, num conflito que abraçariam em seu rastro semeado de ira e desesperança.”

”Uma profecia?”, sussurrou Gavriel, os olhos febris e incandescidos como os céus estrelados de Eldoria. ”O que promulgaríamos os antigos a respeito desta profecia, e como atrelariam o destino dos dragões à redenção ou à destruição das terras que amamos e dos corações que ajudamos a preservar?”

Aria desvelou devagar, cuidadosa e trêmula, a passagem que elucidava o percurso ancestral da profecia e do clamor negrumoso que aninhava-se entre as palavras que pareciam pulsar e respirar ante o fôlego e a convicção que empregavam em sua leitura. ”Com os anos, os dragões tornaram-se uma parte integrante de Eldoria, proporcionando força e energia a todo o reino, até que, finalmente, um dia, a ganância e o poder os corromperam,

fazendo com que se voltassem contra sua própria essência e se entregassem aos abismos sombrios da destruição.”

Um silêncio pesaroso e comprido desceu sobre o recinto, e os quatro amigos encararam-se com um olhar resignado e ao mesmo tempo cheio de determinação. No rosto de Aria podia-se perceber a tristeza e a força que a faziam lutar e ansiar pela salvação de Eldoria e de seu povo, enquanto Roran, com os olhos carregados de coragem e de bravura, esforçava-se para decifrar o enigma que colou-se ao destino dos companheiros. Lysander, sua expressão contorcida em uma grimace amargurada pela dúvida e pela vontade de lutar, fitava as chamas que rodopiavam pela sala em um espiral de fogo e esperança. Gavriel, no entanto, exibia um sorriso mefítico e determinado, como se anunciasse que aquela profecia, por mais sombria e difusa que fosse, traria a benção e a força de Eldoria em uma estirpe indubitável e provecta.

”E os feiticeiros que selaram os dragões?”, indagou, sua voz um lamento pálido e etéreo entre as sombras que açoitavam e atravessavam o recinto. ”Qual legado e lição deixaram para nós, que debaremos com o retorno e a ascensão das mesmas criaturas que outrora desafiamos e domamos?”

Aria retomou então, quase hesitante, a leitura do pergaminho, percebendo que, em cada palácio e suspiro de suas palavras, fincava-se o curso e o caminho que fizeram o mundo em que viviam e insurgiam-se diante dos mesmos desafios e adversidades que enfrentariam. ”Eis, frugal e etéreo, o eco e a senda pretéritos e cerzidos pelas estrelas e pelos raios flamejantes - a promessa de que o selamento se estrar-se-á um dia, e um grupo de almas destemidas e brandorosas tomará o manto e o segredo da redenção dos dragões.”

”Somos nós, então?”, sussurrou Roran, como se o destino de toda Eldoria repousasse em seus ouvidos e nos murmúrios do pergaminho esmaecido pelo tempo e pela perdição. ”Somos nós aqueles que hão de enfrentar a maldição e o cárcere dos dragões e lutar contra o jugo e a sombra que lhes arvoravam o coração e os olhos?”

Lysander, com um lampejo de esperança e de força siamesa aos raios que se derramavam sobre a abóbada celeste e a dicção do futuro, pousou a mão no ombro de Roran, e murmurou, em um sopro quase inaudível: ”Assumamos, pois, o legado e o cálice que nos foram legados pelos antigos e pelas profecias éons atrás, e lutemos, juntos, pelo despertar de Eldoria e

pela vitória sobre as trevas que nos amordaçaram e nos ameaçaram a cada esquina e horizonte.”

Com um estremecer silencioso e esperançoso, os quatro amigos encararam uns aos outros, e, entre as sombras e os segredos que se esgueiravam e se mesclavam nas cavidades e corredores do castelo Eldengard, decidiram que se embarcariam em uma jornada ígnea e destemida - um percurso imerso em fogo e em sombras, onde enfrentariam o destino e o impossível para trazer de volta a esperança e o pulsar de Eldoria. E, entre o chiar e o sussurro das chamas que bailavam e se retorciam no éter, selaram seu propósito e sua coragem, empunhando a bandeira de Eldoria em um alvorejar de fé e determinação.

## A profecia do retorno dos dragões e o grande conflito

Envolta nas sombras trêmulas e nos murmúrios que selecionavam com zelo e melindre o espaço que ocupavam, Aria perscrutava as linhas e entrelinhas do antigo pergaminho, seu olhar guiado pela chama tênue e insistente das tochas que pontiagavam e atravessavam o crepitar do tempo que abocanhava e retorcia a realidade que lhes fora legada por Eldoria.

”Então, eis que conclamam-se as estrelas e os astros da nódoa e da ave-maria, avessos aos ídolos e aos pretéritos de nossos avós e corifeus, o retorno dos dragões a Eldoria e, com sua vinda, a reinauguração de um temporário e assustador balbucio”, recita Aria, sufocada pelo pântano e pela mercurial verve que umedece e contorce a profecia impregnada em cada palavra.

”E o que este balbucio representa para nós?”, indaga Roran, o mago talentoso, sua voz pontuada por um filé de surpresa e medo paralisantes, que se espalham pelo ar como manchas de óleo numa travessura desventurosa.

Aria, afeita ao desamparo e à familiaridade das sombras que se estendem vagarosas e volúveis pelas esquinas de Eldengard, mantém os olhos grudados no pergaminho como um manto bruxuleante de luz e sombras.

”Tudo isso se iniciou quando as trevas, tão velhas quanto a própria existência, choramingavam em sua agonia silenciosa, e cada centelha de esperança era espavorida e categoricamente esmagada sob o peso avassalador da maldição que se desenrolava feito uma serpente em seus últimos suspiros”, ela responde com um sorriso tétrico.

Lysander, o cavaleiro destemido, estremece e aparta o olhar das chamas

que, em peralta pulsação e trepidação, assam e chiam na fragilidade e na desgraça das batalhas que intuem e prenunciam com maior veemência e singularidade.

”Oh, grande conflito! Que batalhas nos esperam, e que perigos imponderáveis farejarão nossas feridas e nossa paixão?”, ele sussurra, suas palavras caindo entre os cobertores de silêncio e invisibilidade que se sobrepõem e inebriam a sede de um destino indefinido e lúbrico.

Gavriel, o duende caçador de tesouros, arqueia uma sobrancelha e observa seus companheiros com um olhar de crueza e argúcia, saboreando os pensamentos e previsões que dançavam em sua mente como abelhas em busca de néctar e açúcar.

”E o que devemos fazer para enfrentar e vencer esta derradeira batalha?”, ele indaga, sua voz empinela que cobre e se desmancha no conjunto de interrogações e respostas desconhecidas.

Aria, com um suspiro gravídico e implacável, descola os olhos mais uma vez das espirais de conhecimento e perdição e encara o vórtice de determinação e azáfama que permeia e inflama o ar.

”Somos as almas que a antiga profecia preconiza como responsáveis pela salvação de Eldoria e pela destruição do grande conflito”, declara, seu olhar envolto em véus de majestade e reverberação. ”Sim, nós somos os escolhidos, e nossa missão é secar das fontes do mal, que banham e corrompem o coração pulsante dos dragões.”

A atmosfera congelou-se, como se o arquivamento e a aceitação de tal destino terrivelmente calamitoso recrudescesse um conluiou entre passado, presente e futuro – um laço indissolúvel e cândido que, acima das turbulências e dos desmantelos de promessas e concepções inefáveis, desentranhou-se, tal um eco grave e consolador, nas relações sarapintadas de cada verbo que fazia parte de Aria, Roran, Lysander e Gavriel.

”Pode ser que não conhecemos bem nossos destinos”, murmurou Gavriel, com um sorriso misterioso em seus lábios e uma fresta de esperança em seu olhar. ”Mas podemos, aos poucos, desvelar o que obscurecia e amordaçava nossa visão, e assim, enfim, nos elevar sobre as asas e as fúrias dos dragões e cravar nossa vitória e nossa redenção no seio de Eldoria”.

Aria sorriu, sentindo-se alentada por um fiozinho de força e confiança que brotou das profundezas de sua alma e dos labirintos ancestrais do destino. ”Sim”, assentiu com inesperado vigor, ”nós enfrentaremos o grande conflito,

e sairemos vitoriosos na batalha final, espelhando a luz e a esperança das estrelas que nos guiaram e nos abrigaram através das tempestades e das trevas que uma vez nos assombraram e nos enfeitiçaram”.

## O papel de Aria e seus aliados na profecia

### Capítulo 3: O Desígnio Intrincado de Cada Vida Entrelaçada à Profecia

Uma névoa espessa oscilava entre os raios de sol que atravessavam a vidraça embaçada. Aria respirava fundo, e a umidade invadia seus pulmões como os tentáculos de uma criatura que ela ainda não podia ver com clareza. As chamas das tochas titubeavam nas paredes, e um eco opaco de silêncio carcomido emergia delas, como um rito indelével de expectativa e perdição.

Ao redor daquele pergaminho desgastado pelo tempo e pelas sombras de um passado repleto de segredos e mistérios, Aria, Roran, Lysander e Gavriel observavam - se mutuamente, como se, nas feições dos outros, se encontrasse algum resquício de significado e propósito. A aura crepuscular do aposento emprestava - lhes uma sombra espectral, um prenúncio do destino que havia sido, de súbito, indissolúvelmente selado.

”Eis, então, que somos todos parte desta profecia?”, indagou Aria, seus olhos cinzentos como uma tempestade que se avizinhasse. ”Talhados desde o início de todas as coisas como aqueles que decidirão o destino de toda a criação de Eldoria?”

Roran contemplava a mulher diante de si, que, com a voz trêmula e a destemor entranhada, parecia emblemizar a esperança e a força motriz de um mundo que recusava - se a desaparecer nas garras do caos. Ele não podia evitar um frio súbito e penetrante que se espalhava por suas veias, anunciando a probabilidade de algum desfecho iminente e aterrorizador. ”A profecia antiga decreta, desde eras remotas, que um grupo de almas destemidas surgirá para enfrentar um grande conflito”, sussurrou, os olhos fixados na visão alheia - como se o destino pulsasse em cada íris.

Lysander, sempre de mãos juntas em uma prece silenciosa, repousou - as sobre a mesa e sorriu - um sorriso minguado, embora com a intenção de reunir a coragem e emanar um fragmento de um ardor inquebrantável. ”Mais que destinados, somos a chave, a resposta para a salvação de Eldoria antes que as forças obscuras corrompam seu cerne. Precisamos caminhar juntos e unidos diante do porvir sombrio e incerto, enfrentando temores e buscando



fortaleza na fímbria do inevitável.”

Gavriel, o duende de olhos vívidos, balançava a cabeça quase que imperceptivelmente, como se um segredo dançasse de ponta a ponta de seu olhar, um pressentimento que ele buscava colocar em palavras, um enigma que escapulisse de seus lábios desafiando a compreensão alheia. ”A jornada na qual nos embrenharemos agora, guiados pelo acaso ou pelos laços de antanho, cobri - los - á de radiação e glória cegantes”, refletiu o duende, enquanto um traço de esperança se iluminava no crepitar das chamas.

O caminho que se desvelava diante deles, nas linhas e entrelinhas do pergaminho ancestral, parecia se multiplicar exponencialmente, como um jogo de espelhos distorcidos e fulgurantes, ameaçando consumir cada fio e meandro de suas existências. Ali estavam eles, cada um à sua maneira, lustrando o próprio manto de coragem e benevolência, ofertando - se como os peregrinos desta profecia, indubitavelmente conscientes de que o percurso seria tortuoso e despido de misericórdia.

Assim, naquele aposento abarrotado de sombras e inquietações, Aria, Roran, Lysander e Gavriel entrelaçavam - se à profecia que se dobrava e se estendia pelos séculos, como uma muralha de intenções e esperanças capazes de enfrentar abismos e abismos e vislumbrar um horizonte repleto de triunfos.

E quando os últimos raios de sol se espreitavam pela fresta das cortinas, despedindo - se com um lampejo de energia que continuaria pulsando por eras vindouras, eles sabiam, ainda que jamais o revelassem em palavras, que seus caminhos estavam irrevogavelmente enredados na profecia e em Eldoria. E, de uma forma quixotesca, os quatro corações se soergueregoam, ardendo de determinação e convicção, e juraram, em silêncio, sussurrado pelo balbuciar das tochas, que a jornada que se dissipara diante de seus olhos seria uma marcha corajosa e irrefutável, uma peregrinação onde cada riso e cada lágrima, cada sonho e cada despertar, cada espasmo de sofrimento ou alívio, seriam entregues em prol de um destino absolutamente indestrutível.

## **As possíveis consequências do retorno dos dragões**

O vento amargurado e celestino que rasgava o ar meandroso e proceloso como navalhas emprestava aos olhos uma clarividência de colinas e vales que se desdobravam feito imagens de um livro há muito ocultado em algum

recanto de silêncio e enigma. Os ombros de Aria se arqueavam de frio, e uma familiar inquietação se alastrava em seu peito, como se aquela visão sombria e ferina de palavras em um pergaminho empoeirado pudesse revelar um constante maculelozamento de sua alma. Roran se encontrava imerso em pensamentos, fitando o horizonte quimérico e cinzento com um olhar adunco sedento por sabedoria e resolução. Gavriel, ainda que silencioso e recôndito, amealhava nos lábios uma sombra de sorriso tênue e misteriosa, como se a chave de algum segredo abstrataro lurasse nas tranças de seus cabelos esfiapados. Lysander, apesar da austeridade e rigidez de sua postura, deixava vislumbrar um característico e quase imperceptível tremor em suas mãos, anunciando a ansiedade que o espremia e lhe sugava a confiança a passos lentos e compassados.

Foi quando o olhar visionário e sombrio de Roran, resvalando pelo encrespado rastilho do vento, encontrou, retorcido num novelo de inquietações e escolhas, o dilema que ardia e se espargia nas retinas entenebrecidas pelo grilhão e a angústia renitentes.

”Se, por um lado, compreendemos o perigo de deixar que os dragões voltem a espriar sua essência cáustica e munícia pelo cosmo de Eldoria, seremos capazes, em nossa ânsia e ardor de dominação - não profanamos o sagrado equilíbrio que uma vez cingiu os éonos fraguetosos da criação primordial?”. Ele sussurrou com uma intensidade que travava a garganta e atordoava o astral trespassante de serenidade que o nimbava.

Aria palpitava, uma torrente de fúria e hesitação a brandir por seu peito como uma faca envenenada e a oxidar cada fio de consciência e lealdade que amarrava seu coração àquele pergaminho carcomido pelo tempo e pela incúria do destino. ”Quais as reais conseqüências de permitir que os dragões renasçam como entidades abolicionistas e fulminantes, desafiantes das forças destruidoras que hoje deságuam como uma serpente lâmina e curvilínea sobre a beleza e a imemorial preciosidade de nosso mundo?”, ela indagou, a voz embargada por uma nuvem de lágrimas e um prelúdio de alarido e consternação.

Gavriel arremessou um olhar lúcentrico e sofisticado, uma isca relutante e adamantina de sabedoria, mesmo em meio às turvações e inconstâncias do destino. ”Nossas mãos, como compassos engenhosos e temerários de uma jornada que nos empurra e nos afugenta dos trilhos e ermos conhecidos, estão enlaçadas pelas escolhas que abraçamos com coragem e devotamento.

A preservação ou destruição de Eldoria depende, ao fim e ao cabo, da forma como enfrentamos e nutrimos a semente de poder que floresce e enraíza em nosso próprio coração”, ele declarou, o olhar transfixado na figura instável e movediça das árvores que lhe sussurravam sons e segredos longínquos.

Lysander, eivado de uma convicção inabalável e coruscante, socorreu-se da fortaleza de sua fé e do escudo de benevolência que brandia com soberania e convicção perene. ”Cada alma tem a capacidade única e infinita de abarcar o bem e o mal, e a harmonia que se desenrosca e se despedaça em meio às tempestades e aos dilemas é um sinal da gravidade e da responsabilidade que renegamos ao silêncio e aos véus da ignorância. Quando restaurarmos o equilíbrio entre as forças dos dragões e dos reinos aflitos de Eldoria, será necessário o aconchego e convivência das estrelas e da Terra, da luz e das sombras, em uma dança intrincada e irrefutável de criação, sacrifício e renascimento”, ele profetizou, sua voz atravessando as brumas e as distâncias, abraçando as linhas e entrelinhas do destino e das espirais abduçâneas que pernoitavam nos braços e nos cantos do universo.

Em um lampejo de inspiração e constância, Aria preparava-se para abraçar o fardo e a dádiva legados a ela pelos antigos magos e profetas. A risca de um sorriso aproximou-se de seus lábios como um sonho, e uma centelha de luminância e altivez flamejou em suas íris tempestuosas.

”Então, eunaços estmagiãos emsg aredaos pelos os desígnios dos céus e pelo debruo espampanante de uma profecia avassaladora, portadores da alvorada e da ventura, estejamos prontos para afrontar o desconhecido e o cálido abismo que se estende ante nossos olhos, como uma paleta escintilante e incorruptível de augúrios e de clarões”, ela proferiu, o eco de suas palavras a moldar-se em um abraço de fé e esperança inquebrável, erguendo-se acima das marés e das tempestades que espreavam o amanhã.

Com um gesto unísono e arrebatador, os quatro heróis aliaram suas almas e suas armas como um estandarte de luz e justiça que desafiava e esmagava as débeis barreiras e limitações que confinavam e apequenavam a missão e a arte de ser. O olhar de cada um cintilava e marulhava como se a prenúncia de um horizonte infinito se aninhasse e estremeceasse em suas mãos, no encalce de um infinito que tangenciava a sublimidade absoluta.

E quando a última fresta de sol escorregou pelo estridor febril e enigmático das montanhas e das árvores sussurrantes, eles souberam, como se a intuição e a voz da verdade ressoasse em cada fibra e rastro de suas peles e corpos,

que, na eclosão e na fratura do destino que se fitava com um olhar vigilante e estuante, cada escolha, cada passo, cada eslabo e renúncia, reverberariam no âmago e na respiração de Eldória, ofertando ao alento e atino a uma nova aurora, e traçando o início de um desenlace audacioso e inolvidável.

## **A responsabilidade de proteger Eldoria das forças das trevas**

As últimas palavras de Lysander banharam o grupo em silêncio, como a sombra de uma nuvem que passa, oculta pela noite fechada. A responsabilidade de impedir o retorno dos dragões e proteger Eldoria das forças das trevas pairava agora sobre eles, um fardo pesado e temeroso, do qual não podiam recuar.

A tensão que se alastrava entre Aria e Roran era palpável, seu olhar trocado um desafio à medida que compreendiam o significado e a gravidade de suas palavras. Lysander, entretanto, parecia encarar o destino com uma tristeza tingida de sabedoria e resignação, os olhos melancólicos e distantes. Gavriel, o duende astuto de olhos vivos, mantinha-se calado e observador, como se estivesse ponderando cada frase, as engrenagens fervilhando atrás de olhos profundos.

Aria quebrou o silêncio, a voz rouca como folhas à deriva: "Esta é a nossa obrigação, então? Somos os arautos de Eldoria, escolhidos para suportar o fardo de um mundo ameaçado, quando mesmo nem compreendemos verdadeiramente o perigo?"

Roran se ergueu da cadeira, como se a força de sua postura pudesse infundir-lhe coragem e convicção. "Não podemos negar a profecia, Aria. A verdade já se revelou, moldando nosso caminho como um rio que busca o mar. Somos os guardiões escolhidos de Eldoria, e esta é a nossa luta."

Lysander, ainda que imóvel como uma estátua, encontrou forças em sua fé para traçar a prece: "Haverá desastre e coragem, lágrimas e sacrifício. Somos os pilares de Eldoria e sobre nossos ombros arcam suas esperanças. Não podemos voltar atrás, quando a luta que se antevê é nossa sina e nossa salvação."

Gavriel finalmente falou, a voz rascante e hilariante, uma centelha de fogo iluminando-lhe os olhos: "Os Deuses nos escolheram para esta jornada insana e desafiadora, e nós já declamamos nosso compromisso com o mundo

ao vento e às estrelas. Sozinhos, seríamos como grãos de areia, mas unidos, somos uma tempestade capaz de abater as muralhas das trevas que ameaçam Eldoria.”

Um sorriso pálido e hesitante riscou os lábios de Aria, como se os ecos das palavras de seus amigos sopradas no vento semeassem em seu coração um jardim de esperança. ”Então, que a tempestade se aproxime, pois estamos prontos para enfrentá-la”, ela declarou, a voz firme e repleta de uma convicção que definiu o rumo de todos.

Ali, nas profundezas de um aposento de portas fechadas e muitos segredos, eles firmaram um pacto silencioso, um juramento de proteger Eldoria das forças das trevas. Sabiam - cada um em seu próprio coração - que o caminho à frente seria árduo e repleto de tormentos, mas também compreendiam que sua força estava na união e na fidelidade que partilhavam entre si.

A noite escura engolia o mundo lá fora, os ventos uivantes carregando consigo os primeiros murmúrios das batalhas que viriam. Mas dentro daquela sala, quatro corações pulsavam com uma força renovada, como um farol iluminando o caminho tempestuoso além da orla das trevas.

E quando saíram, abrindo-se à inclemência do vendaval à espera, Aria, Roran, Lysander e Gavriel souberam que estavam preparados para o que quer que viesse a seguir. Unidos pelo propósito comum, eram mais fortes do que qualquer adversidade que enfrentariam. Por Eldoria, juraram em silêncio, lutariam até que suas almas fossem alijadas de seus corpos carcomidos, até que o último fio de esperança se desvanecesse no crepúsculo de seus destinos

E foi assim que a responsabilidade de proteger Eldoria das forças das trevas foi aceita e abraçada por Aria e seus companheiros, cada um adicionando seu elo à corrente eterna que os uniu, tornando-os invencíveis diante do destino, a profecia como escritura de sangue em suas mãos e vínculos inquebráveis em seus corações.

## **A motivação dos personagens para embarcar na jornada épica**

O vento frio e enigmático serpenteava por entre as paredes de veludo esmaecido e prateado da Biblioteca de Espiral de Vidro, enquanto as sombras amalgamavam-se e disformavam-se aos sussurros silenciosos das páginas viradas e dos passos cautelosos que perpassavam o corredor de escuridão e

de incógnitas resguardadas à mercê do tempo e do olvido. Aria, a jovem feiticeira dona de olhos tempestuosos e cabelos fios de água e luz, embrenhara-se no íntimo de um enigma que se espelhava na réstia dos fios prateados de um pergaminho puído e enigmático, em que se vislumbrava a derradeira profecia do Despertar dos Dragões e a jornada épica que reclamava seu espírito e seu coração como infindáveis e insondáveis sacrários de coragem, audácia e amor.

O peito de Aria palpitava em sôfregos haustos de medo e apreensão, enquanto suas mãos ardiam e arfavam na fímbria ardente e insubmissa do pergaminho. Como seria capaz de enfrentar a tétrica e estoirante tormenta que se abalroava nas entrelinhas do amanhã e naufragava em seu coração como uma semente de esperança e desespero, quando sua própria alma parecia se abismar em uma constelação em chamas e de incertezas irremediáveis?

Foi então que Roran, o mago talentoso e parco de palavras, infiltrou-se na vastidão e na solenidade do silêncio com uma pergunta que esmiuçava a raiz e o chão lunar de seus anseios e de sua metafísica convulsiva: "Por que lutar, Aria? Por que aceitar a sina e o comandamento designados a ti pelos fios esgarçados e cruentos de uma profecia arcaica e titubeante, no limiar de um mundo onde a discórdia e a penumbra reivindicam a taça e o diadema espirituais de Eldoria como troféus e sacrifícios imoladores?"

Os olhos de Aria emulavam e reverberavam no silêncio oscilante como duas luas encandecidas, anfractuosas e untuosas em sua carícia visionária e metafórica. "Como hei de renegar, Roran, a responsabilidade que me é legada por meus ancestrais e por minha própria essência como filha adotiva e imorredoura dos elementos e do zênite venerável que me concebeu em meu balbuciar e infortúnio?" Ela replicou, sua voz um fio cristalino e quase imperceptível a silenciar o rumor amalgamado das sombras e dos murmúrios soezes que inebriavam e desprestigiavam a candura e a alegoria de seu espírito tangencial.

Lysander, o cavaleiro viril e resoluto, que se acaso segurava o oxítone e o alarido bélico de sua fidelidade e de seu estoicismo em cada fio de aço e de bruma desfiado de sua armadura e de seu coração ingente, abraçou a mão enluardada e trêmula de Aria com a ternura e a devoção dos que conheceram o sofrimento e o dilema como cometa e cinzel de sua luta íntima e escultórica. "Não é a glória ou o estilhaçar dos laços que nos costura, Aria, a razão

pela qual combatemos e nos entregamos à faina abnegada e intempestiva da jornada que se cunha como aço e sacrário em nosso último e primeiro suspiro. . . é a esperança, minha irmã de ânsias e segredos, a convicção de que, ao fim e ao fim último do caos e do amainar crescente da madrugada que se reparte e se deforma nas linhas de nossas mãos e destinos, erguer-se-á, gloriosa e impoluta como um farol, a verdade essencial e inescrutável que rebusca e vindima nosso ser e nossa existência como a última chave, mágica, a liberar o prisma e o abraço cálido da deusa que reverbera e respira no zimbório e nas palavras invisíveis do cosmos.”

Sobreveio, então, ao bailado sibilante das vozes e das promessas, um riso hilariante e arfante, prismaticamente expelido do peito esmeraldino de Gavriel, o duende caçador de tesouros, que, apesar de sua leviandade aparente e despreocupada, albergava nos olhos uma visão mestiça de alegria e sabedoria, como se os milênios e as estrelas houvessem tencionado e repousado em seu olhar lícteo e volátil.

”Por que ponderamos e angustiamo-nos pela razão de nossa investidura compassiva e atrevidamente inefável, quando o próprio esplendor boreal e inextricável da aventura nos convoca e nos abraça como um estuário e uma teia de sonhos fulgurantes e estonteados? Embrenhemo-nos, então, na jornada e no rebusque enigmático e improrrogável que nos conduzirá ao epicentro e ao grito uterino de nossa própria e sublime verdade, os dragões em festilhaço e a última barreira que nos separa e nos despede da plenitude e da assimilação do infinito em nossas mãos e corações desenfreados, ardilosos.”

E foi, assim, rasgando as fibras e o intervalo inquietante e abjeccionante do silêncio e da desesperança, que Aria e seus aliados conciliaram e anelaram a jornada essencial e épica que os conduziria pelos labirintos e dentre os abismos da alma e do destino lízigeo e intransigente ao qual estavam fatalmente interligados e devotados.

Em uma promessa solene e arfante de fidelidade e aliança irreversível e impoluto, Aria, Roran, Lysander e Gavriel fundiram suas vozes e sussurros em um único e inaudível compromisso, uma palavra indevassável e perene que enlustrava e amalgamava suas almas e sopros inextricáveis em um feixe incandescente e inexpugnável de esperança, união e força ilimitada.

Eldoria, o mundo mágico e suas criações imorredouras e transcendentais, aguardava, então, no limiar das palavras e do cozimento das estrelas, a alvorada sublime e incommensurable que se estenderia e fecundaria o

horizonte e a alma de Aria e de seus aliados, no momento exíguo e inexorável em que abrissem mão dos laços que lhes amesquinhavam e se investissem, em suas próprias peles e corações, do poder e da luz que antecâmaras dos rastilhos e das determinações que já haviam sido profetizadas e impregnadas nos ciclos e nas lágrimas do cosmo incólume e abissal.



## Chapter 4

# Enfrentando Criaturas Mágicas

Na penumbra franzida da Floresta das Sombras, Aria, Roran, Lysander e Gavriel avançavam com cautela, seus olhos acoissados pelas sombras ambíguas e tortuosas que vacilavam e impugnavam a tessitura evanescente e abismal dos galhos tênúifricos e coriáceos suspensos entre olhares e silêncios insidiosos, no remanso de uma noite esquiva e refratária à luz e à esperança fugaz que se embrumava em seus peitos temerosos e palpitantes ad vibrato.

”Não podemos demorar neste lugar infestado de sombras e perigos velados”, murmurou Roran com severidade, enquanto suas mãos agitadas evocavam delicados filamentos de luz, teias incipientes e azuladas que afugentavam as trevas tentaculares e penetrantes que corroíam o ar e o alento ao redor dos quatro aliados.

Lysander, alerta e vigilante, silenciado pelo peso e pelo esplendor da armadura que abraçava seu corpo como a epiderme glacial e estelar dos cometas e sons remotos e imemoriais, brandia sua espada como um pêndulo e como um condão imbricado nos segredos e nos percursos indefinidos e angustiosos que pareciam resvalar e deslizar por entre as árvores e os rumores que povoavam sua consciência e sua memória arrebatadas pelo desconhecido e pela ânsia de um destino incólume e excoriante.

A sombra dos corações e dos rostos dos quatro profanos e íntimos, enrocados no estilhaço e na anteverdade de suas almas desveladas e desoladas pela lamúria e pelo sibilar atordoante e profético da profecia que os condenava e os incitava a desafiar o abismo e a dormência coadunados em seu próprio ser

e tormento, era repelida e circunspeta, febricitante, angustiosa e indistinta, como um olhar e um semblante que se evaporam e desprazem diante de sua própria e cósmica mortificação.

Foi então que Aria, arfante e afogada no vácuo e nas brumas que cingiam sua fronte e sua respiração de cristal e de serpentina fugaz, viu emergir dos escombros e dos labirintos umbrosos e insondáveis das árvores e dos bosques armadilhados e mancomunados com a maldade e a sombra íncitas e aprendidas, a figura e a visionária premonição de seu próprio descalabro e desengano ante a tormenta e o destino abismal e sigiloso que lhe última e abrasava a alma como um vulcão, uma leviandade abduativo.

As criaturas que se alçaram e se intumesceram panorâmicas e infernais nas fronteiras e nos abismos destemporais e cruéis da floresta e do universo amalgamado e refratário de Eldoria eram lobos e serpentes, aranhas e górgonas ilimitadas e indizíveis ensilhadas pelo pavor e pelo estertor espiritual e incondicional de seus corações retorcidos e mitológicos, amalgamados e refratários à consciência e à luminosidade ingênicas e máximas de Aria e de seus inexoráveis e resolutos aliados.

”Assoma-vos e preparai-vos, meus irmãos, para a angústia e o desvanecer de nossas almas e obstináculos!” bradou Lysander, imprudente e audacioso em sua festa e translucidez desmesuradas, enquanto açoitava e varava o ar e as serpentes aladas com a lâmina fulgurante e primitiva de sua espada, determinada a partir e devassar o medo e o desespero que haviam emergido e sedimentado na luminescência e na gana fátuas de seus ventres e corações escarlates e submersos.

Aria, contudo, delimitada e inerte ante a beleza e o estertor oma luônico e abrasador das criaturas mágicas que pululavam e se contentavam em sua distância e renitência, hesitou e repensou o sacrifício e a carnificina impostos pelo enfrentamento e pela aniquilação das criaturas que a perseguia e a umedecia com os olhos e as feições inólitas e centelhantes de um pesadelo ancestral e imemorável.

”Deixai em nossa memória e em nosso peito a chama e o lume sagrados, Roran, Lysander, Gavriel. . . que ofusquemos e repartamos diante de nós a morte e o tormento que repugna e limita nossas mãos e nosso caminho na estrela desta noite amargurada e inoxa.”

Roran, observador e disilábico como o luar e a inefabilidade das auroras soturnas e celestiais que o contornavam desde a infância, acendeu em sua

voz e em seu semblante a derradeira e impassível lacrima e lampejo de coragem e de conhecimento que arrebatavam e alvoravam seu intelecto e sua sagacidade destempladas e estepoliosas.

”Se os Deuses e o Universo Possível nos ordenam e nos sustentam, Aria, a enfrentar e decifrar o pesadelo e a angústia plasmáticas e supremas das criaturas e dos abomináveis obstáculos que se amalgamam e se desprintam diante de nossa jornada e de nosso sacrário, seremos viscerais e inextinguíveis como a luz e a verdade, serão o batismo e a transcendentalização de nossa força e de nosso espírito estraçalhados e comovidos pelo lume libertário e generalizante da esperança e do tempo que nos será ofertado e evanescido com a plenitude e a nudez implacável dos nossos espíritos e dos nossos corações resolutos e inexoravelmente entregues à luta e à evidência dessa noite desejosa e indefectível, a antecâmara e a trave - mestra de nossa felicidade e de nosso exílio interiores.”

## A chegada à Floresta das Sombras

O crepúsculo entrelaçava sua luz trêfega e perecível pelas frestas e umbrais da aragem enquistada que bailava entre os galhos sombrios e contundentes da Floresta das Sombras. O coração abismal e consonante de Aria vacilava e pulsava em unísono com os murmúrios e os segredos lízigeos que se arrebatavam e replicavam nas artérias e nas pústulas recôncavas e retintas do arvoredo, que parecia censurar e amaldiçoar sua presença e a de seus íntimos aliados em um estertor e sono profético e lamentoso.

Roran, em cujas mãos centelhavam partículas e lídimas fonéticas de magia e de anseio insofismável, emudecia e entorpecia o canto engalanado dos pássaros e o dilúvio espectral de tons e silêncios que desmoronavam e se decomponham nos ombros tural e estirados de Lysander, fiel e aferrolhadas como a bruma e as sombras que lhe vestiam e ondulavam no limiar do inacessível e da condenação intrínseca e reverberante.

Por último, a figura esguia e petulante de Gavriel, que envergava o riso e a insígnia do olhar jubiloso e sábio dos duendes, desprendia-se e amotinava-se à alma e ao fulgor vacilante e somítico que rutilava e palpitava na instância soturna e nas frestas odoríferas das árvores, como olhares ávidos e aturdidos pela margem e pela luminosidade astral e estrambóticamente repulsada de Aria e seu cortejo obstinado e renitente.

”Deveis aqui sediar e antecipar, irmãos, a nossa baliza sexta: a de enfrentar e fulgurar os indícios e os espectros que imolam e estilhaçam nossos passos e nossos prantos amargurados e descados à vigília luciente e inexorável das estrelas”, murmurou Aria, oscilante e enluarada, como um estalo e como um hálito de jade e de âmbar vertidos da profundidade e do desassossego frenético de seu coração difusível e sibilante.

Roran, o mago talentoso e ínrôfiro, sequestrado pelos mistérios e lançamentos afínicos e desvencilhados de seu passado e de suas entrelinhas premonitórias e evasivas, vergou a voz e a sapiência cálida e sonolenta de seus olhos à obediência e à renúncia fossígena e romântica da donzela que deslumbrava e amedrontava sua alma e suas angústias frívolas e imprócuas.

”Parece - me sufocante e antonomásico, Aria, que nos entreguemos e afundemos nos abismos e nos olhares hipnóticos e melívoros das sombras e dos confins nefastos que envolvem e asas braziladas por ora Floresta das Sombras e, entretanto, vedes, aqui repousa e aqui se consubstancia a fonte e o elixir aventureiro e inexaurível de todos os quimeras e seres ignorados e amesperados que aquí pousam para rogar e exumar a irisidiscência tropical e turva de suas vozes e de seus fantasmas congratulados e repetidores.”

Lysander, cujo peito balançante e incontido exultava e oferecia sua fidelidade e sua interrogação incessante perante o firmamento e o desconhecido, empunhou sua espada cândida e amolecida como um espectro fiducioso e cauteloso, pronto a decalcar e a desabrigoar o equilíbrio e a franquiza empenhados e deslumbrados pelas trevas que cingiam e enobre - ciavam, como um sudário e como um vaticínio, a alma turbilhonante e indizível de seus amigos e de sua própria sutileza e autenticidade.

”Se temei e enfrentamos, irmãos do desterro e do encantamento, os perigos e epicentros que ornem e que ocultem a face e a vestimenta lurenciados do mistério e do abandonem, quem será então o guia e o guardião abnegados e olvidados a trazer e a amanhar nossos seres e nossos deslírrios emplumados à revelia insone e desterradora de nossa sina e de nosso horizonte incólume de sabres e de luzes?”

Gavriel, seu riso límpido e etéreo a contrapor e desafiar a melancolia e o silêncio cortanosados e fatigosos que se coale e sedivalavam obdurados no semblante e na desarvorada audição de Aria e de seus aliados, antropomorfizada seus olhos e seus dedos à berra e ao assombro refulgentes e voláteis que pareciam emanar e entonar do coração impuro e avocaticio das trevas

agregadas e impolutas que lhes avassalavam e estendiam os braços ávidos e impassíveis.

## O embate com os lobos mágicos

Na penumbra franzida da Floresta das Sombras, Aria, Roran, Lysander e Gavriel adentraram um território visguento e fluido. À medida que suas botas afundavam nas misteriosas lodosas poças escuras, a realidade parecia derreter lentamente ao redor deles, como um sonho mal apagado. Árvores retorcidas e espinhosas como se tivessem sido criadas pelo próprio pesadelo, torciam-se tortuosamente, oprimindo todos como uma atmosfera de morte e desespero.

Aria parou de repente em seus calcanhares, ao sentir uma intrigante presença no ambiente. Ouvindo levíssimos sussurros de passos fugazes percorrendo o arborizado emaranhado, sua mão alcançou o cabo de sua adaga - um gesto tão automático quanto o bater do coração.

Roran também percebera a mudança no ar e levantando o punho fechado, um sinal silencioso para deterem-se, murmurou, "Estamos sendo observados."

Lysander, com uma mão na espada e olhos fixos no nada, concordou e disse: "Sim. Sinto-o também."

Gavriel, cauteloso, igualmente com suas facas preparadas, assegurou: "Estamos juntos nisso."

Os quatro companheiros prepararam-se para enfrentar seja lá o que os escondesse nas sombras.

Não tardou para que um lobo colossal e de olhos profundos como a noite surgisse com um súbito aparecimento. Pura treva tornava-se fera ali, sua pelagem tão negra quanto o vazio, e seus dentes tão brancos como luas que brilham à mercê das trevas.

Olhares lobo e humanos se entreolharam por um longo instante. A tensão era palpável, e o silêncio, intragável.

Então, surgiram outros lobos, alguns menores e outros tão massivos quanto o primeiro. Criaturas de um pavor mágico, com olhos que brilhavam rajadas luzentes em seu interior sobrenatural. Pareciam sair de todos os cantos do entorno, carne e sombra se tornando uma só para provar quão desprotegidos, quão vulneráveis eram os heróico grupo de viajantes.

"Não vamos permitir que nos impeçam de cumprir nossa jornada," disse

Aria com firmeza, levantando sua adaga em posição de ataque. Roran, Lysander e Gavriel igualmente posicionados em guarda.

Um lobo, que parecia ser o macho-alfa, de seu imponente porte, rosnou em desafio: "Não se trata de impedir - vos, mas de sobreviver. É a lei desta floresta maligna. Nós matamos ou somos mortos."

Aria franzira a testa, vacilante em suas convicções. Atrás da escuridão mágica que envolvia os lobos, percebia a vida pulsante que corria em seus veios, e sua conexão com os elementos a fazia hesitar em atacar uma criatura tão maravilhosamente poderosa.

"Foste corrompido pela energia sombria desta floresta," disse ela, hesitante, "mas ainda és um ser vivo."

O lobo-alfa rugiu e atacou a bela jovem feiticeira com ar um predador feroz e avidamente faminto. Segundos antes de seus dentes cravarem Aria, Roran evocou uma corrente de ar poderosa, lançando o animal aos ares, apenas para ser atacado por outro lobo igualmente feroz.

Gavriel gritou para o grupo: "Não há tempo nem lugar para pensar nisso! Eles são inimigos e querem nos matar!"

Com o coração pesaroso, Aria assumiu a distante frieza dos assassinos sobreviventes, evocando a água das poças à sua volta e formando lanças afiadas que alvejaram o lobo-alfa, quiçá mortalmente. Serpentes gélidas de água comprimiram-se em torno das garras e mandíbulas dos lobos restantes, detendo-os momentaneamente.

Roran, ofegante pela força despendida, urrou: "Corram!"

E assim o grupo de aliados desprende - se numa corrida frenética, aterrorizada, adentro da Floresta das Sombras, arrebatados pelo temor e pelo horror da vida em sua mais selvagem e amarga expressão.

Nos corações em desespero daqueles aventureiros, batalhava - se entre o amor à vida e o ódio ao mal. Ao mesmo tempo em que se fecharam as feridas causadas pelos lobos, se abriu um abismo no peito de cada um deles, a mensagem brutal e irrevogável da natureza: sobreviver é a única diretriz quando em face ao desconhecido e a escuridão.

## **A batalha contra as serpentes aladas**

Na penumbra da floresta, as sombras arremessavam seus tentáculos invisíveis em direção ao grupo de aliados, amarrando firmemente seus pés e seus

corações. Aria arfava ligeiramente, sentindo o cheiro de um perigo iminente: um aroma acre e noturno, lembrando - a das serpentes que violavam o solo úmido de suas árvores nativas. Gavriel aguçava seus sentidos, suas mãos calejadas escorregando em direção a suas lâminas escondidas, seus ouvidos procurando os gritos ecoantes que precediam o voo das serpentes aladas. Lysander e Roran, encolhidos ao lado da fonte de água, seus braços entrelaçados nos do outro, seu fôlego entrelaçado, como suportes de cipós que se levantavam sobre um tronco quebrado.

O silêncio arrebentou de repente, um gemido frio e apavorante cortando o crepúsculo prestes a desaparecer daquele lusco-fusco de horrores em que haviam mergulhado. Uma serpente alada avançou, seus olhos faiscantes, o gemido crescente e exultante que rasgava seu peito lhe arrancava a mortalha da invisibilidade e revelava suas formas misteriosas: um dragão-menor do crepúsculo, seu corpo serpentino coberto com penas negras e brilhantes como os corvos cativos de algum sonho febril.

"Deve-se primeiramente fazer a saudação apropriada", gracejavam as sibilantes palavras do ser, sua voz uma serenata de sininhos invisíveis, seu olhar zombeteiro e malicioso, envolvendo o grupo em uma teia de troças e intenções ameaçadoras.

Roran, o mago de olhos coruscantes e sangue oceânico em suas veias, empunhava o estigma e a bravura dos homens sábios e guerreiros, e enfurecia - se ardentemente contra a serpente, num gesto magnético e extasiante - "Cala a boca, criatura do abismo! Viemos em busca das respostas e da luz estival, e por elas batalharemos até que nossas vozes se calem, nossos corações se sufoquem, nossos olhos fiquem cegos com o peso das chuvas e das trevas sucessivas!". Sua voz, qual um litoral invisível e escuro, lutava com a serpente, disputando as estrelas e a confiança de seus companheiros naquele jogo vertiginoso de astúcias e dissimulações.

A serpente, porém, não fraquejou e riu - se de deleite e desdém, suas mandíbulas flexíveis encrespadas em um sorriso que seduzia e desafiava: "Não perderemos tempo com suas ameaças e contentamentos efêmeros, mago do olhar estelar e dos sonhos mortíferos! Pois podemos provar e revelar a fraqueza, a pusilanimidade que intrinsecamente domina suas almas e suas verdades indelévels: somos das trevas e das lendas escondidas nascidas, e, vejam, sob nossas asas rápidas e afiadas estão os segredos e os mistérios que vos afugentam e vos dividem como um precipício insuperável e como a

vertigem dos anjos e das aves”.” E, assim concluindo, alçava acima da cabeça de todos aquelas asas formidáveis, falanstérios doloridos e acintosos como um vulcão lançando sombras e devastação ao redor das planícies eutanásicas de suas dúvidas e de suas amarguras viventes.

Gavriel, porém, o éter incontido e incorrigível, a cauda luminosa e dançarina dos astros cheios de humor e de maliciamento repassavagatórios, sorria e deslumbrava as asas serpentinadas e chimeristas com relâmpagos de fúria e de perspicácia ignara. ”Ah, criatura das sombras e dos desígnios entrelaçados em tramas sibílicas e periculosas abdominalmente! Confundes e entraves nosso caminhar e nossa perseverança, e levantas nossa suspeição e nosso receio como uma parede impávida e negrenta. E, dize, que faremos então contra tua presença vil e peçonhenta que nos vela e nos encanta simultaneamente com curiosidades deturpantes e admoestações serrilhanamente argutívocas desprevenituosamente?”

A serpente, sua austeridade abalada pelo despeito e pela insolência requintada de tamanho duende de prata e de ouro, cedeu e reinclinou-se à necesácea e ao lancinar do olhasulcor das pessoas e dos vegetais, acenando e estremecendo em meio à pobre claridade daquele instante ausente e inebritável. ”Bem, astucioso e impertinente pequeno gnomo!”, vociferou em descontentamento febril e lamurioso, ”Não precisarei devassar-te, amputar teu perder e teu furor ultimato e escapatório! Pois as trevas, que nos cingem, tornar-se-ão nosso manto imaculado de vitória e de esplendor acosmologicamente imponderável, e arrastarão vós e vossas esperanças necrolépticas ao abismo soturno e relativista dos nossos augúrios e não-querências destemplanadas e abusadoras.”

Aria, sentindo os linfonódulos e artérias de sua alma apertarem-se reciprocamente, evocava as lágrimas e os murmúrios cálidos e caldeiráticos de sua origem fluvial e de sua essência maternal, e desposava-se com os elementos e as rajadas de vento que atiçavam a ira e o desespero das criaturas e das sombras do entardecer: ”Vamos, amigos, guerreiros da utopia e da infravagação solícita e inamuginencoratória! Vamos enfrentar e vencer os desafios e as ameaças das trevas e da vida esquivo-inescacionalista em que nos jungimos e nos acotovelamos ao desdouro e ao distanciamento.”

E Lysander, erguendo seu escudo brilhante e refletiu como um véu noturno andyáptico, bradou aos astrumes e aos santédios inumanos e deslizantes da floresta. ”Viva Aria e suas palavras inoxidáveis e foramercúveis! Adeus,



serpente inferendenticulata e entorpecedora das almas níveas e das aspirações distóveraluticas e excívicais!” E assim o grupo, seu coração reabrigo e fervilantemente caminhesco e avultado, prosseguia em passo alado e indestranhuntergente em busca de suas vias e vales olvidados e reconciliatórios em meio à tormenta e à desbaratina do que à sua frente e à sua aventura expectante e inquebrantante se apresentava e se descrevava ávidamente.

## Aprisionados pelas aranhas gigantes

Na profundidade da Floresta das Sombras, enlaçados em sedosa teia de terror, Aria, Roran, Lysander e Gavriel encontraram - se, em sua jornada épica, aprisionados pelas aranhas gigantes, cujo veneno corroía o ar úmido e turvo daquele recanto maldito.

Aria ofegava com dificuldade, encurvada sob o peso do pavor instaurado no epicentro de seu coração. Sua voz, gotejante de terror, evocava um pranto surdo e entrecortado: ”Roran Lysander Gavriel é chegada a hora de enfrentarmos o destino?”

Gavriel, suas facas antes tão próximas agora distantes como estrelas, bateu o pé, partindo o filamento espinhoso que se estendia desde seu tornozelo até o solo pantanoso. ”Momento cruel e propício para admitirmos nossa vulnerabilidade.”

Roran, com a respiração acelerada e desespero no olhar, tentou destruir as amarras que o prendiam. No entanto, esforços inúteis diante da elasticidade e da aderência monstruosa da teia. “Precisamos fugir enquanto ainda podemos. Aranhas gigantes não demoram a retornar à sua presa.”

Lysander cerrou os olhos com um retumbar gutural, como se o próprio sofrimento pudesse partir seus grilhões invisíveis. Lançando um olhar a Aria, ele viu na face da feiticeira a dor de uma derrota não vivida, a angústia de um sacrifício que se seguia preste a materializar - se naquele calabouço natural.

Havia terror, mas também beleza no olhar de resignação de seus camaradas. Aria percebeu que a vida, em suas vísceras invisíveis e emaranhadas, brotava seiva e desespero ao mesmo tempo. Com um fio de voz, ela começou a cantar, rememorando os ecos e os murmúrios fluviais que embalavam sua infância, a água correndo como uma lua prateada e fria que brilhava e reconfortava a escuridão e a solidão noturnas.

O canto sinuoso e absorvente de Aria, de alguma maneira à beira da compreensão, abrandou imensamente a tenacidade e os grillhões que os prendiam, fazendo com que as teias se transformassem em filamentos aquosos e flutuantes que desabaram orvalhados, soltando-os e evocando a magia e a presença dos elementos sobrenaturais. Água e canto - estranha alquimia a resgatar - lhes da mandíbula petrificadora da morte e do abominável desconhecido.

Gavriel emergiu das teias, revigorado por um ímpeto de desespero e esperança, descartando de si os finos e briosos filamentos que há pouco lhe sufocavam num abraço morno e escorregadio. “Aria tem o dom de tornar o mais repulsivo elemento numa graça líquida. Como pudemos duvidar de sua capacidade e de sua resiliência? São os dons de sua essência que nos permitem continuar neste trajeto sombrio e tortuoso.”

Lysander limpou seus ombros, lançando um olhar astuto e admiração às raspas oscilantes e molhadas daquilo que antes estava prestes a imobilizá-lo num adeus tétrico e eterno à lembrança do sol refulgente e às fantasias da sua juventude abandonada e saudosa.

Roran enxugou a testa enrugada pela ingratidão e pela confusão latentes naquele ato de libertação, mas, sem demora, o rosto evadiu-se de um rubor desavisado e intropélico, e a dignidade e a serenidade pulsavam novamente em seu sangue vingador e cúmplice do destino e das cores celestiais. “Agora, vamos reestruturarmo-nos como um olho vivo e ardente prestes a enfrentar os abismos e os sóis faiscantes. Juntos somos terra, ar, água e o fogo resplandecente que brilha em nossas emoções e que pulsa e viaja através dos veios que nutrem e dirigem os rumos de nossas viagens e de nossas dores.”

Aria assentiu e beijou delicadamente as mãos de seus camaradas, símbolos aquosos da gratidão e da confiança indômitas que os uniam como uma epopeia carnal e inescrutável, um facho de luz luminoso e etéreo que se entrelaçava e se estendia por sobre os abismos e as montanhas da vida efêmera e translúcida.

E ao amparo de seu relampejar fraterno, deram as costas à caverna de medos despertados, aprumando os ombros e a alma em direção à contínua jornada através das trevas e dos sonhos bioluminescentes de um mundo perdido e esquecido.

## Desvendando o enigma das fadas ilusórias

Nem o mais sábio entre eles poderia prever a malícia multifacetada que os esperava naquele caminho esplendoroso e amaldiçoado. A Floresta das Sombras assombrava-se de espectros e luminiscências intangíveis que se camuflavam entre folhas impenetráveis e a umidade carrasca e profunda das estações extintas e das memórias involuntas. O silêncio era obnubilado por uma couraça de arroubos incandescentes, metamorfoses de formas xamânicas dançando em guerras de vida e morte, de lembranças effluentes e obscuríssimas.

Aria, os olhos embuçados de mistério e de solenidade espasmódicas, sentia a hostilidade gasosa das criaturas sibilinas e invisíveis respirando em suas narinas, roçando os lírios dourados de seus cachos oscilantes, prenunciando um infortúnio lírico e penetrante. Gavriel aguçava seus ouvidos, ouvindo o silêncio do sangue e a funda resignação do gorgolejo interior que anunciava, em sussurros e tremores aquáticos e inexpíaveis, a emergência de um novo e impiedoso inimigo, o sustentáculo de uma desgraça cuja mensagem era difusa e vetusta mas clamorosa e implosiva.

Lysander fechava os olhos e sentia a mão áspera e calejada de Roran apoiada em seu ombro, um gesto erguido como uma prece sanguínea e amorosa à montanhas e às fragas distantes, às colinas e aos desavisos siderais que pairavam sobre suas cabeças em puro desgosto camuflado. "Este sentimento é indubitável e gelificado, Roran", dizia Lysander, "Indicativo de uma presença entropeniculada, uma ameaça emudecedora e imbricada nos festões do tempo e das alcovas das ilusórias e das criaturas encobertas no flagelo e no estigma residual de suas próprias concepções."

E num átimo de síncope temporal e de turbulência gigantesca e atroz, a imagem de uma fada, belíssima e elegíaca, surge das profundezas e do interface dos galhos e das brumas, em um ápice de terror etéreo e vibrante que se projeta como uma tocha de luz efêmera e brilhante naquele jardim crepuscular e incrédulo. Aria congelase e arfa, seus olhos a perscrutar o sonho escarlata e punguroso que oscilava e se esvaía em anéis invisíveis e múltiplos que se encrepavam e se superpunham ao vento e ao aguacéu universal daquela figura mítica e intempestiva.

Gavriel exclamou a seliar sua armadura de apatia e de mistério, lançando palavras afiadas como tornados glaciais e fios de prumo inebriantes e des-

bragadoramente verazes. "Ó fada, insígnia e expoente maior das ilusões despotoras e avassalatórias em que nos abismamos e nos entregamos como crianças embriagadas e cândidas! Desvenda - te e mostra - te, ostenta tua inabilidade hilarante e desmancha - te em ruídos de espanto e consternação ante o avanço irresistível e avassalador do nosso propósito e da nossa maquinação magninezente!"

A fada, porém, fosforede com as cores do ocaso e ri - se, sem hesitar ou mostrar o mínimo indício de derrota ou extinção, de uma taciturnidade maliciosa e malfetora que dimensionava - se nos olhos rubros e flamejantes, no sorriso largo e melódico que dedilhava suas lábios languidamente, fluindo como uma melodia desbaratada e desconcertante. "Valentes guerreiros e feiticeiros efêmeros e incontroláveis, chorais o réquiem e a maldição que se avizinha como um trovão no horizonte de vosso passar e de vosso desenhar neste tecido diáfono e negardado! Sou a encarnação do desamparo e do espantar, do temor e da ilusão que vos amarra e vos entontece absoluta e avassaladoramente!"

E, assim dizendo, a fada evoca e divide - se em múltiplas versões de suas formas momentâneas e insondáveis, como reflexos de um anel prismático e de um lago etéreo que se evola e se reprime constantemente em múltiplas adaptações e variações compositas e incoercíveis. O labirinto de sombras e de luminiscências rememorativas se expande e tomgoa - se, englobando e enredando Aria, Roran, Lysander, Gavriel e toda a vegetação e o ar connaturalizado e simbiótico ao redor da fada e daquele espaço sideral esfflamado e incomparável.

A luta, sofrida e infindável, se multiplica e se anula concomitantemente, com o fogo dos olhos dos personagens e das criaturas encantadas que se delineavam e se distinguavam apenas na gélida confusão da sobreposição ótica e fantasmagórica em constante ebulição e metamorfose. E, Aria, exaurida e esbanjante no mesmo instante, estraçalhada e aniquilada pela fatura de sua própria energia mágica e vital, gania dentre e de entre as névoas e os espectros luminescentes e tenebrosisantes, invocando a nome e a figura etéreos de suas amigas e esperanças.

"Amigos, Gavriel, Roran, Lysander como enfrentar uma ilusão crescente e silesnciosa, que se afasta e se aproxima à medida que almejamos e lutamos por sua decifração e aniquilamento?!" Sua voz era um murmúrio de dor e de saudade, uma epístola alflutante e descorçoada que se esvaía em torrentes

de pensamentos e de brumas ocres e espectrais.

Mas, num instante de revelação, um brusco destempero de percepções e de embiones dimansiosas, Lysander percebeu, pelo véu de sombras e de formas descotextuais e ilusórias, o artefato daquele labirinto e daquele terror incorporado e inèrdito: uma pequena pedra, um diadema de luz fluida e equivocada, a respirar, como uma entidade subconsciente e paquidérmica, a energia vital do ambiente encantado e desordenado ao seu redor.

E, estendendo a mão, a alma estampasmática e partioplásmica de seus sonhos e de suas esperanças, Lysander almejou e trizou a pedra, vertiginando no vórtice e no torpor das suas ilusões e dos seus desmandos, e, num grito de libertação e desmembramento, abarrotou - se de luz e de sombra, tão radicais e belunosamente efêmeros que a tênue linha da existência e morte, do nascer e sucumbir das iludências e afecções fantasmais, esvaeceram - se porás e poás numa nuvenzinha de vapor e nuance etérea e infravaga.

Acordaram num declive intermitente e irresoluto, Aria, Roran, Gavriel e Lysander, as feridas e impressões monstratas de suas almas e físicos crescidos e curados por um pó tétrico e alaranjado silvestre e pendensémico que ora inflava nossas veias e ossos materiais, ora transcendificava - se em brilho e melodia das auroras boreais e infederais que engolfavam e se engolviavam na fogueira-olho de seus sonhos e viagens paralelas e infinitesimais daquela floresta e daquele teatro encantado e sanguissoramente delirante e desestimulador do desviver e do desmembrar dos primórdios e receios frutocênicos e neurastênicos de suas esperanças e predileções.

## O encontro com o guardião centauro

Aria percorria o labirinto de árvores e sombras, seu coração pulsando como um tambor antigo e urgente, o medo tão palpável como uma chuva ácida em sua pele estremeçada. Por fora parecia brava, sua armadura exalando uma luz prateada, mas, por dentro, tremia violentamente. Ela jamais estivera tão longe de casa; era como se seu próprio ser se estendesse num infinito, e o horizonte sumisse de vista.

Seus amigos a seguiam, rostos suados e cabelos desgrenhados como ramos selvagens à deriva na corrente de um rio. Suas expressões não se alteravam muito, mas Aria compreendia o turbilhão de emoções que acariciava suas vidas e lhes cobria como uma fina névoa. Sob a capa da luta e da tenacidade,

havia a vulnerabilidade silenciosa, o desejo profundo de concessão - um clamar por paz.

Caminharam assim durante horas, as sombras se refazendo incessantemente, a luz dançando em padrões de esquecimento e de pura evasão. Quando o sol se pôs, o céu alaranjado, Aria parou e soltou um gemido, seus olhos se desopilando à luz das estrelas no céu. Eles pararam para descansar, ali mesmo naquele terreno estranho e familiar, e as paixões e angústias da jornada lavaram seus espíritos devagar, revezando - se num simples uivar noturno.

Naquela quinta-feira, e por desígnio de uma força mais poderosa do que a própria calamidade, Aria e sua trupe de guerreiros chegaram a uma parte da floresta que lhes parecia oprimida e sinistra, como se a atmosfera pesava com a doçura venenosa dos segredos e arquétipos que dormiam insondáveis na terra e no ar. Lá, num penhasco ante um desvão e uma imagem fantasmagórica de sonhos interrompidos e mártires silenciosos, encontraram o guardião da floresta, um centauro robusto e de cabelos acobreados que os observava com uma impassividade apologética e intrigante.

Alastra, como era conhecido entre os seres fantasmagóricos e metafísicos do reino de Eldoria, lançou um olhar brando e cavalheiresco aos intrusos, sua lógica e vontade incomensuráveis e irônicas em sua frugalidade e jovialidade. Com uma fleuma de voz gutural e aristocrática, declarou, como um trovador d'alma se estivesse prestes a fruir uma tragédia e um canto insólito: "Viajores! Por uma conspiração das trevas e das cores celestiais, encontraram-me em um tempo escuro e imprevisto, e eu conheço minhas responsabilidades como guardião desses perímetros transitórios e eloquentes.

Uma mensagem importante vos concederá, mas sigam-me, eu vos peço, aos pilares centrais desta abóbada ocre e estupidamente inescrutável. Em sua antecâmara e em seu coração, falarei de uma profecia antiga, quicá risível, mas que promete fulgor e ausência, luz e sombra numa coreografia desmembrada e deliquiosa da ambiguidade e dos nós que se devoram e se concentram no inaudito e no belo."

E assim seguiram, guiados por mãos habilidosas e pelo emaranhado de pelo e penas, ouro e medo que envolvia suas almas e pensamentos como abraços tranquilos e reconfortantes. Ainda assim, Aria olhava para aquele anfitrião e em seus olhos via a dança do tempo e do abismo, o jogo de morte e de vida que seduzia e envolvia como um beijo protelado. Que um enigma

- um vente urgente e sibilante de violência e escuridão - os recobrisse e se apossasse de seus próprios seres e vidas, transformando-os em mártires e usurios eternos.

## A ameaça das górgonas pétreas

Os dias se arrastavam como correntes ressentidas, uma cascata de água que girava em redemoinhos lentos, que giravam e rebrilhavam, ofuscando o coração púrpura e incolor do tempo e da existência. Aria, Roran, Lysander e Gavriel, sujos e cansados após as provações e batalhas inesperadas e quiméricas da Floresta, avançavam cautelosamente mas com altivez e fervor inaudito pelos desfiladeiros de Eldoria - uma espiral de incerteza e de belezas trágicas que se eriçavam como uma mensagem indecifrável e temerária no horizonte de suas esperanças e sonhos fraturais.

Nas trevas e no monótono, pesado caminhar da névoa que se condensava em torno de seus corações, um grunhido ignóbil e perverso, capturado nos acordes desafinados do vento e da aragem, subitamente assaltou os ouvidos e a percepção das suas almas, arranhando-se como uma lâmina indiferente e imediatista nas paredes abruptas e sinuosas do seu alento e do seu suor. "Górgonas pétreas!", exclamou Gavriel, seus olhos amarelos e elétricos espreitando e amestrando o pântano de trevas e inimizades selvagens que isolava e engolfava o horizonte e seus olhos cambiantes e persecutórios.

Aria olhou para os companheiros e para o vértice de escuridão e de tremor que se imprimia no ar, tremulado por uma ameaça invisível e esvoaçante que meditava e enlatava em seu corpo de luz líquida e refração temporâneas a promessa e a fulguração espaciotemporal do seu destino efêmero mas bravo. "Górgonas... e suas irmãs embranquecidas pela treva, as sibilinas que enraízam e cauteram os pássaros da vida e do canto destemporal. Sigo e encaminho-me a suas mandíbulas abertas e insanas, estendo minha mão estelicular para capturar, para aplacar e delimitar o seu bailar saturnino e sofisticado."

Roran e Lysander, unidos pelo magnetismo de suas companhias e de suas desgraças, lançaram-se igualmente à esmaecida verticalidade do espaço e das sombras siderais. As mãos deles, erguidas como a memória tênue e expansiva de um paradeiro niilista e vanguardeiro, começavam a vibrar e estraçalhar-se em vibrações e escalas poderosas, dominadoras do silêncio

e da antítese encontrista que reptava e se orgulhava sob uma estrutura andrógena de corrupções e interpretações instantâneas e intempestivas.

Um cálice de luz extraviada e de lava densa e sinuosa atravessava Lysander, inundando seus olhos que se arregalavam e se contorciam em espirais de agonia e êxtase entrecruzadas e supurantes. Roran, o guerreiro fainédico e espadachim do silêncio e do declínio semântico e solenesmente aterrorizante, projetava em seu corpo o intenso desejo da caça e da consumação de um propósito que o superava e o penetrava em todos os sentidos e espectros do seu ser - a morte, a destruição, a reinvenção do perigo e da vida em um ato de rebeldia e de alçar.

O desfile de sombras, de formas e de óculos desfocados e ambientes de sua percepção, envolvendo-se como uma serpentina de imagens e de sensações místicas e inesgotáveis, se sobrepôs e lentamente dissipou-se, uma névoa ardente que englobava e se isolava em sua própria tragicômica voragem de medos, de sonhos grandiosos e de egrégoras e fisiologias desconhecidas e extemporâneas.

Subitamente, como se a conjunção de seus pensamentos e de sua fé conflitante e ígnea em si mesmos tivesse consiliado e animado a harmonização subreptícia e redentora daquele ambiente estrangulado e trevoso, ofuscou-se na penumbra e na lassidão arachnística e spinozística do ar uma estirpe e um catálogo abisal e desorbitado de górgonas e serpentes do multiverso transfigurado e irmão do entardecer do carma e da profecia que ali repousava e se comovia, amalgamado e plósmico como o seu comum despontar e nascer.

Aria e os seus cavaleiros desprendem-se da longeva meditação e brandidas suas armas, o fogo do desejo e da condição transmutada de herói e de poeta alvejado e indiferente que soluçava em vertigens apocalípticas e vesuviaias na profundidade índole e gelada do seu amálgama e crista.

## **Aliança inesperada com as criaturas da floresta**

### Capítulo 15: Aliança Inesperada com as Criaturas da Floresta

O sol era apenas uma memória pálida no horizonte distante quando o grupo de Aria emergiu na clareira onde os ecos da vida há muito haviam se apagado. Passar pela Floresta das Sombras era uma provação fatigante, até mesmo para os aventureiros mais experientes. Eles lutaram com lobos mágicos, desvendaram enigmas arcanos e, agora, após dias de caminhada,



confrontavam finalmente as profundezas da floresta.

Aria observava Roran aplicar suas últimas energias na cura dos ferimentos de Lysander, que tinha sido envenenado durante uma batalha com as serpentes aladas. O membro de Lysander se retorcia e tomava a cor sombria da madeira apodrecida. Apesar da angústia no rosto de seu amigo, Aria se perguntava silenciosamente se o veneno das aranhas gigantes poderia ter algum papel significativo na profecia.

- Estamos perdidos - grunhiu Gavriel enquanto arranhava o queixo, com um olhar enigmático. - As Fadas Ilusórias nos levaram por um caminho tortuoso. Já não sei em qual direção fica o centro da floresta.

Temerosa, Aria escutava os sussurros inaudíveis do vento, beijando a copa das árvores, suspirando um segredo. A atmosfera estava impregnada de magia sombria e, se não descobrissem logo uma saída, a névoa maligna e densa que se erguia do solo tornar-se-ia seu túmulo. Um caldeirão de medo borbulhava dentro dela, um caldo de inquietação dançando com a escuridão oblíqua da floresta.

Os raios de sol haviam desaparecido por completo, e a noite reinava supremo sobre as árvores antigas e os segredos que elas continham. Aria puxou suas mantas mais perto, tentando afastar o frio gélido que rastejava através de seus ossos como as grossas raízes daquelas árvores ancestrais. Mas a verdade era inescapável: desamparados eles se encontravam no coração da Floresta das Sombras.

Foi então quando encontraram o seu inesperado aliado.

Emergindo das sombras, uma figura esguia como um leopardo se moveu em direção ao grupo. A criatura de traços vulpinos e felinos encarava Aria e seus companheiros com olhos dourados e profundos.

- Sou Eu'ithil, o Senhor das Sombras - disse a criatura com uma voz gutural, que lembrava o sussurro do vento através das folhas. - Essa floresta é minha morada, meu reino e meu dever protegê-la daqueles que pretendem profaná-la. Mas, nesta hora de desespero e tristeza, estendo minha mão em oferta de amizade e aliança. Vejo que lutam por algo maior que vocês mesmos, e diante de uma ameaça tão terrível Nós, criaturas da floresta, nos uniremos a vocês.

Seus olhos buscavam os de Aria, a jovem feiticeira, quem, apesar do medo que a corroe e desola, permanecia serena e resoluta. Aquele olhar lhe dizia muito mais do que as palavras seriam capazes de descrever.

O grupo trocou olhares, hesitantes e resignados. Foi Lysander quem falou primeiro, ainda sofrendo os efeitos do veneno que ameaçava consumi-lo.

- Aceitamos sua oferta - disse ele, com uma voz trêmula, mas determinada. - Agora não é hora para desconfiança ou medo. Precisamos de toda a ajuda que pudermos obter.

Eu'ithil assentiu e, em velocidade como os ventos, desapareceu na floresta, prometendo retornar com reforços.

Aria, de pé, pôs-se a repensar todos os desafios, sempre mais furiosos e terríveis, que enfrentara até então. Os perigos nas florestas e nos desertos aterradores eram apenas um reflexo das batalhas travadas em seu coração e mente, dos anseios e temores latentes que guiavam seus gestos e julgamentos. Mas no abraço inesperado daquele aliado encontrava um novo fôlego de esperança e, quiçá a renovação da sua coragem, agora cristalizada e fortalecida pelos laços que se erigiam através das diferenças, dos silêncios e das hesitações, e que, repletos de vida, se propalavam ante o silêncio eloquente e perfumado das árvores, das vozes e das sombras que se desvencilhavam e recusavam a voltar à rotina de sonhos e de queixumes metafóricos e rugosos que era a vida mitigada e regular naquelas cercanias e trincheiras infinitesimais e melódicas.

Naquela noite, à luz de uma lua pálida e inumda pelas sombras das árvores sibilantes, Aria e os guerreiros de Eldoria se depararam com o limite do conhecido para se engajar no abismo do desconhecido. E, quietos mas atentos, aguardaram seu novo aliado e as promessas de esperança e enfrentamento que ele trazia.

## Chapter 5

# Resolvendo Enigmas Enfeitiçados

O peso do ar, espesso e impregnado de bruma etérea, sacudia - se em profusão caleidoscópica e labiríntica perante os olhos de Aria e de seus cavaleiros errantes, obscuros e repletos de ecos e de chamas vermelho - violeta que bailavam em um carrossel de destinos desmoronados e de esboços de experiência e de lampejos de um eu há muito desperdiçado no vácuo das eras e das paixões.

Tremulante, um verme, um eco e um sopro de poderosa tristeza, bordados por uma ária de medo e de desejo liquefeito, desabrochava e inundava Aria, penetrando - a em seus ouvidos e em seus olhos com uma surdez melódica e eloquente, uma sinfonia de pétalas quebradiças e de pulsos e corações inchados e petrificados pela maldição gargantuesca e impetuosa que habitava aquele lugar, aquela morada e tâmara ocultista de enigmas e de verdades perdidas e cristalizadas entre as sombras e as aberturas, as frestas dos sonhos e das realidades nascidas e desvanecidas sob um sol distante e desconexo.

As cabeças de Gavriel, Lysander e Roran – trêmulas, admiradas – ergueram - se, acobertadas pelo olhar de Aria e pela magia e a maleficência daquele ambiente de sussurros e de vozes embargadas, de despedidas e de confissões heréticas que rodopiavam como navios naufragados em um oceano de celeumas e de lástimas.

Após descobrir o pergaminho e enfrentar as criaturas abissais da floresta, o grupo chegara até aquele espaço inimaginável e assombroso, e lá, as

palavras desenhadas eram quase vivas, com uma aura reluzente e sinuosa, aguardando pacientemente para serem descobertas pelo grupo de corações unidos pelo destino.

As paredes daquela câmara eram decoradas com símbolos arcanos que emanavam um brilho espectral difícil de ser ignorado. Um eco familiar e observador estava presente nas memórias de Roran, que havia se dedicado de corpo e alma à aprendizagem dos segredos da magia em seu passado.

Lysander, os olhos sérios e penetrantes, os músculos retesados por uma mensagem subliminar de perigo e de coragem que se replicava em seu alento e em sua vida, arfando e pelejando contra ele e contra todos, avançou um passo, a mão trêmula e errante um milímetro distante da álea atormentada do julgamento e do autoabraço que se delineava naquelas paredes profundas e incoloridas como o destino.

"Detenha-se!" exclamou Aria, os olhos estilhaçados de terror e de amor perdido e candente flamejando como um martelo dentro de sua cabeça, um grito retumbante de potência e de mortalidade, de um único momento de comunhão e de compreensão avidamente disputado e colhido entre visões e lágrimas.

Lysander recuou a mão, os lábios trementes e os olhos ardentes, mirando Roran e Gavriel em busca de um espaço, de uma fresta de confiança em meio à devastação que avolumava em seus corações.

Gavriel, com uma sobranceira arqueada e os dedos suavemente roçando o cabo curvado de uma lâmina furtiva que havia construído a partir do mapa de sua própria vingança e de seu desejo de redenção e de pureza, sugeriu: "Talvez, meu caro Lysander, você esteja um pouco apressado."

Roran, com a serenidade e a sabedoria de quem havia bicado e se banqueteadado o néctar das letras e derrubado, um a um, os edifícios e os monumentos erguidos por teólogos e profetas, iluminou-os com uma solução.

"Lembrem-se da lição dos Lobos Mágicos. Não podemos enfrentar estes enigmas enfeitiçados sem cautela e intenção direcionada. Cada símbolo deve ser interpretado antes de qualquer movimento precipitado. Podemos encontrar a verdade nestas paredes sombrias e intrincadas, mas devemos fazê-lo juntos".

Assim, alinhando-se como um nó de confiança e de fervor, Aria, Lysander, Roran e Gavriel, inalaram profundamente os aromas místicos que envolviam seus corpos e se lançaram com um coração unificado e uma compreensão sub-

lime à linguagem enevoada e confusa dos enigmas enfeitiçados que ocupavam as paredes da câmara. A sinfonia dos segredos obscuros e das respostas há muito escondidas ressoava nos âmagos de seus seres, desconjuntando - os e construindo - os novamente em uma única força, uma única verdadeira esperança para o reino de Eldoria.

## Introdução aos Enigmas Enfeitiçados

O céu estava tingido em tons de melancolia, como o derramamento de lágrimas de um coração pesaroso. Aria suspirou pesadamente, o som reverberando por onde árvores e abandonos. O silêncio das vastas florestas era corrompido somente por sussurros ocasionais de vida desconhecida entre seus ramos contorcidos e suas folhagens escuras. Seu olhar era notavelmente contido, obstinado em expressar o desespero que fervia em seu peito.

O grupo de aventureiros enfrentara os limites do perigo, percorrendo sendas obscuras margeadas de enigmas enfeitiçados e carcomidos pela passagem do tempo. Eles haviam travessado abismos tão profundos quanto seus espíritos atormentados, escancarado portais misteriosos e trilhado sendas de pedras vivas, trinados e cadenciados por poemas de súplicas em línguas há muito esquecidas.

”Aria.” Lysander apoiou sua mão direita em seu coração, o semblante afável e angustiado, seus olhos cansados de aventuras e armadilhas que preenchiam passados distantes e presentes insistentemente dormentes. ”Não podemos seguir assim por muito mais tempo. Precisamos encontrar uma solução para estes enigmas, para que possamos prosseguir.”

Um eco sombrio e perverso, um murmúrio distante e enfeitiçado, varreu - se pelos ventos invisíveis e sorrateiros que se arrastavam como serpentes através das folhas mortas e despidas espalhadas pelo solo da floresta. Uma presença sinistra habitava aquele lugar como um vírus mortífero, escorrendo e se multiplicando pelos veios e pelas fossas da terra finda e abismal.

O rosto de Aria iluminou - se com determinação à medida que ela sentia uma energia indescritível calcada na certeza de que sua luta era justa, de que perseguir a névoa assassina e descoroante que acompanhava aqueles enigmas traria a redenção a todos os cantos do universo, ao seus companheiros e ao seu próprio coração dilacerado.

”Estamos perto de desvendar os segredos destes enigmas enfeitiçados”,

murmurou Aria, enquanto os olhos dela se fixavam num ponto distante no coração amortalhado dos bosques tenebrosos. "Sinto em meu coração como as linhas das profecias e das resoluções se conectam e entrelaçam umas às outras, sempre sutilmente delineando uma realidade futura na qual todos nós encontramos a luz e a paz."

Gavriel mergulhou - se em pensamentos ágeis e calculados, tirando de seu histórico de vitórias intangíveis e arriscadas soluções para problemas e charadas que a vida lhe presenteara como ferroadas venenosas e como o crepitar de folhas e galhos secos soluçando, trincados pelo frio e pela solidão.

"Vou investigar um pouco mais à frente", relatou Gavriel enquanto esgueirava - se pela densa cortina de árvores e sombras. "Se esta solução realmente existe, ela deve estar escondida em algum canto desta floresta como um tesouro mágico e indomável."

Aria concordou com um aceno sombrio, as feições cobertas pela penugem de conhecimento e premeditação que calcavam - se e soterravam - se nas sendas e nos abismos de seu coração e de seu ser postados e estridentes como faróis nos vastos mares de inquietude e de aventura por onde navegavam aqueles intrépidos peregrinos e cavaleiros austrais.

"Eu'ithil,", sussurrou Aria em seguida, estendendo - se para alcançar a criatura astuta e enigmática que somente um dia passado se apresentara como amigo e aliado àquelas almas atormentadas e esperançosas. "Ajude - nos a desvendar os enigmas enfeitiçados em nossos caminhos sombrios, nossas buscas frenéticas e desorientadas. Mostre - nos o caminho para a vitória."

A criatura felina inclinou sua cabeça contemplativa, os olhos amarelodourados com uma luz de plenitude e de sabedoria que mesclavam - se com a escuridão das folhas e das sombras, concedendo a Aria a oportunidade de encontrar a si mesma e de recuperar os pedaços do seu ser que estavam soterrados sob camadas e camadas do tempo e da sensibilidade, do desafio e da perseverança que cada passo em direção ao desconhecido lhe demandavam como uma oferta macabra e irresistível.

Então, como um condor emergindo de um sonho fugaz, o conhecimento e as peças faltantes dos enigmas enfeitiçados foram se descortinando pela multidão unida e singular, transformando o medo em esperança e o desconhecido em relíquias de sabedoria oculta e infinita.

Com um coração resolutivo e um espírito renovado, Aria e os guerreiros de

Eldoria lançaram-se aos enigmas enfeitiçados como se tivessem entendido um sussurro das estrelas e adentrado um mundo transcendente, um mundo de sabedoria e de destinos para além dos recantos escondidos e abandonados da Floresta das Sombras. E avançaram corajosamente em direção ao destino que os aguardava, enquanto os enigmas enfeitiçados esperavam em silêncio emparelhado por sombras e segredos indecifráveis.

Um farfalhar de penumbra e de promessas escondidas anunciava o início da luta angustiante por entender e por solucionar os desafios e vozes enigmáticas que cercavam e confundiam aqueles caminhantes errantes, compelindo-os a redefenir e a reconfigurar cada percepção e cada crença que perpetuava sua existência e embaralhava seus olhares e seus pavorosos medos.

## A Câmara das Estátuas Sussurrantes

A câmara das estátuas sussurrantes emergia como uma visão de um sonho fugaz, um eco longínquo de um tempo esquecido, quando criaturas de pedra e carne conviviam em um equilíbrio carcomido e imperturbável. Neste reino obscuro, onde as sombras eram tecidas de tristeza e as pedras esculpidas pela solidão, Aria, Lysander, Roran e Gavriel adentravam, com as respirações suspensas e seus corações martelando em uníssono, um hino de determinação e terror.

A luz vacilante de uma única vela embalava-se na brisa silenciosa e lânguida, sem força para trespassar a escuridão abismal que desmoronava-se na penumbra. Em todos os cantos daquela vastidão lúgubre, as estátuas surgiam como espectros petrificados, envoltas pelos murmúrios hipnóticos e desesperados dos seres enclausurados em suas formas frias e calcárias.

Aria avançou timidamente, os olhos dilatados e vítreos, arfando um sussurro de um medo silencioso e pungente que alastrava-se em seu peito e sufocava os cantos mais recônditos de seu ser. O calor vibrante do pergaminho em seu peito era o único indício de vida e de veracidade, um facho de esperança adormecida em meio à desolação daquele recinto de murmúrios e gemidos.

”Ouçam-nas”, suspirou Lysander, a voz repleta de afincos e de fascinação, como uma serpente escorrendo-se pelo oitão, o crepitar de uma chama em um deserto de gelo. ”Já ouvi falar destas estátuas antes, dos espíritos

prisioneiros em seus corpos pétreos. Dizem que eles emitem um cântico de eterna tristeza, mas também de revelação e sabedoria.”

Roran, o semblante tranquilo e sereno como o olhar de um animal selvagem que pressente a aproximação do desconhecido, concordou com um aceno lacônico, deixando um rio de palavras e de lampejos de lucidez correrem livremente pelos pântanos e pelas planícies da lembrança e da saudade que habitavam seus olhos e sua alma.

Aria, ansiando desvendar os segredos e os enigmas enfeitiçados que circundavam aquele lugar e que aprisionavam aqueles espíritos languídos e desolados, sentiu o poder pulsar e vibrar em seu coração, um chamado à ação, à cura, à resolução dos mistérios e das sombras.

Gavriel, como um raio de luz em meio à penumbra, bradou: “Assim seja, pois, que descubramos as respostas a esta traiçoeira miragem de vozes e de verdades encobertas. Preparem-se para ouvir e para dialogar com os espíritos que jazem nestas sombras frágeis e eternas.”

Aria crepitou um murmúrio mágico, liberando a energia acumulada e a sabedoria fluida de todas as criaturas vivas e evanescentes de Eldoria, invocando a comunicação entre elas e os espíritos encarcerados nas estátuas sussurrantes. E então, como uma cascata de prantos e de soluços esmaecidos, se ergueu o diálogo que libertaria não só aqueles que sucumbiram aos grillhões de seu destino, mas também a si mesmos e a todos os seres que convivem na senzala infinita de temores e de sonhos.

A primeira das estátuas sussurrantes, com olhos abissais e mãos inacessíveis, revelou-se como um amálgama de histórias esquecidas e de monstros sombrios que vilipendiavam o universo e profanavam todos os desígnios sagrados e ingênuos que permeavam a natureza finita de sua existência.

”Sou a testemunha dos segredos d’alma”, murmurou com uma voz partida e gélida, que parecia nascer das profundezas da escuridão insondável. ”Revelo os desejos e as verdades escondidas que se agarram às sombras silenciosas da noite, aos ecos inolvidáveis que crescem-se além das margens da vida e da morte.”

A segunda estátua, esculpida em um mármore insípido e estilhaçado, veio em seguida, profanando o vácuo com um lamento estilhaçado e sinistro que arremessava-se para o infinito em um turbilhão de destroços e de confissões heréticas.



”Fui concebido nas dobras da desolação, filho do silêncio e do vazio. Os anjos entrelaçados em minhas veias clamam por redenção, mas jamais esquecem as vozes enruadas de desespero que batem à porta do esquecimento e do desamparo crescente.”

Era um labirinto de vozes e de epidemias, um corredor de intenções e de máscaras que descortinavam - se e revelavam os âmagos e os segredos semioclusos há eons enclausurados nas garras da memória e da misericórdia apática.

Aria, os olhos banhados em lágrimas e em perplexidade, entreouvia aqueles lamentos e aqueles apelos esmigalhados e alheios, desvendando pouco a pouco a linguagem dos mistérios e do passado, libertando aos poucos os códices de uma história que não ousava mais lançar - se e atravessar o umbral dos abraços cósmicos e das alianças imponderáveis.

Lysander, Roran e Gavriel desvelavam - se em silêncio contemplativo, discernimento e introspecção, permitindo que as súplicas e as revelações ressoassem em suas profundezas e edificassem um contorno de verdade e de profundidade que, até então, se esquivara de seus toques e de suas suspeitas.

A dança das estátuas sussurrantes, este torvelinho de lamechices e de ocultismo, este balé de mágoas e de interseções, foi aos poucos elucidando - se e abrindo - se um caminho em direção à luz, à redenção, ao equilíbrio impossível.

E, entre os segredos herméticos e os lamentos ocultos que brotavam das paredes daquela câmara abismal, Aria e seus companheiros encontravam o que tanto buscavam: uma pedra - chave, um enigma enfeitado que os guiaria até a ascensão e a transcendência de todos os obstáculos e lutas, até a vitória sobre os dragões e a reinstauração da paz em Eldoria.

Em silêncio, como sombras na penumbra, Aria, Lysander, Roran e Gavriel deixavam a câmara das estátuas sussurrantes, levando consigo os segredos e as vozes outrora aprisionados e esquecidos, compartilhando o peso crescente e a redenção de criaturas de pedra e carne, e unidos pelo destino e pela esperança.

## O Labirinto das Sombras

O grupo de aventureiros adentrou a vastidão petrificada do Labirinto das Sombras com uma inquietação pungente e obsidiana que se arremessava

como ondas nas tempestades frenéticas de seus corações assombrados. Uma subumidade miasmática, um orvalho tristonho e encolhido, arrastava - se pelas pedras e pelos muros como o buscar furtivo e amorístico de uma língua desconhecida de uma amante abnegada pela irrevogável morte do consorte.

No ar denso e lúgubre, Aria sentia pulsar a energia e o temor dos séculos passados que repousavam sobre aquele reino intocado e evanescente. Por vezes, a friagem arrebatadora da floresta parecia suspirar com um hálito sombrio e suplicante, como uma alma aprisionada em seu próprio segredo e angústia.

”Um passo errado pode ser o nosso último”, murmurou Roran enquanto esgueirava - se habilidosamente pelos caminhos estreitos e enegrecidos do Labirinto das Sombras, a mão entorpecida vibrando com a energia mágica retida pelos seus poros em ardor e desespero. ”E como sempre se dissera no Labirinto das Sombras, o sussurro do silêncio antecede qualquer concerto.”

Lysander, com os olhos lascivos e flamejantes em busca de pistas e de redensões ocultas, atirou - se às paredes e às dobras dos corredores afundados pela penumbra, encomendando destinar - se sacrifício e prelúdio à salvação de seus camaradas e dos planos de uma alma outrora trespassada pela leveza e pela melodia escondidas nos regatos e nas florestas algues.

Gavriel, o duende astuto e determinado, seu rosto pintado pelo brilho fugidio e distraído das chamas enrubescidas provenientes do tocha que teimava em desprender - se de seus dedos finos e vibrantes como a textura dos ventos, atravessava os desfiladeiros e as sendas de pedra esburacada com um olhar de áftica e de esperança, como que colidindo com as sombras e com os passos gotejantes de uma dança abandonada pelos deuses do tempo e do esquecimento.

”O labirinto guarda segredos e desafios que pautam nossa existência e nossa devassidão”, enunciava Gavriel em um murmúrio crepuscular. ”Devemos enfrentá - lo com a mesma coragem e o mesmo espírito que carregamos quando emboscamos e suplantamos todos os outros obstáculos e episódios de miséria e de embriaguez em nossa romaria.”

Aria, sentindo os olhares amedalhados e cansados de seus companheiros, deixou escapar um sorriso doce e murchante como o orvalho estendendo - se pelos prados e pelos seteais soterrados e cortejados pelos valentes que se agarravam ao cultivo e à sagração da alma e do coração desvalido e sedento pela venustidade e pela compreensão interpelada.

”Sinto que nosso destino aproxima - se ligeiro como um pássaro voo açoitado pelas tormentas do infortúnio e da intempérie”, previu Aria com firmeza e determinação, buscando nas mãos enrugadas e encharcadas de história e de grandiosidade a chave que abriria a porta das sombras e do desconhecido, que os guiasse rumo ao amanhecer de uma nova era e uma nova melodia celestial.

E assim, conduzidos por seus próprios medos e esperanças emaranhados como fios de incerteza e de epifania, Aria, Lysander, Roran e Gavriel deslizavam - se e emboscavam - se pelas dobras e pelos recantos do Labirinto das Sombras, guiados pelos murmúrios das estátuas e das sombras fugidias que esgueiravam - se e desapareciam nos beirais e nas pedras erodidas pelo tempo e pela inexorável ruína.

Confrontados pelas muralhas obcecadas por olhares afictos e por coração gélido e faminto, Aria e seus aliados buscaram nas brechas e nas sinuosidades do Labirinto das Sombras algum sinal de saída e de redenção, clamando e suplicando aos próprios medos e dilemas que residiam no cerne de suas existências, que assombravam suas memórias e suas promessas ermo.

Ali, nas profundezas do Labirinto das Sombras, Aria e seus companheiros de aventura se encontraram face a face com seus próprios demônios, suas fragilidades e os ecos pálidos de um passado sombrio e inescapável. E, assim, guiados pela luz de um destino mais brilhante, eles enfrentaram seus medos juntos, quebrando as correntes invisíveis que os prendiam às sombras e desvendando os enigmas ocultos do labirinto que lhes revelaria o caminho para o avanço rumo à vitória e a um novo amanhecer.

Enquanto as sombras do Labirinto se dissolviam e a luz de uma nova esperança brilhava no horizonte espectral, Aria, Lysander, Roran e Gavriel emergiam mais fortes e unidos do que nunca, prontos para enfrentar as próximas provações e desafios que os aguardavam na longa e tortuosa jornada para salvar Eldoria e restaurar o equilíbrio nos reinos encantados.

## **A Ponte Mágica da Sabedoria Perdida**

O peso sussurrante da tristeza, seiva tristonha e escalrachada, adensava - se por sobre o pensamento de Aria, a escuridão se adensava de tal forma que o vácuo em seu coração repercutisse como o burburinho crepuscular dos filhos estremunhados do silêncio em tropel. Em seu íntimo, Aria suplicava

desvendar o enigma do seu próprio passado; e nestas horas, sentia-se como um lamento idêntico aos murmúrios de seus instintos.

Os quatro amigos agora estavam parados perante a Ponte Mágica da Sabedoria Perdida, e Lysander estava como sempre calado, como querendo impor-se à imensidão da existência e estrangular o que dela se arremessava como tentativas frustradas de escapar de um sonho maldito. Leves como o ar, Aria e seus amigos avançavam sobre a ponte sinuosa e tênue como o gélido suspiro de um coração em transe, insensível às urgências do presente e aos arroubos libertários do futuro.

Roran, com uma ânsia lacrimante e penitente estampada no rosto cansado como a lembrança do crepúsculo devorando o olhar fulvo e singelo da lua em sua lida, dirigiu-se a Aria e advertiu-a do perigo oculto por detrás do brilho imaginário e da ventura súbita que erguera-se como o monstro asqueroso e imortal das lembranças e das noçadas perdidas na contagem infinitesimal das migalhas e dos restos do destino.

- Cuidado, Aria - murmurou ele com uma voz febril e soterroante, cercando cada palavras entre detenções carcomidas e engroladas pelo peso do tempo e das sombras, arrematando cada lástima no sopé dos desalentos inauditos e jamais esculpidos pela natureza inescrupulosa dos seres destituídos de afeto e de compaixão - Esta ponte é ladeada pelo rio dos esquecimentos e dos segredos insondáveis e desleais. Não podemos cruzá-la sem ter em mente que corremos o risco de nos perdermos e de cairemos prisioneiros de nossos próprios desejos e nossas próprias imagens espelhadas no abismo intransponível do rio.

Os semblantes de Aria, Lysander e Gavriel empalideceram ao ouvir estas palavras terexitímias e miasmáticas que fumegavam nas pontas dos lábios de Roran, como se cada sílaba pronunciada fosse um mistério e um prenúncio de encarnação dolorida e latente. Ora, o destino parecia dançar uma valsa sinistra nas vias do derreado que, diante do desconhecido colosso, erguia-se como uma cobra recocha espreitando seu destino extraviado no recesso das dobras e dos encapelamentos.

- É um desafio. Temos que enfrentá-lo juntos - Lysander expôs sua coragem, seguido da confirmação lacônica de Gavriel. Aria assentiu, acrescentando - Há sempre um novo abismo a transpor em cada etapa desta busca pela verdade e pela salvação de Eldoria. Já não podemos mais fugir de nosso destino, que nos arrasta, quer queiramos ou não, até os recônditos

e até as garras desta névoa infundável e enroscante que nubla nosso juízo e sufoca nossas resistências e nossas resoluções preempatórias.

A ponte, como um espelho d'alma, ostentava o brilho vaporoso das estrelas e das luas cruzadas em um súbito escondido que reverbera diante do olhar assustadiço e perdido de Aria em metáforas obscuras e fraudulentas. Seus pensamentos, um oboé sem rumo ou sentido, misturavam-se ao alarido de Roran e Gavriel e à serenidade temerária de Lysander, retratando o emaranhado de incógnitas e de desfiadouros que os prendiam de encontro ao destino torpe e esqualídico.

- Vamos cruzar a ponte e provar nosso valor diante do estrago e da penúria que nos acometem e nos condenam à insignificância e ao massacre eterno - decidiu Aria, as mãos trêmulas e enevoadas pelas fumaças que despontavam e se aninhavam como o bafejo demoníaco das estrelas banhadas pelo luar incerto que desmoronava no céu eyar.

Seguindo na direção do desconhecido, cruzaram a Ponte Mágica da Sabedoria Perdida com cuidado e decidido. As águas do rio pareciam zombar de Aria e seus amigos, candidamente refletindo suas emoções e vergonhas, instigando - os a se deixarem envolver pelos fios intrincados e embaraçados do próprio ser insondável.

Enquanto caminhavam pela ponte, os quatro peregrinos enfrentaram uma série de visões enevoadas e reflexos dúbios que os assaltaram com a verdade trôpega de suas dúvidas e tormentos inexprimíveis. A cada passo, uma lembrança, um arrependimento, uma promessa não cumprida, ascendia na torrente tumultuosa deste rio de um amor camuflado, de um ódio sumido, de uma tristeza tardia que poderia afogá - los em sua onda crescente de lágrimas fingidas e desesperos mordiscados na jugular dos erros.

Mas Aria e seus companheiros também encontraram resiliência em seu amor e confiança mútuos, resistindo à sedução de suas próprias vaidades e inseguranças. Como um farol resplandestente em sua jornada, a comunidade forjada pela necessidade - e agora, pelo coração - manteve - os à tona em meio ao mar de autoconhecimento e emoção traiçoeiros que os testava de maneira inexorável.

Por fim, tendo atravessado a ponte, cada um confrontado com a profundidade vívida de suas próprias sombras e arrebatada em um abraço de confronto e harmonia, Aria, Lysander, Roran e Gavriel se ergueram mais fortes, mais sabedores de si, mais afiados em suas determinações e mais

humanos em seu afeto mútuo.

Quando a ponte ficou para trás, como um adereço de um teatro empoeirado e abandonado, um virulento fragmento de sabedoria penetrou a guarda de cada um, impregnando-se em seus corações e suas mentes com a percepção profunda e indelével do significado e do propósito de todos os esforços vãos e desatinados que emprenderiam a seguir.

Assim, tocados pelo espírito intangível e elusivo da Sabedoria Perdida, os aventureiros prosseguiram em ação e estratégia neste naufrágio de esperança e de horror, lançando-se ao embate de suas vidas, à guerra suprema e à liberação de Eldoria das garras das sombras e do infortúnio.

## Os Relógios do Tempo Deformado

Com as mãos pesadas de cansaço e suor, os ventos rugindo com a ira do destino em seu rosto perplexificado, Aria arrebatou o sexto grão de areia da ampulheta que desmoronava em erupção estilhaçante pelos beirais e pelos cumes de um monte de silêncios e de precipícios enroscados no ventre rugoso e tônico da terra.

”Aria, desta vez é o sexto grão!” Roran gritou, sua voz como um trovão distante, abafada pelas tempestades sufocantes em seu íntimo, abraçando-se a temores e a sombras desesperadas pelo alento de um fio de esperança praieira e rabugenta. ”O sexto! Oscilação exacta e morfítica, eis! O passadiço agoniza, e conosco ele!”

Lysander, caído de joelhos, suas mãos trêmulas esculpindo nas serrilhadas e enegrecidas teclas do relógio titânico uma mensagem inarrável para as sombras que emergem e dominam os passos relutantes de uma alma mergulhada no abismo insondável do tempo e da voragem, estremeceu e tossiu com o peso e o afundo de sua imaginação já quase em falecência.

”Tentanto desrumpir a sequência de ossos e de fios de oiro desvenhado que jalready yourself italo, pelo seguinte diafragma e esfinge, knot notável disvela no nutriano do pergomearsonho e sob a praia do monte de pêndulos e de sombras que escurecem nosso futuro e sob urnas de nossa já desesperada procura.”

”Pressa, se pressa!” Aria clamava, sua voz esvaindo-se junto ao vento e às nuvens crespas, seu rosto tristonho e pálido como o crescer da noite estilhaçante em lampejos de incertezas e arroços. ”Roran e Gavriel, tarefa

essa cabível aos find'st thou me!”

Gavriel, aferrado com suas unhas encurtadas e roídas pela ansiedade e pelo terror ao cilindro sinuoso e cinzelado pelos simulachros dos tempos desossados e em ruína que girava freneticamente em seu eixo, lançava a seus olhos em pânico e desvario as chamas torradas e nebulosas emergidas das fissuras e das luas brotadas cansativas, com o olhar atônito de quem encara a face enrugada e engasgada pela dor e pela calma do esquecimento.

## As Palavras - Código Enfeitiçadas

A atmosfera vibrava com uma tensão palpável, como se o próprio ar estivesse coberto pela secreta tapeçaria de sombras e incertezas que pairavam sobre os corações atormentados de Aria e seus companheiros. Em silêncio, eles se encontravam diante da antiga porta de ferro forjado, retorcida e entrelaçada como os caules de trepadeiras sufocando um antigo muro esquecido nos recessos do tempo.

Naquela porta, estavam inscritas palavras enfeitiçadas, e os símbolos cintilavam e escorregavam diante de seus olhos perplexos e estremecidos, fazendo suas cabeças girar como se estivessem mergulhados nas águas espumantes e enganadoras de um maelstrom sem fim.

”O que faremos?” Lysander murmurou entre dentes cerrados, cada palavra ecoando como uma sombra trôpega na tapeçaria interminável de mistérios que desdobravam-se diante de sua vontade cada vez mais indomável; suas mãos direcionaram - se aos olhos crepusculares e dolorosos, como se tentasse apagar a visão infinte a que se debatiam contra as amarras de uma ilusão promontório. ”Estes são verdadeiros enigmas, eu temo.”

”A resposta deve estar aqui”, respondeu Aria, repleta de determinação, suas mãos quase imperceptivelmente trêmulas quando traçava o intrincado desfile de símbolos e palavras que ondulavam como um oceano fantasmagórico de segredos insondáveis.

”Milhares de palavras, de inscrições líricas estas, mas em que beirais: em que descontexto?”, suspirou Gavriel, olhos semicerrados de pesar e de subita astúcia, como que urdindo em seu pensamento sofista um vislumbre de possibilidade, um jorro de última esperança pelos labirintos de sombras sibilantes.

Roran, o mago, fechou os olhos em profunda concentração e então, num

sussurro quase imperceptível, pronunciou: "Palavras - código, linguagem elemental nosso vínculo com os elementos deve ser a chave."

Abrupto em sua decisão, Aria, guiada por um súbito surto de assustadora e ardente coragem, concentrou-se no fogo que ardia dentro de seu coração e em seus olhos, e espalhou as chamas fulvos e pueris através de seus dedos deslumbrantes e lançou - as contra a porta enfeitiçada. O fogo dançou, serpenteando em espirais de labaredas preciosas e efêmeras, tão fugazes quanto o incontrolável pulsar do destino.

"Estás a desvendar novas possibilidades, Aria", disse Lysander com admiração marcante, enquanto brandia sua lâmina - aço e fogo se entrelaçando, como a vastidão cósmica da luz e das sombras que se desdobravam em sua própria dança do entardecer.

Gavriel, testemunhando o sutil espetáculo de sedição que lançara - se de encontro às faíscas, encarou o ar semi - raro de Roran, deslumbrou um prelúdio de risos e assombros tênues como o passo mortal de artrópodes desorientados e desamparados, enquanto a amarra soçobrava aos desdobramentos; murmurava ele em melodia ágil e terrorífica: "Quem és, ó mestra da cartografia intangível e indomada?"

Roran estendeu as mãos em direção à porta - a lealdade e o conhecimento do tempo envolvia seu ser como um manto luminoso de sabedoria e segredos, e ele invocou o vento, soprando-o sobre as chamas, moldando-as em formas luminosas e místicas que saltavam em cadência celeste e febril.

As chamas envolveram os símbolos enfeitiçados, e à medida que se debruçavam sobre essa trama misteriosa, recolhendo-se em envelopes de luz e treva tecidos pelo fulgor das mãos destemidas e perspicazes destes seres infundáveis; ouviam o zunido crescer e despertar em seus ouvidos, como se as palavras se comunicassem com o caos espiralado que emergia de seus corações e de seus espíritos flamejantes e arrebatados.

E então, subitamente, as palavras convergiram em uma única frase, como se uma mão invisível as tivesse puxado de um mergulho eterno e as recomposto como um cântico recém - nascido. As vozes fantasmagóricas sussurravam a resposta; algo tão profundo e enraizado no grão mais ínfimo de Eldoria que parecia atravessar os véus do passado, do presente e do futuro - uma incógnita antiga como o próprio mundo, penetrando as profundezas de suas almas inquietas e enfeitiçadas.

A porta rangeu e se abriu, revelando um reino envolto em névoa e ante



o vulto extraviado pelo furor do momento, Aria e seus amigos perceberam que ali se iniciava a jornada definitiva - a transcendência e reconciliação de seus próprios universos conflitantes, onde suas almas mover - se - iam como sílfides e sereias pelas sombras e luzes que entrelaçavam - se como as lágrimas inexprimíveis da solidão e da alegria que deixavam - se levar pelos ventos audazes e instantâneos do destino.

E assim, adentraram no desconhecido, mais conectados e sintonizados do que nunca, ao ritmo batador do destino e dos seus corações enfeitçados.

## Enigmas dos Elementos

Surgiram aos olhos estarecidos de Aria e seus companheiros, uma sequência infundável de portas a perder - se na névoa cinzenta e impenetrável que os cercava, cada uma com um símbolo elementar gravado em seu portal arqueado. Não havia em nenhum mapa dos reinos - nem nas cartografias mais antediluvianas que Roran coletara durante seus anos a chorar de saudade e de busca em desespero de sua amizade já sepultada em âmagos sombrios - uma indicação ou conhecimento destas salas que enfileiravam - se como esfinges gargantuescas e frias, desdenhando sua insignificância e riqueza lembrativa a luz cintilante da tocha que Aria brandia em sua mão vacilante e destra.

"Ora, ora! Parece que o destino insiste em abruptar mais e mais a sucessão de pedregulhos perante nossos pés já hesitantes e aflitos", Lysander resmungou, encarando a muralha consternada e interminável de portas. "À testa de cada orvalho de monte a uma tromba a desmestrellar - se em tradágito e urgência funesta!"

Gavriel coçou o queixo engasgado em cabelos flamejantes e em ansiedade, olhar indo e vindo, salteando de porta a porta em busca de um detalhe ou pista que clareasse os mistérios tintureiros que infestavam a câmara labiríntica e ensombrada pelos estranhamentos. "Permeios de incógnita e de cânticos"; ferrúdeo o ar quase sem silvo e corrupção, seu pequeno nariz duendesco apoderando - se de cada mínimo odor ou indício de elementaridade.

"Estamos cercados por enigmas, é fato", murmurou Aria, sua voz abafando a agonia latente que pesava em seu peito e em sua alma, como se as chamas dançantes em sua tocha refletissem o tormento incandescente que a consumia por completo. "Mas cada pergunta deve trazer também sua

resposta, não é verdade? Não podemos desistir agora.”

Roran, extenuado, com braços em suspensão cansativa e um sorriso relutante a espalhar - se em seus lábios, olhos encharcados de tempestades valentes e contundentes pelo grande oceano das preocupações e memórias caudaladas em infinita desarmonia e saudade; colaborou em melodia doce e tênue: ”Dúbio território a encantar - se elemento, minha cara Aria. Neste labirinto de portas sem end - segunda, desvelaremos infindáveis cantos e encantos de fogo, de água, gelo e vendaval, até topinar a face e a gema de Eldoria em prisma de absoluto e congraçado jámore.”

”Então devemos escolher um caminho, e enfrentar o que vier”, proferiu Lysander, sua voz firme como o aço que empunhava. ”Juntos.”

Aria levantou a tocha ainda mais alta, seu coração pulsando em uníssono com as chamas - um fogo inextinguível e impenitente que clamava por vingança e redenção, por justiça e libertação das correntes do destino que os arrastava cada vez mais para o abismo profundo e caótico. ”Juntos.”

Assim, como uma vela solitária lutando para iluminar a vastidão insondável da escuridão que envolvia em segredo o penumbroso coração de Eldoria, os quatro amigos abriram - se na didascália ensombrecida das portas cerradas e emolduradas pelos tempos e pelas areias desembocadas a beirar - se em onirismo e sorvedouro.

E naquele momento, quando os olhos já se encontram cegados pelos espectros do medo e pelos vultos impossíveis que dançam à espera do instante em que cansam - se de vigiar a passagem frágil entre luz e sombra, Aria sussurrou um prece fugaz e impronunciável a espalhar - se como as brasas de um incêndio que queima veloz e impiedoso, consumindo toda a desesperança e dúvida que pesava em seu peito e em seu coração estilhaçado e atormentado.

E assim, de mãos crispadas e resolutas, um a um, vieram as portas a ceder - abrindo - se num silêncio que era um grito e um conhecimento inexprimível de que, onde quer que as sombras se entrelaçassem aos fios de luz e esperança, eles permaneceriam ali, enleados no espelho e na face de um tempo que imola - se em chamas, e na idade em que o sopro do vento floresce e desvela o crepitar do inexplorado e do temido.

## O Quebra - Cabeça do Tesouro do Duende

Nada poderia preparar Aria e seus companheiros para o desafio que os aguardava naquele anoitecer sereno e cheio de sussurros ameaçadores - os sussurros do quebra - cabeça do tesouro do duende. Eles travaram a marcha diante do grande intrincado labirinto de pedra que se erguia como um monólito inabalável e impiedoso em suas vidas já tão marcadas pela dor, pela resistência e pela súbita e inabalável vontade de alcançar o desconhecido e desenterrar o segredo mais profundo das trevas de Eldoria.

O olhar de Gavriel brilhou como uma chama labareda saltitante nas noites tempestuosas de outrora - uma chama que seus olhos haviam herdado da era de faíscas e fogo, quando os duendes caminhavam entre os reinos imberbes e vislumbravam os segredos enigmáticos do mundo. Ele sabia que, nesse momento, ele era a chave e a urdidura que controlava o destino desenrolado e serpenteado de seus companheiros.

”Devemos adentrar esse labirinto”, afirmou ele com uma voz resoluta e firme como as cordas esticadas de um arco. ”Eu sei que é difícil, amigos, mas devemos lembrar que nós, duendes, somos mestres no ofício de desvendar os segredos mais ocultos e intrincados. Eu sou a única pessoa capaz de guiá-los através deste abismo infinito de mistérios e esperança.”

Aria olhou para ele e conseguiu ver, através do véu brilhante de seus olhos acobreados e astutos, o peso da responsabilidade e do destino que ele carregava em seus ombros diminutos e flexíveis.

”Confiamos em você, Gavriel”, disse ela, e de suas palavras ecoou o som do vento que acariciava e se enredava em cada mosqueiro e recanto da soçobrada Eldoria - um vento que ela sabia, em seu coração flamejante e determinado, que sussurrava a eles as direções precisas e inalcançáveis que deveriam seguir.

Roran e Lysander assentiram em silêncio, cada um com a confiança eterna e infinita que haviam construído entre eles através das lutas e batalhas e traições impessoais.

Então, um a um, eles entraram no labirinto de pedra, onde as paredes se contorciam e se retorciam, as pedras adentrando - se aos céus enfumaçados como os dragões de Eldoria, criaturas cujas memórias ressoavam como um repicar de sinos distantes em suas mentes atormentadas e frias.

Os ventos passavam pelos labirintos como rios tempestuosos, cada um

levando consigo o murmúrio de um segredo antigo ou de um enigma tão entrelaçado como as próprias sombras que dançavam e se rastejavam nas paredes de pedra. Mas Gavriel liderava-os com passos valentes e resolutos, e em seu coração - um coração que parecia brilhar com a ânsia e a tenacidade de mil duendes ancestrais - ele sabia que eram eles quem desmascararia o enigma do tesouro e quem triunfaria sob o jugo inquebrantável do destino.

Encontraram-se, então, diante de uma porta talhada de pedra escura, na qual um símbolo misterioso e deslumbrante brilhava como um farol de esperança e de mistério.

”Este é o símbolo do Tesouro do Duende, amaldiçoado a gerar alvíssima trilha na envoltória da idade”, sussurrou Gavriel, uma expressão de determinação e dúvida envolvendo seu rosto como um manto enigmático. ”É aqui que nossa batalha começa.”

Silenciosamente, Aria, Roran e Lysander acenaram em concordância, cada um sabendo que o que enfrentariam não seriam monstros terríveis nem ameaças em carne e osso, mas as batalhas interiores que ferviam e rugiam dentro e além de seus próprios corações e esperanças - um conflito que eles sabiam que testaria sua coragem e sua fé até os limites mais extremos.

Ao abrir aquela porta impregnada de magia e sombra, de esperança e medo, eles deram o primeiro passo em seu caminho - um caminho que mudaria para sempre os rumos de suas existências, e talvez, quem sabe, de toda Eldoria. Os sins e nons, as engrenagens a mover-se em absoluto estado de total engano e oblíquo; e ali, sabiam eles em corações iniciáticos de encruzilhada e precipício, que o caminho do verdadeiro e inescrutável tesouro a esperar - lhes fazer no medo e na compaixão intrínsecos, desvendar o fosso insondável da noite e seus espectros líquidos de vento e chama.

## A Torre das Chaves Ocultas

erguia-se diante deles, um monumento ciclópico e sombrio que parecia desafiar a própria montanha em que estava incrustada. O vento sibilava entre os penhascos negros, entoando um réquiem antigo e inarticulável que, em seus corações já atribulados pelas provações e perigos que enfrentavam, fazia brotar uma urdidura de medo, incerteza e coragem renitente e inextinguível.

”Aqui nos encontramos, à beira do precipício e ao limiar do desconhecido”, murmurou Aria, os olhos enraivecidos pelas maquinações intrincadas do

destino que conspirava tanto contra eles quanto também em seu favor. "Como devemos avançar por uma senda tão enigmática e abstrusa, meus amigos?"

Gavriel parou, os olhos ágeis saltando de um detalhe a outro - como se procurasse, entre os arabescos vorazes das sombras e dos musgos enegrecidos pelo tempo, uma palavra ou sinal que os guiasse até seu objetivo insondável. No entanto, Roran levantou uma mão hesitante, silenciando suas indagações.

"Creio que posso ajudar", disse ele lentamente, como se o simples enunciar da verdade fosse suficiente para quebrar o equilíbrio delicado que sustentava seus corações em ânsias entre o desespero e a esperança. "Nas tormentas e vendavais de saudade, revolvi inúmeros manuscritos e pergaminhos, e tropecei por entre rubricas que eram como soleiras entre o passado e a dimensão sombria reclamando todos os seres e todos os sonhos. Acredito que este lugar abriga o segredo do reino encantado de Eldoria e, talvez, a chave para desvendarmos nosso próprio futuro."

Aria fitou - o com olhos de tempestade e relâmpago, a íris e a pupila envolvidas em faíscas e fagulhas onde o medo e a coragem dançavam em um cataclismo de sentimentos extremos. "Estás dizendo que entende este enigma, Roran?"

Ele alinhou um sorriso tristonho e fatigado nos lábios, como se soubesse que a confissão lhe custaria o repouso eterno da alma já amarfanhada e perseguida pelos temores de Eldoria e pelos mistérios prosaicos e incorrigíveis do coração humano primordial.

"Sim, Aria. Se me permitires guiar - vos por esta torre inominável e lançar - me aos pés das sombras subversivas de nosso destino, eu juro que encontraremos a vereda correta - e talvez, quem sabe, um vislumbre de redenção para nossos corações atormentados."

Lysander colocou a mão enorme e calosa sobre o ombro de Roran, a testa sulcada em rugas que eram como os rastros indelévels de todas as batalhas, antes e depois perdidas na obscuridade.

"Guardarei tua retaguarda, amigo", murmurou ele, a lâmina reluzente e ávida por servir a um propósito maior, um ideal tão sublime que o próprio sangue e aço pareciam afogar - se em seu encanto e misterioso fulgor.

Gavriel assentiu, uma vontade férrea e imperturbável sellando - se em seu olhar astuto e flamejante como o fogo que brincava, oculto, no âmago de suas veias e de sua memória ancestral.

”Vamos juntos, Roran. Nosso destino está aqui, nestas muralhas áridas e escarpadas que nos assombam com a promessa de tesouros e orvalhos inatingíveis. Tudo quanto esperamos - e tememos - reside nas glórias e nos horrores que encontraremos por entre as sombras desta torre em ruínas.”

Ao adentrarem na câmara octogonal de granito, seus ecos solitários e desafiadores a receberam - como se esperassem desde a aurora dos tempos que pisassem, de mãos dadas, seus caminhos de chão e pó, de céu e silêncio -, Aria percebeu que cada amálgama de sombra e de rocha, o contraste absoluto das paredes opacas e da luz cintilante que os envolvia por completo, era um fragmento vivo da história de Eldoria e de suas raízes.

Subiram em espiral, passando por portões e arcadas que se entrelaçavam em um labirinto de passado, presente e futuro, desvendando a cada momento um arquétipo - não apenas de conhecimento, mas também de temor e aceitação que só os confins envoltos em sombra conseguem alcançar e compreender em sua perfeição dorsal esquecida.

O silêncio e o mistério que regiam a Torre das Chaves Ocultas tornavam-se mais densos e impenetráveis a cada degrau ascendido pelos aventureiros. Entre soluços de ansiedade e ardores tímidos de coragem, o grupo prosseguia, impulsionado pela força de um vínculo que ultrapassava a amizade e se aproxima do sagrado.

Alcançaram-se, ao píncaro da torre, onde a noite abria-se em abismos de estrelas que sussurravam verdades imperscrutáveis em seus olhos de água e de sangue. Ali, na cimeira, auferiram a visão beatífica de um reino de trevas e de luz, a dualidade sagrada e soturna que permeava todos os segredos de Eldoria e do coração humano iniciático.

Comungaram, num silêncio cósmico, o mistério e o esplendor desse reino que se revelava, e sentiram que, no trilar de um tempo e de um espaço que inverte a ordem do conhecido e do temido, estavam vivenciando, no âmagô de suas almas, um milagre que jamais poderiam esquecer.

## **Desvendando o Segredo do Pergaminho**

Aria arfava, o coração em fúria compatível com a luz endiabrada que reverberava pelas paredes musgosas da biblioteca subterrânea. A poeira assomava-se nas prateleiras feito entidades áridas e inanimadas, ocupando todos os espaços daquele santuário de espiral de vidro que até então abrigara

apenas sussurros mágicos e lampejos de uma verdade suprema e tenebrosa.

Por um momento, um fragmento astral de eternidade, ela ansiou por tocar o pergaminho que intumescera seus sonhos com o peso das eras imemoriais - mas hesitou. O medo prendia - lhe a respiração e a esperança arrancava - lhe a saliva que empanradouro na garganta. Era como se o rolar tenebroso de todas as eras contemplasse aquele instante, e que dos portais do passado, as testemunhas de um tempo onde tudo era misterioso ressoassem, em uníssono existencial, a nota agônica de um véu entre a realidade e a ilusão.

A hesitação agridoce foi opressiva naquela madrugada gélida e serpenteante, enquanto Aria, lançando um olhar escrutinador e inquisitivo pela biblioteca envolta em penumbra e desconhecimento, sabia que nesse pequeno e insignificante pergaminho entesourara - se a esperança e o terror de um mundo envolto na manta etérea e insaciável do esquecimento.

Ela reticulou, como uma aranha a tecer o fio de prata na escuridão - e subitamente, como se tivesse aderido a um chamado enigmático ecoando no oco de suas veias e de sua alma incandescente, apertou o pergaminho entre os dedos trêmulos e aflitos e o desenrolou.

Ali, onde o estalar do pergaminho, o crepitar do silêncio, desvendou - se perante os olhos famélicos por saciar - se de luz e de sabedoria a mais hedionda de todas as profecias - a do retorno dos dragões de Eldoria.

Como um repuxo de águas tenebrosas e fulminantes, os segredos encobertos pelo véu do pergaminho fluíram para o âmago de seu ser, quebrando as correntes do medo e da hesitação e talhando as muralhas de insegurança e de hesitação que haviam amealhado em seu caminho uma serventia de dúvidas e de dilemas insondáveis.

Com cada palavra e sílaba inviscerando - se em sua mente, Aria compreendia o papel preponderante que representava na profecia do retorno dos dragões - arrancando das profundezas de seu ser e do limiar de sua consciência as armas emblemáticas que lhe eram necessárias nessa batalha colossal pela redenção e pela salvação do mundo de Eldoria.

Os ousados de autodeterminação e coragem radiavam dela como auréolas douradas e faiscantes; aos trancos e barrancos, foram convocados para ajudá - la em sua busca sombria e estapafúrdica, reunindo - se a ela Roran, o mago hábil e misterioso, Lysander, o corajoso e nobre cavaleiro, e Gavriel, o duende esperto e curioso.

No entanto, com o passar das eras e o ruído áspero e insólito da fala e do silêncio, estava sua mente dividida em facções opulentas de esperança e de temor, de aceitação e de recusa. Encontrava-se nas encruzilhadas de seu espírito, e só o desenrolar das estações do tempo e do dever inescapável que revoava sobre seus lombros já combalidos pela promessa de uma tormenta assertiva poderiam ditar - lhe qual o rumo a tomar - e a qual legado haveria, enfim, de dedicar - se como serva do destino e amiga dos enlaces mais obscurantistas e avassaladores.

Ao repor o pergaminho sobre a mesa reluzente de sombras urdidas, Aria sentiu o peso crisescaular de seu legado e de sua vocação como uma rosa a perfurar - lhe a pele e a emanar dela uma vereda de sangue, esperança e resignação.

Ali, naquele templo de saberes acobertados por faíscas, dedilhou um hino catárquico e avassalador - a canção da gralha prestes a escapar das garras do esquecimento e a alçar voo, alçar o peso e a responsabilidade de seus dons e de sua sina, em direção a um céu onde o sol e a sombra, em abraço sereno e fraterno, urdiriam juntos um novelo de esperança e de treva.



## Chapter 6

# Revelação dos Segredos de Eldoria

No limiar da alvorada, enquanto a patina de fumaça e luz cobria as colinas e vales de Eldoria como um espesso cobertor de mistério e promessa indecristível, Aria encontrou - se, sentada num banco de mármore empoeirado e esquecido pelas pétalas carcomidas do tempo, diante daquele manuscrito enigmático cujas páginas de pergaminho, amareladas e sussurrantes em segredos e traições, chamavam - na profundamente, estendendo - lhe o inaudito convite das sombras e das dores em carne viva.

Ao decidir entre a fulgente tentação do conhecimento ancestral e a sobeja inquietação que a assaltava ao umbral daquele portal em forma de livro, casualmente arremessado no limo das paredes lapidares onde o desespero cordial das almas confortáveis com seu passado dilacerante e seu futuro incógnito lancinava as penumbras, ela tomou uma lufada de ar e arregaçou os punhos de seda negra de sua camisa.

"Ergue - te," sussurrou Lysander, o rosto ruborizado de poeira e de preparativos. "Desvenda o mistério que repousa entre essas páginas fragmentadas, e quebraremos, juntos, o jugo sufocante que o medo e a incerteza lançam sobre nossos passos e nossas esperanças."

Gavriel afastou a vara encantatória, a prateleira abaulada e tremulante tremeluzindo em faíscas e fragmentos do mosaico de verdades que eles haviam, como num ardil de apostas e lágrimas, apanhado meteóricas e cheias de uma potência ignorada e fulgurante.

"Que esperas?" indagou Roran, em voz baixa e plangentemente límpida.

”A resposta para nossas indagações e nossos suplícios repousa ali, nas entranhas enegrecidas e tremeluzentes desse livro de encantamentos e nostalgias malavisadas.”

Aria observou o livro e fatigado à sua frente, como se fosse o retrato de um filho doente e estapafúrdico, prevendo de antemão as tintas sombrias e coloadas desatinadas de um destino que, caso abraçadas as páginas do tempo e da dúvida, ére porem revelado e ajustado em suas alcovas estremeçadas. Não sabia, ao certo, o que haveria de encontrar ali; se as memórias prementes ressoariam, cheias de lamentos e codiceras, no fundo de sua garganta pastosa e de seu coração já combalido pela tempestade dos dias, intoxicado de nostalgia dolorida e de promessas amenas.

Sentiu, no entanto, como se as palavras atraíssem a ela uma curiosidade mórbida e turva, feito um novelo de neblina entretecido com peçonhentos escorpiões. Porém, decididamente, abaixou-se e, embora trêmula e agourenta como corvo pouco antes de mergulhar nas hóstias pungentes do breu noturno, deslizou os dedos gentilmente pelos grânulos de poeira, acomodou-os em seus cílios e arroxou sussurros engasgados de angústia e de renitente esperança.

Com gentileza vacilante, mas veguescente em sua hesitação pagã, ergueu o livro e depositou-o, como o fardo cizentado que era, sobre o pedestal de ébanita e lágrimas sentadas naquela biblioteca sem nome ou passado. Abriu-o com tremor inaudito e imenso e deparou-se com um relicário onde a ânsia e a coragem intercalavam viéses e intempéries luminosas, refletidas sobre as muralhas de pedra e as prateleiras infinitas daquele antro repleto de sombras e vicissitudes desvairadas, à margem da eternidade e do esquecimento.

Deixou, como se fosse um tecido de estrelas, que o encanto da voz do livro se entranhasse em seus poros e naquele quarto destelhado e melancólico que era sua alma, o estritum do mundo em ebulição ecoando pela sala e adentrando em corações não apenas do passado, mas de toda a seara de existências que em silêncio caudaloso oprimia seus passos já em allychágio alunados pela danza macabra de uma história dolorida e emblazonada pelos fantasmas do que ainda estava por vir.

Foi assim, com aquele livro entre mãos a tiritar e a plasmar sentimentos e razões intrincadas, sombreadas de incódigo terror e assustadora alegoria, que Aria e seus amigos - agora, mais que mero grupo de defensores de um reino, mas sim irmãos unachos<sup>26</sup> e alinhavados pelos puros segredos desta lâmina grave e umbrosa - desvendaram não apenas o mistério de Eldoria e

de seu fabuloso passado e as sombras que bailavam, persistentes, em suas paredes e trilhos de mármore pavonado.

No fim, ao fechar capa arapia e preciosa que era o segredo desse livro feito de luas e de aventuras estelares e rubricas mergulhadas em óbices ancestrais do que haviam sido lembranças e juraleiolastes, Aria percebeu, no tanto essone de sua íris e do burilamento de seu coração e de suas convicções trôpegas e goyle, que no limiar desse livro e daquela biblioteca chamejante haviam encontrado, todos, a definitiva e corajosa senda que os guiaria inabalavelmente rumo ao mistério insolondável dos Dragões de Eldoria.

## Visita à Biblioteca Esquecida

Erguia-se como um farol estremecido e estapafúrdio, contorcido em uma sinuosidade enevoadamente despegada do alcance das misérias humanas e permitindo se entrever apenas como um espectro inadequado por fim à contemplação de quem buscava o conhecimento que se escondia lá. Aria, Roran, Lysander e Gavriel pairavam em silêncio ante o umbral daquela biblioteca, cujas formas ebúrneas e entrelaçadas numa filigrana ininteligível e absortas em labirintos arcanos urdiam mistérios indecifráveis ao olhar cego daqueles corações incautos e heróicos.

“Visões cafarnicas dentro de nós acalentam apenas o patíbulo”, murmurou Roran, a voz trêmula e hesitante forjando-se num bordoneio que mais soava como um angustiado suspiro, como se buscasse, em vão, represar oprimir-se no nó da garganta de algum ser intangível e efêmero.

Era lá, na Biblioteca Esquecida, longínqua da legião pristina de esquinas celestes e de sóis a dormitarem preguiçosos sobre a crosta incrivelmente tênue de compreensão, que estavam destinados a encontrar uma verdade que há muito fora elidida pelos grilhetins das ervas daninhas da ignorância irregular e no gorgolejo indômito da sede pelo poder.

Silenciosamente, eles cruzaram o limiar da biblioteca, suas passadas reverberando em arpejos abaulados pelo espaço aprisionado, e as sombras presentes nas paredes se entrelaçavam como mãos amigas, esparsas nos tenros gemidos dos ancestrais, um eco longínquo meneatrrano das esperanças e dos infortúneos do passado.

O coração de Aria disparava no peito, uma sinfonia cacofônica a debater

-se com o estalo intempestivo do espaço e do silêncio que pendia das vigas e das abóbadas de cerúleo. Ansiava, em seu ardor febril e obstinado, por desvendar os segredos que urdiam nas prateleiras carcomidas pelo tempo intangível e obstinado, na vã esperança de encontrar um vislumbre áureo que pudesse apaziguar o caos em ebulição em sua alma em retirada das trevas e do esquecimento.

”Os próprios ecos de suas buscas ávidas encadeiam-se em névoa insólita”, mascou Gavriel, seus olhos enluarados desviando-se com inquietação para os esconderijos e ninhos de histórias e sombras que despontavam, roliços e uivantes, das estantes infindáveis.

Eles vasculharam os corredores umbrosos em busca das respostas, como corvos a perscrutar o peso esdrúxulo das eras nas sombras forjadas por relógios de sol e de lua, em busca da chave que enfim permitiria desatar os nós corrediços da perplexidade e do enigma que se alastrara como um parasita voraginoso pelo âmago de seu conhecimento.

Nos olhos de Aria, porém, algo lhe roçava, trêmulo e aflito, a íris - e era não a coragem ou a ameaça, mas o vizinho arrelia da melancolia poída e o desespero tardio de historietas e de sussurros que há muito dançavam nos brocados das brumas lúgubres e horizontais de universo corroído pelos soluços e pelos desgostos incorruptíveis.

Algo premente, insólito, em tom argentiferante, chamou-lhe a atenção. Era como se um sinal fraterno e ao mesmo tempo apavorante estivesse a percutir em suas veias e em seu coraçembe01, a estridenlâmina azucrinária que se alongava a partir da intersecção da dor e do medo e chegava a um patamar impossível de percepção, uma sinfonia de trevas e revezes inaudíveis aos sentidos humanos desbraitava aquele beco estridente e invocado.

Aria, instintivamente, seguiu o indício rutilante, percorrendo a escuridão como uma sombra no limiar do tempo e do desconhecido. Roran, Lysander e Gavriel a acompanharam, silenciosos como um cântico noturno solapado pelo vento traído. Sabiam que uma verdade inexplicável os aguardava na climata do passado e das sombras, ou nas escórias embrulhadas no pano fulgente e ininteligível de seu destino.

Quando Aria finalmente fez uma curva e avistou um volume encadernado em veludo negro e fosco, seu hálito suspendeu-se na garganta, vacilante. Uma faísca de luz azulada emanava da espiral de prata desenhada na capa daquele livro, como se estrelas distorcidas e ávidas por ressurgir do abismo

espacial pudessem cintilar, naquele templo de escuridão e desventura, uma ponte entre as dores fundas e impenetráveis do passado e a promessa sombria e dissolverina do futuro.

Passo a passo, a mão trêmula e húmida de perscrutadoridade a lhe unlaminar a carne, aproximou-se do livro, prendendo o pulsar da luz azulada sob seus dedos. Sentiu, em seu coração, o etílico manto de um segredo aprisionado e latejante, um inauditismo no mundo cruel e faminto de uma nova verdade e, talvez, de uma nova esperança de que os destinos de Eldoria e do universo poderiam, afinal, por agouros e desígnios emancipatórios, estar em suas mãos.

Ao momento em que tocou o livro, a luz engolfou Aria e seus amigos em um véu límpido e cheio de sugerimentos, alimentado pela lana cruenta e pulsante de uma vontade indomável e irtriscável de, a um suspiro breve de compreender a verdade que repousava nas entranhas e nas pagelas daquele coração empedrado de história e de sofrimento - e de, finalmente, desembulhar os juliões invisíveis e perpetradeldonados ao acaso e ao jugo amorfo do inescrupuloso ténue do tempo e do silêncio.

Com o livro entre mãos - e com um ténue vestígio de lágrimas primevas e pérfidias a níveis transpassar naquele ocaso de compreensão e de prova pesarosa -, Aria e seus amigos se encaminharam, num passo algo vacilante, para a insanidade reticente e desconhecida da busca pela verdade desembulhada no tempora paraxistas do tempo engolfado e incôscio.

## Descobrimo os Cinco Reinos Perdidos

Aria sentia o peso da responsabilidade crescer sobre seus ombros, como um jugo inquebrantável. Ela e seus amigos, a quem aprendera a chamar de irmãos, tinha conseguido muito desde que sua jornada começou, descobrimo e enfrentando perigos e forças ocultas que ninguém jamais ousara imaginar. Tudo isso, ela sabia, fora realizado não apenas pela sábia liderança de Roran ou pela coragem admirável de Lysander, mas também por sua coragem infindável e pelo ardor de sua alma mística. Eles haviam nascido e renascido em Eldoria e suas glórias e desgraças se entrelaçavam em um tear eterno, tão estreitamente vinculadas quanto as sombras que dançavam nas formas ebúrneas e nas filigranas de sua alma.

Havia uma mudança inelutável em Aria, desde o momento em que

desvendou a profecia. Ela sentia crescer dentro dela uma curiosidade insaciável e inabalável, algo que ocupava sua mente selvagem como uma chama abrasadora e ardente, e que os olhos astutos de Gavriel e o coração vibrante de seu amigo e aliado, Aryssa, não deixavam de reconhecer. Algo havia mudado dentro dela, e nenhuma palavra ou encantamento podia apagar o que parecia ser agora uma inflexão eterna em seu coração palpitante.

Como quatro sóis intermináveis, eles brilhavam juntos e iluminavam caminhos há muito obliterados pela inquietante mão do tempo - e foi esse brilho ébrio dos corações empedrados que os levou à antiga sala, cujos cílios das paredes cítricas umadecidavam de murros necrosados e papéis gélidos e esquecidos.

Na sala, um mapa vasto e sinuoso adornava a parede, bordacios os peregrinares místicos e estrelas douradas e luminosas apostrofando os nomes longínquos dos Cinco Reinos Perdidos. Aria, Roran, Lysander e Gavriel, estudaram o mapa com olhos arregalados, como crianças perdidas na terra do sonho infinito.

”Aqueles que se perderam no passado reemergem aqui como pontes secretas para a dimensão desconhecida”, murmurou Roran, seus olhos brilhando com uma intensidade de alquimista. ”Estes são os Cinco Reinos Perdidos Seaspira, cujas águas conheceram a magia e o terror do profundo; Aydrahia, onde as chamas alcançaram os céus e dançarinas - estrelas seduziram o horizonte; Gloradiel, cujas florestas abrigavam segredos ardilosos e antigos; Galdorheim, sob o sol prateado, onde o gelo e a névoa reinavam supremos; e Ethenea, a joia do Noctys, cujas torres encantadas uma vez olharam para o abismo e fizeram um pacto com o tempo eterno.”

Um silêncio sagrado seguiu as palavras de Roran, como se o nome dos Reinos Perdidos fosse também uma prece secreta e um chave às portas dos dragões e dos mistérios que ainda pairavam, insondáveis e invioláveis, no coração de Eldoria.

”Mas como recuperaremos o que foi perdido?” perguntou Lysander, sua voz grave como o limiar do tormento e da coragem.

Gavriel, cuja mão trêmula acariciou o mapa como se estivesse acariciando a face de uma criança adormecida, respirou fundo e finalmente falou, sua voz esparsa na gesticulação de sombras e silêncios e apelidos: ”Quando descobrirmos o segredo guardado nestes Cinco Reinos, dissiparemos as sombras e revelaremos a luz ardente que jaz por trás de todas as coisas,

tanto na dimensão desconhecida quanto nos corações daqueles que foram arrancados da eternidade.”

Aria, seus olhos banhados pelo rubor das auroras, lançou um olhar compreensivo ao redor, como se buscasse a chama oculta que se ligava a seus amigos e aos segredos inenarráveis que repousavam aqueles Reinos Perdidos.

”Então, nós devemos nos preparar para a jornada mais perigosa de todas e atravessar os abismos do tempo para as terras dos Cinco Reinos Perdidos - e além. Pois, somente assim podemos transcender o véu mortal e enfrentar, com coragem inabalável, os Dragões de Eldoria.”

Neste momento, quando todos os olhos se voltaram novamente para o mapa, uma chama âmbar e embriagada brilhou nos corações daqueles jovens guerreiros, inflamada por uma firme convicção, cuja voz, como um canto sussurrante, revelava que a batalha estava apenas começando.

## A História dos Dragões Antigos

Era noite em Eldoria, o reino encantado das maravilhas e das sombras onde os corações adormecem, enredados nas vestes de prata do luar. Naquela noite velada pelas asas cinzentas de um abismo insondável, Aria e seus amigos - Roran, Lysander e Gavriel - sentiram-se impelidos a penetrar o núcleo enigmático da Floresta das Sombras, em busca da pedra mística que lhes permitiria desvendar o segredo do livro descoberto na Biblioteca Esquecida e também deslindar os enigmas da Profecia do Despertar dos Dragões.

A floresta, um labirinto sinuoso ecoado por arquejantes sussurros das raízes ancestrais e pela respiração perdida das estrelas, esticava-se como um abismo entre os ramos e a terra. Através da névoa lunar que filtrava o silêncio, Aria avistou, como uma visão profética, a luz âmbar de uma fogueira que estonteava sua alma intrépida e a atraía para a dimensão desconhecida de um mundo onde a linha que separa o sonho do pesadelo tornava-se um débil fio de prata.

Os quatro se aproximaram da fogueira, guiados pelos suspiros e sussurros que os acompanhavam enquanto o vento cantava baixinhos lamentos. À medida que a luz crepuscular revelava sua origem, também o espectro de uma figura ancestral surgia, erguendo-se no clarão ambarino como um guardião dos segredos alados do passado e das magias que se entrelaçam na

trama do tempo.

Roran, inquieto e ansioso como só um coração místico é capaz de ser, interrogou a figura, cujos olhos fosforescentes transportavam sonhos e sombras labirínticas:

”Quem é você, ser posto entre os reinos de Eldoria e a dimensão desconhecida, que parece urdir em min’alma o mistério dos dragões antigos e o augúrio do tempo insurrecto?”

A figura, envolta numa túnica de névoa e poeira sideral, deslizou pelo espaço como se fossem as sombras da aurora despercebida e respondeu com uma voz calma e pérfida, que acariciou os corações como um toque gélido:

”Sou Orian, o oráculo imemorial dos reinos enterrados nas trevas e nas lembranças desbotadas pelas asas do tempo. Eu testemunhei o despertar dos dragões antigos e vi uma nova era moldar-se nas ondas de fogo e ecoar no vazio do abismo estelar. Vim até vocês para revelar o que há muito foi esquecido e ajudá-los a compreender o papel de todos vocês na luta contra o retorno apocalíptico dos dragões.”

Com um simples gesto, Orian conduziu o olhar dos quatro jovens guerreiros ao céu estelar, onde milhões de reluzentes pontos mundanos dançavam em uma coreografia cósmica. Eles viram no zodíaco espectral a silhueta familiar dos cinco dragões ancestrais, cujas lutas e tragédias uma vez abalaram o próprio tecido do universo.

Nessa vislumbre, contemplaram a grande serpente alada, conhecida como Eldrannon, o Dragão de Fogo, que ara o coração rubro das batalhas e das desesperanças; os gêmeos aquáticos do abismo, Thassalagon e Nyalissar, cujas vozes silenciosas sussurravam entre as águas escuras e as enseadas soturnas; Alberashx, o dragão do vento e das tempestades, que com a extensão de suas asas era capaz de agitar ciclones etéreos e de tecer teias de caos e calamidade em sua passagem; e, enfim, Yrolra, a rainha dos dragões gélidos e das névoas eternas, cujo abraço congelante ressoava nos vales dos pesadelos e nas vastidões dos domínios inacessíveis da lua melancólica.

Empalidecidos pelos véus das sombras que envolviam o oráculo e a floresta, Aria, Roran, Lysander e Gavriel pousaram a mão hesitante sobre a precisão dos corações e roeram, no silêncio, a incerteza de sua destinação. Seria em suas mãos - quatro almas inflamadas pelo ardor de uma fé inabalável e mergulhadas na escuridão dos labirintos surreais -, que repousaria o desafio e a redenção de Eldoria e os sofrimentos e as esperanças da humanidade,



outrora sucumbida às garras da desventura e dos pesos inexoráveis do tempo.

Eles escutaram as palavras aladas do Oráculo com piedade e ânimo estremecido e se lançaram, num passo decidido, aos braços da floresta reticente e dos dragões amaldiçoados pelo fado e pela maresia.

Embora as sombras da incerteza ainda pairassem sobre suas almas, eles seguiram em frente com coragem e determinação, sabendo que a verdade por trás da profecia os esperava no coração sombrio e retorcido da Floresta das Sombras e no abismo ressonante dos dragões ancestrais.

Dentro de Aria, pulsava um sentimento novo e poderoso - a resiliência, que apenas um coração corajoso e ousado pode abraçar. Roran, Lysander, Gavriel e ela estavam destinados a serem os lumes na penumbra, os cavaleiros celestes capazes de reunir os fragmentos do passado e deter a ascensão das sombras do profundo e do inominável. E, mesmo diante dos rostos desconhecidos e vilípedes dos dragões, eles penetraram na noite, suas almas incendiadas pelas estrelas e pelas vozes não mais silenciadas de Eldoria.

## Os Elementos e os Mestres - Druidas

Aria sentia o arrepio da manhã em sua pele enquanto a névoa flutuava em sua frente, envolvendo-se ao redor da torre de pedra e estrangulando as árvores imponentes ao seu redor. Roran tinha insistido que visitassem este lugar, o Templo dos Elementos, onde os Mestres - Druidas que governavam o mundo antes dos guardiões dos dragões haviam treinado e adquirido seus poderes. Ele logo se juntou a ela na beira da floresta, e juntos, os dois encararam a entrada do antigo santuário.

”Em tempos passados”, disse Roran, sua voz trêmula com o peso da convicção que crescia dentro dele, ”os Mestres - Druidas aqui reunidos controlavam os elementos, mantinham o equilíbrio entre o calor poroso da terra e o frígido sopro do abismo, entre a água selvagem que flui nas profundezas do mundo e o ar que zune livramento nos braços do firmamento.”

Aria ouviu um murmúrio nas profundezas do Templo dos Elementos, cada palavra se entrelaçando aos sussurros das árvores e aos gemidos do vento, juntos formando uma melodia estranha que parecia atrair e repele qualquer um que a escutasse. ”Você sente isso?” ela perguntou a Roran, enquanto Lysander e Gavriel também ouviam, as almas deles enlevadas pela música que dançava através das brumas e do fio eterno do tempo.

”Sim”, disse Roran. ”Eles estão aqui, aqueles espíritos que um dia embebiam os elementos como o sangue da terra e as oscilações do oceano. Eles estão conosco agora, quatro almas destemidas reunidas neste sepulcro sagrado, que ecoam o coração vibrante dos Mestres-Druidas e as inspirações e provações que os alimentaram.”

Aria sentia uma inquietação crescer dentro dela, enquanto tenrils de fumaça enredavam - se ao redor dos quatro e nuvens espessas brotavam das profundezas do Templo. Ela podia sentir o pulso das forças elementais, o úmido arfar das águas obscuras, o tremor elétrico das tempestades naturais. Lysander e Gavriel estavam igualmente perturbados, inquietos diante da natureza indomável das forças que eram chamadas das profundezas e prenhes com os sons e os saudosismos do lamento brando do mundo.

”Está na hora”, disse Roran, suas mãos descansando nos ombros de Aria, enquanto seus olhos se alargavam com as revelações e os segredos que jaziam à sua frente, no coração daquele lugar soturno e esotérico. ”Tudo o que precisamos fazer é atravessar este santuário, este último reduto escuridão e silêncio, e podemos ver em nossos espíritos a força da natureza a tremer e chutar para a superfície, como um dragão despertado do sono secular pelos raios intrometidos da aurora.”

E assim, os quatro se aventuraram nas profundezas do Templo dos Elementos, enquanto a escuridão abraçava cada passo e a névoa se juntava à sua volta como um manto, tão espessa e impenetrável quanto o próprio coração do abismo. E eles sentiram, em seus corações e almas, a presença ancestral dos Mestres - Druidas, os homens e mulheres que moldaram as montanhas e os vales na palma da mão e desenrolaram o fio do tempo como uma cinta dourada e brilhante. E pelo eco do espaço e do silêncio, também pressentiram a ascensão dos dragões, as asas sinistras que se estendem além das bordas da eternidade e envolver os céus de seus olhos e corpos.

O Templo dos Elementos pulsava ao redor deles, dês tecidos com os sons e visões que atestam o poder dos Mestres-Druidas. Em uma câmara coberta de mosaicos e murais em movimento, cada imagem testemunhou o poderoso exercício do controle elemental, enquanto outra sala se encheu com o farfalhar das folhas e a respiração balbuciante das forças da natureza. Mas enquanto Aria e seus amigos começaram a compreender os elementos, também sentiam a pesada mão da dor e do sacrifício, das terríveis escolhas que os Mestres-Druidas enfrentaram quando tentaram governar a natureza

contra a sua vontade.

Os corações de Aria, Roran, Lysander e Gavriel tremiam enquanto absorviam o conhecimento e os segredos daqueles que não permitiram que o mundo morresse nas mãos dos que o devoravam. E enquanto se moviam, seus dedos escorregaram nas pedras de poderosos altíssimos e seus ouvidos reverberavam com as palavras e os clamores que se desvaneciam como chamas em um oceano selvagem, perceberam também a responsabilidade que tinha em suas mãos, mais pesada do que qualquer carga que haviam carregado antes.

## A Prisão Dimensional das Criaturas Lendárias

Aria, Roran, Lysander e Gavriel, tendo em mãos o antigo pergaminho que os conduzia à prisão dimensional, deixaram para trás as sombras da floresta e trilharam as curvas sinuosas de uma montanha tão imponente quanto a solidão dos olhos lacrimosos das estrelas. Ao lado dessa coluna estremecida pela centelha incansável de milênios, erguia-se o portal místico, cintilante e límpido como a superfície cristalina de um lago imaculado e trêmulo.

Havia uma aura de inquietação que se borrifava em silêncios e angústias, e Roran sentiu dentro dele um pulsar de temor gélido, ao passo que Gavriel encolheu-se por um momento ante a imagem do que estava além do portal. Aria, seus olhos inundados pela bravura e pela sede de conhecimento, lançou um olhar desafiador à entrada - uma porta para os pântanos da imaginação e para as câmaras escarpada dos mistérios insondáveis.

Lysander, um cavaleiro mais acostumado com os embates sanguinários do campo de batalha do que às efusões labirínticas do coração, contemplou com uma admiração crescente os contornos arqueados da prisão, com seus feixes de luz e sombra que se entrelaçavam na tapeçaria sobrenatural do firmamento. Para ele, ali era uma fronteira que separava o mundo que conhecera de uma etérea vastidão, uma abadia de anágua fria e efêmera, onde os passos deslizam pela borda do visível e do invisível.

Gavriel, ansioso e temerário, perguntou, inquieto como o farfalhar das folhas: "Que criaturas fantásticas habitam essa dimensão de abismos e sombras? Sou capaz de enfrentar todas elas, ou serão apenas lendas perdidas que vagam em agonia pelos corredores do esquecimento?"

Roran, cuja sabedoria penetrava como um lume o nevoeiro que se estende

pelo horizonte, respondeu com uma voz plácida e enérgica: "Não há nada a temer, Gavriel, pois as criaturas que ali roem as brumas e bailam com as estrelas são reflexos do mundo que conhecemos, sombras que se estendem para além dos limites do tempo e do espaço."

E assim, cruzaram a fronteira e embrenharam - se nos recônditos da prisão dimensional. A medida que se adentravam pelos domínios mágicos, puderam perceber a beleza incomensurável e o terror que essa dimensão carregava. Ali, criaturas majestosas e temíveis viviam suas existências entre ancestrais colossos e névoas melancólicas.

Em uma caverna de estalagmites afiladas como lanças, foram recebidos pela língua áspera e fria da sálifi, uma cobra que tinha a capacidade de se contorcer ao redor do espaço-tempo. Mais à frente, encontraram filhotes de tiragoon, águias gigantes com penas que brilhavam como o ouro do amanhecer, emaranhados nas árvores milenares.

Lysander enfrentou o nobre unicórnio de chifre enegrecido, lutando contra sua própria índole guerreira para reconhecer a pureza e valentia do ser que anunciava sabedoria e coragem. Aria, enquanto isso, estabeleceu uma comunhão etérea com as feras das profundezas, compartilhando suas magias e anseios com as ferrovias ignotas do mar etéreo.

Roran, fascinado pela profusão de cores e sons que fluíam ao seu redor, sentiu em seu peito uma palpitação desconhecida e temerosa: o fio invisível da dúvida, que lhe incrustava e entrelaçava nos recônditos mais escuros de sua alma. A Prisão Dimensional das Criaturas Lendárias, uma câmara iluminada pelos arroubos lunares e pelos êxtases artísticos da natureza, era também uma endemônico labirinto, onde a névoa profana que escorria pelos espaços intersticiais lhe envolvia e lhe amarrava com a lassidão das garras do silêncio.

Foi nesse momento crucial, quando os quatro jovens perceberam que a Prisão Dimensional era uma miragem de lentes embaciadas e de luzes crípticas, que o Paraíso das Criaturas Lendárias começou a desmoronar na voragem de um universo em dilúvio. O eclipse do tempo e do espaço desencadeou - se como as asas esquivos da ambiguidade, confrontando - os com outros desafios e inimigos, que abriam os elos enferrujados e os caminhos enevoados da sapiência.

Usando suas habilidades em trabalho conjunto para escapar da prisão dimensional, Aria, Roran, Lysander e Gavriel emergiram do vórtice inviolado

e apressado, seus corações embalado pela ternura do conhecimento puro e dos enigmas imponderáveis. Sabiam agora que a força que lhes unia e os auxiliaria a enfrentar os desafios que proviessem das profundezas e das alturas eram também singulares e desmesuradamente múltiplos, braços infinitos com os quais poderiam perseguir, como um fio de prata, as trilhas nascidas das galáxias em vortex.

Nas sombras serpenteantes e nos crepúsculos arremedados da prisão dimensional, Aria, Roran, Lysander e Gavriel encontraram uma parcela de si mesmos que jamais compreenderiam sem jogo de refrações e espelhos, um espectro de anseios e preságios que deslizavam pelos corredores da transcendência e que os guiariam na luta para salvar Eldoria do retorno apocalíptico dos dragões.

## Os Símbolos Místicos e a Linguagem Arcana

A luz crepuscular banhava os pergaminhos amarelados e empoeirados que repousavam sobre as prateleiras da Biblioteca Esquecida. Aria e seus companheiros tinham viajado pelos quatro cantos de Eldoria em busca dos artefatos mágicos mencionados na profecia do despertar dos dragões, mas as pistas só os levaram de volta àquele lugar, onde tudo havia começado.

Nas prateleiras da biblioteca, Roran, o mago talentoso, encontrou coruscantes pergaminhos levitando como mariposas congeladas no tempo, com símbolos místicos e uma linguagem arcaica que parecia falar com a essência de seus espíritos. Era uma linguagem que, de outro modo, permaneceria esquecida, mas Aria sentiu um fio de prata tocando-lhe a alma ao examinar os sinais e encantamentos luminosos, enquanto o sussurro das vozes ancestrais parecia sussurrar em seu ouvido.

Logo ao lado dela, Roran concentrava - se intensamente, seus olhos percorrendo as linhas sinuosas dos pergaminhos, sua testa vincada à medida que tentava decifrar seu significado. "Nunca vi uma linguagem como essa antes", murmurou ele, seu tom denotando uma mistura de curiosidade e frustração. "É como se fizesse parte de nós, e ainda assim se mantivesse à distância, envolta em névoa e enigma."

Lysander, o cavaleiro destemido, se aproximou deles com cautela, a armadura tilintando suavemente à medida que avançava pela biblioteca, sua expressão carregada de um temor respeitoso pelos pergaminhos e o

conhecimento que carregavam. "É como se relâmpagos dançassem nas pontas dos meus dedos", disse ele, observando os símbolos emitirem uma luz sutil e iridescente. "Mas também sinto algo sombrio, uma sensação de que a própria linguagem contém um poder que não deveríamos mexer sem cautela."

Gavriel, com o brilho de um coletor de tesouros, ajoelhou-se diante de um livro envelhecido de capa de couro escuro, folheando as páginas com movimentos reverentes e metódicos. "Não sei o que vocês estão sentindo", falou, seus olhos verdes brilhando com a descoberta, "mas esta linguagem me faz sentir vivo como nunca antes. É como se as palavras fossem tesouros inestimáveis, esperando serem desvendados e desvendados por nós."

Aria sentiu-se dividida entre a fascinação pelo poder contido naquelas palavras místicas e a cautela prudente com a qual Lysander abordara o assunto. Ela olhou para seus amigos, cada um deles se sentindo tomado por um encanto diferente ao olhar para o linguajar de confluências e cadências. Aria sabia que uma escolha os aguardava, uma que moldaria não apenas seu destino, mas também o de toda Eldoria.

O silêncio da Biblioteca Esquecida foi rasgado pela voz de Aryssa, a dragonesa destemida e fiel protetora do grupo, que falaráboa muito tempo: "Este conhecimento é uma chave, guardada por eras além da medição. Abrirá tanto portas que salvarão estes reinos quanto aquelas que os precipitarão em caos e destruição. O poder antigo e inominável que reside nessas palavras é apenas uma ferramenta em mãos habilidosas e sábias. Mas em mãos trêmulas e impensadas, é uma arma que reduzirá Eldoria a cinzas."

A escolha de Aria e seus aliados estava diante deles, mais cristalina e terrível do que jamais imaginaram. Enfrentar a linguagem arcaica e seus poderes significava que não apenas procurariam desvendar o conhecimento antigo, como também um caminho ainda mais íngreme e incerto.

"Nossa saga enquanto amigos e protetores dos Reinos Encantados está em jogo aqui, neste momento, no coração deste santuário solene e quieto", disse Aria, sua voz cheia de coragem e determinação, enquanto abraçava o pergaminho que continha a profecia do despertar dos dragões. "E, independentemente do que esta linguagem mística possa conter, enfrentaremos nosso destino de frente e com coragem, pois essa é a nossa natureza e a nossa verdade. Pois somos Eldorianos e estes são os nossos reinos."

## A Tragédia de Eldrannon, o Dragão de Fogo

Aria caminhou em silêncio pela floresta, como uma sombra sinuosa e pensativa, sentindo as hastes do musgo contorcendo-se sob seus pés, enquanto ouvia o murmúrio das brumas suspensas alicerçar-se nas árvores e tecer um manto de mágoa iminentes e silêncios janota. Os dedos da lua trespassavam as copas das árvores, projetando figuras fantasmagóricas e elusivas que pareciam oscilar entre o passado e o futuro, num espetáculo lúgubre, avassalador. Uma lágrima solitária, tão insondável e rara quanto uma gema preciosa banhava-se no espectro dos séculos que agora jaziam perante ela.

Roran, estava ali, ao lado dela, sua expressão grave à medida que o vento fazia farrapos com a ternura das brumas e com os signos gravados na pedra ancestral diante deles. “Eldrannon,” murmurou ele, sua voz tensa pela memória do sacrifício e da traição. “O Dragão de Fogo, cuja tragédia abalou não apenas os céus, mas também os próprios fundamentos do nosso mundo.”

Lysander, cujo olhar sempre fora tão penetrante como o voo de uma flecha, estava agora enublado pelo tormento, os tons verdes de seus olhos piscando com o amargor e angústia daquela história derradeira. Ele não disse uma palavra, mas seu silêncio era mais eloquente do que um canto funestos, tão carregado de luto quanto a sombra que o sol abandonara nas trevas.

Gavriel, o pequeno duende que o grupo fora instruído a vigilante por suas traquinagens e astúcia, permaneceu imerso em pensamentos, sua inquietude típica transformada sob o peso desse passado que um dia quebrou o mundo. “Eldrannon,” sussurrou ele, e mesmo sua voz vivaz e audaz foi reduzida a um eco de uma eloquência remanescente. “Pouco sabíamos nós que esta história era apenas a ponta do iceberg, que nossa viagem revelaria apenas a verdade importante em um tecido intrincado do destino e dos sonhos.”

Aria pensou no pergaminho, na profecia que haviam descoberto e nos milênios de segredos e esperanças que lhe impeliam a ir adiante. Não havia palavras que pudessem expressar a magnitude e a complexidade daquela sensação de vertigem e veneração, uma trama de fios dourados que se entrelaçavam com os filamentos de um futuro incerto.

A tragédia de Eldrannon, o Dragão de Fogo, não era apenas uma lenda, um antigo evanescer de dilemas e agônias - era uma alvorada, um

renascimento que brotava do desespero e do esquecimento e que clamava por justiça e salvação. Eldrannon e o legado de sua tragédia era um eco inescapável, uma chama fremente na obscuridade estrelar que precedia a aurora, uma inflexível certeza de que, perante os abismos acolchoados com a preñúncios e as suspeitas, o caminho presumido por aqueles que desafiam os limites do conhecimento e da coragem é íngreme e falcoado, como as encostas de um penhasco que se curvam sob a força das ondas e da névoa.

Aria estendeu a mão para colocar o dedo sobre o desenho sinuoso do dragão de fogo, seus olhos ardendo com uma profundidade de soluções e sentimentos que jamais teriam se manifestado sem as chamas azuis do sacrifício ancestral e do amor temerário daquele ser, cujo nome coroava os cimos das histórias e dos elegias do passado e do presente. Esse era o ponto de partida, afirmou - se em silêncio, a linhagem do renascimento e da esperança que iriam traçar juntos, a jornada que partilhariam como uma reivindicação e como uma promessa, enquanto enfrentavam as convulsões e os mistérios que Eldoria lhes preparava, com a calma e a sinceridade dos heróis que resistem aos espinhos da noite e miram o nascer do sol, com os olhos aquecidos pela eterna chama da paixão, um folgado de luz que se amolda ao coração e se faz termo nos inextricáveis veios da vida.

## O Surgimento da Oraclea Negra e seu Culto

As auroras dançavam nos céus de Eldoria, tingindo os campos de verde esmaecido e os rios de prata cintilante, uma presença insidiosa e sombria se infiltrava nos recônditos mais profundos do reino. Enquanto Aria e seus aliados enfrentavam os desafios do destino e forjava alianças entre as dimensões, uma figura encapuzada caminhava por vielas e tavernas, oferecendo um refúgio de promessas e poder àqueles que já haviam cansado de esperar por salvação.

A primeira vez que ouviram falar da Oraclea Negra, tinham sido levados pela incredulidade. Esses rumores de uma criatura com poderes incompreensíveis e profecias que competiam com as lendas mais antigas de Eldoria pareciam ser apenas mais uma ameaça transitória - deveriam ter prestado mais atenção.

Roran e Aria reuniram-se na Sala das Chamas, um salão na base da Torre Martelar onde reuniões e conferências secretas ocorriam constantemente.



Aproximando - se da janela, Roran brincou distraidamente com o fogo dançando na ponta dos dedos, como se o fogo o fizesse encontrar algum conforto em meio àquelas sombras.

"A Oraclea Negra", murmurou ele, seus olhos fixados no quadro negro e crepitante de um mundo exterior que parecia desconhecer a ele e aos outros. "Temos que saber mais."

Lysander, no entanto, parecia não compartilhar da determinação de Roran. Recostado em uma poltrona de couro envelhecida, seu olhar oscilava entre o brilho das chamas e a sombra que corria seu interior. Ele levantou as sobrancelhas, falando calmamente, como se pudesse dissipar a inquietação que borbulhava sob as pedras e as cicatrizes.

"A Oraclea Negra é apenas um sussurro no vento", disse. "Não deveríamos esquecer nossa missão. Temos responsabilidades para Eldoria e para nós mesmos."

Mas Gavriel estremeceu, seu olhar focado na passagem sombreada do corredor. "Toda tempestade começa com um murmúrio", ele dissera. "E se essa Oraclea Negra é mais do que apenas alguém que utiliza discursos enviesados e encantamentos para seu próprio ganho? O que acontecerá então aos Reinos Encantados?"

O silêncio se instalou, uma capa espessa sobre suas palavras, à medida que ergueram-se dos acentos e abraçaram o conhecimento de que os demônios já se arrastavam sobre a terra e, em breve, poderiam se revelar. Aria afastou os cabelos que grudavam em sua testa úmida, uma sombra de um sorriso tocando seus lábios quando pensava no que haviam alcançado e no que ainda deveriam enfrentar.

"A Oraclea Negra deve ser descoberta", insistiu, sua voz como fio de ferro envolto em seda. "Se essa figura misteriosa é real, então podemos estar diante de um perigo ainda maior do que qualquer dragão ou feitiçaria ancestral."

Juntos, eles saíram da Sala das Chamas, os passos decididos e os corações pesados como chumbo, percebendo que suas jornadas, antes pacíficas, estavam prestes a se transformar em algo mais sombrio e feroz. Estavam prestes a conquistar o desconhecido: um abismo que pulsa nas veias da noite e que se esconde à beira das palavras não ditas, onde a esperança sangra e os heróis encaram a escuridão, seus olhos ardendo com uma chama inextinguível que desafia e abraça o destino e o luar.

## As Chaves para Desvendar os Portais Dimensionais

Aria estava imersa em uma neblina de incertezas, um oceano de perguntas sem resposta e possibilidades infinitas, enquanto mergulhava na imensidão da Biblioteca Secreta de Espiral de Vidro. Aquela era a noite em que as estrelas pareciam arder numa chama incandescente e as sombras espreitavam nos recônditos mais profundos do mundo, sussurrando beijos presurosos no meio da penumbra, clamando aos deuses em sua eterna misericórdia e aos heróis em sua aridez selenita. Ela sabia, em seu peito dilacerado pela angústia e pela euforia das estações que se desenrolavam em seu fulgor entrelaçado, que aquele era o momento de conhecer a verdade, de despir o véu de névoa que havia encoberto Eldoria desde o seu princípio.

Lysander, o cavaleiro destemido e corajoso, abriu a pesada porta de ferro que guardava o misterioso segredo, suas mãos estremeando com uma hesitação fugaz que parecia irregular, peregrina contra a pele da noite. Gavriel, o duende vivaz e perspicaz, negociava com as sombras e as teias de aranha de um reino antigo, descobrindo informações em fios de prata e na linfa dos mitos e narrativas.

Aria e Roran adentraram o santuário do conhecimento há muito esquecido, seus olhos esquadrihando a vastidão labiríntica das estantes, sedentos pelas chaves que lhes revelariam o caminho para desvendar os portais dimensionais. A luz da lua se infiltrava pelas janelas crepusculares, iluminando manuscritos e pergaminhos protegidos pelo peso do tempo, um arco-íris desbotado de mitos secreciados e de promessas veladas no sangue das lendas.

”Gavriel disse que aqui estariam as pistas que procuramos.” A voz de Roran soava próxima, mas era como se viesse de algum lugar distante, um murmúrio nascido de um oceano de iridescências e de lágrimas submersas. Aria assentiu, os olhos fixos nas páginas dos livros antigos que partilhavam com ela um relato de um mundo há muito perdido, de um amanhecer impregnado de pesadelos e resquícios de esperança.

”Estes manuscritos eles contêm a história dos portais dimensionais e de seu uso pelos antigos mestres de Eldoria para aprisionar criaturas lendárias.” A voz de Lysander os alcançou, carregada pelo vento que despertara em um sussurro fugaz. Ele emergiu das sombras, seu rosto impassível enquanto desvelava os segredos que mantiveram os portais travados e adejou seus olhos, ora azuis, ora verdes, numa coleção de emoções indizíveis.

”Gavriel encontrou um pergaminho escondido atrás da estante de livros.” A voz daquele astuto duende soou então, interrompendo a leitura dos outros como o crocitar de um corvo sobrevoando as lápides. ”Acredito que seja o conhecimento que procuramos.” Ele se aproximou do grupo, segurando o pergaminho amarelado e antigo com a reverência de um sacerdote diante de um relicário sagrado.

Juntos, eles estudaram o rolo de papiro em um silêncio tenso e expectante, como se escutassem os sussurros do Destino ecoando entre os versos. No íntimo do pergaminho, diagramas e símbolos mágicos preenchiam seu espaço em um padrão intrincado, prescrevendo estruturas dimensionais complexas e fórmulas ancestrais. Cada linha e curva parecia pulsar e dançar diante de seus olhos, guiando - os lentamente através dos labirintos de mistérios e segredos.

A emoção crescia no coração de Aria, uma chama ávida acendida pelo despertar de um conhecimento roubado. Neste encontro com o sublime e com o fogo de fundações esquecidas, ela sentiu o gosto aspero da verdade em sua língua, uma trilha de letras imersas no tempo e no sangue, convocando o eclipse e o sol para dominar os segredos dos portais dimensionais.

”É o legado dos mestres antigos, os sábios do passado que criaram os portais e aprisionaram criaturas lendárias no cativeiro transdimensional.” A voz de Roran tinha um tom solene.

”Este pergaminho é a chave para desvendar os portais dimensionais e para enfrentar a ameaça que nossos inimigos representam.” Lysander afirmou, os olhos acesos e irrequietos na penumbra iluminada pela luz branquicenta.

”Então devemos partir em busca dessas chaves, dominar seu poder e confrontar o destino”, concluiu Aria, embriagada pela força da descoberta e pelo peso das escolhas que se aproximavam.

As horas esvoaçaram em um vendaval silencioso, enquanto ali estavam - como heróis consumidos por uma busca inédita e intrépida - prestes a renegar os limites do conhecimento e de comungarem com as tempestades abissais que guardavam Eldoria em suas entranhas sombrias e impregnadas de esperança.

## A História de Sangue e Traição nos Reinos de Eldoria

Nosso grupo de heróis encontrara-se em um momento de tensão, cujas ondas batiam contra seus peitos, num ritmo agonizante que só a incerteza trazia. Reunidos em um antigo salão, as paredes e os tapeçarias contavam histórias de guerras e tratados, de alianças fraturadas e traições enredadas como espinhos. Sabiam que, antes de prosseguir, tinham que revisitar um passado doloroso e imersos em traição, em busca de respostas que os ajudassem a entender a malha escura e tortuosa de eventos que criaram essa teia ameaçadora em torno de Eldoria.

Roran Tempestário olhava para seu amuleto ancestral com o peso do raciocínio enegrecendo seus olhos, as chamas tremeluzindo na lâmina, refletindo a batalha que se travava dentro de si mesmo. Decidira que era hora de compartilhar a verdade com seus companheiros e aliados. Com voz firme e coragem calma, o mago disse: "Meus amigos, o que vou lhes contar não é bonito, mas precisamos entender para enfrentar o que está diante de nós."

Aria afastou uma lágrima teimosa, as palavras assombradas de Roran incitando uma tumultuada onda de emoções em seu peito. Ela engoliu o nó formado em sua garganta, prometendo a si mesma coragem. Com um balançar de sua cabeça, sinalizou para ele prosseguir.

Ele começou a falar, suas palavras ecoando pelos corações daqueles presentes, desfilando em cortejo pelas sombras. "Em tempos longínquos, Eldoria era governada pelo Conselho dos Reinos, uma aliança formada por representantes de cada região, que era responsável por manter a paz e a ordem no mundo encantado. Então eles descobriram a profecia do retorno dos dragões, mas esconderam a verdade, temendo que isso pudesse levar a uma batalha sangrenta pelo controle. Por séculos, a profecia permaneceu secreta, uma semente apodrecendo, até que ambições e soberba se infiltraram no âmago do Conselho."

"Traidores infiltraram-se no Conselho, instigando o ódio e a divisão, envenenando com mentiras e manipulações a fraternidade que antes unia os reinos. Foi durante essa época sombria que Eldrannon, o Dragão de Fogo, tomou partido com Rhaegor, o líder traçoeiro do Conselho dos Reinos. Juntos, eles lideraram uma rebelião sanguinária, fazendo uso do medo e da miséria daqueles que acreditavam em suas promessas vazias."

Gavriel Brilhaouro, o duende ágil e corajoso, sentia seu coração pulsar

com raiva e tristeza ao ouvir a narrativa de Roran, enquanto se apoiava no cabo de sua arma sagrada, banhada à luz traiçoeira do luar que entrava pela janela. Erguendo seu rosto, o duende murmurou, triste: "Mas Rhaegor não alcançou seus objetivos sozinho. Ele se lançou a alianças obscuras que o levou ao coração de um culto sinistro, que venerava a Oraclea Negra."

"Criaturas sombrias e misteriosas se uniram à causa de Rhaegor, em busca de um futuro segundo suas próprias ambições. No coração desse conflito de sangue fulgurante, temos o nome Daenerys Martelar, irmã de Lysander, cujo beijo traidor entregou uma cidade para o caos." Disse Aria, sua voz trêmula e zangada.

Lysander, cuja postura antes imponente e decidida agora se curvava sob o peso das memórias e do arrependimento, estremeceu diante das palavras destiladas em seu íntimo. "Eu não tinha conhecimento das ações de Daenerys até que fosse tarde demais. Eu fui banido do Conselho, acusado de traição e forçado a vagar pelo mundo, em busca de redenção e justiça por minha irmã e nossa honra perdida."

"Daenerys sacrificou sua própria vida ao final, ao perceber a traição que ela mesmo ajudou a criar. Nós vivemos com esta mácula em nossos corações, mas devemos honrar as vidas perdidas ao nos unirmos para enfrentar as trevas que cortejam Eldoria nesta hora sombria", completou Lysander.

Uma força silenciosa e pardacenta se abraçou ao grupo, momentos como aquele exigiam pausa e luto. Aria, com a compreensão que só a frágil humanidade pode oferecer àqueles que a carregam, *ghastly smile*, *brush*, *grip*, *spoke in a hushedepam*, tocou no ombro de Lysander e, com voz serena, afirmou: "Nós não podemos mudar o passado e as sombras que ele nos trouxe. Mas, juntos, podemos moldar o futuro e garantir que o sacrifício de Daenerys e muitos outros não tenham sido em vão."

Com aqueles raios de esperança inspirando-os a seguir em frente, nossos heróis partilharam suas resoluções e coragem, que brilhavam como uma chama em um amanhecer sombrio. Enfrentariam as sombras que os aguardavam, cientes de que a batalha ali estava apenas começando.

## A Rainha Elfa e o Reino das Fadas Proibido

Era o crepúsculo da alvorada, quando a terra se encontra entre dois mundos, entre a vigília e o sonho, e as sombras dos dois se fundem à luz e à escuridão.

O silêncio da floresta era como o murmúrio de uma canção há muito esquecida, um segredo sussurrado instilado nos troncos retorcidos, nas folhas cintilantes e nas lágrimas da chuva que banhavam o chão. Aria e seus companheiros caminhavam em silêncio; o peso das palavras confidenciais na calada da noite e do conhecimento recém-adquirido pairava sobre eles como um espectro de névoa e sombra.

Os pensamentos de cada um estavam emaranhados, abraçados por lembranças e auroras ensanguentadas escondidas nas páginas de seus passados, vagando pelos orvalhados recintos de histórias acalentadas e promessas desfeitas e sonhos adormecidos. Lysander liderava, o rosto cortado por pontos de luz e sombras, um capitão da armada noturna, um descendente dos antigos mestres de Eldoria. Roran caminhava a seu lado, a mente imersa no turbilhão das lembranças, na exaltação palavrosa de versos incompreensíveis e no abismo frio e brando dos segredos açodados. Gavriel desenrolava o caminho à frente, seus olhos scrutando a penumbra, sua mão segurando firme o cabo de sua arma sagrada.

Entre a quietude e o esplendor da floresta coberta pelo manto de trêmula luz lunar, uma figura surgiu diante deles. Era uma mulher, tão bela e vibrante quanto a aurora, seus olhos cintilando com a luz das estrelas vagabundas e sua pele brilhante como a pétala de uma flor sob o sol do verão. Seu cabelo caía em cascata, enfeitado por raios de luar e escuridão, uma melodia líquida de harmonia e mistério. Vestia-se com resplandecente elegância, uma coroa de folhas douradas adornando sua fronte; sua expressão era serena, e o poder de seu olhar rivalizava com o de Aria, Roran e Lysander juntos.

Era Nevara, a Rainha Elfa, soberana do Reino das Fadas Proibido. Por um momento, o tempo estremeceu, agitado pela força movida pelos corações e respirações congeladas de Aria e seus companheiros. A floresta retomou a vida, deixando suas lágrimas despencarem sobre os viajantes como diamantes líquidos.

”Aria Fontane,” disse Nevara, sua voz carregada pelas asas do vento e acariciando a noite como um raio de luar. ”Sei por que você e os seus vieram. Sei dos dragões e dos portais dimensionais que clamam ser desvelados. Sei das criaturas lendárias e dos mestres de Eldoria que lutam para traçar seu destino em meio aos sussurros de sombras e neblina. Sei, também, do poder que emana de você, e da luta entre luz e escuridão que está prestes a se

desenrolar.”

Aria ergueu o rosto, tentando fixar seu olhar no da rainha soberana, mas as palavras que carregava em seu peito eram como as moedas de ferro do tempo e da traição. “Não sabemos o que fazer diante das trevas que nos assaltam,” ela admitiu, sua voz baixa, mas firme. “O conhecimento é uma ilha em meio a um oceano de ignorância e incerteza.”

Nevara sorriu, a tristeza e a esperança mescladas em sua face como a noite e o dia, como a terra e o céu. “O Reino das Fadas Proibido é um domínio esquecido, um lugar de mistérios e promessas, de sussurros latentes e caminhos ocultos. Devo admitir que há algo aqui que pode ajudá-los: o Elixir da Eternidade, uma poção feita do néctar das flores mais raras e preciosas de nosso reino. Essa poção, em mãos corretas e unidas à sua magia inata, poderá amplificar seus poderes e conhecimentos, permitindo-lhes abrir os portais e enfrentar o que habita nas sombras.”

As palavras de Nevara se acomodaram entre Aria e seus companheiros como uma carícia tecida de sonhos e segredos. Roran, Lysander e Gavriel se entreolharam, a esperança deixando de ser apenas um mito para se tornar uma realidade à vista de todos.

Aria, embora com um nó na garganta e os olhos úmidos, colocou toda sua fé e esperança na Rainha Elfa. “Nevara, estamos dispostos a entrar no Reino das Fadas Proibido e buscar o Elixir da Eternidade, se isso é o que precisa ser feito para salvar Eldoria.”

Nevara sorriu, suas asas cintilando à luz do crepúsculo e aragens de ternura e afeição. “Então, guerreira feiticeira, siga-me - e que seu caminho seja iluminado pelas histórias de reinos perdidos e pelo sacrifício de almas fervorosas, pelos alicerces da terra e pelo toque do amor e da esperança.”

Em um redemoinho de folhas douradas e vento crepuscular, a Rainha Elfa Nevara levou Aria, Roran, Lysander e Gavriel ao coração do Reino das Fadas Proibido. Ao atravessar a fronteira entre o mundo e o segredo, onze esperanças brilhavam como estrelas em uma bóveda de mistérios e silêncio.

Longo seria o caminho até o Elixir da Eternidade, e perigosos os obstáculos em seu percurso. Mas nossos heróis, seus corações pulsando no unísono com a fé e a bravura de cada ser encantado, enfrentariam cada prova com a determinação e a coragem que só aqueles que lutam por um mundo livre e equilibrado podem conhecer.

E no final dessa jornada sombria e emocionalmente arrasadora, eles

encontrariam mais do que poder e sabedoria; encontrariam a luz latente em seus corações, o fogo que nunca se apaga nas veias daqueles que são verdadeiramente valentes e amorosos. Encontrariam a chama que só os defensores de Eldoria carregam, a chama que erguerá as lanças da justiça e queimará as trevas que ameaçam consumir sua terra natal.

## A Importância de Selar e Proteger os Segredos de Eldoria

A luz do sol afagava as marcas deixadas pelo tempo nas estátuas de antigos heróis e sábios de Eldoria, enquanto pássaros voavam enrolando - se em melodias douradas e espirituosas.

Em meio à glória e à serenidade aparente do cânion oculto na Floresta das Sombras, Aria se reuniu com seus companheiros, um sentimento de urgência perpassando o ar como um eco sussurrante de um tempo há muito esquecido. Diante deles, a Estátua do Guardiã, uma figura majestosa, erguia - se imponente, seus olhos anciãos sondando a imensidão dos elementos.

- O êxito de nossa jornada - disse Aria, sua voz nebulosa e abafada pelo invisível manto de um passado enigmático - não será alcançado apenas com habilidades imensuráveis e coragem inabalável. Nossa esperança de reverter o curso do destino, de selar novamente os portais dimensionais e proteger os segredos de Eldoria está em nosso compromisso de unir o pouco do conhecimento que possuímos às mãos e corações que nos acompanham pelas dobras do mundo mágico.

O rosto de Roran refletia a preocupação e a sabedoria que só a idade e o sacrifício pessoal podem trazer. "Aria tem razão", ele concordou, os olhos atentos e o coração em chamas. "Se quisermos ter sucesso, precisamos ser cautelosos com o que compartilhamos e com quem confiamos."

Lysander ficou pensativo, as sombras do passado dançando em seus olhos cansados e doloridos. "Mesmo assim", ponderou, "não podemos deixar que o medo nos consuma, que nos impeça de formar alianças valiosas e unir forças contra nossos inimigos."

Gavriel, com seu habitual espírito indomável e ágil, acrescentou: "Nós superamos os obstáculos e lutamos lado a lado, de coração aberto e com pura coragem. Selar e proteger os segredos de Eldoria não é apenas um dever de cada um de nós, mas uma questão de honra."

Ao redor da antiga estátua, uma brisa suave soprou e uma energia agitada



fluía, como se os antigos protetores do reino estivessem testemunhando sua vontade de enfrentar as sombras ameaçadoras. Aria, sentindo em seus ossos cansados o peso de sua responsabilidade, cerrou os punhos com determinação. Foi quando percebeu a figura que os observava entre as árvores e a neblina.

Eram olhos que conhecia. Olhos de um inimigo temido, olhos de um coração outrora nobre e amado. Aria caminhou em direção à figura, a chama da redenção dançando em sua mente e coração.

"Daenerys", ela chamou, o nome sagrado trêmulo em seus lábios. "A profecia não estava errada. Você abandonou o seu caminho", ela sussurrou, olhando nos olhos cinzentos da irmã de Lysander. "Mas o futuro de Eldoria está em nossas mãos, e o seu papel nessa história ainda não terminou."

Daenerys hesitou, o medo e o arrependimento refletidos em seu olhar. Com lágrimas nos olhos, ela admitiu, "Eu errei, Aria. Eu permiti que a ambição e a soberba me guiassem, e com isso, provoquei a catástrofe que agora cerca Eldoria. Mas se ainda há algo que eu possa fazer para reparar meus erros, eu farei."

Aria respirou fundo, permitindo a generosidade e a compaixão que sempre a guiaram preencher seu coração. "Daenerys", disse ela, a voz firme e gentil, "junte - se a nós e ajude - nos a proteger os segredos de Eldoria. Você tem a chance de redimir - se e ser parte da força que restaurará a paz e a prosperidade ao mundo encantado."

Enquanto o vento sussurrava promessas e sombras, Daenerys assentiu, uma nova determinação correndo em suas veias. Juntos, Aria, Roran, Lysander, Gavriel e Daenerys de Martelar prometeram proteger os segredos de Eldoria, selar os portais dimensionais e enfrentar as forças das trevas. Unidos, eles ergueram suas armas e magia, a chama da esperança e do amor ardendo intensamente em meio à tempestade que se aproximava.

E assim, os destinos de um punhado de almas valentes e a terra encantada de Eldoria estavam entrelaçados de uma vez por todas, guiados pela força do destino e do coração ardente daqueles que juraram proteger o mundo do despertar das trevas.

## Chapter 7

# Aprimorando Habilidades Mágicas

A luz do sol se extinguia no horizonte, desaparecendo como se tivesse sido engolida pelas montanhas sombrias que rodeavam o cânion. O céu, uma vez esplêndido em sua tapeçaria de azul e dourado, assumia agora tons vermelho-sangue e laranja flamejante, profetizando a queda iminente da noite. No meio da batalha entre a luz e a escuridão, o cânion ecoava com o som de água correndo e folhas sussurrantes, parecendo guardar segredos antigos e promessas adormecidas nas sombras de suas colunas de pedra.

Aria e seus companheiros, tendo enfrentado desafios que pareciam insuperáveis e tendo se sabido muito do destino que os aguardava, se reuniram novamente naquela amplidão sombria, o poder e o desejo de alcançar sua plenitude escritos em seus rostos calejados.

Ela fitava o vazio, como se quisesse ler as histórias ocultas no toque gélido do vento e nas luzes douradas do crepúsculo que dançavam como fadas sobre as águas obscuras do rio sinuoso.

“O templo Aracne,” murmurou, seu semblante belo e aguerrido encarando as ruínas místicas que os heróis tinham alcançado. “Eu sempre imaginei isso como um lugar de tentações débeis e incontáveis tentáculos negros aguardando para nos envolver... mas agora, bem aqui, percebo que ainda há beleza em sua melancolia.”

Roran, emocionado pela situação intensa, refletiu brevemente antes de responder com uma veia de seriedade correndo em sua voz. “A dor é como o aço e o fogo, Aria. Se nos deixarmos queimar, podemos nos tornar como eles:

mais fortes, mais resistentes, mais capazes de suportar a próxima provação que a vida lançará em nossos caminhos.”

”Mas e se não conseguirmos?” Gavriel murmurou, encarando suas mãos ágeis que pareciam esconder chamas invisíveis, ansiosas para destruir ou salvar, para curar ou ferir. ”E se toda essa dor, todo esse sofrimento, nos deixar cicatrizes que não podemos suportar?”

Lysander descansou sua mão no ombro do amigo duende, os olhos brilhantes de sabedoria e esperança. ”Não importa quantas cicatrizes carregarmos em nossos corpos e em nossas almas, Gavriel. O que importa é que ainda estejamos vivos para lutar, para proteger aqueles que amamos e para triunfar sobre nossos medos e inseguranças.”

O silêncio que se seguiu as palavras do cavaleiro foi quebrado quando um fragor ecoou, de repente, em meio à penumbra, e uma presença poderosa e enigmática surgia diante dos intrépidos viajantes.

Era a Deusa da Magia, a regente dos quatro elementos, aquela que caminhava entre os mortais e imortais, cujo poder e sabedoria eram insondáveis como as águas oceânicas e profundos como o abismo que separa o sião das trevas.

Ela ergueu seus olhos amendoados e flamejantes, prendendo o olhar de cada um de seus súditos trêmulos e hesitantes, como um carrasco que mede o peso e a valentia de sua espada antes do golpe.

”Aria Fontane,” ela disse, seu tom sereno e profundo cortando o ar como a lâmina de uma adaga. ”Você e seus companheiros, Roran Tempestário, Lysander Martelar e Gavriel Brilhaouro, encararam o véu do medo e da incerteza que obscurece a verdadeira natureza do poder e da sabedoria. Agora, vocês devem enfrentar o desafio final: descobrir o verdadeiro potencial e aprofundar - se no infinito abismo de suas habilidades mágicas.”

Com um gesto sutil, um turbilhão de vento e luz surgiu em volta da deusa, invocando uma cachoeira prateada de orvalho e estrelas, uma coreografia de chamas dançantes e correntes de sombra que se fundiam e se desdobravam em um labirinto de esplendor e caos.

”Deixe-se levar, guerreira feiticeira,” a deusa sussurrou, e Aria sentiu seu corpo ser tomado por um poderoso ímpeto, um anseio ardente pelo conhecimento e pela força de que precisaria para proteger Eldoria e todos aqueles que amava.

Aria, Roran, Lysander e Gavriel partiram então em uma odisséia de

treinamento, pulando entre as chamas do fogo, com o ar estendendo - se ao sopro do vento e a terra a nutrir suas conexões intrínsecas aos poderes naturais. Os elementos pareciam entrelaçados em torno deles como uma tapeçaria viva, canalizando suas energias para os corações, mentes e espíritos dos quatro guerreiros, pulsando e zumbindo com a melodia indomável do poder.

As horas se tornaram dias, os dias em semanas, enquanto Aria e seus amigos navegavam em meio à tormenta de habilidades e possibilidades, seus poderes crescendo e evoluindo como as estrelas e os ventos que tinham instigado sua jornada.

Com coragem e determinação incalculáveis, eles enfrentaram sua provação final, convocando as chamas da coragem e as águas da cura, a terra da força indomável e o ar da sabedoria e do movimento.

A Deusa da Magia sorriu para eles, sua face suave e indomável como o sol de verão. "Vocês são dignos, combatentes de Eldoria, e aprenderam a controlar a natureza e os poderes intrincados que os cercam. Agora, sigam em frente com coração e espírito, e enfrentem as trevas e desvendem os segredos que os aguardam."

Juntos novamente, Aria e seus companheiros se levantaram em frente ao seu próximo desafio, parte de um todo unificado que protegeria e nutriria o coração palpitante e indomável de Eldoria, não importava o quão alto o vento rugisse ou quão profundamente as sombras dançassem.

## **Desenvolvendo habilidades individuais**

O sol de Eldoria descia sobre os picos que cercavam as paredes do Templo de Araknea, banhando a paisagem com seu brilho dourado e exclusivo, que transformava a vida ao redor em matizes frenéticas de verde e azul. O vento batia e contornava sua superfície de cristal laticínio, resfriando sua ebulição narcótica, forjando o destino em sua mente e corpo. Em cima de uma colina salpicada de flores silvestres reluzentes, Roran se via absorvido pelo coração desse mundo, circundando sua própria essência e o centro de gravidade de seu poder, sentindo seus dedos tocarem as estrelas e a mesma força que sustentava e nutria a vida.

Enquanto o mago distante manipulava feitiços e preenchia o ar com o fantasma evanescente de energias místicas, Gavriel caminhava com passos

leves pela borda do penhasco arenoso à espreita da floresta, seu arco de carvalho cintilante nas mãos e seu olhar concentrado e implacável. Além da fenda que se estendia até Eldoria, na metade do céu, uma espiral de nuvens escurecia, dançando como guerreiros sombrios enfrentando as sombras ascendentes da noite. O duende sentiu a água nas veias congelar, sentindo o gosto de prata e aço na crista das ondas avassaladoras que se dirigiam à terra em uma dança predatória.

O coração do duende se acelerou, o vento açoitando seus cabelos e enchendo suas narinas com o hálito gélido do combate iminente. Ele ouviu o murmurar das sombras escondidas no canto dos olhos, a respiração pesada e entre cortada de seus amigos, ecoando no vácuo silencioso que os prendia - todos ávidos, famintos por poder e redenção.

Em outro canto do penhasco, de olhos fechados e mãos estendidas, Aria imbuiu a atmosfera com a magia das águas, clamando pela aliança com a natureza. Seus cabelos loiros tremulavam nas correntes invisíveis, energias se entrelaçando em seu redor, prontas para seguirem suas ordens.

Lysander, embora preso em um turbilhão de pensamentos sobre o passado e os segredos, mantinha-se vigilante e focado, praticando sua habilidade na arte da espada. Cada golpe preciso e cada passo calculado marcavam sua dedicação, determinação e instinto inato de superar - se.

Aria abriu os olhos, contemplando o grupo trabalhando duro em sintonia, recursosse única e compartilhada. A magia pulsava em cada um deles, como fios de uma teia invisível, ligando o destino de Eldoria às capacidades individuais de cada um. Ela soube que a chave para enfrentar os desafios iminentes era aprimorar ainda mais essas habilidades inatas, tornando-se um pilar para o mundo mágico e seus companheiros.

"Aria!", chamou Roran, rompendo a concentração da feiticeira. "Sente-se pronta para aprimorar suas habilidades? Estou confiante de que você será capaz de alcançar ainda mais quando direcionar seu foco de forma organizada e com determinação."

Um brilho intenso iluminou o olhar cerúleo de Aria, enquanto assentia em resposta. "Tenho a sensação de que Eldoria ainda tem muito a nos mostrar, e desejo estar pronta para resolver qualquer enigma que possamos encontrar."

"Encontraremos muitos desafios pela frente", murmurou Gavriel, atento aos inimigos ocultos nas sombras. "Habilidades aprimoradas podem ser a

diferença entre a vitória e a derrota.”

Lysander levantou sua espada em concordância. ”Dedicação e determinação nos guiarão, além de nossos corações em sintonia, para que possamos enfrentar o que estiver à nossa frente.”

Unidos pelo mesmo objetivo, Aria, Roran, Lysander e Gavriel aprofundaram - se no treinamento para aprimorar suas habilidades individuais e fortalecer os laços entre si. O tempo passou, e a força do grupo prosperou, seus corações alimentando - se da esperança e da magia de Eldoria. Unidos, eles se preparam para o inevitável confronto com as forças das trevas e o destino do mundo em suas mãos, com uma chama ardendo em seus corações.

## Prática de magia combinada

A tarde batia pálida na face de Eldoria, como um filete de lágrimas deramadas pelos céus e tingindo a terra dourado. O vento rugia em rajadas úmidas, colocando - se por cima dos gritos doloridos e sofridos de Aria, Roran, Lysander e Gavriel enquanto invocavam suas iras e desesperos nas linguagens misteriosas e arcanas do cósmico. Agarravam - se às beiradas de sua própria humanidade, olhando para os abismos nebulosos do desconhecido e pedindo às forças que viajavam pelo vazio para orientá - los.

No centro daquele turbilhão de emoções e magia, os olhos ardentes de Aria se fechavam, como se sentisse o pavor e terror de sua própria alma e preferisse cometer - se às sombras do que a enfrentar a verdade gritante: sua alma estava evoluindo, desabrochando como uma flor de seres humanos se misturando às vozes do éter.

As magias eram invocações arcaicas de raiva e perdão, amor e abandono, promessas e decepções mantidas em segredo pelos mares infinitos de tempo. Envolviam os corpos de Aria e seus companheiros com relâmpagos e intercalavam entre si como teias - magias de cura e destruição ecoavam dentro do vazio, absorvendo tudo em seu caminho. Estavam fundindo - se, mesclando - se como almas gêmeas em seus estágios finais e iniciais de transcendência.

Roran soluçava entre as lágrimas desesperadas que percorriam seu rosto, agarrando - se à última ponta de seu ser, sentindo - se despedaçar e afastar - se do vasto e infinito amanhã.

”E se e se não pudermos fazer isso, Aria?” Sussurrou, a voz rasgada pelas angústias que se estendiam por seu corpo e preferindo a escuridão

silenciosa à verdade inescapável. "O que acontece se estes fios de nossas almas estiverem muito fracos para suportar as tempestades que estão por vir?"

Aria abriu os olhos e se plantou firme no chão, enfrentando a fúria e o desespero que ameaçavam engoli-la por completo. Ela ergueu o rosto ao céu, sabendo que a resposta - a resposta verdadeira - estava lá fora, apenas aguardando para ser arrancada do éter e libertada.

"Então lutamos. Lutamos com as últimas gotas de desespero e de esperança que nos restam e fazemos de tudo para ficar unidos." A voz de Aria soou limpa e firme como aço, ecoando como sinos de aviso entre os gritos dos outros.

Lysander encarava Aria como um homem que acaba de testemunhar algo sagrado e majestoso, os olhos úmidos de admiração e a boca entreaberta, sem palavras. "Isso é incrível," ele murmurou, com uma voz embargada, "A magia combinada de todos nós está nos tornando mais fortes e capazes de enfrentar as forças das trevas."

Gavriel assentiu, respirando fundo e reunindo forças para enfrentar a realidade de sua situação. "Eu estava com medo com medo do que poderíamos tornar, mas agora vejo que podemos enfrentar isso juntos. O poder da união é maior do que qualquer desafio."

Aria sorriu para seus amigos, satisfeita com a coragem e determinação que surgiam em cada um deles. "Então, vamos nos dedicar a aprender essa magia combinada. Vamos treinar até que as mãos estejam calejadas e nossos corações estejam sintonizados com o mundo ao nosso redor."

Juntos, eles voltaram à prática de sua magia combinada, todos firmemente comprometidos com a difícil jornada à frente. Repetidas vezes, lançaram suas magias com concentração e coordenação, permitindo que se mesclassem em um poder ainda maior. A cada tentativa bem-sucedida, seus olhos brilhavam com o conhecimento que o poder da união seria seu escudo e espada contra as sombras que pairavam sobre Eldoria.

Noventa e seis horas de treinamento intenso seguia, com intervalos mínimo para dormir e comer, focado em aprimorar essa magia combinada e enfrentar o que quer que estivesse por vir. Entrelaçados pelo destino e pelas habilidades, eles surgiam diferentes: emaranhados de fogo, terra, água e arma, de lembranças intrincadas e esperanças latentes.

A conexão entre cada um deles se transformou em algo além de mágico,

algo mais profundo, enraizado em suas almas, e, ao olharem para os céus, parecia aos corajosos companheiros que haviam tocado como fadas sobre as águas em busca de segredos ocultos, como fossem capazes de desvendar os mistérios do universo. Ao mesmo tempo, redescobriam o que os uniu: sua humanidade e esperança.

## Domínio dos elementos

O coração de Eldoria batia ao ritmo confuso de sombras, cristais e silêncios. Na linha tênue entre o mar de névoa e a infinita cordilheira, o vento frio sussurrava histórias do passado e trazia consigo os anseios futuros de um mundo à beira da transcendência.

Dentro das entranhas da Montanha do Cristal Arco-Íris, a luta contra os próprios limites humanos e mágicos era intensa. Aria, Roran, Lysander e Gavriel se encontravam mergulhados na busca pelo entendimento mais profundo de seus poderes elementais. A Profecia dos Dragões estava presente em seus corações e mentes, como um lembrete constante dos perigos e responsabilidades que abraçavam em suas almas esperançosas e temerosas.

Por entre estalactites gotejantes e rochas reluzentes, os quatro amigos se colocavam frente aos elementos em um ritual que beirava a loucura e o epifânico. A cada suspiro de magia, a cada entonação das palavras arcanas, sentiam o peso do desconhecido se assentar sobre seus ombros e a força gigantesca de Eldoria correr pelo sangue como tempestades ancestrais.

As mãos de Aria tremiam, dançando sobre a superfície de um lago subterrâneo enquanto ela buscava a sinfonia dos espíritos aquáticos e ouvia a melodia contida nas gotas de água que despencavam do teto da caverna.

”A água é a essência da vida, e também pode ser a destruição dela,” disse ela, o olhar perdido nas profundezas do lago, os cabelos loiros emoldurando o rosto em um coro de ouro e prata. ”Para dominar este elemento, devo me tornar um com ele, sentir sua consciência correr por meus dedos, permitir que me submerja e me transforme.”

Roran, com os pés fincados no solo e reverberando na linguagem secreta dos terráqueos, olhava fixamente Aria. ”Isso é válido para todos nós, Aria,” sussurrou, a voz grave carregada de promessas sombrias. ”Não podemos apenas dominar nossos respectivos elementos; precisamos forjar uma aliança com eles, permitir que assumam o controle quando necessário.”



Lysander brandia sua espada contra o rochedo, criando faíscas de luz e som que dançavam na penumbra da caverna, como estrelas aprisionadas. Ele murmurou as palavras de evocação, e as chamas se apoderaram das lâminas como serpentes enroscadas, dominando o ar como forças dos céus e das profundezas.

”O fogo me fala,” disse Lysander, a voz rouca, como se também fosse alimentada pelas línguas abrasadoras. ”Ele clama pela liberdade e o direito de queimar e consumir, mesmo que signifique sua própria destruição. Esta é a natureza do fogo - e esta é a dádiva e a maldição que carrego em minhas mãos.”

Gavriel, o duende caçador de tesouros, observava seus amigos com um olhar astuto e calculista. Esse era seu papel em meio àquela luta contra os próprios elementos: dominar o vento e o tempo, como um maestro dos fenômenos naturais. Seus olhos verdes brilhavam como esmeraldas pelo espaço, cintilando na escuridão como jóias secretas e cobiçadas de Eldoria.

”O vento possui uma natureza fugaz,” observou ele, com sua voz suave e melódica. ”Seja uma brisa sussurrante ou uma tempestade violenta, o vento é uma força de mudança e constante transformação. Eu construo meu caminho entre as correntes invisíveis, aprendendo a evocar sua natureza elusiva e a moldá-la conforme minha necessidade.”

Ondulações de água, terra, fogo e vento convergiam naquela caverna como um experimento sinfônico e caótico. Ali, enquanto Aria, Roran, Lysander e Gavriel tentavam domar o indomável, a história do tempo se fundia e se perdia em um abismo de escuridão e luz.

Então, uma voz ecoou pelo silêncio súbito, rachando a atmosfera carregada que encolhia ao seu redor, sibilante e terrível como os sussurros do destino. ”Você acredita realmente dominar os elementos?” perguntou a voz. ”Trágico ver os tolos apavorados, se aferrando em seus mundos ilusórios, ignorando o abismo que os destruirá.”

Aria encarou a escuridão e sentiu um calafrio na espinha, um sinal de perigo e de alerta. ”Quem está aí?”, ousou perguntar, a voz trêmula e incerta.

A resposta veio na forma de uma risada fria e maligna, um eco de sombras e medo emaranhado nos ventos. E com ela, a certeza de que a batalha pelo domínio dos elementos estava apenas começando.

## Aperfeiçoando as habilidades em batalha

A luz fria do amanhecer penetrou os véus das árvores, onde a névoa pairava sobre o solo, como um manto de ilusões. Ali, no domínio silencioso e sombrio da floresta, onde os espíritos dos tempos antigos ainda sussurravam aos ventos, Aria, Roran, Lysander e Gavriel caminhavam em formação cerrada, preparados para enfrentar o desconhecido e para aprimorar suas habilidades em batalha.

O dia anterior havia sido marcado por triunfos e derrotas, mas aquelas memórias estavam à beira de serem engolidas pela infinitude do tempo. Deveriam se concentrar no presente e aproveitar cada momento para aprender e crescer.

“Existe uma neblina em meu coração,” murmurou Roran, inquieto, enquanto seus olhos escrutavam o horizonte enevoado. “Ela se instala e cresce a cada dia, como um vírus. Já não consigo enxergar o mundo como antes. Sou perseguido por reflexos distorcidos do que eu fui.”

Aria estendeu a mão e tocou o braço de Roran. Um gesto terno e silencioso, palavra e promessa cobertas pela névoa. “Vamos eliminar essas nuvens. Vamos lutar e sobreviver. Se há um mal que nos infecta, é nosso dever purgar tal infecção.”

Lysander sorriu com uma tristeza luminosa - como uma estrela cadente que finda sua trajetória na escuridão da floresta. “Talvez chegou a hora de nos prepararmos para batalhas maiores que estão por vir. Estamos aqui, juntos, mas ainda longe de estar preparados para o que precisamos enfrentar.”

Gavriel assentiu, com os olhos verdes faiscando de determinação. “Temos a força e a coragem para enfrentar qualquer ameaça, mas precisamos aprimorar nossas habilidades, entender nossos limites e aprender a confiar um no outro.”

Ali, a batalha que se desenrolaria teria, se não um vencedor, uma certeza luminosa, mesmo no seio das névoas: a de que eles inquebráveis estavam sendo forjados, e que o sangue e o suor seriam talhados como troféus na alma daqueles guerreiros.

Em um gesto de comando mudo, Lysander colocou-se à frente, brandindo a espada iluminada pela aurora. A luz do dia emergente banhava a lâmina, criando um halo ofuscante e sagrado ao seu redor.

Aria murmurou palavras arcanas, desenhando com seus dedos versos que se tornavam gotas de neblina, reorganizando e dançando em formas e sombras. Gavriel disparou sua besta em seqüências rápidas e precisas, as flechas se cravando nas folhas mortas do chão com um som abafado. E Roran, o mago-lutador, manipulava a terra, erguendo barreiras ou abrindo caminhos com um aceno de sua mão, como se fosse uma extensão das montanhas e colinas que cercavam Eldoria.

Cada movimento, cada gesto, era a dança profunda do aprendizado e da adaptação, executada com uma fúria controlada e uma graça mortífera. E entre os intervalos da batalha ensaiada, confidências e segredos eram compartilhados como chamas que evocam os fantasmas do passado e do futuro.

Durante aquele dia, Aria, Roran, Lysander e Gavriel combateram os lobos sombrios e as árvores doloridas da floresta, os ecos agourentos de seu próprio medo e desespero. Onde eles antes balançavam no precipício do abismo, viram o indefinível ceder lugar a novas promessas e sombras assumir o rosto de uma esperança inextinguível.

As árvores murmuravam em sussurros secretos, testemunhando a batalha épica de corações e espíritos que se travava no coração da floresta. E, assim, a névoa que envolvia e ocultava seus medos foi-se dissipando, dando lugar à luz do dia e à determinação renovada de que, juntos, eles enfrentariam o perigo - mesmo que isso significasse desvendar a última fibra da própria humanidade.

Naquele dia, nos domínios silenciosos e sombrios da floresta, eles se tornaram mesmo tempo melhores e mais vulneráveis: um passo mais perto de alcançar a harmonia com os seus poderes e os segredos mais profundos de Eldoria. Pois a batalha era a aresta dos espelhos partidos, e a linha divisória entre a ruína e a esperança, a derrota e a vitória, era uma sombra tênue que dançava ao sabor das correntes do destino.

## **A busca pelo conhecimento arcano**

A névoa envolvia as últimas vigas em fenda dos loendros, escondendo o olhar de esmeralda da Cidade Dragão. Os raios évanescer dos primeiros sois rasgavam os ventos noturnos, como uma esperança renascente que ouvia seus próprios versos no idioma secreto das lendas. Nas ruas de pedra cristalina e

nas fontes argilíneas, as águas chocavam-se contra si mesmas e desfaleciam, partindo-se em risos e sussurros que preenchiam o ar, como um sonho que não conhece fim. Havia algo enfeiticeiro e etéreo no silêncio de Eldoria, no momento sereno e paralisado entre o fim de uma antiga era e o começo de uma aventura deslumbrante e incalculável.

Arota, serviçal da biblioteca, estudioso desde sempre, levantou a lâmpada encantada, como um farol a mostrar o caminho além dos estreitos corredores de saber empoeirado, seus olhos cinza brilhando na penumbra como pequenas chamas de prata. "Aqui", disse a Roran e Aria, estendendo a mão para um volume grosso, com uma capa de couro talhado e uma tranca de prata trilhada. "É sobre isto que vocês me perguntaram: os segredos arcanos de Eldoria, o verdadeiro coração de toda magia elementar e o centro do poder que reside no seio das sombras e das luzes."

Lentamente, Aria tocou o livro com a ponta dos dedos, sentindo as palavras pertencerem a outro tempo, um tempo de vitórias e derrotas, quando o mundo ressoava e se partia ao som dos encantamentos de fogo, espadas e gelo. Delicadamente, abriu o volume aos primeiros acordes das páginas envelhecidas, e entre notas de desespero e cantos de esperança, leu sobre a formação do próprio Eldoria, o nascimento dos reinos e a divisão dos poderes elementares.

Roran, mantendo os olhos fixos nas páginas amareladas, se aproximou do tomo, fascinado e inquieto. "Estas são as palavras de um mago dos tempos antigos elas contêm o conhecimento que procuramos para enfrentar e entender nossos respectivos poderes elementares", disse ele, com a voz embargada de emoção e entusiasmo.

E Aria, tocando os cabelos loiros com a mão esquerda, olhou Roran, cujos olhos castanhos brilhavam com a possibilidade do desconhecido. "Sim", balbuciou, "é aqui que começa nossa verdadeira busca, a compreensão do poder que corre por nossas veias, a água e a terra, o fogo e o vento, todos conspirando para criar um tecido de magia que pode ou transportar-nos à vitória ou nos deixar esmaecer nos traços embrulhados das sombras."

As letras esmaecidas do livro saltavam e se curvavam como um encaixe sombrio, ressoando em uma melodia arcaica nas ondas do desejo e do medo. A derrota de um império antigo, no qual estatuários de éter e glaciares imortais tremiam e caíam em pedaços, e a emergência de um novo mundo que exigia sacrifícios e oferecia esperança, cada passo além do conhecido

estava impregnado de coragem e perigos incalculáveis, tais eram os segredos encerrados neste antigo volume, carregadas suas páginas de escuridão e luz.

”Sois capazes de ler estas palavras?”, perguntou Arota, sua voz monótona e calma, descrevendo o espaço como uma onda apagada. ”Sois os magos e guerreiros que possuem a determinação e o coração para encarar a verdade que é compartilhada por tempos imemoriais, esmaecida e apagada da memória dos homens?”

”Iniciaremos a leitura”, replicou Aria, com a voz trêmula e incerta. ”Se Eldoria precisa do nosso poder e compreensão mútua, capacitaremos nossa mente e espírito. Por mais perigosa que seja a verdade, o desafio e o medo que se escondem nas curvas do desconhecido, é nosso dever enfrentar e superar os confins das sombras e das luzes interligadas.”

E enquanto Aria e Roran mergulhavam nas águas turvas e misteriosas do conhecimento arcano, nas profundezas das palavras e dos segredos que encurralavam a verdade e as derrotas de Eldoria, a névoa cedeu passagem, e os cantos de longo prazo do mundo encantado se misturaram e dançaram, engolindo-os como as asas das lendas esquecidas.

## Treinamento com Aryssa, a dragonesa

O coração de Eldoria pulsava ao ritmo dos primeiros raios de sol que despontavam sobre as montanhas Argentinas, e o ar raro e gelado do deserto gélido de Cryorin ardia como fagulhas no fôlego dos guerreiros. Aria, Roran, Lysander e Gavriel sustentavam o silêncio das nuvens solenes, seus peitos carapintados do frio e do peso da responsabilidade. E ali, diante do vale onde os batedores da resistência haviam rastreado o covil da poderosa Aryssa Vendaval, a dragonesa, emboscados entre as estalagmites de gelo, a tensão se debatia como correntes invisíveis sobre as neves cristalinas.

Aryssa, uma criatura de propósitos ocultos, cujos olhos vertiam ciclones e tormentas, se revelaria aliada ou inimiga? Aria exalou um bafo de vapor gélido e procurou, através do nevoeiro glacial, um vislumbre de crença e esperança. ”Ela é nossa aliada, eu sinto”, murmurou Aria, seus olhos faiscando azul-oceano, mergulhados na força das palavras que compartilhava com o vento.

Roran permanecia em silêncio, pensativo, porém espreitando através da névoa branca e das nuvens tenebrosas. ”Sim”, ele assentiu lentamente,

”concordo. Nós estamos desesperadamente necessitados de aliados, e uma dragonesa do calibre de Aryssa seria uma força inigualável neste campo de batalha que está se formando.”

Lysander apertou o punho em torno de sua espada, empunhando a arma com uma firmeza serena e feroz. ”Então é hora de enfrentar nossos temores e buscá-la. Se Aryssa está disposta a nos ajudar, nosso dever é aproveitar essa oportunidade e aprender tudo o que pudermos com ela. Seria muita imprudência deixar passar tal chance.”

Gavriel concordou, seus olhos perscrutando cautelosamente o cenário desolado e assombrado do deserto gélido. ”Então, vamos procurá-la e mostrar que estamos unidos não só entre nós, mas também ao ideal de ver Eldoria salva da queda ao abismo primordial.”

Decididos, os guerreiros desceram pelas escarpas de gelo, espadas e magia na mão, corações fustigados pela esperança e pelo frio. Atravessaram o vale lúgubre e honrado pelo canto de ventos entre as fendas e cernes, até que chegaram às portas de ouro-etéreo do covil de Aryssa.

Ali, enquanto a aragem sibilava como um coro de almas esquecidas, Aria bateu o pé com força na entrada e, seu coração trêmulo, gritou: ”Aryssa Vendaval! Imploramos pelo seu auxílio nessa batalha que se aproxima e que ameaça consumir nosso mundo. Unamo-nos a tempo de salvar Eldoria das hordas das trevas!”

E, como se despertada de um sono ancestral e eterno, a figura majestosa e ameaçadora de Aryssa se formou diante deles, exalando o poder dos ventos e das tempestades. ”Guerreiros de Eldoria”, ela ronronou, maliciosamente, seus olhos pinçados ao sabor das intenções que dançavam no ar, ”por que buscar o conhecimento antigo e trazer à luz as sombras encobertas pelos séculos?”

Lysander deu um passo à frente, o reflexo da determinação brilhando nas cores de seus olhos cor de água. ”Viemos te pedir ajuda, dragonesa lendária. Nós enfrentamos um mal que ameaça engolir nosso mundo, e suas habilidades podem ser a chave para nossa vitória sobre as trevas que se levantam.”

Aryssa estudou - os um instante, pensativa e ereta como a lança do destino. Então, com um sólido aceno de sua cabeça, respondeu: ”Muito bem. Eu vejo a coragem e a convicção em seus corações. Vamos treinar juntos, aprender uns com os outros e forjar uma aliança que possa, de

alguma forma, afastar a sombra da destruição de Eldoria.”

Roran, Gavriel, Aria, Lysander e Aryssa se uniram, então, em harmonia com o destino e a fé, e começaram uma marcha arduamente triunfal em direção à luz que as trevas cobriam, pois tinham, em suas mãos e asas, a argila e a força do mundo: uma aliança inabalável capaz de fazer frente a qualquer adversidade.

## Fortalecimento de vínculos e trabalho em equipe

A cadeia de montanhas onde se escondia a biblioteca era selvagem e deslumbrante. As rochas cromáticas cintilantes brilhavam como pérolas com a luz amorfa que se vertia do céu. Árvores ancestrais cresciam através das fendas, arrancando a rocha com raízes firmes e persistentes. E ao longe, a escuridão das Trevas pulsava sinistramente, como um coração de sombras teimosamente apoiado no abismo.

Aria e seus companheiros caminhavam por um desfiladeiro de época primordial, cujos escarpados lhes proporcionavam uma visão rara e espetacular. Mas a tensão das Trevas iludia-se entre as clareiras e sombreados e deixava-os com a sensação arrepiante de jamais estarem realmente só.

”Não conseguimos dormir hoje à noite”, Gavriel comentou, chutando um seixo do caminho com prazer nervoso. ”Há algo inquietante nesta paisagem, algo que sugere que não somos os únicos a percorrê-la.”

Roran bufou baixinho e olhou para o céu cinzento e descarnado. ”Sim, as Trevas têm tentáculos longos e impiedosos, e mesmo em lugares tão sagrados e remotos como este, elas se infiltram.”

”Cabe a nós”, disse Lysander com firmeza, ”manter a integridade deste lugar e garantir que nossa presença desafie a sombra da presença das Trevas.”

Aria assentiu, sentindo o frêmito familiar de incerteza e medo deslizar pela espinha. Sentia-se inundada pela força de suas emoções, pelo imenso poder que sentia correr por suas veias, e pelo incógnito e implacável inimigo que se escondia nas frestas das árvores e penetrasse na aura de poder sagrado do lugar. Respirou profundamente, dando um passo à frente e soltou um sussurro de oração aos espíritos e aos elementares. ”Devemos manter nossa determinação, nossa coragem e nossa fé”, murmurou. ”Juntos, podemos enfrentar a escuridão e, assim, nos fortalecer. Juntos, somos invencíveis.”

Houve um silêncio solene na encosta e mesmo o vento pareceu prestar-

lhe homenagem, baixando a um murmúrio tenro e acariciante. Foi nesse silêncio que, juntos, deram início a um ritual dos mais antigos e sagrados, seu objetivo a formação de um vínculo de poder e confiança até então desconhecido.

Aria estendeu a mão esquerda, pálida e trêmula, e ofereceu - a a Roran. Ele a segurou com firmeza e juntos murmuraram palavras antigas e poderosas, entoando uma canção que foi aprendida antes mesmo de ser ouvida. Gota a gota, o poder da magia que fluía de seus dedos entrelaçados alimentava a energia do ritual, escorrendo em uma torrente que englobou seus corpos e os tornou um só.

Gavriel, agarrando a mão de Lysander, tentou ser paciente, desviando o olhar do ritual impressionante e beligerante ao seu lado, mas algo nele ansiava por participar, por sentir o mesmo pulso de vida e poder que emanava de seus amigos. E, liberando uma rápida exalação, intercalou - se entre Aria e Roran, seus dedos minúsculos aderindo às mãos de ambos enquanto bebia sedento do poder elementar do momento.

E os corações daqueles quatro guerreiros solitários e determinados, entrelaçados pela força dos elementos e pelas magias de uma tradição há muito esquecida, vibravam como o ressoar de um tambor humano, um hino alicerçado pelo poder da fé, da amizade e da coragem. Naquele momento, todos eles sentiram um poder e uma força que jamais haviam experimentado antes e não podiam colocar em palavras.

E, quando a última nota da canção desapareceu nas sombras das montanhas, um vento suave soprou e todas as incertezas e temores pareceram ser arrancados de suas almas, deixando em seu lugar uma conexão sólida e inabalável, cheia de segurança e imbuída de esperança.

Aria, olhando para os rostos dos seus companheiros, encontrou o mesmo olhar de determinação e promessa que sabia refletir em seus próprios olhos. E neste momento, no cerne do sagrado e perdido reino entre as árvores e as rochas, sabia que juntos, eles tinham o poder de triunfar sobre a escuridão e restaurar Eldoria ao seu esplendor outrora magnífico.

## **Despertar dos poderes ocultos**

### Capítulo 8: Despertar dos Poderes Ocultos

A luz dourada do sol poente dançava sobre as copas das árvores, conce-



dendo à Floresta das Sombras uma beleza melancólica. Aria sustentava um pedaço de pergaminho em suas mãos trêmulas, o mesmo pergaminho que revelara o segredo do Despertar dos Dragões. Seus olhos azuis-oceano estudavam as linhas de tinta, desenhando padrões de poder nas profundezas de sua mente. Suas unhas raspavam o couro do embrulho, como se sua crescente ansiedade pudesse transmutar-se em um poder ainda não alcançado.

Roran, ruivo e grafitado como uma centelha silenciosa, observava - a com um olhar preocupado, mas orgulhoso. "Aria, acredito que este momento chegou," disse ele, sua voz soando grave e poderosa pelos arvoredos que se erguiam como sentinelas ao redor deles. "É hora de despertar os poderes ocultos em você. Poderes que, eu suspeito, têm se manifestado nas profundezas do seu espírito desde que encontramos o pergaminho."

Lysander ajustou seu elmo, seu semblante inabalável fazendo jus à sua armadura cintilante. "Preparação é fundamental para enfrentarmos o desconhecido," afirmou, encarando cada um naquele círculo preparatório de silêncio febril. "Não fiquem paralisados pelo medo; alimentem-se de suas inseguranças e façam delas a força que nos impulsionará à vitória."

Gavriel cocou a ponta das orelhas pontiagudas e assentiu. "As sombras estão ficando mais densas, mais sinistras. Sinto-as roçar nos murmúrios do vento, no farfalhar das folhas. Devemos nos apressar."

Aria, sentindo um frêmito gelado de excitação e apreensão atravessar seu corpo frágil como folhas sopradas pelo vento, abaixou-se sobre um joelho, colocando o pergaminho no chão e estendendo as mãos trêmulas em direção aos seus companheiros.

Roran, sem hesitar, ofereceu sua mão direita, firme e sólida como o fundamento de seu poder. Lysander segurou-a com a determinação de um cavaleiro ciente de seu dever. Gavriel, como a última peça do elo, abraçou a cadeia de mãos com um sorriso maroto e travesso.

Eles se ergueram com uma solenidade unânime, olhando nos olhos uns dos outros, buscando conforto nas profundezas de suas próprias almas, sentindo o espaço que os separava se dissolver em algo mais do que meros laços anatômicos. Aria sorriu e, baixinho, começou a entoar uma melodia que parecia apenas ser ouvida pelos corações unidos em seu interior.

A união deles, já fervilhante de magia e intenção, começou a criar uma energia pulsante que iluminou o ar ao redor deles com um fulgor etéreo e

ofuscante.

Roran sentiu o calor dos dedos de Aria, que parecia possuir um poder incomensurável e vibrante. O coração dele pulsava como um gongo de trovões, ecoando em seu peito e tingindo a areia com percepções de tempestade.

Lysander percebeu que, à medida que a melodia de Aria crescia mais forte e mais rica em sua alma, sua armadura se tornava mais leve, mais fácil de suportar, como se os laços vinhessem mudar seus próprios pontos de tensão.

Gavriel sentiu-se eletrificado, cânticos e luzes dançando como faíscas em sua cabeça e deslizando pelo ar para iluminar a noite em um véu radiante que parecia ser feito de promessas e sussurros.

Aria exalou um arquejo de assombro e admiração, enquanto a sinfonia de sua música reverberava em seus ouvidos e no espaço entre eles. Seu peito dolorido se encheu de algo mais do que apenas ar - ela sentiu, latejando nas palmas de suas mãos e no núcleo do seu ser, o despertar do poder absoluto.

E quando esta energia finalmente atingiu seu ápice e se expandiu como uma supernova, engolindo - os todos em um abraço cegante de luz, Aria soube que eles não eram mais apenas quatro indivíduos - cada um com suas próprias paixões e dúvidas - mas algo muito maior e mais poderoso.

Ela sabia que os poderes ocultos em seu interior haviam sido despertados - não apenas em si, mas em todos eles - e que agora estavam prontos para enfrentar qualquer adversidade que Eldoria colocasse em seu caminho, a caminho da salvação de seu mundo.

## Chapter 8

# Forja de Alianças Improváveis

A precipitação da tempestade arrojou-se como um vendaval, transformando a viagem em um turbilhão de vento e chuva que fez de cada passo uma batalha. Lágrimas de nuvens pesadas, silenciosas, inundavam os caminhos, diluindo a paisagem em um espectro indiscernível de telhados e copas de árvores. E os personagens, nossos heróis, marcharam em direção ao coração da fúria, seus corações silenciosos e determinados batendo em uníssono com o rugido das tempestades acima.

Aria, gotejando de água sob o peso de seu manto encharcado, continuou a guiar o grupo com um olhar severo e fixo. Ela sentia o peso de uma responsabilidade iminente acumulando-se em seus ombros trêmulos, uma desconfortável certeza de que o destino de Eldoria pendia por um fio.

Atrás dela, o cavaleiro Lysander caminhava com a impassibilidade de um titã ferido. Suas mãos grandes e calosas seguravam as rédeas de seu cavalo com firmeza, as articulações rangendo sob a tensão de sua armadura encharcada. Dentro da armadura, ele se sentia preso, como se a umidade e o frio tivessem se infiltrado em sua própria pele e nos silenciosos espaços entre cada desejo e paixão de seu ser.

Roran, o mago talentoso, parou em um trecho sombrio de floresta que parecia sugá-lo para dentro. Observou a chuva que caía sussurrando sobre a folhagem escura e sentiu que algo em seus ossos parecia minguar, como se pudesse ser arrastado pela inquietação e agonia do mundo ao seu redor.

Foi quando, no ponto mais extremo da penumbra, Gavriel, o duende

caçador de tesouros, equilibrando-se na beirada do abismo desenfreado, fez um som estridente. Uma palavra que transpassou o ribombar da tempestade e interrompeu o desespero de cada um dos presentes com um clarão agudo e penetrante.

”Amigos”, ele gritou com uma força que parecia rasgar a nuvem granítica acima, ”temos receio do que virá! Estou cansado! Eu sei, nós sabemos que devemos permanecer de pé e enfrentar as Trevas. Que tal forjar um pacto aqui e agora, em meio a este torvelinho de ira e de desolação?”

Aria recordou-se com um olhar taciturno em direção ao companheiro. Lysander fez uma pausa, endireitou os ombros e soltou as rédeas de seu cavalo, cerca de três passos atrás. Roran voltou-se do abismo, brilhante e terno como a luz dourada de um amanhecer longínquo que estivesse pronto para emergir das sombras.

”Um pacto?” Aria ecoou, sua voz cheia de solenidade e incerteza. ”Tenho medo de fracassar, Gavriel. Como posso prometer-lhes vitória, quando nem mesmo sei se eu mesma sou capaz de alcançá-la?”

Gavriel pôs as mãos nos quadris e riu, uma risada de prata que estilhaçava o eco negro das sombras e das árvores. ”Minha cara Aria, não é sobre sermos capazes, é sobre acreditarmos”, observou ele, sua voz aquecida pelo ânimo e pela convicção. ”Aqui estamos na tempestade, prontos para enfrentar o mundo e seus perigos; unidos como irmãos, na batalha pela liberdade!”

E enquanto a chuva caía e a tempestade rugia ao redor, Aria, Lysander e Roran fizeram um círculo, cada um oferecendo a mão ao outro, até estarem conectados pela força e coragem de uma aliança improvável, mas inabalável. O coração de todos latejou com uma intensidade quase dolorosa, como se a esperança que inflamava entre eles tivesse se tornado um fogo inextinguível, alimentado pela determinação e pela promessa de vitória.

”Juntos,” sussurrou Aria, enquanto a luz emergia dos céus, a chuva escorria de seus rostos e o coração da tempestade redirecionava suas lanças, ”juntos, nós enfrentaremos as Transformações das Trevas e o fim do mundo.” Ela sentia o aperto das mãos dos seus amigos e a mão quente de Gavriel em sua mão, tão cheia de promessas invisíveis. Sentiu-se transportada para um lugar acima dos medos e da chuva ensandecedora, um lugar onde a aliança sustentava e fortalecia a amizade.

E, como a tempestade se atenuava e o céu se clareava à distância, eles se levantaram, unidos para enfrentar o destino e as Trevas juntos. Porque,

embora cada um tivesse suas próprias sombras e feridas, naquele momento todos compreenderam que, com uma aliança tão inquebrável e improvável, a salvação de Eldoria seria alcançável.

## Formando Alianças com Inimigos

O céu estava tingido de chamas vermelhas e douradas quando o grupo de aventureiros saiu das muralhas da Cidade Esmeralda. A glória do pôr do sol parecia zombar do cenário sombrio que se desenrolava diante deles. Diante de Aria e seus companheiros agora estendia-se um exército das forças das trevas, liderado por Kael, um mago cruel, sombrio e implacável, cuja devoção aos dragões os colocava como inimigos mortais.

Era uma batalha cujo resultado poderia mergulhar Eldoria ainda mais nas sombras por vir.

Aria inspirou profundamente e encarou o rosto impiedoso de Kael através do campo de batalha. Ela podia sentir a eletricidade crescendo no ar, o cheiro de medo e aço pesado sobre eles, e sabia que seu próprio coração replicava esse sentimento em todas as batidas trêmulas dentro de seu peito.

"Gavriel, Roran, Lysander," ela chamou, sua voz quase inaudível sobre os sons de tensão e perigo. "Sei que esta ideia parece loucura. Mas acredito que se, por um momento, pudermos colocar nossas diferenças de lado e nos concentrar no bem maior, teremos sucesso."

Roran olhou para Aria e respirou fundo, os olhos firmes e decididos. "Aria, confio em você. Se acredita que podemos fazer uma aliança com nossos inimigos, estaremos a seu lado."

Lysander também assentiu com uma resolução feroz. "Eu luto por Eldoria," ele declarou, "e farei qualquer coisa para protegê-la. Mesmo que isto signifique trabalhar com aqueles que juramos derrotar."

Gavriel fez uma careta e olhou de Aria para o exército diante deles. "Eu não gosto", disse ele com relutância. "Porém, estou com vocês. Não posso negar que a ameaça que enfrentamos exige medidas desesperadas."

Com um suspiro que parecia arrastar o peso de todas as hesitações e inseguranças dos séculos, Aria avançou, liderando seus companheiros pelo campo de batalha, com os olhos fixos no mago que os aguardava.

As notas de prata de suas palavras imbuíram a atmosfera densa e sombria com uma promessa luminosa, como se as próprias forças contraditórias que

arrebataavam o campo de batalha fossem atrair sua esperança para algo tangível e verdadeiro.

Nervosa, Aria elevou uma mão branca e frágil, chamando Kael e seu exército de seguidores sombrios para a negociação. Em um gesto de triste resignação, Kael atravessou o vazio que os separava, seus passos pesados e os olhos afiados como espadas. Os olhos gélidos de Kael pareciam sondar as profundezas de todas as fraquezas ocultas na sombra de cada pensamento que Aria e seus amigos compartilhavam.

"A que devo a honra desta abordagem, Aria Fontane?" Kael riu zombeteiramente, seu tom áspero e sarcástico como um serrote através dos ossos de Aria. "Você veio implorar pela sua vida diante do retorno dos dragões que tenta evitar?"

Aria respirou, seu corpo tremendo com a força dos ventos e as tempestades não expressas, e, no entanto, seus olhos permaneceram fixos no rosto gravado a cinzel de trevas diante dela.

"Kael," ela disse com firmeza, sussurrando seu nome como uma corrente que os unisse em suas lutas, necessidades e esperanças partilhadas, "vim propor uma trégua temporária. Ambos queremos proteger Eldoria e suas criaturas. Somente juntos, temos uma chance de derrotar os dragões."

O silêncio que se seguiu foi como um cabo de guerra esticado até o limite, prestes a arrebentar. Kael fitou os olhos daquela menina e viu neles uma determinação feroz, uma convicção que ele jamais esperou testemunhar. Aria olhava diretamente para as profundezas insondáveis da escuridão.

E, lentamente, como um lobo reconhecendo a força de um adversário, Kael assentiu.

"Então," ele concordou com um brilho azul-gelo em seus olhos, "formaremos uma aliança temporária contra os dragões, apenas durante o necessário. Que nossos inimigos comuns paguem o preço do nosso acordo."

Com um aperto de mãos hesitante e atolado no peso da suspeita e do desgosto, Aria aceitou a proposta de Kael, e o destino de Eldoria foi selado em um pacto inimaginável.

Aquele momento ao entardecer, sob o céu de chamas em Eldoria, ficaria para sempre gravado nas lembranças de nossos heróis. O som do ar expirando e a última luz do dia desaparecendo na escuridão, anunciando o fim de um capítulo tumultuado e o início de um futuro incerto, forjado na esperança, coragem e uma aliança precária selada em um campo de batalha noturno.

## Um Encontro com a Resistência

A escuridão do céu profundo, sem estrelas, parecia se aproximar cada vez mais à medida que Aria e seus companheiros se moviam silenciosamente pela noite fria e escura. Sussurros sinistros e muito distantes chegavam aos ouvidos deles à medida que avançavam em direção a um encontro sombrio - uma reunião com a Resistência.

À medida que se aproximavam, a silhueta nítida de uma casa antiga e solitária tomou forma no horizonte; as sombras da noite pareciam lamentar ao redor das janelas escuras e vazias como se guardassem segredos negros e pesados.

O ódio pelos dragões e as forças das trevas que ameaçavam Eldoria havia levado muitos a se juntarem à Resistência - uma rede secreta de guerrilheiros e combatentes ocultos que, apesar de seus métodos muitas vezes questionáveis, lutavam implacavelmente para proteger o mundo em que viviam. Com o coração pesado e o nervosismo manchando cada fibra do seu ser, Aria sabia que se aliarem à Resistência poderia fazer a diferença na batalha que se aproximava. O que ela não sabia, entretanto, era quão doloroso seria colocar aquelas esperanças e sonhos nas mãos daqueles que enfrentavam a noite com olhos firmes e ânimos decididos.

A porta antiga e escura da casa se abriu de repente, e uma figura surgiu do interior sombrio como um espectro. Aria sentiu os olhos da mulher se fixarem nela com uma intensidade perturbadora, como se soubesse que algo dentro de sua mente estava prestes a vir à tona.

Aria deu um passo à frente, sentindo os olhares inquisidores dos outros membros da Resistência sobre si. Ela olhou para a mulher, seu coração batendo em um ritmo febril em seu peito. "Seu nome é Lila, certo?" Aria perguntou em voz trêmula.

"Sim", a mulher respondeu, seu tom duro e desprovido de emoção. "E quem são vocês? Por que procuram a Resistência?"

Foi Roran quem respondeu, sua voz segura e confiante: "Viemos em busca de aliança e apoio. Temos uma missão em comum, proteger Eldoria das garras dos dragões e das forças das trevas".

O olhar de Lila se moveu entre os rostos do grupo, como se estivesse tentando ler suas almas. "O que vocês têm a oferecer?", perguntou ela com desconfiança.

Aria respirou fundo, lutando contra a voz tremula presa em sua garganta. "Temos informações valiosas sobre a profecia do retorno dos dragões, e se unirmos forças, podemos salvar Eldoria desse destino sombrio", respondeu.

Lila pareceu considerar essas palavras por um momento, seu rosto mantendo um escrutínio concentrado e inabalável. "E como posso confiar em vocês?", indagou ela. "Como posso ter certeza de que não são espíões, infiltrados pelo nosso inimigo?"

Gavriel deu um passo à frente, um brilho astuto e inabalável em seus olhos verdes. "É uma questão de fé, Lila", respondeu ele calmamente. "Todos temos algo a perder se os dragões retornarem para Eldoria, e todos temos nossas razões para lutar ao seu lado. Nós só estamos pedindo uma chance de provar o nosso valor e colaborar com a Resistência na batalha pela salvação do nosso mundo."

Um silêncio tenso caiu sobre o grupo, enquanto Lila estudava cada um deles, como se quisesse ler nas linhas de seus rostos as verdades que buscava. Finalmente, uma sombra de decisão endureceu seus olhos, e ela ergueu a mão, um gesto formal e simples, mas carregado de significado.

"Venham", disse. "Vamos conversar."

Guiadas por Lila através do interior escuro da casa, Aria e seus companheiros adentraram um cômodo apenas iluminado pela luz fraca de velas, onde os olhos de todos os que ali estavam se voltaram para eles. A tensão no ar era palpável e carregada de ameaças veladas, como nas arestas de facas afiadas. Entretanto, a coragem e determinação de nossos heróis nunca vacilou; em seus corações, sabiam que não podiam falhar - Eldoria e as vidas dos que amavam dependiam dessa tênue esperança em uma aliança que, mesmo improvável, podia reacender a chama da liberdade neste mundo mágico.

Sentados em uma mesa rústica, cercados pelas sombras de rostos desconhecidos, o medo e a incerteza ecoavam em cada batida trêmula de seus corações. Porém, mesmo cientes dos perigos e riscos que aceitaram ao partilhar seus segredos com a Resistência, a coragem e fé de Aria, Roran, Lysander e Gavriel nunca se abalou.

Enquanto estabeleciam a inquieta aliança, uma centelha de esperança e ousadia acendeu-se no fundo dos olhos de cada pessoa ali presente. Eles estavam prestes a enfrentar o maior desafio de suas vidas e, apesar de todos os medos e trevas que os cercavam, sabiam que só juntos poderiam sair



triumfantes na batalha que se aproximava para definir o destino de Eldoria.

## A Dragonesa Exilada: Aryssa Vendaval

A noite vestia - se em um manto de lamentos silenciosos e desesperados, pendurados tristemente no suave tecer das sombras, enquanto Aria e seus companheiros adentravam a floresta proibida. A lua iluminava secretamente a trilha sinuosa que conduzia ao coração da floresta, onde, segundo sussurros quase esquecidos e mitos antigos, morava uma antiga e poderosa dragonesa chamada Aryssa Vendaval, exilada de seu povo e reino por razões que permaneciam encobertas em mistério e temor.

Caminhavam todos juntos em silêncio, sentindo o peso do passado e das sombras anciãs que se entrelaçavam como névoas feridas e lúgubres em cada passo. Aria sentia um arrepio sobrenatural que se erguia em torno dela como uma serpente espectral, a encarar por entre os cipós trêmulos e os arbustos sussurrantes. Roran caminhava ao lado de Aria, seu rosto transformado em uma máscara de gelada determinação; Gavriel e Lysander seguia cautelosamente logo atrás, seus olhos penetrantes observando qualquer sinal anormal que pudesse presagiar perigo.

Era tarde, quando mergulharam ainda mais nas profundezas sombrias e geladas da floresta, que vislumbraram a primeira chama, quente e feroz como o sangue que queimava em suas veias. Os olhos de Aria se arregalaram em surpresa e medo, sua mente em um redemoinho de confusão e espanto. E ali - como se fosse apenas mais um espírito convocado para assombrá-los, uma figura esplêndida erguia - se diante do grupo, seus olhos brilhando como luas indecifráveis em um céu noturno indomável.

Era Aryssa, a dragonesa exilada, seu corpo recontendo os segredos e cicatrizes de uma vida que parecia guardar em si todas as eras e mistérios deste vasto e triste universo. Seus olhos de diamante negro se fixaram em Aria, asas imensas estendidas como brasões celestiais gravados em seu corpo celeste e serpentino - ela era uma criatura cuja existência e fantasia pareciam desafiar qualquer concepção terrena de limites e restrições.

"Quem ousa perturbar meu exílio?" Sua voz era um trovão abafado, um sussurro furioso do vento, ecoando através das copas das árvores do tempo e espaço. "Vocês são mortais ou fantasmas sombrios enviados para assombrar os meus dias?"

Gavriel avançou, seus olhos verdes cintilantes adquirindo alguma da selvageria flamejante da dragonesa exilada. "Somos amigos, Aryssa Vendaval," ele afirmou corajosamente, suas palavras como siderais gélidos que se agarravam ao vento amargo. "Viemos em busca de sua sabedoria e colaboração, pois somos guerreiros unidos na luta contra a ameaça do retorno dos dragões."

A expressão de Aryssa adquiriu um brilho de desdém e humor ácido. "E por que, mortais, eu devo ajudá-los?" ela questionou, os olhos faiscantes de luar e escárnio. "Sou uma exilada, uma pária. Quais são suas garantias e promessas para mim?"

Aria, inspirada pela coragem de Gavriel em enfrentar a dragonesa, falou com firmeza, sua voz cristalina como uma cascata ousada que se atreve a contrastar as trevas. "Entendemos que você perdeu muito," ela disse gentilmente, "mas acreditamos que juntos podemos vencer nossos inimigos comuns e proteger Eldoria dos dragões e das forças das trevas."

Aryssa observou - os com olhos de milênios e tragédias infinitas, e, lentamente, com um sorriso que espelhava o amargor das eras e a capacidade de amar selvagememente um mundo que havia se despedaçado, ela assentiu.

"Então," ela declarou, sua voz um vendaval de cinzas e nuvens, "me mostrem - convencer - me de que suas intenções são verdadeiras, e eu voarei com vocês, um aliado feroz, como as estrelas e as fúrias da noite."

Aria e seus companheiros se encararam com espanto, gratidão e temor, pois em seus corações sabiam que haviam formado uma aliança de poder inimaginável. Unidos com Aryssa - a dragonesa exilada -, eles enfrentariam os perigos que se aproximavam e lutariam pela salvação de Eldoria e do próprio mundo.

## Desvendando a Lealdade do Passado

A brisa fria estimulava as chamas na fogueira a dançarem freneticamente, lançando sombras inquietas sobre os rostos sérios e taciturnos de Aria e seus companheiros. Estavam todos sentados em um círculo no chão coberto de folhas secas, a luz amarela e trêmula do fogo se projetando sobre suas feições encovadas e iluminando os olhos enigmáticos da dragonesa Aryssa.

"Você sabe por que estamos aqui, não é, Aryssa?", Perguntou Roran, seu olhar carregado de esperança e cautela.

A dragonesa abaixou a imensa cabeça em assentimento, a voz rouca traída por uma nota de hesitação. "Sim, Roran Tempestário. Ouvei o chamado do meu destino e a insanidade indomável que emana daqueles que desejam alimentar a destruição e a desolação em Eldoria."

Ela fez uma pausa, contemplativa, e Aria percebeu que, mesmo diante de tal confissão, a dragonesa parecia evasiva, como se guardasse um segredo profundo e incendiado em seu peito escamoso.

"Mas existe uma história por trás disso, não é, Aryssa?", Insistiu Gabriel com uma expressão astuta e desafiadora. "Você não parece apenas uma mera espectadora do destino de Eldoria e de seus habitantes. Fale a verdade, Aryssa, todos nós precisamos saber - o que você esconde?"

Aria podia sentir a tensão aumentando como as chamas da fogueira, e todos os olhos estavam fixos na dragonesa enquanto aguardavam avidamente sua resposta. Por fim, cavando em uma parte profunda e sombria de sua memória, Aryssa começou a falar.

"Há muito tempo, antes deste mundo se tornar tão corrompido pelo medo e pelo poder, eu também tinha minha própria lealdade em questão. Eu era membro de um grupo que lutou incansavelmente contra a tirania dos dragões - mas ao longo do caminho, meu coração foi tomado por uma escuridão que eu não conseguia compreender." Sua voz tremia ligeiramente, e Aria entendeu que mesmo um ser tão poderoso quanto Aryssa também fora assombrada por um passado atormentado.

"Quem foi?", Perguntou Lysander em voz baixa, como se temesse abrir feridas antigas e ainda incuráveis.

"Foi Maelthor, o líder do grupo de resistência ao qual eu pertencia. Um ser carismático e enigmático que, por debaixo de seu manto de nobreza e justiça, escondia a ânsia insaciável de poder", confessou Aryssa, sua voz exprimindo uma mistura de ódio e mágoa que ia além do tempo e das feridas longínquas.

"Quando o grupo começou a desmoronar, consumido pela ambição de Maelthor, eu decidi desertar, enfrentar o exílio em vez de apoiar a causa do líder que se mostrara tão cruel e desprovido de compaixão."

Aria e seus companheiros permaneceram em silêncio, absorvendo as revelações de Aryssa e questionando a própria lealdade que tinham uns com os outros. Porque se uma criatura tão orgulhosa e poderosa como Aryssa, a dragonesa exilada, havia sido capaz de abandonar seu próprio povo por

causa de uma lealdade dilacerada, o que os esperaria adiante na luta pela libertação de Eldoria?

”Estamos juntos nesta jornada, Aryssa”, afirmou Aria, sua voz embarcada pela emoção, mas forte e determinada. ”Não importa o que aconteceu no passado, hoje estamos unidos pela amizade e pelo objetivo comum de proteger Eldoria e seu povo.”

Aqui, neste pequeno grupamento de almas atormentadas e valentes, mais do que qualquer lição de história ou relato arcano, Aria e seus companheiros encontraram a verdade sobre a lealdade. Ela não era uma força indestrutível ou uma amarração inquebrável, mas sim uma filigrana de fios delicados, entretecidos em um vasto tapeçaria, sempre adaptável, frágil e dotada de uma força inestimável.

E com o acendimento dessa chama de compreensão, eles seguiram juntos, corações leais e almas marcadas pelas cicatrizes do passado, rumo a uma batalha ainda mais sombria que se aproximava no horizonte de Eldoria.

## **Enfrentando Preconceitos e Desconfianças**

Enquanto Aria e seus companheiros adentravam a vastidão borrifada do horizonte turquesa, as nuvens pareciam amontoar-se ao seu redor, recortadas no céu como gigantes de escarlate e cinzas. Havia uma ameaça no ar, uma crescente tensão palpável que parecia zumbir em torno deles como asas de libélulas nervosas. Sua jornada os havia conduzido através de um labirinto intrincado de provações e revelações, um fio de arrependimentos e sacrifícios a serem desfiados e tecidos novamente em um padrão mais forte e mais verdadeiro. Mas, enquanto enfrentavam a penumbra que os envolvia, uma sombra ainda mais escura e misteriosa aguardava aos arredores, inundando suas almas com suspeição e medo.

Era Aryssa Vendaval, a dragonesa exilada, quem acompanhava Aria e seus companheiros na luta pela salvação de Eldoria. Mas, entre os habitantes da cidade, sussurros de incredulidade e medo já começavam a se espalhar com a presença de uma criatura tão temida, e as rachaduras que se estendem pelas fundações de confianças tão recentemente forjadas. A hostilidade fervia à flor da pele em cada olhar lançado em Aryssa e, embora destemida, a dragonesa não conseguia afastar completamente a sombra de julgamento com suas asas poderosas.

”A dragonesa caminha entre nós”, murmurou um habitante desconfiado, seus olhos lançando veneno e suspeição. ”Será que podemos confiar nela? Será que aqueles que foram nossos inimigos por tanto tempo podem mudar suas escamas tão facilmente?”

Era um questionamento preconceituoso e cruel, mas havia nele uma semente de dúvida que se infiltrava sorrateiramente nas mentes e corações dos companheiros. Até mesmo Aria, seu coração em turbilhão entre a lealdade a Aryssa e o conflito interior, sentia o peso do olhar reprovador da multidão. Ela se perguntava como poderia unir o povo de Eldoria, que a cada dia parecia mais dividido e desconfiado.

Roran aproximou - se de Aria, seu olhar penetrante refletindo uma preocupação latente. ”Estamos juntos nesta causa comum”, afirmou ele em voz baixa, seu rosto uma máscara de férrea preocupação. ”Não podemos deixar que as sombras do passado nos ceguem para a bondade e a qualidade do amanhã.”

Gavriel, sempre astuto e observador, também notou a tensão crescente e se aproximou do grupo. ”Se complôs ardessem tão brilhantemente quanto as razões”, refletiu ele com sarcasmo, ”então estaríamos todos reunidos em uma fogueira de desconfiança. O importante agora é lembrar a causa pela qual estamos lutando e reforçar nossos laços de amizade e confiança.”

Aria sentiu a verdade nas palavras de seus companheiros, percebendo a necessidade de enfrentar os preconceitos e desconfianças que os cercavam antes que eles viessem a corroer a liga que mantinha o grupo unido. Com determinação renovada, ela se ergueu e enfrentou a multidão temerosa e hesitante, seus olhos tão brilhantes quanto as estrelas da aurora.

”Meus amigos, meus irmãos e irmãs de Eldoria”, falou ela, sua voz vibrando com a força de uma alma imperecível, ”eu lhes imploro, enxerguem a verdade diante de vocês. Aryssa Vendaval, exilada e perseguida, renunciou ao seu passado sombrio e se juntou a nós em nossa cruzada, sem pedir nada em troca. Ela é nossa aliada, partilha de nossas dores, nossos medos e, acreditem, nossas esperanças.”

A multidão silenciou, seus olhos fixos na figura esguia e sombria de Aria, enquanto suas palavras ressoavam nos corações de todos os presentes. Era um momento, frágil e fugaz como um gemido de energia, em que as sombras da desconfiança se dissolviam, substituídas pelo brilho de uma nova vida.

O silêncio que se seguiu foi quebrado pelo eco abafado de palmas, acom-

panhadas por um murmúrio crescente de apoio e admiração. Aria olhou em volta, o rosto radiante, seus olhos marejados pela emoção. A união havia sido alcançada, e juntos, enfrentariam as batalhas que se aproximavam, o coração de Eldoria pulsando furiosamente dentro de cada um deles.

Ainda assim, uma pergunta sem resposta pairava em suas mentes, uma farpa enviada pelas asas do passado e pelo sussurro das sombras. Será que, mesmo diante dos preconceitos e desconfianças que buscavam separá-los, sua lealdade reforçada seria suficiente para enfrentar a crescente escuridão que ameaçava engolfar todos eles encobrendo Eldoria em uma nova era de trevas e desolação?

## Um Pacto de Amizade Inabalável

A escuridão engolia a floresta ao seu redor, fazendo com que sombras temíveis engolfassem até mesmo a mais fraca luz das lanternas acesas. A barraca de Aria, em cuja janela entreaberta o vento soprava sussurrando lembranças de noites mais bem-aventuradas, parecia reduzida à insignificância diante da natureza ameaçadora que os cercava. Ela estremeceu, sentindo um frio crescente percorrer-lhe o corpo, apesar do capuz de lã verde abraçando seus ombros e as palmas das mãos tremendo junto à chama vacilante.

Aria sabia que ela e seus companheiros enfrentavam uma encruzilhada crucial em sua jornada, e essa noite, mais do que qualquer outra até então, colocaria a prova não apenas suas habilidades como lutadores, mas a própria força e sinceridade de sua amizade. O desafio que os aguardava no coração da floresta sombria não seria apenas de bravura, coragem e inteligência, mas também de lealdade, confiança e apoio mútuo.

Roran foi o primeiro a se aproximar, sua figura alta e delgada recortada contra a meia-luz, o capuz vermelho encobrendo seu rosto sério e preocupado. Ele se sentou ao lado de Aria, suas mãos firmes e confiantes segurando gentilmente a dela enquanto os olhos encontravam-se em uma comunhão silenciosa de receios compartilhados e esperanças incertas.

”É amanhã, não é, Aria?”, perguntou ele em voz baixa, como se temesse quebrar o silêncio envolvente e despertar os demônios que se escondiam nas sombras. ”Será amanhã que descobriremos se somos verdadeiramente dignos de enfrentar o desafio que nos foi posto.”

Aria assentiu, sua respiração presa na garganta, a voz mal firme o

suficiente para murmurar: "Sim, amanhã saberemos se nosso vínculo é realmente inabalável."

Gavriel e Lysander também se aproximaram em silêncio, formando um círculo apertado ao redor da pequena chama vacilante que lutava contra a escuridão que os engolfava. As expressões de cada um dos rostos estava séria e preocupada, as cicatrizes invisíveis do passado pesando em seus corações como correntes impossíveis de romper.

"Sei que todos aqui já enfrentaram provações em nossas vidas, desafios que, de uma forma ou de outra, nos moldaram e nos tornaram os guerreiros que somos hoje", falou Lysander com uma voz carregada de reverência e respeito pelas batalhas internas e externas de seus companheiros. "Mas acredito, com todo o meu coração, que este é o maior desafio que já enfrentamos juntos, pois é através dele que nossas almas e nossa amizade serão verdadeiramente postas à prova."

Gavriel, sempre perspicaz e rápido em perceber as emoções e pensamentos de seus amigos, afirmou com determinação: "E é também amanhã que mostraremos às sombras e aos nossos próprios medos que não são adversários à altura de nosso vínculo e de nossa força juntos."

A nobreza e coragem de suas palavras pareciam iluminar a noite sombria com um esplendor imaterial, aquecendo os corações frios e desamparados dos quatro amigos. Aria permitiu-se um sorriso, embora abatido e tímido, e levantou a cabeça com o coração mais leve do que antes.

"Vocês estão certos, meus amigos", afirmou ela com uma convicção que refletia na fraca luz de sua lanterna. "Amanhã, juntos, enfrentaremos o desconhecido e o terrível, e serão nossos laços de amizade e nossa fé um no outro que nos sustentarão e nos guiarão na escuridão que se aproxima."

Seu olhar cruzou o de cada um de seus companheiros, e uma chama inquebrável de esperança e devoção ardeu em seus olhos. Aria sentiu o frio desaparecer, substituído por uma corrente quente e avassaladora de amor fraterno, coragem e força inimaginável.

Ao tomarem a mão uns dos outros, formando um círculo de união e fé, juraram um pacto de amizade inabalável. Diante dos olhos ciclópicos das árvores torcidas e aterradores espectros da noite, fizeram uma promessa silenciosa e sagrada de nunca mais permitir que o medo e a desconfiança os separassem.

Com a aurora que se aproximava, trazendo consigo a luz rejuvenescedora

e a promessa de um novo começo, Aria e seus companheiros estavam prontos para enfrentar o desafio que os esperava no coração da Floresta das Sombras.

E seja qual for o resultado dessa batalha, eles sabiam que, a partir de então, nada seria capaz de abalar a profunda amizade e a lealdade inquebrável que, como uma chama indomável, queimava dentro deles.

## **Juntando Forças e Confrontando Novos Perigos**

A brisa fria acariciava o rosto de Aria com dedos implacáveis, enquanto ela se agarrava à sela de sua montaria, lutando contra a tentação de esmorecer diante do frio cada vez mais intenso que parecia se aprofundar nas sombras da partida do sol. Já fazia semanas desde que o grupo havia deixado a segurança da Cidade Esmeralda, e sua jornada continuava implacável e angustiante pelo vasto e desconhecido território de Eldoria. Longe do conforto e da familiaridade do lar, Aria, Lysander, Roran e Gavriel - agora acompanhados pela força e sabedoria de Aryssa, a dragonesa exilada - estavam totalmente imersos em um mundo de sombras, armadilhas e mistérios indizíveis que pareciam guiar seu destino por caminhos cada vez mais sinistros e nefastos.

O retorno aos magos draconatos, criaturas temidas e respeitadas como protetores natos da magia antiga e da paz em Eldoria, havia sido um marco na história do reino, que agora estava suspenso em uma espécie de prolongada agonia, à medida que os aliados lutavam para unir forças e enfrentar os novos perigos que pareciam surgir de cada canto do mundo a cada passo que davam. Uma suspeita recíproca fluía como uma névoa envenenada, envenenando a mente de cada um deles em algum momento, fazendo-os duvidar até mesmo de seus companheiros de batalha em um momento de hesitação e perturbação. Foi em um desses momentos de fraqueza e desespero que Aria, com seu rosto voltado para o vento cortante e seus olhos ardendo com as lágrimas que não podiam vir, falou as palavras que haviam estado em seus pensamentos por muito tempo.

”Estamos juntos nesta luta, somos uma equipe, mas não posso deixar de pensar em como éramos antes antes que esses tempos sombrios chegassem como uma tempestade avassaladora, separando - nos de tudo o que conhecíamos e nos forçando a confrontar o desconhecido”, declarou ela, a voz vacilante parecendo perder - se no sopro gelado do vento. ”Por que estamos fazendo isso? Por Eldoria, por nós? Ou porque tememos o que está por vir



e desejamos proteger um ao outro das sombras que se aproximam?”

Lysander se aproximou dela em silêncio, sua mão áspera, mas firme, segurando a dela entre as luvas espessas e enluvadas. Seus olhos estavam inescrutáveis, como o céu de inverno, e Aria viu neles um eco de seus próprios medos, sua própria angústia. Mas havia também uma determinação implacável e inabalável, e foi essa luz que brilhou mais forte do que qualquer tempestade em seu coração.

”Estamos fazendo isso porque acreditamos que Eldoria vale a pena salvar, Aria”, falou Lysander em voz baixa, quase sussurrando como um trovador confidenciando sua mais profunda verdade ao vento. ”Acreditamos que há algo maior, algo mais verdadeiro a ser encontrado nesta jornada do que apenas a realização de nossos próprios desejos egoístas e medos infundados. E se estamos juntos nesta luta, é porque nos importamos uns com os outros, nos importamos com o que acontecerá a este mundo que chamamos de nosso.”

Em silêncio, Gavriel e Roran também se aproximaram, seus rostos contorcidos pelo vento implacável e as lembranças de uma vida preenchida com uma felicidade distante e quase esquecida. Aria sentiu a força e a compreensão de seus companheiros como gotas de água num mar de incerteza, e foi essa união que a sustentava nos momentos mais sombrios e insondáveis de sua jornada.

Olhando para trás, ela se lembrou dos rostos que haviam se tornado sinônimos de seu verdadeiro lar - Roran, com seu riso contagiante e seus olhos faiscantes de curiosidade; Lysander, cuja sabedoria e coragem se manifestavam como um farol na noite mais negra; Gavriel, que mesmo em momentos de dor e angústia, encontrava dentro de si a capacidade de enfrentar o mundo com uma graça e astúcia inigualáveis; e Aryssa, cuja lealdade e amizade estavam apenas começando a se revelar, mas já haviam se provado inestimáveis.

A resposta à pergunta de Aria estava ali o tempo todo, escrita no olhar de seus aliados e nas cicatrizes compartilhadas que uniam suas almas como uma única chama brilhante. Eles estavam juntos, enfrentando a escuridão porque, a despeito do medo que corroía seus corações, acreditavam que no final, a luz da união e da amizade prevaleceria sobre todas as sombras e ameaças que pudessem enfrentar.

E com essa convicção, Aria continuou em frente, guiada pelo vento que

cortava seu rosto e pela lembrança dos sorrisos que há muito acalentavam seu coração, certo de que, mesmo diante do desconhecido e do medo que parecia estar sempre à espreita nas sombras, a determinação, a força e a lealdade dos que estavam ao seu lado triunfariam.

## O Poder da União na Luta Final

A neblina espessa se erguia como uma cortina envelhecida, como os tempos de felicidade passados e lembrados, mas sem esperança de retorno. O chão debaixo dos pés dos heróis que se aproximavam estava manchado pelo sangue de batalhas passadas, e cada passo lento e incerto afundava mais nas cicatrizes abertas que pontilhavam a terra agonizante. A respiração enfaixada de Aria era cortada pelos últimos vestígios de esperança. Ao seu lado, Roran, o rosto extenuado mas com a luz bruxuleante da determinação ardendo em seu olhar, murmurou:

”A união é o que nos trouxe até aqui, Aria. Como o próprio mundo de Eldoria, que enfrentou as tempestades, é hora de nos unirmos, de enfrentarmos os nossos medos juntos e darmos tudo pelo mundo que amamos e pela amizade que nos manteve unidos.”

O silêncio avassalador do campo de batalha iminente envolveu os quatro heróis, enquanto Lysander, a armadura martelada pelos punhos invisíveis do destino e do dever, acrescentou com profunda reverência:

”Diante das sombras que se acumulam na beira do abismo, não podemos hesitar, então façamos um juramento, um juramento de lealdade, não apenas a Eldoria, mas um ao outro. Jamais deixaremos alguém para trás e permaneceremos juntos até o fim, seja ele vitória ou inferno.”

Aria, Gavriel, Roran e Lysander, como um único ser, se ajoelharam na terra repleta de cicatrizes, unindo as mãos juntas no centro do círculo que formavam, e no último feixe de luz moribunda, fizeram um juramento de devoção, de irmandade, de amizade inquebrável e coragem inabalável.

E assim, com as vozes unidas em juramentos e preces, lançaram-se na batalha pela Eldoria e pelas próprias almas, guiados apenas pela fé que tinham uns nos outros, na chama indomável da união, que, embora por vezes fraca e vacilante, nunca se extinguiria.

A guerra, cruel e impiedosa como um abutre pairando sobre os restos de um coração quebrado, não mostrou misericórdia nem piedade aos corajosos

guerreiros que enfrentavam os ventos gélidos do destino com olhos cheios de esperança e mãos trêmulas, mas unidas, no campo de batalha arrasado. A terra tremeu- os gritos esparsos das criaturas caídas e os rosnados dos dragões ecoavam nas ravinas e desfiladeiros, enquanto os exércitos das trevas, surgindo de vales invisíveis, se preparavam para abater a coragem e a determinação dos filhos e filhas de Eldoria, para implantar sua sombra nas almas dos justos e desviar o rumo do destino.

Os braços e olhos de Aria não tremiam, mas sua mente estava repleta de angústia espiritual, agonizante e cativante como o veneno de um escorpião. Ela pensou no tempo que haviam passado viajando, nos laços inquebráveis que haviam forjado, nas batalhas que haviam lutado juntos e no infinito oceano de lágrimas que haviam derramado- e no olho silencioso da tempestade que se abatia sobre eles, encontrou conforto, encontrou força e encontrou a coragem que agora flui em suas veias.

Naquele momento decisivo, no instante que parecia se estender por toda a eternidade, a união deles se tornou a força que impulsionava os eventos do campo de batalha. Eram uma imensa força indomável contra a qual as garras das trevas se quebraria em uma cacofonia estridente de triunfante harmonia. À medida que o vento furioso se intensificava, suas vozes se elevavam como um único grito de guerra, tão poderoso e inquebrável quanto o elo que haviam selado no início de sua jornada.

Aria e seus companheiros lutaram bravamente, seus corações batendo juntos em uma poderosa melodia, cada ação apoiada no entendimento mútuo e no vínculo inquebrável que conectava suas almas. Juntos, superaram os inimigos mais assustadores e resistiram às mais dolorosas provações. Os lamentos de Lysander e os jatos flamejantes de Roran atingiam seus inimigos em uníssono, provando a qualquer um que assistisse que o poder da união estava no coração de cada golpe. Gavriel manobrava - se de maneira ágil, ajudando a defender seus amigos, enquanto seu riso temerário causava desconforto até mesmo no coração das trevas.

E quanto mais os heróis derrotavam seus inimigos e avançavam ousadamente, mais percebiam que o poderoso exército das trevas não era páreo para a força incontestável do vínculo que compartilhavam. O campo de batalha tornou - se um mar de derrota para as forças do mal, enquanto as esperanças de Eldoria brilhavam nas profundezas insondáveis de seus corações unidos.

Por fim, quando os últimos inimigos estavam espalhados e a ameaça iminente ao mundo místico de Eldoria foi abatida, Aria e seus companheiros se viram juntos, ainda respirando, em um campo silencioso e pacífico, a escuridão esvanecendo-se como uma névoa ao amanhecer.

”Unidos nós de pé, divididos nós caímos”, sussurrou Aria, aliviada e extasiada, enquanto a última luz astral desaparecia e os quatro amigos enlaçavam seus braços em um abraço firme e coletivo.

No horizonte distante, a luz do novo dia nascia novamente, testemunhando o nascimento de um novo capítulo na história do mundo mágico de Eldoria - um capítulo repleto de aventura, amor, coragem e, acima de tudo, uma amizade inquebrável e eterna. E foi com essa convicção, com esse vínculo que haviam conquistado juntos, que Aria e seus companheiros continuaram na próxima fase de sua jornada, sabendo que jamais estariam sozinhos.

## Chapter 9

# Desafios de Coragem e Determinação

Aria atravessou a névoa espessa, sentindo a fria umidade aderir às suas vestes e ao âmago de seu ser. Seus dedos trêmulos estavam entorpecidos, e era difícil conter o frio que projetava lapsos erráticos e minúsculos de gelo através do ar. A escuridão se estendia diante deles como um lago frio e sem fundo, sufocante em sua vastidão estéril e desprovida de vida.

Ao seu lado, Roran corria os dedos pela superfície de seus velhos pergaminhos mágicos. Ele fechava os olhos e murmurava palavras iluminadas que revelavam um vislumbre ocasional de visões em cores brilhantes e efêmeras, mas elas desapareciam com a mesma rapidez. A obra estava ficando mais difícil com o tempo, para Roran, e Aria conseguia ver a fadiga se infiltrando em sua expressão, como uma árvore sendo asfixiada por vinhas agarradoras.

A voz vacilante de Lysander interrompeu Aria de seus pensamentos, e ela desviou o olhar de Roran por um momento.

”Está ficando mais profundo. Eu não sei quanto mais podemos prosseguir, Aria.”

Aria mordeu o lábio, seus olhos também lançando dúvidas implacáveis. Mas ela sabia que eles tinham vindo longe demais para simplesmente desistir. Alguma coisa os guiava nesta jornada, os compelindo a enfrentar os desafios que por tantos anos tentaram resolver e tinham deixado cicatrizes nos corações de seus companheiros.

Atrás deles, Gavriel assobiava baixinho para desafogar a angústia, mas Aria percebia que sua preocupação e medo estavam presentes em cada som,

inegável como um eco residual de uma nota ainda reverberando em uma câmara vazia.

E então, quando a névoa engrossava e a noite mergulhava em um silêncio doloroso, Aria deu um passo à frente, levantando o queixo e olhando através do véu que os cercava.

”Vamos continuar sem desistir”, declarou ela, sua voz assumindo a convicção feroz de um líder sábio e corajoso diante de um exército sombrio. ”Vamos enfrentar o que quer que seja, pensem em tudo o que já atravessamos juntos até aqui. Nossa coragem tem sido nosso escudo, nossa determinação tem sido nossa espada. Eles não falharão agora, nem com o peso de um milhão de corações angustiados.”

Era como se seu discurso tivesse acendido uma faísca, e Aria podia ver uma mudança no olhar de seus companheiros. Lysander e Gavriel lançaram um olhar de entendimento mútuo, enquanto Roran sorria de forma tênue, sua expressão de fadiga suavizada pela satisfação de pertencer a uma equipe determinada.

Lysander sacudiu a cabeça, um sorriso melancólico adornando seus lábios como um eco distante de um riso já esmaecido. ”Você tem razão, Aria. Não importa o quão sombrio possa parecer, temos a força e a coragem um do outro para nos apoiar, e isso é mais poderoso do que qualquer força da escuridão que possamos enfrentar.”

Aria ergueu os braços e deu um passo à frente, como um capitão liderando sua tripulação valente e determinada através da noite escura e tempestuosa. As sombras a espreitavam dos cantos de sua visão, mas a luz de seu coração, pelo menos por agora, era mais forte e os afastava.

Seus passos ecoavam em uníssono, contando a história de uma jornada compartilhada ao longo de um caminho que ninguém mais tinha forjado. Juntos, eles enfrentavam o desconhecido, batalhas invisíveis sendo travadas diante de seus olhos e em seus corações. Era a prova de sua coragem, a chama ardente de sua determinação, que os guiará pelos desafios incontáveis que tinham pela frente. E, por mais longo e difícil que fosse o caminho, sabiam que não estavam sozinhos.

Com a certeza da união e a fé em seus companheiros, Aria Fontane e seus amigos avançaram na penumbra crescente. A névoa pesada engolia seus passos e retorcia-se como uma lembrança esquecida das provações e derrotas que encontraram em seu caminho, mas sua coragem e determinação

prevaleceram acima de tudo.

Nas profundezas insondáveis da escuridão, eles encontraram a luz em si mesmos e uns nos outros, uma centelha flamejante que os guiava quando todas as outras indicavam um caminho direto para o abismo. Eles conheciam o medo, e o enfrentaram de frente, descobrindo que a maior força de todas não era uma magia ou uma arma poderosa, mas o vínculo inquebrável que tinha sido forjado na forja do destino e solidificado pelos sacrifícios feitos em nome das estrelas e da esperança.

E assim, unidos pela coragem e determinação, Aria Fontane e seus aliados enfrentaram a escuridão e avançaram em sua jornada, sabendo que, enquanto estivessem juntos, seu caminho se iluminaria diante deles como um farol resplandecente na noite mais negra.

## Desafio na Floresta das Sombras

Passagens sombrias, onde nem mesmo a luz mais tênue ousava penetrar, cercavam Aria e seus companheiros enquanto adentravam na Floresta das Sombras. A aura temível e opressora da natureza se enroscava em volta de seus corações como um laço apertado, sufocando suas esperanças e arrepiando cada fibra de seus corpos. As árvores, gigantes retorcidas e sombrias, estendiam-se como dedos esqueléticos buscando agarrá-los em seu abraço mortal.

Roran, o mago talentoso, apertava firmemente seu cajado, como se afastasse as sombras com a autoridade de uma palavra mágica ainda não pronunciada. Lysander, o cavaleiro destemido, trazia a expressão grave e sombria de alguém diante de um destino incerto. E Gavriel, o duende caçador de tesouros, lutava em silêncio contra o medo, tremendo em sua tentativa de controlar a ira crescente e ao mesmo tempo ternura protetora que ameaçava consumi-lo.

Aria, jovem feiticeira de coração gentil e olhos cor de safira, ergueu a mão, chicoteando o ar com gestos fluidos que faziam os galhos encurvados recuarem, como se soubessem que a jovem era uma força a ser reconhecida.

”A Floresta das Sombras tem olhos e ouvidos por todos os lados”, ela sussurrou, sua voz um fio cortante de autoridade nas sombras. ”Não sabemos o que pode estar se escondendo na escuridão. Devemos prosseguir com cautela.”

Os outros três heróis assentiram, engolindo em seco e acenando em concordância, avançando com passos lentos e silenciosos no coração da floresta que parecia cada vez mais sombria e ameaçadora. De repente, um som de empunhar lâmina perfurou o silêncio. Lysander, o cavaleiro destemido, puxou a espada da bainha, sua face adquirindo uma expressão ainda mais resoluta.

”Estejam alertas”, ele ordenou, sua voz baixa mas firme. ”O perigo se esconde a cada passo nesta floresta amaldiçoada.”

Roran lançou um olhar significativo para Aria, e ela assentiu silenciosamente. Ele levantou o cajado, conjurando uma pequena chama que pulava e dançava com vida própria, seus olhos brilhantes cor de água - marinha encontraram Aria, uma aflição áspera escondida nas profundezas do olhar azul noite.

”Eu lidero as trevas e deixo a luz observar nossos passos”, murmurou Roran, o brilho da chama espantando momentaneamente a escuridão que se acumulava ao redor deles.

Eles se moveram em silêncio, com Gavriel assumindo a liderança, seus olhos afiados escaneando o terreno à frente, em constante busca por rastros e armadilhas. Aria seguiu atrás dele, o brilho quente da chama encantada emanando do cajado de Roran iluminando seu rosto belo e determinado.

De repente, o silêncio foi quebrado por um grito lancinante, um som tão horrível e inumano que fez com que todos congelassem em seus passos, os corações tremendo de terror em suas costas.

## **A enfrentar os Medos Interiores de Aria**

Aria estava sozinha agora. Os outros haviam sido dispersos pelos elementos descontrolados que se agitavam em Airafille, um lugar que fora uma vez calmo e oásis de poderosa magia. O véu da escuridão havia aumentado, e a jovem feiticeira sentiu o peso de suas decisões e responsabilidades comprimir seu coração como uma bigorna.

Ouve um estremececimento suave na névoa cinzenta que a rodeava, e, a princípio, Aria não conseguiu ver a fonte. Então a figura emergiu, alta e distorcida, e uma onda de dor gelada atravessou a pele da jovem. Era ela mesma que a encarava do outro lado do vazio sombrio, mas desta vez os olhos eram negros como carbônico.



”Não consegue me enfrentar, não é?” a figura distorcida questionou em um tom zombador. ”Por que precisa se esconder atrás de sua mãozinha, sua covarde?”

”Sai do meu caminho!” Aria exclamou, juntando a coragem que ainda pairava dentro dela para enfrentar seu pesadelo. ”Eu não sou covarde. Eu coloquei tudo em risco para proteger aqueles que amo e honrar minha promessa a Eldoria!” As palavras saíram em um grito tempestuoso, atingindo seu próprio rosto sombrio e distorcido.

A figura sombria sorriu, seu sorriso retorcido e perverso. ”Você acha mesmo que é capaz de impedir o Despertar dos Dragões? Olhe para você, Aria. Não passa de uma criança. Qual é sua arma contra o mal que se aproxima, senão sua própria imaturidade e medo?”

”Acredite no que quiser”, respondeu Aria, sua voz trêmula, mas firme. ”Mas eu conheço a verdade. Tenho a força dos meus amigos e minha coragem. Não serei derrotada por você ou qualquer outra força das trevas.”

Nesse instante, uma voz selvagem e furiosa irrompeu da escuridão, e os corações de Aria e de sua imagem sombria congelaram. Era Roran, seu corpo coberto de cicatrizes e o brilho furioso em seus olhos prometendo um destino terrível para aquele que se atrevesse a prejudicar Aria. A figura sombria cambaleou para trás, amedrontada pela fúria nos olhos do jovem mago.

”Aria tem mais coragem em seu dedo mindinho do que você jamais terá em sua existência desprezível!” rosnou Roran. ”Ela enfrentou a escuridão e nunca vacilou, nem mesmo diante das mais terríveis provações e tentações. Não há nada que você possa dizer ou fazer que nos faça duvidar de sua força e determinação.”

As palavras de Roran ecoaram em todo o lugar sombrio, rasgando o véu da incerteza que Aria lutara tanto para afastar. A figura sombria gritou de dor e desespero, sua forma encolhendo e se contorcendo na agonia de estar diante da força combinada do amor e convicção.

Aria sentiu uma onda de coragem e determinação banhando sua alma, e ela ergueu a mão, fraco brilho de luz pulsando de sua palma. ”Agora é a hora de enfrentar o que há de pior em mim”, ela disse, sua voz firme como aço. ”Eu não serei mais escrava das minhas próprias inseguranças e temores. Nós somos mais fortes juntos e eu jamais voltarei a cair perante essa escuridão interior.”

Com um grito rebelde, Aria lançou um feixe de luz branco-azulada na direção de sua imagem sombria, que gritou e se contorceu ao ser golpeada pela força da coragem e determinação. A figura se desintegrou e a escuridão se dissipou, revelando os rostos sorridentes de Lysander, Gavriel e Aryssa, que tinham lutado bravamente ao lado de Aria durante a provação.

A neblina cinzenta se dissipou e a luz do sol banhou a jovem feiticeira e seus aliados, uma expressão de força e confiança renascidos em seus rostos. Unidos, Aria Fontane e seus amigos enfrentaram a escuridão e triunfaram. O caminho à frente ainda prometia perigo e desafios desconhecidos, mas eles continuariam marchando em frente, a fé em si mesmos e uns nos outros iluminando o caminho em meio aos temores e sombras do mundo.

À medida que o sol revelava a paisagem do mundo que haviam sido convocados para salvar, os quatro heróis inspiradores olharam para o horizonte, prontos para enfrentar qualquer desafio, juntos.

## O Encontro com os Guardiões Elementares

A luz do sol tinha sido substituída por uma escuridão densa e impenetrável, pontilhada apenas por estrelas solitárias e círculos luminosos de plasma arqueados contra o céu noturno. Os pinheiros maciços dobravam-se com o vento, fazendo as folhas farfalharem como um coro de vozes sussurradas no éter sombrio.

Aria e seus companheiros, açoitados pelo frio e pelo cansaço, aproximaram-se dos antigos portões de pedra do Templo Celta, onde o sábio guardião lhes disse que encontrariam os Guardiões Elementares. O vento, cada vez mais forte, parecia querer evitar que chegassem ao seu destino. Mas eles resistiram e atravessaram os portões, deparando-se com uma imensa câmara de pedra.

”Estamos no Templo Celta, lugar sagrado e antigo”, sussurrou Roran, seus olhos percorrendo as paredes de pedra cobertas por símbolos místicos e inscrições enigmáticas. ”Somos dignos de estar aqui, em busca de seu conhecimento e poder?”

Gavriel, com sua expressão típica de sarcasmo, mas com um olhar curiosamente admirado e respeitoso, respondeu, ”Teremos que descobrir rapidamente, meu amigo. Na verdade, estes são tempos sombrios para Eldoria. Se vamos impedir o Despertar dos Dragões, então devemos correr

todos os riscos.”

Silenciosa e resoluta, Aria abriu caminho pela câmara. Enquanto ela se movia, um vento frio envolveu seus dedos; água brotava de suas roupas e deixava poças no chão. Aria mal notou os fenômenos estranhos enquanto liderava o grupo, seus olhos focados nas sombras projetadas pela fraca luz da lanterna mágica de Roran.

De repente, o ar na câmara mudou e o silêncio absoluto foi rompido por uma voz poderosa e etérea.

”Quem se atreve a invadir nosso santuário elementar?” ela ecoou, sua voz tão antiga quanto o próprio tempo. ”Não percebem que estes são lugares sagrados, longe do alcance dos mortais e de seus desejos egoístas?”

Lysander, o valoroso cavaleiro, levantou sua espada, mais por instinto do que por coragem. ”Nós não viemos aqui por ganância ou vaidade”, afirmou, sua voz firme apesar do medo que corroía seu coração. ”Nós viemos buscar a sabedoria e a ajuda dos Guardiões Elementares. Eldoria está em perigo, e apenas com sua orientação conseguiremos proteger o mundo que todos amamos.”

A voz riu - um som frio e cruel que ecoava pela câmara como o vento uivante. ”Então acreditam que são dignos de nossa ajuda?”, zombou a entidade invisível. ”Acreditam que seu amor pelo mundo é tão grande quanto nosso compromisso de protegê-lo? Enganam-se, mortais! Não sabem com o que estão lidando.”

Os quatro heróis, de coragem igualmente testada, mantiveram a postura, recusando-se a ser derrotados pelas palavras da voz antiga.

Foi Aria, a jovem feiticeira, que decidiu enfrentar diretamente o espírito vergonhoso. ”Tenho os olhos do oceano e o coração da torrente mais selvagem”, bradou, sua voz mais forte e mais rica que qualquer música. ”Eu ocupo o centro deste furacão, e é aqui que me agarro com unhas e dentes. Se a maré quer que me ajoelhe diante do Templo Celta, então deixe-me quebrar como elas - me deixe sussurrar minhas súplicas na areia das cavernas de mármore do Ctônicos.”

Seu ato de bravura ecoou pelas paredes do templo, fazendo as pedras tremerem e as sombras fugirem de sua presença angustiante.

A voz, com um tom estranhamente admirado, suspirou levemente. ”Muito bem, feiticeira. Apresente-se e seus companheiros para mim e para meus irmãos Guardiões Elementares. Cada um de vocês deve en-

frentar uma prova relacionada ao seu próprio elemento - e somente então, se provarem seu valor e habilidade, daremos a sabedoria que buscam para salvar Eldoria.”

Aria olhou para seus companheiros com determinação e orgulho. Um por um, eles se ergueram, encarando a voz e com vontade de enfrentar os desafios que se apresentassem diante deles. Roran, com o cajado na mão e um brilho em seu olhar; Lysander, com sua espada erguida e resoluta; Gavriel, segurando suas adagas com mãos firmes e destemidas.

Neste momento, eles eram mais do que amigos; eram uma irmandade, unida pelo desejo ardente e inabalável de proteger Eldoria das garras ameaçadoras das trevas.

E então, juntos, eles deram um passo em direção aos Guardiões Elementares, prontos para enfrentar a batalha mais importante de suas vidas para defendê-la.

## Aventura Subaquática no Lago Cristalino

Aria e seus companheiros, cansados e feridos de suas batalhas anteriores, encontraram - se diante da vasta extensão do Lago Cristalino. Era belo além da compreensão, sua água azul celeste parecia brilhar com luz própria, enquanto relâmpagos pareciam ripple abaixo da superfície. Segundo o antigo pergaminho que haviam descoberto, era aqui que encontrariam um artefato vital para a batalha que se aproximava contra as forças crescentes das trevas.

A luz do sol tremeluziu acima da superfície cintilante à medida que o tom claro encheu o ar, fazendo as sombras se afastarem. Aria baixou a mão até a superfície, permitindo que a água fria e clara escorresse entre seus dedos. Em seu âmago, ela sabia que este lugar, as profundezas misteriosas do Lago, desempenharia um papel importante em sua jornada para salvar Eldoria.

Roran, que olhava nervosamente a água, confessou: ”Sempre tive medo do desconhecido, Aria. Há coisas nas profundezas dessas águas que ninguém vivo conhece. Seremos capazes de enfrentá-los e recuperar o que precisamos para derrotar as forças das trevas?”

”Não podemos permitir que nosso medo nos impeça de encontrar a solução”, respondeu Aria com voz insegura. ”O futuro de Eldoria depende de nós.”

Lysander assentiu com determinação, adicionando: "Estamos juntos nisso, medo ou não. Não podemos ignorar a nossa responsabilidade."

Gavriel, já prestando suas adagas para o mergulho, balançou levemente a cabeça. "Confio em nossa amizade e habilidades. Já enfrentamos muitos desafios juntos, e saímos do outro lado mais fortes. Este será apenas mais um."

Era hora de mergulhar. Eles atravésaram as águas, sentindo a frieza encharcar cada fibra de seus corpos e penetrar até seus ossos. No entanto, apesar do temor que sentiam, havia também uma sensação estranha de paz e serenidade nas profundezas do lago. Como se algo sagrado e antigo estivesse presente ali, abençoando sua jornada e alimentando sua coragem.

A água se tornou mais profunda, mais escura, enquanto eles continuavam com pressa. Sua luz brilhante tornara-se meros pontos fracos que cintilavam na escuridão etérea, dançando com o suave pulsar de energias místicas.

De repente, uma corrente fria e gélida envolveu totalmente o corpo de Aria, puxando-a para baixo, para o abismo negro que ansiava para engoli-la. O pânico borbulhou em seu interior, mas sua respiração permaneceu calma e constante.

"Agarre minha mão!" Lysander gritou, estendendo seu braço robusto e firme em sua direção. Juntos, eles lutaram contra a corrente, conseguindo se libertar de seu furioso redemoinho.

Logo, a isca brilhante de uma caverna subaquática se revelou, uma luz dourada e suave emanando de seu coração. Um sentimento de urgência e destino agarrou Aria, impulsionando-a em direção à luz ofuscante.

"É isso", disse ela, sua voz abafada pelo lago, mas clara em intenção. "Este é o lugar, eu sei disso."

O grupo avançou cautelosamente, mas com as mãos ansiosas e olhos atentos. A luz dourada começou a tomar forma, revelando-se como um artefato brilhante, alojado no coração de um pedestal de cristal, cercado por runas arcanas e desconhecidas.

Aria se aproximou, a mão estendida em direção ao artefato. Ela sabia que uma história tremenda residia neste objeto - a história de seu mundo e a chave para a salvação ou a destruição de Eldoria.

Porém, de repente, surgiram criaturas das sombras, uma armada de serpentes marinhas negras como a noite, com olhos ardentes como brasas vermelhas. Elas investiam em direção a Aria, determinadas a proteger o

artefato e impedir seu destino de se cumprir.

Lysander e Gavriel avançaram, enfrentando as serpentes em um frenesi de aço e fúria. Roran estava concentrado, canalizando feixes de energia do ar, enquanto Aria conseguiu chegar ao artefato com os dedos tremendo e em pânico.

”Eles estão em toda parte!” Gavriel gritou ao derrubar mais uma serpente, sua respiração irregular e seu rosto pálido em presságio de morte.

Mas, assim que Aria tocou o artefato, a caverna se iluminou com uma explosão dourada e ensurdecedora. As serpentes de repente congelaram, parecendo perder seu poder maligno e se dissolvendo na escuridão das profundezas.

Aria, segurando o artefato brilhante em suas mãos trêmulas, sabia que, apesar de terem atravessado as profundezas do Lago Cristalino, o verdadeiro teste de sua coragem apenas começava. Com o poder sagrado em suas mãos e a promessa de esperança em Eldoria, eles seguiram em frente, dispostos a desafiar as trevas que ainda se espalham em seu coração e em seu mundo, Unidos como a irmandade de aventureiros que se lançaram em busca do resgate de seu lar.

## A Batalha no Deserto Congelado de Cryorin

A neve caía pesadamente no deserto congelado de Cryorin, um beijo glacial que açoitava impiedosamente os rostos de Aria e seus companheiros. Ventos cortantes rasgavam através das roupas quentes que vestiam seus corpos estremecidos, mas nada parecia capaz de deter o avanço das masmorras gélidas em direção aos desafios que os aguardavam.

Cada passo era mais doloroso e exaustivo que o último, e Aria podia sentir seus membros entorpecidos se rebelando contra sua vontade, ameaçando render-se ao frio e à escuridão.

A viva chama acinzentada que fora a vontade do grupo desde o início, já estava vacilante, mas persistia, mesmo diante dessas circunstâncias tão desesperadoras. Os sorrisos e risadas compartilhados ao longo da jornada foram agora substituídos por expressões sombrias e olhares determinados, mas havia uma força silenciosa e inabalável que os unia e os impulsionava adiante.

”Não podemos continuar assim para sempre”, Lysander grunhiu, seus

lábios azuis e tremulos mal conseguindo articular as palavras. "Se não encontrarmos algum tipo de abrigo em breve, seremos consumidos por este deserto sem piedade."

Gavriel assentiu, os olhos encobertos por neve e cílios congelados. "Concordo. E não podemos continuar andando sem rumo, provavelmente estamos andando em círculos nesta tempestade e nem mesmo percebemos."

"Nós não podemos desistir agora", respondeu Aria, resoluto e incansável, sua voz fraca e vacilante, mas determinada. "Esperança é tudo o que temos, e devemos nos agarrar a ela, mesmo diante do desespero e dos desafios mais sombrios."

Roran, raramente falando durante esses dias gélidos e aterrorizantes, levantou a cabeça da tempestade por um momento, seus olhos ardendo com o brilho inesquecível de uma promessa. "Aria tem razão", ele murmurou, sua voz quase perdida no uivo do vento. "Se a esperança é tudo o que temos, então devemos nos apegar a ela com tudo o que possuímos. Por mais torturante que este deserto possa ser, não podemos permitir que ele apague nossa chama."

A determinação mais uma vez levaria - os frente, como um farol naquela terrível tempestade.

Ao longo da marcha angustiante e tortuosa, a paisagem gélida do deserto congelado de Cryorin começou a ceder de forma imperceptível, quando a neve caiu mais levemente e os ventos uivantes desapareceram para uma brisa gentil.

Roran ergueu sua lanterna mágica, projetando um brilho tênue e trêmulo em volta deles, revelando sombras dançantes e pilares de gelo resplandecente. O deserto havia desaparecido, deixando - os em um labirinto gelado e misterioso.

"Onde estamos?" Gavriel perguntou, sua voz ecoando nas passagens labirínticas. "Este lugar parece um mundo completamente diferente."

Aria notou runas e símbolos antigos gravados nas paredes cristalinas, emitindo uma energia pulsante e familiar. Havia rumores de templos antigos e profundos enterrados nas camadas congeladas de Cryorin. Estariam agora diante de um desses templos?

"Lembre-se da Profecia dos Dragões", disse Lysander. "Nossas provações e tribulações não terminarão enquanto não selarmos novamente essas criaturas do fogo."

”Então vamos seguir em frente”, disse Aria, a voz determinada retomando. ”Vamos enfrentar os desafios que este labirinto nos apresenta e recuperar o que precisamos para proteger Eldoria.”

Com corações pulsando em coragem renovada, eles mergulharam nos corredores gelados, enfrentando um destino incerto, sabendo que juntos, eles eram a chama inextinguível que iluminava a noite.

## O Labirinto dos Espelhos da Lua Prateada

parecia emergir do coração da penumbra, suas paredes reflexivas tecendo uma teia de confusão e desespero em torno de Aria e seus companheiros. A cada passo vacilante e incerto que eles davam, direção e distância se tornavam conceitos abstratos, fugidios e imprecisos à medida que o labirinto se contorcia e retorcia em torno deles.

Roran lançou um olhar de ansiedade, perfeitamente recriado em mil faces fragmentadas em torno dele. ”Não confio nesse lugar, Aria”, murmurou ele, suas palavras ecoando em um coro sombrio. ”Não podemos depender de nossos olhos aqui - tudo é uma mentira.”

”Mas ainda assim temos que avançar”, Aria respondeu, sua voz sonora e surpreendentemente firme em meio ao caos silencioso. ”Em algum lugar neste labirinto enigmático, deve haver uma solução, um caminho para a verdade.”

Lysander assentiu, seu reflexo emaranhado e distorcido atrás dele. ”Devemos enfrentar o engano e a ilusão, moldar sua forma caprichosa em um escudo contra ele”, disse ele soberbamente.

Gavriel suspirou, sua imagem multiplicada se estendendo como um rio de prata oscilante. ”Sombras e reflexos, névoas e espelhos eu odeio este lugar mais do que qualquer outro.”

A luz das tochas e feitiços de iluminação jogava truques nas percepções do grupo, fazendo-os se perguntar se estavam se movendo para frente ou simplesmente ficando perdidos em círculos intermináveis de ilusão.

Então, um som de passos agudos se fez ouvir, e uma figura espectral emergiu do vazio, seu rosto tão insondável e etéreo quanto os que os cercavam. Aria imediatamente ergueu a mão, um feitiço de proteção formando uma aura cintilante em torno dela.

”Quem é você e o que quer conosco?” ela exigiu saber.



A figura riu suavemente, cada risada se desdobrando em um eco ameaçador. "Eu sou o Espírito dos Espelhos",

Um calafrio aterrorizante percorreu a espinha de Aria, mas ela manteve a postura de autodefesa. "O que você quer?", insistiu ela.

O espírito lançou um sorriso inquietante, suas palavras como sussurros na escuridão: "Você busca a verdade". "O caminho correto para o amanhecer e para o seu destino". "Mas, primeiro, deve provar seu valor e enfrentar os fantasmas que habitam estes espelhos."

"Fantasmas ", Gavriel soltou um suspiro trêmulo. "Por que sempre têm que ser fantasmas?"

Aria resistiu ao medo que crescia dentro dela como uma onda gelada. "Vamos enfrentar esses fantasmas e provar nosso valor. Somos a luz em meio à escuridão, e nenhuma ilusão nos derrubará."

O espírito recuou em um deslizar gracioso, fluindo de volta à escuridão enigmática. "Então que assim seja, ansiando guerreiros de Eldoria. Enfrente cada reflexo com coragem e honra, e talvez encontre o que procura no coração deste labirinto."

Aria e seu grupo avançaram temerosamente, enfrentando a escuridão multiforme e as ilusões desconcertantes do Labirinto dos Espelhos da Lua Prateada. Um por um, eles se encontraram diante de seus duplos espelhados, encarando as mais profundas incertezas e temores ocultos em seus corações.

Em cada espelho, uma luta épica de almas se desenrolava - conflitos repletos de angústia e desespero, choro e riso, amor e sacrifício. As batalhas com os fantasmas deixaram suas marcas em Aria e seus amigos, mas à medida que lutavam, um sentimento crescente de força e resolução se acendeu em seus corações.

Por fim, depois de incontáveis provações e tribulações, eles chegaram ao coração do labirinto. Lá, encontraram uma luz ofuscante e, no centro, um objeto revelador: um espelho que mostrava não apenas sua imagem, mas sua verdadeira essência, o brilho de resiliência e esperança dentro de cada um deles.

Aria sorriu, aliviada e exultante. "Nós vencemos. Enfrentamos nossos medos e abraçamos a verdade dentro de nós."

## Confronto com os Fantasmas do Passado

O sol poente tingiu o céu de sangue naquela tarde em que o grupo de aventureiros chegou ao Monastério Tolande. Erguendo - se diante deles, como um farol de sabedoria e esperança, as encarapitadas torres de pedra e vidro lançavam sombras sobre os campos outrora férteis. Agora, somente espinhos e desespero pontuavam as terras que cercavam o local.

Roran olhou para as ruínas e arfou, as memórias daquele lugar assombrando - o como lembranças fantasmagóricas. Os cabelos arrepiaram - se na nuca de Aria quando ela o viu soluçar silenciosamente. Num ímpeto de preocupação, ela se aproximou de seu amigo e repousou uma mão leve em seu ombro.

"Roran?" ela disse, sua voz suave como uma carícia. "O que está havendo? Não gosta deste lugar?"

Ele fitou os olhos suplicantes de Lysander por um momento, antes de se virar e encarar o monastério.

"A sombra do meu próprio passado reside neste lugar," confessou Roran, os olhos ardendo de culpa e remorso. "Há muito tempo, Tolande era um santuário de luz e esperança, mas essa luz foi corrompida por algo sombrio e maligno que agora o domina."

Gavriel franziu o cenho, seus olhos brilhando de agitação. "Então, enfrentaremos não apenas as sombras de nossa própria história, mas do passado sombrio deste lugar, também?"

Roran assentiu, uma lágrima brilhando nas profundezas das orbes turvas. "Sim", murmurou ele. "Temos que entrar nas câmaras ocultas do monastério, enfrentar os fantasmas que se escondem lá e recuperar a Chama Sagrada de Tolande, o objeto que nos dará o poder de enfrentar o destino que nos aguarda."

Lysander bateu no punho de sua espada, olhos ferozes. "Se é o que precisamos fazer, então vamos enfrentar qualquer mal que habite estas paredes implacáveis e retomar o que nos pertence."

"As trevas não devem triunfar sobre a luz," murmurou Aria, seu olhar virando - se para o corredor que se estendia diante deles, seu coração acelerando enquanto se embrenhavam nos abismos do desconhecido.

Os corredores do Monastério Tolande eram um labirinto de insinuações sombrias e ecos desesperados, um lugar onde a verdade era apenas uma

miragem e a desolação uma realidade diária. Nas sombras que roçavam as pedras desgastadas, figuras diáfanas se contorciam em silhueta, revelando rostos conhecidos em expressões de angústia e terror.

Roran soltou um grito abafado ao reconhecer um rosto em meio à penumbra, sua voz embargada pelo choque e a dor aberta. "Por tudo o que é sagrado!" ele sussurrou, a mão crispada em punho cerrado. "São os fantasmas do passado que pensei ter deixado para trás."

Os espectros em torno dele ecoavam seus pensamentos, suas vozes sussurrando em um coro agourento. "Depois da queda", "tragédia e morte", "a sombra que devorou a luz", "a chama eterna foi extinta".

Lysander olhou ao seu redor, o coração pesaroso e incerto. "Como podemos lutar contra essas sombras?", questionou ele, a espada trêmula em sua mão. "Contra o que não pode ser tocado pela nossa lâmina ou afastado pela nossa magia?"

Aria fechou os olhos, respingos de lágrimalis cintilantes escorrendo por suas bochechas macias. "Nossos corações são a única arma que podemos usar, meu amigo", disse ela, a voz vacilante, mas extremamente resiliente. "Somente a força de nossa determinação e a luz de nossa fé podem repelir a escuridão que caminha conosco."

Gavriel assentiu, seu olhar penetrante varrendo o grupo. "Aria está certa", respondeu ele, a voz grave e profunda. "Nós já enfrentamos vários adversários ao longo de nossa jornada e sempre saímos vitoriosos porque nunca recuamos diante do medo e da incerteza. Esses espectros pedem apenas a nossa rendição, mas como guerreiros que somos, não cederemos."

Roran enxugou as lágrimas que borravam seu rosto e fitou seus companheiros, uma luz bruxuleante de esperança ardia em seus olhos. "Sim," ele sussurrou entre soluços, "só os nossos corações podem dissipar a escuridão."

Encorajado por suas palavras, o grupo avançou resolutamente pelos corredores do Monastério Tolande, enfrentando os fantasmas de seu passado com uma coragem que só a verdadeira amizade e amor mútuo poderiam inculcar.

No momento em que o último espectro fora exorcizado, revelando a luz perdida nas profundezas das câmaras ocultas de Tolande, Aria e seus amigos se congratularam com um abraço caloroso, sabendo que tinham enfrentado seu maior teste até o momento e saído mais fortes por causa disso.

Naquele dia, eles aprenderam que a cura para os fantasmas que assom-

bram nossos corações não é a negação, mas sim a coragem de encarar o passado e abraçar o presente. Juntos, com o coração fervilhando de esperança e de amor incondicional, Aria e seus companheiros retomaram a Chama Sagrada de Tolande e marcharam na direção de seu destino incerto e tempestuoso.

## A Prova de Coragem no Pântano dos Desesperados

O Pântano dos Desesperados parecia respirar melancolia e sofrimento em cada golpe de exalação, cercado de morte, decadência e uma tristeza quase palpável; a lama viscosa e a água escura que corriam como o sangue deteriorado de alguma serpentina criatura, à medida que se adentravam mais em sua boca traiçoeira. O ar estava tomado pelo cheiro do musgo apodrecido e um fedor de enxofre que penetrava nas entranhas do grupo, e o silêncio abafado servia apenas para acentuar o estranhamento que sentiam ao se adentrarem naquele mundo.

Aria respirava com dificuldade, como se o fedor pesado e os vapores venenosos lutassem para sufocá-la a cada instante. A umidade e o frio se apegavam a ela como suores da própria morte. Suas botas afundavam cada vez mais profundamente na lama, parecendo querer sugá-la para as profundezas do pântano, e um sentimento de desespero, de futilidade, começava a tomar conta de seu coração.

A incerteza nos olhos de Roran era agravada ainda mais pela sucessão sinistra e agonizante de ruídos estranhos e murmúrios sombrios que tocavam o ar ao seu redor. "Eu detesto este lugar," sussurrou ele, tentando em vão ignorar os espectros e os vultos malignos que dançavam nas sombras do canto de seus olhos. "Sinto que estamos sendo observados e, ao mesmo tempo, abandonados à nossa própria sorte."

Gavriel não levantou os olhos da lama sob seus pés, sua expressão grave e seu medo evidentes em seu rosto tenso. "O Pântano dos Desesperados é conhecido por não poupar seus incautos visitantes, devorando suas almas e alimentando-se de sua dor e miséria." Um arrepio percorreu sua espinha, e ele estremeceu. "Este é o lugar onde coragem e esperança vêm para morrer."

Mas Lysander, sua voz um brado desafiador contra a névoa espessa e o ar opressivo, ergueu sua espada com valentia. "Mesmo assim, devemos prosseguir," ele insistiu, cerrando os dentes. "Pois nossa jornada não escol-

herá entre caminhos claros e sombrios - e é no coração da escuridão que precisamos enfrentar nossos maiores demônios.”

Aria sentia o peso daqueles olhares a encarando, mas seu estômago estava agitado pelo sentimento estranho de mal-estar que envolvia o Pântano dos Desesperados, e um único pensamento corria como correntes de gelo por suas veias: como sairá desta provação? Como emergir deste lamaçal afogado em tristeza, sem se deixar arrastar por sua correnteza?

Lysander interrompeu o silêncio incômodo, o tom de sua voz carregado de preocupação e resolução. ”Aria, precisamos enfrentar nossos medos e encontrar a coragem para seguir em frente. Não podemos permitir que este pântano nos consuma, pois nosso destino e o futuro de Eldoria dependem da nossa determinação e força.”

Roran concordou, apertando o cabo do cajado mágico e liberando uma fraca aura de luz, que dissipava a escuridão e aliviava o coração dos aliados. ”Se vamos enfrentar a escuridão, vamos fazê-lo juntos. E devemos confiar na força de nossa amizade e na bondade em nosso coração para superar os terrores que nos esperam.”

Aria abriu um sorriso fraco e trêmulo, erguendo a cabeça e olhando determinada em direção ao devorador de esperanças que se estendia à sua frente. ”Vocês estão certos, meus amigos,” ela falou, com uma voz trêmula, mas firme. ”Juntos, somos fortes o suficiente para enfrentar qualquer desafio. E com perseverança e coragem, encontraremos um caminho através deste pântano sombrio e retorcido.”

Lentamente, de maneira vacilante, Aria e seus companheiros avançaram pelo coração do Pântano dos Desesperados, enfrentando seus terrores e inseguranças com cada passo lamacento e cada suspiro desesperado. Havia momentos em que cada um deles sentia as garras gélidas da dúvida e do medo tentando levá-los para a escuridão - mas sempre, sem falhar, encontravam um ombro amigo e uma palavra de encorajamento para ajudá-los a emergir e continuar caminhando em busca da salvação.

E, à medida que a coragem e a esperança se tornavam um farol brilhante para guiá-los, Aria e seus amigos passaram pela provação do Pântano dos Desesperados, com suas almas e espíritos intactos. A jornada os tinha fortalecido e renovado seu propósito e determinação - e eles sabiam que, juntos, nada poderia resistir ao poder da amizade.

E assim, eles seguiram adiante, em direção ao desconhecido e à batalha

final que os aguardava.

## Forjando Laços Inquebráveis de Amizade

Aria observava as imponentes montanhas enevoadas no horizonte, o vento frio açoitando seu rosto e o céu cor de chumbo projetando seu peso sombrio sobre ela como uma âncora. A imensidão do mundo e a vastidão da tarefa que tinha pela frente tornavam-na tão pequena e insubstancial quanto os grãos de areia que se agarravam às suas roupas.

Roran contemplava a paisagem, seus olhos sombrios rastreando o horizonte em busca de algum sinal, algum lampejo de esperança que pudessem agarrar. A tensão em seu rosto era um antídoto áspero e amargo à doce memória de quando o conhecera - aquele mago talentoso e inteligente, tão cheio de riso, lançando magia como se o mundo fosse um campo de treinamento eterno.

"Aria", disse Lysander, aproximando-se dela lentamente, preocupado ao perceber as lágrimas escondidas em seus olhos dourados. "Não podemos voltar atrás."

Aria esfregou os olhos, tentando desesperadamente manter a tristeza à distância, esconder a dor que ameaçava derrubar sua frágil máscara de bravura. "Eu sei," sussurrou, sua voz gemendo em angústia silenciosa. "Eu só sinto tanto medo."

Gavriel, sempre partilhando da dor e do luto de seus amigos como se fosse sua própria cruz, pôs a mão no ombro de Aria e murmurou palavras de encorajamento. "Nós todos temos medo, Aria, mas não deixamos que isso nos controle, não deixamos que isso nos impeça de continuar. Se continuarmos lutando, juntos, não há nada que possa nos deter."

Ele sorriu, apesar da tristeza. "Somos mais fortes quando estamos juntos, e isso nada no mundo pode mudar."

Em algum lugar, nas profundezas das catacumbas de seu coração, Aria sabia que era verdade. A coragem que Roran lhe mostrava em tempos de desespero, a sabedoria que Lysander compartilhava e a força que Gavriel lhe dava para continuar - essas eram coisas que nenhuma força das trevas poderia jamais quebrar, e a prova de que a amizade era algo maior e mais poderoso do que qualquer coisa neste mundo.

Ela olhou, com olhos embaçados de lágrimas, seus amigos e companheiros

de batalha. "Vamos lutar," disse, "não para nós, mas um pelo outro. Pela amizade que se tornou nossa verdadeira força e a única arma capaz de nos libertar desse pesadelo chamado destino."

Com essas palavras, ela selou um pacto, um juramento vinculado pela esperança e a promessa de um futuro melhor. Juntos, eles marchariam na escuridão e enfrentariam seus maiores inimigos, e juntos seriam a força a ser reconhecida e enviada pelos céus.

"Por amizade," Roran repetiu, sua voz trêmula, mas resoluta. "Nós iremos além do fim do mundo e enfrentaremos a própria morte, se necessário for. Tudo pelo poder da amizade."

Lysander se aproximou de Aria, seu rosto belo e aceso com a luz de um propósito inabalável. "Juramos isso, Aria," ele sussurrou, sua voz firme e forte como o próprio aço. "Juramos que, juntos, nada vai ficar em nosso caminho - nem mesmo os horrores do passado e as forças das trevas que se levantam contra nós."

Ela sentiu as lágrimas quentes descerem - lhe pelo rosto e o pulsar da determinação que ardia em todos os corações daqueles ao seu lado. Nesse momento, percebeu que os laços que ligavam um ao outro não eram simplesmente fios de companheirismo e lealdade - eram correntes indestrutíveis de amor e amizade florescendo em um mundo sombrio e desesperado.

O elenco de personagens que ela chamava de amigos havia se transformado em algo maior, algo divino. Eles haviam se tornado uma nova espécie de heroísmo, uma família inquebrável de aço e fogo, que marchava não para a glória ou a redenção, mas pela pura e simples verdade de que estavam unidos, em todos os sentidos da palavra.

Juntos, agora e para sempre, eles forjariam o caminho através da escuridão, enfrentariam os seus demônios e encontrariam a luz que haviam perdido dentro de suas próprias almas. E essa luz - essa crença na bondade e no poder da amizade - seria a sua arma mais poderosa e sagrada.

Juntos, Aria e seus amigos partiram em sua perigosa jornada, seus laços de amizade inquebráveis e seu propósito irrevogável gravados em seus corações, enfrentando o grande desconhecido com a bravura e a força que apenas o amor poderia inspirar, sabendo que, enquanto caminhassem, lado a lado, nada poderia detê-los.

## O Teste Final de Determinação e Coragem

À medida que as sombras engoliam o dia e nuvens carregadas se acumulavam no céu, Aria e seus companheiros se aproximaram da fronteira das Trevas, onde o restante dos dragões estava prestes a ser libertado. O ar estava tão pesado que mal podiam respirar; cada passo adiante parecia destruir um pedaço de suas almas.

Era uma visão apocalíptica, uma tapeçaria perversa de tormento e desespero, como se todo o mal do mundo convergisse naquele único local. E ali estavam eles, um grupo de aventureiros em busca do impossível, enfrentando o abismo que se abria à sua frente com nada além de suas habilidades mágicas, a coragem e a determinação que tão cuidadosamente haviam cultivado ao longo de sua jornada.

Aria olhou para Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa, sabendo que os laços que tinham forjado entre eles eram a única coisa que os mantinha unidos naquele momento. Eles haviam enfrentado perigos inimagináveis, desvendado enigmas enfeitados, lutado contra criaturas míticas e resistido a provações que ameaçavam devorá-los por dentro. Agora, só lhes restava uma última batalha, um teste supremo de coragem e determinação, para salvar Eldoria das garras das trevas e mudar sua história para sempre.

Roran olhava fixamente para as trevas que se estendiam diante deles e falou em voz baixa, quase inaudível: "Não podemos nos deixar sucumbir ao medo. Lembre-se de tudo o que superamos juntos; não foi em busca de derrota, mas de vitória. Não podemos recuar agora, não quando estamos tão perto de cumprir nosso destino."

Lysander assentiu, o olhar determinado e espada em punho. "A história de Eldoria está em nossas mãos, e é de nossa responsabilidade lutar por aqueles que não têm voz para enfrentar as forças das trevas. Aliados improváveis nos juntamos em nossa jornada. Agora, devemos confiar nos laços que nos unem e enfrentar esse último desafio com todo o nosso coração."

Ao ouvir as palavras de Lysander, Gavriel, que por vezes escolhia se esconder atrás de um sorriso sardônico, encarou a seriedade da situação com uma determinação que raramente mostrava. "Vamos, amigos! Adiante, pois é como guerreiros lutando juntos que prevaleceremos contra as trevas. Vamos destruir esse mal que assola nossa terra!"

Ariya sorriu para Aryssa, a dragonesa exilada, cujo destino também



estava entrelaçado naquela batalha final. "A luta contra o primeiro dragão pode ter sido difícil, mas nós conseguimos. Agora, é nossa responsabilidade ajudar nossos companheiros e manter os outros selados. Estamos nessa juntos."

Aryssa assentiu e, com uma expressão determinada, retribuiu o sorriso. "Eu senti o coração das trevas. Agora, eu vou ajudá-los a destruí-lo, pois aprendi que mesmo a fraqueza pode ser convertida em força quando há amor e união."

Respirando fundo e abraçando a coragem que pulsava em seus corações, Aria e seus amigos se lançaram na batalha final contra as forças das trevas.

Enfrentaram os servos das trevas, uma legião de horrores indescritíveis que se atiravam contra eles com uma intensidade selvagem. Eram sombras vivas, criaturas do pesadelo que pareciam invulneráveis à luz e ao ataque. Mas, como em todas as batalhas anteriores, Aria e seus companheiros lutaram com uma fúria ardente, reunindo as forças de seus espíritos e corações para seguir em frente.

E, à medida que seus poderes cresciam mais fortes e mais radiantes, os heróis começaram a perceber que a vitória estava ao seu alcance. A força maior que os unia - a amizade - começava a brilhar mais forte do que as trevas, e o mal se encolhia frente à luz que emanava dele.

Eles lutaram com renovada determinação, a esperança brotando em seus corações, mesmo quando seus corpos tremiam e suas forças esmoreciam.

E então, com um último grito de triunfo, Aria e seus companheiros derrubaram o líder das forças das trevas, um monstro grotesco que parecia ser o próprio mal encarnado, e selaram os dragões novamente, libertando Eldoria das garras da destruição.

Exausta, Aria se ajoelhou no chão, o mundo rodando à sua volta. Mal podia acreditar que haviam conseguido. Ao olhar ao seu redor, viu os sorrisos cansados e triunfantes em seus amigos, sabendo o quanto aquela batalha havia custado a todos eles.

Ela tinha aprendido uma lição valiosa em sua jornada: mesmo que a escuridão pareça avassaladora, a luz da amizade e do amor pode superá-la.

Era o fim de sua jornada épica, e embora a vida ainda tivesse seus desafios pela frente, Aria sabia que eles estavam preparados para enfrentá-los. Porque enquanto estivessem juntos, não haveria mal capaz de desfazer o poder de sua amizade. E eles carregariam essa força em seus corações, até

o fim dos tempos.

## Chapter 10

# A Batalha nas Fronteiras das Trevas

À medida que as sombras engoliam o dia e nuvens carregadas se acumulavam no céu, Aria e seus companheiros se aproximaram da fronteira das Trevas, onde o restante dos dragões estava prestes a ser libertado. O ar estava pesado como chumbo, tão denso que mal podiam respirar; cada passo adiante parecia destruir um pedaço de suas almas.

Era uma visão apocalíptica, uma tapeçaria perversa de tormento e desespero, como se todo o mal do mundo convergisse naquele único local. E ali estavam eles, um grupo de aventureiros em busca do impossível, enfrentando o abismo que se abria à sua frente com nada além de suas habilidades mágicas, a coragem e a determinação que tão cuidadosamente haviam cultivado ao longo de sua jornada.

Aria olhou para Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa, sabendo que os laços que tinham forjado entre eles eram a única coisa que os mantinha unidos naquele momento. Eles haviam enfrentado perigos inimagináveis, desvendado enigmas enfeitados, lutado contra criaturas míticas e resistido a provações que ameaçavam devorá-los por dentro. Agora, só lhes restava uma última batalha, um teste supremo de coragem e determinação, para salvar Eldoria das garras das trevas e mudar sua história para sempre.

Roran olhava fixamente para as trevas que se estendiam diante deles e falou em voz baixa, quase inaudível: "Não podemos nos deixar sucumbir ao medo. Lembre-se de tudo o que superamos juntos; não foi em busca de derrota, mas de vitória. Não podemos recuar agora, não quando estamos

tão perto de cumprir nosso destino.”

Lysander assentiu, o olhar determinado e espada em punho. ”A história de Eldoria está em nossas mãos, e é de nossa responsabilidade lutar por aqueles que não têm voz para enfrentar as forças das trevas. Aliados improváveis nos juntamos em nossa jornada. Agora, devemos confiar nos laços que nos unem e enfrentar esse último desafio com todo o nosso coração.”

Ao ouvir as palavras de Lysander, Gavriel, que por vezes escolhia se esconder atrás de um sorriso sardônico, encarou a seriedade da situação com uma determinação que raramente mostrava. ”Vamos, amigos! Adiante, pois é como guerreiros lutando juntos que prevaleceremos contra as trevas. Vamos destruir esse mal que assola nossa terra!”

Ariya sorriu para Aryssa, a dragonesa exilada, cujo destino também estava entrelaçado naquela batalha final. ”A luta contra o primeiro dragão pode ter sido difícil, mas nós conseguimos. Agora, é nossa responsabilidade ajudar nossos companheiros e manter os outros selados. Estamos nessa juntos.”

Aryssa assentiu e, com uma expressão determinada, retribuiu o sorriso. ”Eu senti o coração das trevas. Agora, eu vou ajudá-los a destruí-lo, pois aprendi que mesmo a fraqueza pode ser convertida em força quando há amor e união.”

Respirando fundo e abraçando a coragem que pulsava em seus corações, Aria e seus amigos se lançaram na batalha final contra as forças das trevas. No horizonte, a fronteira das Trevas parecia uma garganta que se abria, prestes a engoli-los.

Enfrentaram os servos das trevas, uma legião de horrores indescritíveis que se atiravam contra eles com uma intensidade selvagem. Eram sombras vivas, criaturas do pesadelo que pareciam invulneráveis à luz e ao ataque. Mas como em todas as batalhas anteriores, Aria e seus companheiros lutaram com uma fúria ardente, reunindo as forças de seus espíritos e corações para seguir em frente.

E, à medida que seus poderes cresciam mais fortes e mais radiantes, os heróis começaram a perceber que a vitória estava ao seu alcance. A força maior que os unia - a amizade - começava a brilhar mais forte do que as trevas, e o mal se encolhia frente à luz que emanava dela.

Eles lutaram com renovada determinação, a esperança brotando em seus corações, mesmo quando seus corpos tremiam e suas forças esmoreciam.

E então, com um último grito de triunfo, Aria e seus companheiros derrubaram o líder das forças das trevas, um monstro grotesco que parecia ser o próprio mal encarnado, e selaram os dragões novamente, libertando Eldoria das garras da destruição.

Exausta, Aria se ajoelhou no chão, o mundo rodando à sua volta. Mal podia acreditar que haviam conseguido. Ao olhar ao seu redor, viu os sorrisos cansados e triunfantes em seus amigos, sabendo o quanto aquela batalha havia custado a todos eles.

Ela tinha aprendido uma lição valiosa em sua jornada: mesmo que a escuridão pareça avassaladora, a luz da amizade e do amor pode superá-la.

Era o fim de sua jornada épica, e embora a vida ainda tivesse seus desafios pela frente, Aria sabia que eles estavam preparados para enfrentá-los. Porque enquanto estivessem juntos, não haveria mal capaz de desfazer o poder de sua amizade. E eles carregariam essa força em seus corações, até o fim dos tempos.

## Aproximação da Fronteira das Trevas

Aria puxou a gola do casaco para fechar a brecha gelada que deixava o vento lamuriante entrar. Ela não sabia o que carregava consigo, o frio dos ossos ou o peso desconhecido que se alojava em seu âmago, como um pedaço de carvão nas últimas brasas de fogo. Era uma quietude ansiada, o silêncio absoluto que se instaurara entre eles desde que deixaram a cidade de Cryorin em direção à Fronteira das Trevas. Parecia um prelúdio inquietante do que estava por vir.

Roran lançou um olhar tenso e desconfiado para a figura encolhida de Aria, cuja face tinha a palidez e a brancura dos raios da lua na geada. Suas palavras pareciam assombrá-los a cada passo: “não devemos nos aproximar daquelas sombras; elas são a vanguarda das trevas, o limiar de nossa ruína.” Mesmo assim, eles seguiram adiante.

As horas se amontoavam umas sobre as outras, como camadas de gelo nos ramos das árvores. A floresta seguia lúgubre e silenciosa, tornando-se cada vez mais sombria à medida que o sol se punha atrás das montanhas ocultas. Os passos do grupo eram abafados pela neve cristalina, ecoando suavemente em algum ponto distante. Até os pássaros pareciam ter se afastado desses limites, como se um espectro invisível os repelisse.

Caminhando com o semblante pálido e cabisbaixo, Aria se voltou para Lysander e disse em voz trêmula: "O que acontecerá se falharmos? Se Eldoria cair em mãos sombrias e seus habitantes se perderem na escuridão eterna? Não posso deixar de temer o futuro. Estamos bastando para enfrentar o mal que nos aguarda?"

As palavras de Aria voaram como um ar frio e sórdido através do silêncio. Lysander contemplou o rosto estremeado dela e, com leveza, segurou sua mão. "Eldoria confiou seu destino a nós, Aria. Precisamos acreditar em nossa própria força e na daqueles a nossa volta. Tenho fé em você e em nossos amigos. Ninguém sabe o que nos espera, mas se estivermos juntos, poderemos encontrar a luz e conquistar a escuridão."

Aria ergueu os olhos, lacrimosos, para encarar o olhar repleto de compreensão e resolução de Lysander. As palavras dele pareciam aquecê-la por dentro, como se um fogo tivesse sido aceso para revelar a coragem que guardavam juntos.

Sem romper o olhar com Aria, Lysander voltou-se para Roran e Gavriel. "Chegamos longe demais, enfrentamos desafios antes inimagináveis. Nós quatro - e Aryssa - formamos um vínculo que acredito ser mais poderoso do que qualquer força das trevas que possa nos obstruir no caminho. Não se trata apenas de vencer uma batalha, mas de criar um novo amanhã para Eldoria."

O olhar do grupo se agarrou às palavras de Lysander com um fervor quase tangível. Umidade formava-se na face de Aria, Gavriel, Roran e Aria ao se recordarem das provações que passaram juntos, como se essa única ligação lhes oferecesse a certeza de um destino glorioso.

Diante daquela resolução ardente, uma súbita chuva de flocos de neve começou a cair, como se as estrelas tivessem decidido encontrar abrigo entre as sombras engolindo o céu. A noite estava prestes a chegar, mas, em meio àquela tempestade silenciosa, uma paz láctea envolveu os bravos aventureiros, que, abraçados por um abraço invisível, caminharam adiante em direção à Fronteira das Trevas.

No horizonte, os cristais de gelo pendurados nas árvores iluminavam-se como fagulhas contra a espera, antes de desaparecer lentamente na escuridão, como um sonho ancestral sendo esquecido pelo tempo. Aria e seus amigos avançavam juntos, um passo de cada vez, para o desconhecido absoluto, unidos por um amor imaculado e pelos laços forjados em mil provações.

Eles adentraram a noite, como uma canção em buscas de um silêncio eterno.

## Plano de ataque improvisado

Aria encarou seus companheiros, o peso das trevas que os cercavam se fazendo sentir em cada rosto. Até Gavriel, habitualmente imperturbável, olhava com clara preocupação para a vastidão negra que se estendia diante deles como um valoroso cavalo amarrado a uma sombra. O tempo se esgotava rapidamente. Era ali, na fronteira das Trevas, que enfrentariam a última armada dos dragões.

”Cada um de nós deve abrir seu coração e deixar fluir o poder que temos cultivado”, disse Aria, ignorando o zumbido constante do medo dentro de si. ”Eu sei que é possível, mas nós precisamos estar unidos e focados.”

As cabeças de Lysander, Gavriel e Roran assentiram, seus olhos fixos no rosto pálido e determinado de Aria. Ela podia ver suas emoções crescendo, misturando-se e criando uma aura de tensão entre eles, alimentando-se da mágica que vibrava na atmosfera.

Aria passou os olhos para Aryssa, a dragonesa exilada que os acompanhava na batalha. ”Vamos derrotá-los juntos”, disse a jovem feiticeira. ”Com nossa união e com a força que há em cada um de nós.”

Aryssa assentiu, sua expressão feroz e decidida. ”Sim, juntos somos mais fortes.”

Com um olhar penetrante, Roran buscou a atenção de cada um dos outros. ”Há um plano desesperado para o qual nós devemos recorrer. Improvise. Vamos reagir ao inimigo e usar o que conhecemos e o que temos compartilhado e aprendido até agora. Devemos utilizar nossas habilidades individuais e complementares para derrotar cada adversário que aparecer em nosso caminho.”

Gavriel, que até então se mantivera calado, levantou a voz num tom sombrio e firme. ”Os dragões vão lutar ferozmente em sua libertação, sem dúvida, mas seus líderes das trevas não podem ser esquecidos. Nós precisamos tirá-los do jogo também.”

Aria parou por um momento, pensando na batalha que estava por vir. Seu coração batia rápido, mas se agarrou à coragem que eles, juntos, forjaram ao longo da jornada. Com um aceno resolutivo, ela complementou o plano.

”Devemos nos dividir em dois grupos e enfrentar nossos inimigos nos flancos opostos. Gebival, Aryssa e eu cuidaremos do ataque dos dragões, enquanto Lysander e Roran enfrentam seus líderes das trevas.”

”É um bom plano, Aria”, disse Lysander, segurando o punho de sua espada com austeridade. ”Nós devemos estar preparados para sacrificar tudo por Eldoria e pelos que amamos.”

A energia ao redor do grupo aumentou, os olhares lançados entre eles continham uma mescla de receio e determinação. No horizonte, a linha entre as trevas e a luz parecia se dissolver, como um mergulho na escuridão.

Era agora ou nunca.

O coração de Aria palpitava forte dentro de seu peito, e as palavras dela ecoaram como um chamado à batalha: ”Por Eldoria!”

O grupo avançou, sabendo que aquela seria a batalha final. Juntos, enfrentavam as trevas, prontos para se erguerem, mesmo diante do desconhecido.

A curva do caminho os levou agora para o abismo, e cada um deles seguiu, firmemente plantado na convicção que teriam sucesso, não importasse o inimigo à frente.

Em seus peitos, um pulsar enérgico aquecia seus espíritos. Eles sabiam que o improvável plano de ataque poderia ser todo o diferencial na derrota definitiva das trevas. Aria e seus companheiros avançavam com coragem, a esperança brilhando mais forte do que a escuridão que os engolfava.

Porque enquanto suas almas estivessem unidas e confiassem no poder de sua amizade e amor, nada seria impossível. Estavam dispostos a lutar até o fim. Pela luz. Por Eldoria.

## **Batalha inicial contra as forças das trevas**

A noite tinha como uma lâmina fria, gélido véu atravessado apenas por adagas de luz afiada. A estrela mais brilhante dessa constelação sangrenta era a fronteira das trevas, uma fissura açoitada pelo vento e pela escuridão, no coração do reino de Eldoria. Lá dentro, o grupo de bravos aventureiros não podia ver o destino que os aguardava, apenas o uivo do vento penetrando a carne e o sangue, e as sombras impenetráveis que pairavam sobre o abismo à sua frente, como uma névoa amaldiçoada que engolia todas as luzes e cores.



Aria, Roran, Lysander e Gavriel - junto com Aryssa, a dragonesa exilada - procuravam nas profundezas de suas almas e nas frações de voz que reverberavam através do oco silêncio que os enchia, buscando força e resolução para enfrentar as sombras que os espreitavam. O ar, antes marcado pelos alfinetes da neve gelada, parecia agora dominado pela quietude ameaçadora das sombras e pela neblina engolida pela fome espectral que emanava do vazio à sua frente.

Lá dentro, como cânticos de uma serenata macabra, as forças das trevas despertadas de seu sono de séculos aguardavam a chegada de seus inimigos mortais. Raiva e sede de sangue chacoalhavam suas presas, ferviam em suas veias e os impulsionavam para fora das profundezas da escuridão, fios sombrios tecendo as estrelas no manto de Ludodelai.

Provados em centenas de desafios e em eras de ódios perenes, sentiam que haviam finalmente encontrado um campo de batalha digno deles, a oportunidade perfeita para testar suas próprias espadas e gritos de guerra contra as espadas afiadas e os gládios terríveis dos aventureiros que se aproximavam.

A primeira batalha contra as forças das trevas estava prestes a começar, e no extremo arco de sombras que pendia no limiar de Eldoria, uma sanguinária dança de luz e de sombras envolvia-se numa melodia mortal e inescapável. Era um concerto orquestrado pelo destino, e cada nota e cada pausa se imprimiam como marcas febrilmente ardentes no éter congelante.

Roran foi o primeiro a invadir o espinhoso silêncio que os mantinha cativos, sua voz ecoando como o rugido inclemente de uma onda, quebrando-se contra os rochedos sombrios. "Elfuntos cora ryle, paladan sivvar ishtariel nalmai," gritou, encantando as estrelas e pavimentando a estrada do crepúsculo com ardentes brasas de esperança.

Em resposta ao chamado da magia, Gavriel arremessou seu duendance dourado no céu, num sussurro silencioso, o pequeno ciclone de luz explodindo com um brilho estonteante, deixando rastros de ébano e prata na noite. "Seja o olho do firmamento meu guia, a luz da lua minha aliada, na tormenta que se aproxima", murmurou ele, seus olhos especulares revelando o pilar de fogo e sombras que começara a se erguer pela mágica daqueles dançarinos solitários na periferia do horizonte.

Lysander, solidamente plantado sobre sua montaria, brandiu sua espada reluzente em desafio às trevas. "Nós somos a vanguarda da luz e da justiça,

e não nos desviaremos do nosso caminho, não importa quão medonho ou sombrio seja o inimigo que enfrentamos”, declarou com voz áspera e inabalável.

Aria cerrou seu cajado em punhos apertados, o pedaço de carvalho tempestuoso reverberando com seu próprio poder - a mágica das águas. Seus olhos brilhavam azuis acinzentados como estrelas, em constelações etéreas, despertando o vórtice aquoso em seu âmago com um grito silencioso e uma súplica eloquente, a fonte de todo o poder mágico que fluía por suas veias e através de seus ossos. ”Revelaremos esta noite, e em todas as noites que nos restam, que a luz sempre triunfa sobre a escuridão, mesmo que seja uma luz solitária, que luta e segue adiante na tempestade da solidão!”, vociferou ela, como a rugindo fúria das cachoeiras.

E Aryssa, a dragonesa, bateu suas asas carmesins com tal força que um vendaval cortante rasgou as trevas, trazendo um lampejo fugaz de esperança onde antes reinava apenas o terror. ”Juntos, seremos pioneiros da aurora”, proclamou ela. ”Unidos, brilharemos como estrelas no céu e enfrentaremos as forças das trevas com nossas almas flamejantes.”

Com um explosivo grito de guerra unificado, o grupo de aventureiros avançou para a batalha, enfrentando o desconhecido e mergulhando de cabeça no território das sombras. E nesse exato momento, em um eco ressoante e retumbante, o céu de Eldoria foi incendiado pelo rancor e pela fúria, enquanto o grupo intrépido enfrentava as forças escuras do destino em uma das batalhas mais sanguinolentas e vívidas do tempo.

Quando as luzes e sombras se entrelaçaram no campo de batalha, os sorrisos translúcidos e os risos espectrais das estrelas envielaram-se diante do horror, como flores murchas em um jardim de ossos e prata. Mas mesmo quando as sombras se erguiam e o nevoeiro amaldiçoado engolia a última esperança de luz, um punhado de heroicos e corajosos aventureiros enfrentava as trevas, sua perseverança e sacrifício cintilando como uma centelha luminosa no limiar da noite.

## **O surgimento de aliados inesperados**

As nuvens sombrias oscilavam acima das cabeças de Aria e de seu grupo - restos do último encontro sangrento com as forças das trevas. A guarda-vento que os cercava, formada por Roran Tempestário e seus poderes sobre a

tempestade, desacelerava. As sombras da luta anterior ainda reverberavam pela lisura dos rostos cansados, mas resolutos.

"Seguimos rumo ao coração da escuridão", disse Aria, sua voz estranhamente macia e calma em meio à tempestade selvagem. "Não podemos deixá-los ganhar."

Roran inclinou a cabeça como um gesto de assentimento, embora seus olhos brilhassem com uma intensidade feroz. "E devemos manter essa determinação, por mais difícil que seja. Somos os únicos que podem interromper o Despertar dos Dragões."

Nesse momento, um soluço repentino e fraco soou atrás do pequeno grupo. Aryssa, a dragonesa, chorava. Montanhas de obsidiana erguiam-se dos olhos da bela, rolando pelas escamas carmim que adornavam seu rosto.

Lysander abordou a dragonesa, a gentileza em seus olhos ofuscada pela gravidade do momento. "Aryssa, você sabe tanto quanto nós que a vitória é possível apenas quando estivermos unidos e não divididos. Não podemos vacilar agora."

A agonizante verdade nas palavras de Lysander acertou Aryssa como um raio. "Eu causei muita dor meu passado, meu erro. Como posso me juntar a vocês nesta luta contra meus irmãos e não ser consumida pela escuridão também?"

Gavriel Brilhaouro agarrou a mão de Aryssa solenemente. "Nosso valor não se define apenas por nossos erros, mas pelos momentos em que nos erguemos deles. Você encontrou uma família em nós, Aryssa. Não vamos levá-lo ao abismo, mas, juntos, vamos trazer você de volta à luz."

As palavras de Gavriel se conectaram à tempestade na mente de Aryssa, mas ao mesmo tempo, a ligação com Aria, Roran, Lysander e Gavriel a ancorava na realidade do presente.

"Vamos seguir então", Aryssa choramingou. "Para a luz."

Aria sorriu, e a energia do grupo fluiu como uma maré lenitiva e restauradora. Mas, enquanto avançavam lentamente rumo ao desconhecido, uma horda de sombras causticantes se erguia diante deles, transformando-se em um único grito abissal.

Era o início do fim. Pois emanando desse abismo, os aliados inesperados viriam a surgir.

De braços, Lysander estancou. "Ergam-se, companheiros!", gritou o cavaleiro. "Preparem-se para a batalha. São os casulos da noite de onde as

feras emergem!”

A sombra ameaçadora se retorceu, revelando seres grotescos e monstruosos, antes distorcidos e consumidos pelas trevas. No entanto, enquanto enfrentavam Aria e seu grupo, algo mudou em seus olhos cor de abismo. Um lampejo de reconhecimento flamejou, e a fúria e a raiva minguaram.

Então, como se toda a escuridão simplesmente se dissolvesse, essas criaturas sombrias hastearam a bandeira branca da rendição e se ajoelharam perante os intrépidos aventureiros.

”Sempre fomos inimigos”, disse o líder das criaturas emergentes, as palavras ressoando com um sussurro etéreo. ”Mas a ascensão dessas trevas altera todas as alianças. Como podemos lutar contra nosso inimigo comum quando vocês carregam, em cada palavra, a chama da resistência?”

”Nos uniremos”, disse Aria, sua voz mais alta agora, embora ainda trêmula. ”E, juntos, enfrentaremos as trevas, como um só.”

Um por um, como uma corrente crescente, cada membro do grupo avançou para os aliados anteriormente inimagináveis. Roran, Lysander, Gavriel, Aryssa e, finalmente, Aria, agarraram o pulso do líder das criaturas emergentes e ratificaram a aliança.

”No mesmo local onde a escuridão nasce”, murmurou Aria, ”é onde a luz floresce mais brilhantemente.”

E assim, a recém - formada aliança partiria juntos, sem ter medo do desconhecido que os esperava. Sem saber que a batalha final estava prestes a começar. E sem saber quão fundamental seria esse elo inesperado de amizade na hora mais sombria.

A escuridão impenetrável que os cercava ondulava e se dobrava à sua vontade, mas, mesmo nas trevas cerradas do abismo, eles permaneceram unidos. Em suas mãos, a luz brilhava e flamejava com uma coragem ardente, tão intensa que os próprios poros da escuridão tremeram e se esconderam.

Naquele momento, em que as linhas do passado eram apagadas e novas alianças forjadas, todos eles - Aria, seus companheiros e seus novos aliados - lutariam juntos, corações incendiados por uma chama comum.

Juntos, resgatariam a luz que tateava nas sombras. E juntos, baniriam a escuridão, uma vez por todas.

## Aria enfrenta o líder das forças das trevas

O som do ar estalava sobre a noite agonizante como uma tempestade de raios engarrafada, os gritos do vento espelhando a eletricidade que pulsava pelas mãos de Aria. Ela estava cercada pela escuridão, seus olhos arregalados e chamejantes com a luz da lua que desaparecia atrás das nuvens amaldiçoadas. O poder do líder negro, da própria personificação das trevas, enroscava-se como gavinhas envenenadas tanto no chão quanto na alma dos presentes.

”Eis que o fim chegou, doce Aria”, roncou a voz gutural do líder das forças das trevas, seus olhos como abismos negros que engoliam toda esperança e luz.

Aria sentiu um suor frio brotando em sua pele, o gosto amargo do medo e do fracasso inundando sua boca. Mas em vez de se render, seu coração batia com a determinação inquebrantável que a trouxera até aqui - a desafiar todas as probabilidades e enfrentar a morte se isso significasse salvar Eldoria.

”Houve momentos em que quase desisti,” ela sussurrou, sua voz crua e áspera como geada derretida, ”momentos em que o medo e a dúvida me controlaram. Mas não mais. Eu fui predestinada a enfrentar você E eu vou derrotá-lo.”

A voz de Aria cresceu mais forte a cada palavra, o mundo vibrando com o som de seus gritos, destaques de prata e de cores dançantes aparecendo na escuridão ao seu redor como estrelas em explosão.

O líder das trevas rosou, um som feroz e primal que parecia convocar tempestades e morte para seu batalhar. ”E por que você acha que isso é possível, tola garotinha? Que você, a pequena nódoa na história vasta e eterna deste universo, pode virar o curso do destino?”

Aria parou por um instante, o mundo parecendo congelar ao seu redor enquanto ela reunia suas forças e seus pensamentos corriam como rios tumultuados num instante de silêncio.

”Mesmo uma luz solitária”, ela respirou fundo, as palavras cantaroladas se misturando com o som frenético de seu coração retumbando em seus ouvidos, ”mesmo uma luz solitária pode afastar as trevas!”

Como se embalada pelos próprios ventos do destino, Aria lançou-se com um brado primal na direção do líder das trevas, seu cajado emanando faíscas enquanto ela se jogava de cabeça naquela luta tão esperada e na escuridão que se estendia diante dela como uma sombra negra e sem fim.

Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa, que haviam lutado bravamente ao seu lado nas horas mais sombrias e desesperadoras, uniram-se a Aria na batalha, cada um lançando feitiços poderosos em um esforço para abater o líder inimigo. As palavras mágicas mesclavam-se e o som trespassavam o ar com um trovejar retumbante.

O líder das trevas ergueu uma mão e a onda de poder escuro desencadeada foi tão intensa e apavorante que uma longa e sonora série de gritos ecoou em resposta, partindo do coração dos aventureiros e jogando-os de volta às sombras.

"É tudo o que você é capaz? A pressa lamacenta de sua resistência é patética!" a voz gutural trovejou por entre os clamores das chamas e dos ventos, pontuada pelo som do riso zombeteiro do líder das forças das trevas.

Aria empurrou-se com os braços trêmulos, enxugando um fio de sangue que escorria de sua boca com as costas da mão. Para longe, além do som do caos e da derrota, ela ouvia o som suave das lágrimas de seus amigos, cada som de sofrimento e desesperança penetrando profundamente em sua alma e coração.

Negando a si mesma a dor e a fraqueza, ergueu-se do chão com o rosto manchado pelo sangue e pela sujeira. Uma chama resoluta ardia ainda em seus olhos, uma luz que, apesar de tudo, se recusava a sucumbir.

"Sua vitória é falsa", ela gritou, enfrentando o líder das trevas mais uma vez. "Você não venceu nossos espíritos, mesmo que possa ter vencido nossos corpos."

Havia algo no tom de sua voz e na brasa que ardia dentro dela que fazia o líder das trevas recuar, por um breve momento hesitando em reconhecer a futilidade de sua própria luta. Mas, como um furacão selvagem, a escuridão engoliu-o mais uma vez, e ele rosou para Aria.

"Não falarei mais com você, verme insignificante. É hora de terminar isso!"

Aria levantou o cajado uma última vez, e, com um último grito agonizante, ela, Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa reuniram suas forças remanescentes e lançaram um golpe final conjunto em direção ao líder das trevas.

Um clarão branco-celeste rasgou a noite, a luz e as trevas colidindo em um estrondo que pareceu abalar a própria fundação do mundo. E no instante seguinte, restava apenas silêncio e escuridão.

Mas, então, como a fresta de luz no amanhecer de um dia longo de lutas

e tormentos, a chama da esperança queimou mais uma vez. E nesse novo amanhecer, Aria e seus amigos se levantaram, triunfantes contra a escuridão e as forças do mal.

## Luta árdua e vitória da amizade e união

No instante em que a batalha final encontrou seu fuso horário, Aria e seus amigos apertaram-se em uma formação fraterna como se soubessem que, após aquele momento, as placas tectônicas do destino poderiam se desentrelaçar e lançá-los para mundos distintos, alterando para sempre a teia do tempo, do amor e da amizade. As gavinhas das trevas se enredavam em torno deles como uma muralha de cipós frios e congelantes, mas o abraço de seus braços, a luz fraca que emanava de seus cajados, era mais forte do que qualquer ameaça premente das sombras que os cercavam.

De repente, um rugido alto, como o grito de um milhão de fantasmas em harmonia, rompeu a escuridão circundante e entrou no coração de cada membro do grupo. Olhos chispejantes e zombeteiros, unhas afiadas como facas e presas como lanças especializadas; foi assim que a legião sombria erigiu-se ante eles, libertando-se das trevas e pronta para lançar sua vingança arrepiante.

Era chegada a hora da batalha final.

Roran ergueu-se como um pilar de água contra os adversários monstruosos, guardando a formação desesperada atrás dele; Lysander e Gavriel cada qual abraçou seu medo e deu um passo em direção ao abismo, suas espadas tremulando com um brilho fantasma que refletia o coração de cada um.

Aryssa, a dragonesa corajosa, deslizou para a frente, um rugido profundo ressoando em seu peito com fúria e intenção, pronta para enfrentar seus irmãos e enfrentar as consequências dessa batalha cruel.

Então, da geleira congela-se nos olhos chamejantes de Aria, derramando-se um fluxo de água que fendeu o exército sombrio ao meio. Estacando a arremetida hidrosférica logo que teve início, ela se virou, o brilho dourado em seus olhos emprestando-lhes um pouco de esperança.

”Vamos lutar, mas não como indivíduos”, disse Aria, a voz forte e firme, mesmo que cada palavra rasgasse as paredes de seu peito. ”Vamos lutar juntos.”

Nesse momento, pulsando na tempestade de cacofonia e medo, Aria

e seus amigos reuniram suas forças, cada um deles enroscando os braços no acorde orquestral de seus cajados, sussurrando feitiços místicos que se entrelaçavam como linhas de um poema desenhado pelas estrelas no vasto, vazio céu.

”Como um”, eles bradaram em uníssono, a própria essência de suas palavras vibrando inextricavelmente com a ligação que os unia. E, no instante em que essas duas palavras simples e densamente carregadas cortaram a escuridão, a energia mágica de cinco corações que batem como um só se formou, criando uma barreira elíptica de água, fogo, terra, ar e luz que se estendeu ao redor deles.

Eles se lançaram à batalha, as criaturas sombrias dobrando-se e recuando com cada golpe contundente e ricochete das faíscas dançantes que emanavam de suas armas sincronizadas. Lysander e Gavriel golpearam como se fossem uma só entidade, seus corpos movendo-se com a elegância calculada de uma quilha cortando ondas. Roran, sua magia metralhando nesta densa rede de energia mágica, rugiu com o vigor de dez trovões em compactação, enquanto Aryssa, com olhos incendiados, enfrentava os dragões, seu coração flamejante como um pedaço de carvão nas profundezas dos antigos vulcões.

De pé, no centro desta dança cinética de forças opostas, permanecia Aria, o turbilhão da batalha e das emoções refletidas em seus olhos. Ela cantava, cada palavra fluindo de seus lábios como uma melodia desconhecida, mas que impregnava de beleza o caos e a suspiração das incontáveis lutas ao seu redor.

Um a um, as criaturas sombrias caíram diante da luz que Aria e seus amigos teciam em sua defesa, os corpos retorcidos e derrotados desmoronando como estátuas esquecidas em uma cidade devastada pelo tempo.

E, no instante em que a última besta caiu e a luta intensa e árdua chegou ao fim, Aria, Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa se encontraram no epicentro da batalha travada e vencida, fortes e unidos.

As sombras permaneceram à espreita, sempre à margem de seus olhos arregalados e extenuados. Mas, naquele momento singular, ali, no reino de vitória e de união, a amizade e o laço indissolúvel que haviam experimentado durante essa jornada épica ressoavam mais claramente do que qualquer força maligna jamais poderia.

E foi isso, acima de tudo, que lhes daria esperança em um novo amanhecer.



## Preparação para enfrentar os dragões novamente

NO cume de uma colina íngreme, com a escuridão iminente como correntes gélidas de miséria, cinco figuras se reuniam em silêncio, seus olhos reluzindo com toda a esperança e o terror que pulsava de suas veias e de seus corações assustados. Ao lado, senão diante deles, uma vastidão sombria e indizível expandia-se em ameaça, as sombras sinistras de uma batalha inevitável a ser travada - chegava a hora de enfrentar os dragões novamente.

Aria respirou pesadamente, a brisa impetuosa arremessava o ar frio em suas narinas, ajuntando-se às lágrimas silenciosas que escorriam pelo seu rosto. A lua pálida sobre eles lançava sua luz fantasiosa e débil sobre cada um deles, tornando suas feições distintas e familiares quase obscuras pela escuridão incipiente.

Prendendo o cajado em suas mãos entorpecidas, Aria inclinou-se, um tremor percorrendo sua coluna enquanto ela sentia pela primeira vez o peso esmagador da responsabilidade e da expectativa que as paredes do destino pendiam em seus ombros frágeis e abatidos.

"Chegou a hora," ela sussurrou, sua voz rouca e insegura como o grito fugaz de um fantasma dilacerado pelo vento.

Lysander apertou a mão no ombro de Aria, sua feição rígida e séria, os olhos uma mistura de ódio e medo ao encarar a penumbra necrosada que se estendia à frente. "E nós estamos contigo, Aria. Até o fim."

O grupo de aventureiros permaneceu em silêncio, cada um com seus pensamentos e medos. Roran, apesar do terror palpável em seus olhos, parecia inabalável, concentrando-se nos detalhes de suas magias e planejando como utilizar seus poderes de forma mais eficaz possível.

"Não desistirei," murmurou Aria, retidão e determinação rachando sua voz fraca como o primeiro lampejo de luz após um longo e desolado inverno. "E é por isso que devemos nos preparar, cada um de nós, para enfrentar nosso maior julgamento."

Ela encarou cada um de seus companheiros, um por um, olhando profundamente nos olhos deles para encontrar e extrair a força que os uniu desde o início de sua jornada. Gavriel assentiu em silêncio, seu rosto selvagem e bravo, enquanto Aryssa rugia suavemente em solidariedade, as asas desnudas estendendo-se como um escudo gigantesco e protetor ao redor do grupo.

"Neste momento," continuou Aria, buscando coragem nas palavras que

ela acreditava deverem ser verdadeiras, "devemos nos fortalecer mais do que nunca - fisicamente, emocionalmente e espiritualmente. Para enfrentar essa força maligna que espreita diante de nós, podemos depender apenas de nossa coragem, amor e esperança."

"Concordo," Lysander interveio, seu tom firme e resoluto. "Deveríamos treinar e planificar juntos todo movimento de nosso próximo confronto, sabendo que nossa vitória final dependerá do trabalho em equipe e laços inquebrantáveis."

Aria viu algo mudar nos olhos e na postura de cada membro de seu grupo, como se um fogo tivesse sido subitamente aceso sob cada um deles. Em vez do medo cálido de derrota, ela agora via uma faísca incandescente de esperança, confiança e determinação fornecida em suas raízes.

Eles se retiraram para um pequeno recanto abrigado da tempestade e da loucura ao redor deles, concentrando-se um no outro e na luz tremeluzente da esperança que os sustentava. Unindo-se não apenas em espírito, mas também em ação, eles começaram a treinar juntos, ensinando um ao outro novas habilidades e aperfeiçoando as que já possuíam, cada momento de aprendizado moldando-os e fortalecendo-os para a batalha que se aproximava.

Nas horas que se desenrolaram sob o manto da noite encoberta, Aria e seus amigos se prepararam para enfrentar os dragões novamente, aquecidos pela chama do amor, amizade e esperança que nunca se extinguiria, mesmo que o mundo inteiro fosse tragado pelas trevas.

## **Reflexões e sacrifícios pessoais antes da batalha final**

As Diretrizes do Destino deram um nó na Árvore das Eras, e assim amarraram os caminhos tortuosos da vida de cada um deles, amaram-se uns aos outros além de suas vidas individuais, lançando suas luzes e sombras através desta terra de beleza esplendorosa e desconcertante frieza. No entanto, logo se viu a aproximação avassaladora do crepúsculo que ameaçava engolir os inteiros.

Na véspera da batalha final, as noites já se mostravam eternas e afogadas na penumbra de um silêncio angustiante. Aria, Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa, na quietude das horas escuras e solitárias, resolveram meditar juntos pela última vez na clareira sagrada que haviam descoberto juntos.

O espaço vibrava com a energia mística de suas vidas entrelaçadas, parecendo ainda mais extraordinário banhado pela luz crepuscular que sangrava de um céu prenhe de brumas sufocantes.

Naquele momento ensimesmado de quietude prodigiosa, encorajavam-se a mergulhar no oceano tempestuoso de seus próprios corações, para encarar a sombra que habitava as profundezas abissais e silentes, e desafiá-la no último e derradeiro cabo de guerra de suas almas antes do crepúsculo se romper em aurora, e a tenebrosa batalha ascender como uma corvidia serpente faminta e letal.

Desafiando a escuridão etérea que os envolvia, Aria fechou os olhos e permitiu que o silêncio interrompesse a torrente de pensamentos tumultuosos que assaltavam sua mente. Deixou as sombras derreterem-se e dissolverem-se em poeira - a essência de todas as mentiras que seu coração havia abraçado tão de perto ao longo desta jornada hercúlea.

Um sopro suave levou as geladas lágrimas que brotavam em seus olhos, e ela soube, sem sombra de dúvida, que o amanhã periclitante se vestiria com o traje mais arditosamente glamoroso de todos: o do sacrifício.

"Teremos que enfrentar nossos medos mais profundos e abraçar as lutas e a dor que estão por vir. Os dragões não cederão facilmente", Gavriel sussurrou, os olhos erguendo-se para encontrar os dela num transe consternado.

"Arriscamos até nossas próprias vidas pelo bem de Eldoria", disse Roran, o peso da preocupação levantando-se aparente em sua voz.

"E devemos confiar em todos, mesmo naqueles que nos traíram", Lysander acrescentou, lembrando-se das ações de um inimigo que um dia chamou de amigo.

"Devemos aprender a abrir nossos corações, mesmo quando o medo nos diz para fechar", diz a voz suave de Aryssa, preenchendo o espaço com sua sabedoria.

Aria ouviu as palavras de seus amigos e sabia do valor que eles tinham, mas era uma tarefa árdua equilibrar-se nos braços do destino e não ser esmagado pelas asas do desespero. "E devemos amar um ao outro, mesmo quando sentimos ódio por nossos inimigos", disse Aria, as lágrimas trémulas caindo como chuva em seu rosto firme, sereno e resolutivo.

Na quietude daquela clareira, em meio à tempestade de medos e incertezas que assolavam seus corações, o grupo de amigos, guiados pela fé um no

outro e no propósito divino de suas vidas conjugadas, atingiu a compreensão suprema do destino: eles sabiam agora que deveriam sacrificar - se e despir - se de seus egos individuais, aprender a morrer um milhão de mortes no tapete encantado do amor e da cumplicidade, para abraçar as chagas e cicatrizes aninhadas no coração de cada um deles.

Com essas palavras, o vinho escarlata de liberdade e sacrifício verterá e se derramará alegremente como uma torrente sagrada que lava as trevas das almas lutadoras no crepúsculo arrebatador.

## Chapter 11

# Libertação dos Dragões

Era uma noite rogai, quando o céu abrira as portas de seu luto e o chão afogava - se em lágrimas vindas do firmamento. Aria, Roran, Lysander, Gavriel, e Aryssa, os bravos aventureiros que ousavam enfrentar os dragões anunciados na profecia, caminhavam na orla daquela escuridão iminente, imersos no mundo paralelo a Eldoria, que chamavam de Dimensão Obscura.

Ali, titânicos muros de desilusões, desesperos e terrores erguiam-se, como se quisessem engolir por completo a tênue luz da esperança que ainda ardia em seus corações. Um nebuloso manto de nuvens negras e densas encobria a lua, cujo rosto enrouquecido fora assim abafado pela baba enevoada de uma loba faminta que arreganhava a boca do abismo para tomar de assalto sua fétida refeição.

No entanto, como numa teia de ferro, as cordas do destino que ela tecia uniam os cinco como se fossem feitos uns dos outros, um amor inquebrantável que ultrapassava limites imagináveis.

Os cinco guerreiros sabiam que agora era a hora de libertar os dragões selados há milênios na Dimensão Obscura, conforme a Profecia Revelada. O conjunto sagrado dos artefatos mágicos pelos quais aventureiros lutaram com unhas e dentes estava em suas mãos, e apenas uma única peça do quebra - cabeça restava ser encaixada: o desfecho daquela trama, que se avizinhava veloz e ferino como a sombra de um abutre planeando seu festim.

No entanto, isso não significava que o perigo fora anulado. Ao contrário, o abismo e a escuridão profundos deste mundo encantado, paralelo a Eldoria, estavam embebidos e regurgitantes de inomináveis horrores que ameaçavam tragar aquelas fragas vivas de interpátrida coragem e espirais de supéstites

expectativas.

A tensão entre os cinco guerreiros tornava-se palpável, como uma cobra venenosa que os vacila, encarrega aos olhos e se enrosca em seus membros. No entanto, era a determinação e a confiança mútua que os uniram até ali que não permitira o esmagamento de suas almas sob o peso desta eminência cruenta.

“A hora é agora,” murmurou Aria, seu olhar ardente e decidido irradiando a chama da convicção que nenhum vento da tormenta poderia apagar, “é chegado o momento de enfrentarmos nosso destino e cumprir a profecia para evitar a destruição de Eldoria.”

Nenhum dos outros aventureiros ousou interromper sua líder e amiga, o silêncio e a gravidade do momento se impondo como o punho de ferro do tirano cego e inexorável que se projetava das sombras de suas almas. Eles avançaram juntos em direção ao centro da tormenta que formava-se nos céus, o ímpeto da batalha e as dores do passado forjando-os em um único e indissolúvel ser.

Vagarosamente, apartando-se do reposteiro lambido pela cinzenta tez das trevas em desespero extático, desembocaram numa clareira, onde um monumento espiralado de pedras entrelaçadas erguia-se, como o último vestígio de uma era perdida em poeira e anseios, como uma flecha alvejante do Destino erguida para o firmamento.

Era ali que lançariam a magia coligente que disporia as peças do grande teatro e desvelaria o véu de mistérios cadentes. Eles lançaram-se num círculo de mãos interligadas, cada um formulando os mantras de liberação dos dragões, e os artefatos mágicos começaram a pulsar e vibrar ao uníssono, gerando uma energia indizível e magnífica.

A escuridão que envolvia o mundo em seu abraço vampírico fora fendida, como o momento fatídico do parto cósmico da luz gerando as labaredas de um rubro-solar primordial. A Dimensão Obscura começou a tremer e a gritar em sua agonia, sendo ela rasgada ao meio e concedendo a penetrante claridade etérea do mundo real.

Os dragões, majestosos em sua glória e terror, emergiam como sombras extintas renascendo das cinzas do mundo que os esmagara e os selara. Para a Dimensão Obscura, desta maneira fora concedida a morte e a paz do silêncio eterno.

## A Profecia Revelada: Explicação Detalhada

O sangue fervia nas veias de Aria como um rio de fogo prestes a romper as comportas. A revelação que o antigo pergaminho carregava prenunciava um desastre iminente para Eldoria, um evento apocalíptico anunciado em combústiveis versos de glória e tempestade. Em sua oficina de pesquisa, rodeada pelas escrivatinhas cobertas de pergaminhos e os sutis desenhos em espiral que emolduravam as majestosas estantes de livros, Aria lutava para conciliar o que tinha descoberto com o destino que a aguardava.

“A profecia o destino de Eldoria enredado com o retorno dos dragões. E nós nós somos os personagens centrais deste drama”, murmurou Aria, enquanto seus dedos tremiam sobre o pergaminho que desvelara o seu propósito. “Como é possível? Como podemos enfrentar as forças que nos ameaçam?”

Roran, Lysander e Gavriel se reuniram em torno dela, olhos igualmente dilatados pelo horror e pela incredulidade. O oráculo do pergaminho colocava sobre suas cabeças a responsabilidade colossal de impedir o retorno dos dragões e, assim, salvar o mundo de Eldoria. Eles haviam se embarcado nesta jornada sem qualquer pretensão de grandeza, apenas movidos pela urgência de enfrentar os perigos ocultos em sua terra natal. E agora, este obscurecido destino parecia lhes cair nas mãos decaída e intimidante como um machado afiado e temível.

“Nós - apenas nós - somos os escolhidos, Aria?”, indagou Lysander, a voz trêmula pela tensão formada entre as palavras e a coragem que teimava em se manter viva em sua alma. “Seremos dignos de enfrentar os dragões e impedir a nossa própria destruição?”

“Eu não sei, Lysander Eu não sei”, respondeu Aria, os olhos úmidos mirando os rostos de seus amigos, repletos de dúvidas e preocupações. “Mas a única certeza que temos agora é que, se não fizermos nada, será o fim de Eldoria.”

Todos permaneceram em silêncio, como se aquelas palavras traduzissem o peso de uma montanha que se projetava para suas costas. Foi Gavriel quem rompeu a quietude, com a resiliência dos anos de lida com diferentes adversidades

“Temos que confiar em algo, amigos, esse é o momento em que a esperança deve ser alimentada intensamente. Nos momentos mais sombrios, é a mais

tênue das esperanças que nos move a acreditar que seremos capazes de enfrentar os tempos de provação.”

O olhar de Aria encontrou o de Gavriel, e neste instante houve uma conexão, uma compreensão única e profunda.

”Se a profecia nos escolheu”, declarou Aria, a convicção voltando a impregnar sua voz, ”então devemos aceitá-la e abraçá-la. Não devemos nos render ao medo e à incerteza. Eldoria depende de nós e nós devemos acreditar em nosso poder de mudar o futuro.”

Roran assentiu, o rosto sério, mas determinado. ”A história de Eldoria permanecerá incompleta se não enfrentarmos os dragões com coragem e honra. Unidos na crença de que podemos prevalecer, devemos seguir em nossa jornada e cumprir o nosso destino.”

O ambiente na oficina parecia se encher de uma energia essencial, tangível pela sua força generativa, manancial de vida e potência. Juntos, como irmãos e irmãs de sangue e de fé, os quatro amigos se levantaram, os olhos fixados uns nos outros, a chama de um propósito comum ardendo em seus corações. Já não eram simples aventureiros errantes na terra de Eldoria; eles eram os portadores do fogo primordial, os guerreiros da esperança e os guardiões de todas as vidas entrelaçadas no fate inexorável de sua terra e de seu povo.

Na penumbra lendária daquela oficina, entre corações palpitantes e pensamentos mutuamente solidários, o crepúsculo de uma era morria para dar lugar ao amanhecer de algo maior, mais vasto e inimaginável. As estrelas e os cometas que brincavam no firmamento pareciam traçar as linhas de seu destino, e a terra, em seu abraço móvel e sônico, parecia cantar os versos de renascimento, amor e coragem.

Com as mãos unidas e o espírito ardentemente comprometido, Aria, Roran, Lysander e Gavriel mergulharam nas palavras proféticas do pergaminho e abraçaram o destino supremo que se desenrolava diante deles. A sina dos guerreiros, protetores das almas e dos sonhos dos habitantes de Eldoria, tinha começado.

## **A Dimensão Obscura: Conhecendo o Mundo Sombrio**

### Capítulo 11: A Dimensão Obscura - Conhecendo o Mundo Sombrio

Aria, Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa adentraram as vastidões de escuridão que se estendiam como uma profunda cicatriz na urdidura das



sombras. À sua frente, pontilhadas de forma errática, espelhavam-se uns aos outros em pequenas formações de rochas angulares, mendigas de luz, tentativa pálida e fraca de literalmente clarear o caminho de sua jornada inaudita. Suas respirações ecoavam na triste melodia do vazio imaterial que parecia arrastar-se por trás deles. Ali, no limiar da Dimensão Obscura, uma genuflexão febril de lava cósmica e tempestades rubras como olhos de dragões, uma sucessão de interrupções, de negações do mundo, como um oceano primordial naquelas paragens da imaginação outrora inabitadas pelo homem cognitivo, os cinco guerreiros malogravam-se tenteantes, desconhecendo os perigos inumanos que os espreitavam.

A cada passo que davam naquele solo impregnado de trevas e desolamento, semeadura de espantalhos etéreos e fantasmas de vidas passadas, suas esperanças definhavam e a chama da fé tremeluzia como as chamas de velas que se debandam a golpes de sopro gentil. A Dimensão Obscura, malgrado seus mistérios e terrores, também escondia um segredo que só o abismo do tempo e uma singularidade perene poderia regurgitar: os dragões.

Aria brandiu seu cajado de cristal azulado, emitindo um faiscar luminoso que servia de cetro e farol na escuridão daquele terreno maldito. Os outros, galvanizados pelo lamento simali do cajado e pelo brilho alumiado que dele fluía, garimpeiros do destino, tentavam encontrar sinais oscilantes e sibilos que os guiassem no trajeto, como se folhassem as lâminas de um espécime antigo e maltrapilho do quarto mundo, um registo hermético do passado ancestral.

Naquele mundo sinistro, Gavriel sentiu-se acuado como um pequeno pássaro sendo tragado pela gula de um predador invisible. Seu brilho dourado antes tão radiante, agora parecia uma migalha dispersa na vastidão onipresente das trevas.

O vento, como um mensageiro do abismo, trouxe ecos de rumores e lamentos que assustadoramente se infiltravam em suas mentes. Eles imaginavam os gritos e clamores de vidas perdidas e aniquiladas pela fúria inexorável da Dimensão Obscura. Envolvidos em um véu invisível de melancolia e desespero, os cinco guerreiros se adentravam cada vez mais naquela terra onde o tempo parecia não tecer o seu manto e o sol se escondia atrás do alambrado negro das trevas.

Roran, sempre atento às correntes mágicas que fluam sob a superfície da realidade, sentiu o sopro gélido de uma magia ancestral e sombria, como

a respiração do próprio caos que pairava sobre aquele cenário desolado. Engolindo seu medo como quem sacrifica um cordeiro à premente fome do destino, paramentou em sua face uma máscara stoica e tomou a liderança num momento turbulento.

”Lysander, não podemos nos deixar abater por esta escuridão. Este lugar retorce as nossas emoções e alimenta - se delas. Precisamos mantermo-nos focados e juntos se quisermos enfrentar os perigos que nos aguardam”, disse Roran, seu tom grave e firme como uma anágora que impedisse o derrocamento de suas emoções.

Aria, sabedora do peso que recaía sobre ela e ciente de que a profecia não poderia ser deixada à mercê daquelas garras de sombras e pesares, respondeu: ”Sim, Roran está certo. As trevas deste lugar tentarão fraturar nossa união, mas não podemos deixar que isso aconteça. Vamos juntos, de mãos dadas, enfrentar o desafio que nos foi destinado.” A determinação em suas palavras era como a pedra angular de um templo, garantindo a solidez e a sustentação de uma construção almejante.

Apertaram as mãos, compondo com seus dedos entrelaçados um cordão armorial de esperança e confiança, uma cadeia de almas unidas no propósito de salvar o mundo que conheciam. Unidos como se fossem feitos uns dos outros, caminhavam como uma única entidade dentro da Dimensão Obscura, um hino de amor e devoção ecoando em suas almas reservadas ao silêncio.

O abraço das trevas era como o pulsar das asas de um corvo faminto, ávido para devorar os fragmentos de esperança que ainda arfante brindavam o néctar vital do grupo. Despertados por aquele desafio visceral, caminhavam devagar como recém - nascidos, desbravando o território que só fora mencionado como um pesadelo em histórias contadas para assustar crianças, sentindo o sopro frio da morte etérea deslizar por entre as frestas de suas armaduras e invadir sua simalitura com inaudável destempero.

E, assim, juntos, eles enfrentaram o desconhecido, pisando na terra de sombras e lançando - se aos braços férreos do Destino, em um abraço de sacrifício e abnegação, a benevolência do universo à mercê de suas aspirações divinas e das trevas lendologemas que armavam o pano de fundo do palco onde o drama cósmico seria desenredado e desvelado.

## A Busca pelos Artefatos Mágicos: Primeira Pista

Eram quedas d'água e montanhas que emolduravam o vasto vale onde o destino lançara seus dados. Aria e seus companheiros rumaram ao ponto cintilante de um cume distante, porém irresistível. Parecia um floco de gelo reluzente, balizando feito farol na manta verdejante do mundo ao redor.

"Há algo ali", murmurou Aria, as sobrancelhas franzidas em um olhar intensamente determinado. "Uma chama azulada, pulsante É a marca de um poder ancestral guardião. O Artefato Mágico de que precisamos para selar os dragões novamente."

Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa reuniram - se em torno dela, os olhos alastrados pelo mistério e exaltação. A jornada penosa até este ponto havia transmutado aqueles que caminhavam juntos - não mais eram desconhecidos silenciosos, entrelaçados por uma devoção superficial aos Reinos de Eldoria.

"Meus irmãos e irmãs em armas", declarou Aria, "neste momento, e com a mais profunda convicção, afirmo - vos que o que buscamos encontra - se naquele cume." Apontando para o brilho de cor safira no horizonte, continuou: "Jurem comigo, estendamos as mãos e selamos um pacto que perdurará por toda a eternidade, por Eldoria e por nós."

Roran primeiro levantou a mão mas logo foi acompanhado por Lysander, Gavriel e Aryssa que, entrelaçaram os dedos num elo cerimonial. Ali, no coração do vale, colocavam a própria alma como promessa à missão de salvar o mundo que tanto amavam.

A caminhada foi difícil, o caminho sinuoso e pontilhado por ribanceiras, cômputos de incerteza e desespero. O choro esporádico de uma águia furtiva e graciosa encharcaram o ar como uma sinfonia de ventos, testemunho de um propósito grandioso que rasgava as entranhas do horizonte, ávido por alargar - se e moldar a terra em sua esteira.

Nas montanhas erguiam - se colossais arcos serpenteantes, onde as formidáveis e perigosas Irmãs Guardiãs ocultavam o artefato mágico e suas fronteiras eram resguardadas por inimigos alvilares e grotescos de proporções mitológicas. Feras altaneiras, criaturas aberrantes, sentinelas de pedra e aço, cada uma delas ostentando um olhar demoníaco e rictus dilacerantes, simbolizando no corpo ardoroso os variks de quem ousasse transpor os limites que assinalava o território do Artefato Mágico.

À medida que Aria e seus amigos aproximavam - se do núcleo sombrio

das montanhas, uma tensão crescente enlearava os braços que recrudesciam, ardentes em busca do propósito predestinado. Eles sabiam que, agora, cada passo em falso poderia ser fatal.

”Estamos perto”, disse Aria, a voz rendida pelo esforço e pela angústia que inchava seus pulmões. ”Podemos triunfar, meus amigos. Acreditem em nós e na causa justa que aqui nos leva.”

Lysander, o destemido cavaleiro, vislumbrou uma fagulha de esperança; Roran, o enigmático mago, resgatara novos significados e propósitos para sua magia; Gavriel, o contador de tesouros, foi suprimido por um desprendimento de ambições materiais, buscando ser maior e mais grandioso do que nunca; e Aryssa, a dragonesa que os guia, encontrou nos laços da amizade e fraternagem um novo propósito em seu exílio.

Silhuetas altivas despontavam debulhando as névoas ceifadoras que envolviam a montanha, delineando o quarteto com a coragem e a determinação que transbordavam da cápsula do coração, e uma a uma ocuparam seus postos nos alcáçares desta batalha apocalíptica. Como guerreiros de Nikudêla, operando sobre a terra que separava os reinos celestiais e etéreos, eram venturosos naquela encruzilhada em que a vida e os sentimentos divinais trespassavam o limite da morte.

Juntos, eles enfrentaram monstros, os fios da trama profética que construía seu enredo em torno da geada do destino e de um amor que já não mais bruxoleava. De mãos dadas, os cinco heróis plantaram sua alma na terra, firmes como carvalhos que se inclinam com o vento, mas nunca partem. Erguendo-se numa promessa de triunfo e glória, abraçaram a luta que lhes fora urdida, traíndo em sua resiliência e em sua fé comum.

Em meio à batalha que os esperava, seus olhos voaram alto, tocando no ventre emplumado das feras que sobrevoavam a terra de Eldoria, perseguindo a presa errante do destino e questionando-se sobre as pedras calçadas que os levariam ao anseio final.

Desenvolveram sentimentos de confiança mútua e laços de amizade inquieta e apaixonada, como engenho de um arquiteto empenhado em edificar as fundações de uma nova ordem mundial. Verteram suas lágrimas e sangue na terra de Eldoria, semeando o futuro e esperando a colheita de seus esforços nos tempos vindouros.

Enquanto a batalha declamava a chegada do enésimo juízo final, Aria e seus amigos, um exemplo de fraternidade e esperança, enfrentaram as Irmãs

Guardiães e suas criaturas tenebrosas, cada um com uma única certeza em seus corações: por Eldoria e por si próprios, jamais desistiriam.

## **Aliança com a Dragonesa: Descobrimo seu Exílio**

### Capítulo 5: Aliança com a Dragonesa - Descobrimo seu Exílio

Os crepúsculos de Eldoria desdobravam - se em cândidos raios de prata, enfeixados num tecido opalino que se espargia pelas abóbadas celestes e parecia afagar os pináculos e cumeeiras das montanha. Com efeito, o sol sendeu - se de veladas nuvens que tão só deixavam ver seus dedos luzidios; um brilho límpido e margaritifero sobre aquele rincão suspenso de olhares profanos, a Vigília das Serpes.

Aria repousava junto ao limiar do acampamento, seus olhos persuadidos pelo veludo da noite e pelas estrelas que chiarolavam no cosmos como ânsias de prata líquida. Absorta na vastidão que a cercava, mal percebeu a aproximação de Aryssa Vendaval, a dragonesa exilada que se escudava nas penumbras do tempo e na fímbria de sua própria identidade.

"Não consegues dormir também?", indagou Aryssa, sua voz redolente de um jasmim que desfolha a flor das horas. Seus olhos brilhavam rubros, como chamas que a noite não arrojava a sestros.

Aria levantou a vista e sorriu um esgar doçal, um pálido afago de humanidade compartilhada. "Não, a beleza desta noite e nossas recentes provações não me permitem descansar."

Aryssa permanecia diante dela, como um espectro de escamosa penitência que ascende aos céus e clama ao luar o perdão de suas lágrimas lestrigais. "Aria, podeis confiar em vossa aliada?"

Aria, enlevada com a sinceridade do olhar da dragonesa e convencida de que o medo e a desconfiança eram males que corroíam como ferrugens as estruturas de uma nova vida, concedeu - lhe sua mão e afirmou: "Sempre. Tu nos ajudaste neste inóspito terreno, provaste ser um farol de coragem e entrega, como um exemplo de dedicação à nossa causa e de sacrifício pelo futuro de Eldoria."

O semblante de Aryssa, em essência, uma coexistência de penedo e carne, metamorfoseava - se em mais cândido mármore, semblante que desfibrava os ramos de suas angústias e arguia o fio pungente de uma velha mágoa.

"Mas minha história é longa e tortuosa, e as sombras de meu passado

ainda me atormentam.” Os olhos da dragonesa voltaram - se ao vazio das alturas, como se comungassem com a inevitabilidade do crepúsculo.

Aria entrelaçou seus dedos nos daquela criatura que vislumbrava novos alentos e firmou seu juramento com uma força terna e cautelosa, como o olhar de uma mãe que cinge os filhos nos sermentos do amanhecer.

”Conta - me, Artemínia, a história de teu exílio.”

Uma aragem estruga sopesou o lenho das árvores e acarinhou com leviatã o manto lancinante de estrelas e escuridão que ali, suspenso nos contornos do horizonte, parecia balbuciar iniciais líricas.

”Meu povo, uma orgulhosa raça, amávamos nosso reino e protegíamos suas fronteiras com nossa força e nosso fogo. Mas veio uma grande calamidade, um cataclismo que nos atingiu inesperadamente e nos forçou a trair nossas promessas e nossa honra. Migrei por diferentes terras, insepulta no sofrimento e na pena, e alimária foi o destino que me guiou até Eldoria.”

As palavras de Aryssa eram como jatos líricos de cristal que, sendo derramados de uma taça de dolorosa consciência, fluíam em volutas de álaçre e anímico relíeue, argilas que o dedo de Deus utilizava para traçar lúgubres elegias nos rítmos do poeta e do amargor do homem que sofre e geme no abismo de sua vida.

”Eldoria tornou - se meu abrigo, uma sombra que arrefecia o ardor de minhas cicatrizes e me concedia a vaporosa melodia de uma quietude serena. Mas o calvário que um dia implicou minhas asas ainda se escorava no templo de minha alma e claudicava por sendas e falésias, eras e efêmeras, uma lembrança cruciforme que me acorrentava a um exílio patibuloso.”

Aria, comovida e encarquilhada nos abrolhos de sua própria humanidade, sentia a dor daquele ser rectiriço que a si mesmo se acerou e viu, por entre dobras de púrpura silêncio, como brota em sua alma nova pena e novo alento.

É a cauterização das feridas que abre o novo espírito, um renascimento que através das cinzas e dos estertores da carne abarca e envolve a alma, emoldurando - a em uma prodigiosa moldura dourada que brilha sob o sopro argênteo dos astros.

”Mas, Aryssa”, disse Aria, o rosto iluminado por uma fé intensa e irrefutável, ”teu exílio trouxe - te até nós, e tua força e tua sabedoria unem - se agora à nossa luta.”

A dragonesa, de olhos inundados por um brilho umbrático, reconheceu

o gesto de Aria como o abraço fraterno de uma humanidade até então desconhecida e albergada na substância enevoada da incomunicação. "Sim, Aria. Por vós e por Eldoria, buscarei meu perdão."

Seus dedos, outrora impotentes e estrangeiros, entrelaçaram - se e fundiram - se num tesouro de promessas e irrestrita confiança. Sob o olhar enfeixado de Lua e estrelas, Aria e Aryssa olhavam - se como quem descortina outro horizonte, onde o tempo e a morte cediam - se mutuamente e a vida brotava ribombante e ilimitada, como o jorro de um rio que propaga na terra e no cosmos os sons de sua ondulação.

Unidas, enfrentariam juntas o mais sombrio dos destinos e o mais temível dos olvidos, sem temor ou altivez, acreditando que a fé e a amizade seriam as sagradas armas com que a escuridão de suas existências seria banida e morta.

Todavia, uma chama imperritável arroubava aquele momento de terna conexão e vertebrava uma única indagação que cintilava como estrela náutica no limiar da jornada: estariam eles preparados para o confronto derradeiro com as forças ignotas e demoníacas que espairavam por Eldoria?

No leito obstreperoso da noite, onde o silêncio copulava com o murmúrio do vento nas frestas da realidade, dois corações alados e unidos por pecado e penitência, abraçavam - se num cálice de amor e devoção inusitados, clamando aos céus e ao reino nebuloso da eternidade a salvação que só o véu líquido e imorredouro das horas e dos astros poderia outorgar.

## **A Travessia da Floresta das Sombras: Enfrentando Perigos**

### Capítulo 7: A Travessia da Floresta das Sombras - Enfrentando Perigos

A Floresta das Sombras estendia - se como um punho negro no horizonte, aclamando a entrada do crepúsculo com um clamor lacônico que somente a natureza selvagem pode outorgar. Seus galhos oscilantes, moldados pela curvatura do vento e pelo súbito relampear lívido das luas, pareciam paredes desenhadas no úmido penhasco do tempo, portões enganosos e áridos que abscondiam a existência do mundo além do alcance enigmático das palavras.

Era nesta câmara sepulcral e pantanosa, este relicário silvático de dó e miséria, que Aria e seus amigos aventuravam - se naquele escurecer tenebroso, ansiosos por desvelar os segredos cavernosos que ali ocultavam - se. O coração

de cada um deles convulsava com um grotesco amálgama de coragem e temor, como a chama de uma vela que dança ao sopro do destino e questiona-se a verossimilhança das sombras que germina ao seu redor.

A vegetação enegrecia como um dossel monolítico acima de suas cabeças, engolindo-os no manto de uma neblina líquida que gemia obscenos presságios sussurrados pelos ventos agourentos. Os pés afundavam na terra molhada e viscosa, cada passo em frente uma nova queda, uma nova batalha contra a inexorável força gravitacional do solo pantanoso.

"Acredito ter pisado no solo mais vil da minha vida", murmurou Gavriel, o rosto retorcido em desgosto, enquanto extraía uma de suas botas das garras grudentas do pântano.

"De acordo", respondeu o mago Roran, "mas algo se esconde na sombra desta terra. Podemos senti-lo, não é? Há algo mais aqui, além da escuridão."

Lysander franziu a testa, seus olhos advertindo a escuridão voraz que parecia se estender em todas as direções, como uma ânsia de trevas devoradora que dormia malvolmente no limiar da percepção humana. "Não sei quem somos, mas, nessa floresta, somos todos estrangeiros", refletiu, mais para si mesmo do que para os amigos.

Aria apertou a adaga junto ao peito, como se temesse que a escuridão pudesse lépola-la, como um pano exânime que se desenrola no vácuo da noite. "É justamente por isso que devemos prosseguir", disse ela, lutando contra a angústia e sufocando-a sob o peso de sua coragem. "As sombras só terão poder sobre nós se deixarmos de encará-las."

E assim prosseguiram, cinco figuras solitárias, vulneráveis à esfera cáustica de medos milenares, desbravando a madrugada férrea das sombras imateriais e da ignorância argêntea.

Porém, a floresta logo revelou-se não apenas repleta de sombras, mas também de criaturas que tinham nelas suas moradas. Lobos mágicos, suas peles cintilando com uma suave iridescência, emergiram do vácuo sombrio em um rugido selvagem que arrancava medo do mais intrépido coração.

"Roran, uma barreira de proteção, agora!", bradou Lysander, sua voz soando como um trovão entre os galhos e os sussurros do vento. O mago ergueu suas mãos, lançando uma redoma protetora ao redor do grupo, enquanto os lobos se arrojavam contra a barreira com uma fúria contida e costumeira onde habitara o medo.

No entanto, Aryssa, a dragonesa, partiu o silêncio ameaçador com um



grito inumano, um rugido que desabrochava na escuridão como um trovão selvagem, trazendo a morte a seus inimigos. Suas chamas vermelhas e ferventes rasgaram a noite, incendiando os lobos mágicos em um piscar de olhos.

”Somos indefesos nesta floresta”, disse Aryssa, seus olhos esgazeios e ferinos, fulgurantes sob a metamorfose dos lobos. ”Mas juntos, não permitiremos que a escuridão nos domine.”

E ali, na Floresta das Sombras, seus corpos cansados e suas almas açoitadas pelo temor do desconhecido, Aria e seus companheiros descobriram a força insuspeita que jazia nas profundezas de seus corações e na solidez de uma amizade pejada de juramento e devoção.

Os medos que os cercavam foram apascentados, em sua penumbra pedrosa, e a escuridão recuou ante a indomável chama da esperança e da coragem que resplandecia na alma de cada um deles. E, unidos como uma única força, como um único anelo de um hálito fecundo, enfrentavam seus antigos inimigos e emergiam triunfantes, arrancando vitória das mandíbulas da derrota e do sofrimento.

Não mais seriam empalidecidos pelas garras da escuridão ou pelo riso agoureiro do destino, pois nas sombras enevoadas da Floresta das Sombras, cada um deles soube que juntos, e apenas juntos, poderiam enfrentar e suplantar todos os perigos, todos os horrores e demonios que esta forja de tribulação tão severa poderia lhes impor.

Eria, Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa, cinco almas unidas esperança e fidelidade, continuaram a desbravar a floresta sombria e sinistra, seus espíritos mais resilientes do que nunca e seus corações plenos de uma coragem fulgurante que nem o cálido coração das trevas poderia sublimar.

## **O Guardião e a Lição das Habilidades Mágicas: Desenvolvimento de Poderes**

Os galhos retorcidos e ferinos das árvores sombreadas pareciam se deleitar com os macilentos sussurros que escapavam da mesmice pétrea do solo. A brisa espectral dançava por entre os bambus como uma sinfonia de amarguras e desespero, vergastando-se em furor silencioso e esvanecendo-se diante da imensidão etérea do tempo perdido.

Foi neste recôndito e contrito cenário, onde as raízes das almas carcomidas

se encontravam com as áridas fendas elanguescidas do destino que Aria avistara a figura imponente do Guardiã elemento-árduo que, por séculos, manteve - se cristalizado a contemplar o arriscar primeiro fio capilar de amanhecer. Não se podia discernir se era homem ou divindade, se era crivado pelo hálito rutilante dos astros ou menosprezado por sua rígida natureza petrificada.

'Ouçam, e não olvidem', exclamou a estátua, sua voz abismal como o eco preenchendo o vazio. 'São meus estes olhos que contemplam e sofrem o abconso êxodo da frente esquecida. São meus estes lábios que, entreabertos, clamam a urgente gana de preservar butim inaudito! E irei ensinar aquele que possui coragem para desposar em seu peito as turbulências dos elementos e tornar - se o baluarte capaz de suportar os mais ambiciosos pelouros de Eldoria.'

Aria permanecia estupefata diante daquele portento de sabedoria e dedicação, e na amplidão de seu espanto, ouviu a voz quebradiça dos companheiros que, acorrentados à bruma e ao estupor, repetiam as sibilas urdidas pelo Guardiã. Ao som bravio e convulso de seus cânticos, que penetravam a névoa feito cimitarras do além, os personagens conectavam-se, transcendendo os limites de suas almas e aspiravam a grandiloquência de um saber áureo e milenar, que atravessou éons de esquecimento e abandono para trazer, naquele instante rutilante e infrutífero, o esforço alvitre das horas.

Roran, por exemplo, já não era apenas o mago sábio e precócido; seus olhos se iluminavam feito borrasca, e as mãos fulgiam com poderes inóspitos e inauditos que antes o dedilhar do destino decidira ocultar. Gavriel, o duende, transformava - se em um filósofo de viveza estóica, sentindo na fulgente torrente de saberes o ardor e o estupor da busca pela essência arquetípica. E Lysander e Aryssa, semelhantes ante o espólio da dádiva que lhes fora conferida, em quietude seraficamente argente e esplendor, abraçavam a bruma e o sono, alheando - se À sina, à fraqueza e à imensidão magnânima.

Havia algo caduco e ululante na bruma e no silêncio que açoitavam a cornucópia daquelas horas, um penhor sinistro que tremulava como bandeira negra no poente dos olhos que se apagava e dos corpos que, em um ângulo de horror e angústia, se contorciam sob o jugo da poeira selenita. Contudo, havia na face de Aria um alento, e no cerne de sua inexistência, uma certeza

de que, quando o elíxir da aurora denodasse a face noturna do firmamento, todos ascenderiam, exangues e panteístas, à magnitude e à vanidade das Edades.

E tal fenecimento não demorou a enveredar pela selva negra e abstrusa. Quando o sol, em ardor e desatino, estampida o carrilhão do éter e avizinha-se do occípita da treva, eis que se avolumam os rios e os relâmpagos da sapientia, a renascer dos mortos para trazer a Eldoria seu toque mágico e seu canto sofrego.

Aria, sendo a primeira a abrir os olhos e a testemunhar o rubro desvanecer na telúrica indústria do Éden Primogênito, avistou que seus companheiros e aliados não eram mais vítimas das pelejas do tempo e sim artífices de sua construção. Cada um, sobrevivente e perseverante nas antecâmaras elanguescidas da escuridão, trazia na testa e nas mãos a fulgurância de um novo poder, tesouro que o Guardiã, em sua shimmeriana magnitude e negligência, concedera-lhes como lápide e solômen do arcanum infinito.

”Olhem”, gritou Aria, erguendo-se e fitando seus amigos espantados e temerosos, ”nossas mãos e nossos olhos estão agora imbuídos do poder dos elementos, seu sopro e sua chama, seu ímpeto e sua leveza, cintilante e inefável como a doçura de uma amizade iluminada pela confiança e pela febrítica paixão do conhecimento.”

Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa seguiram o gesto de Aria e tragaram aquilo que o destino lhes impunha. Dentro de seus peitos pulsava agora o cadinho de uma coragem inerente, e, entre os dedos esgueirava-se o sacrário de um poder indômito, ardente como o mistral e trêmulo como a penumbra do além.

Com o legado do Guardiã brotando inextinguível em suas almas, os cinco heróis continuariam a trilhar um destino que, embora sombrio e borrascoso, estava prestes a receber o brilho imorredouro de uma força nunca antes vista em Eldoria.

## **O Desafio do Labirinto Gélido: Testando a Coragem dos Heróis**

Capítulo 7: O Desafio do Labirinto Gélido - Testando a Coragem dos Heróis

À medida que as sombras se entrelaçavam em um crepúsculo pálido e moribundo, Aria e seus aliados adentravam o reino glacial e impenetrável

de Cryorin, o coração congelado e silente de Eldoria. O vento ali gemia com o sussurro macilento de um fio prateado que serpenteava pelo firmamento lívido e vazio, rasgando os véus estiolantes de espera e consternação.

Suas respirações se transformavam em brumas cambaleantes à medida que adentravam o Labirinto Gélido, calçadas de um piso onde restos de gelo e teias de desconforto lutavam pela supremacia. Parede após parede, muralha após muralha: o Labirinto escondia, em sua ambição fria, a fúria ondeante de uma ameaça subjacente, como a fogueira que dorme sob a carapaça negra da noite.

”Sinto que nos perdemos”, murmurou Gavriel, encolhido sob inúmeras camadas de peles e tecidos robustos, ”como se cada passo nos levasse mais para dentro e menos adiante.”

Aria, com a mão tremula em sua adaga gelada, do fundo de suas entranhas arrancou palavras que alargavam sua alma: ”Haverá um caminho, e nós o encontraremos. Mas, para isso, devemos acreditar em nossos corações e na coragem que carregamos neles.”

Ao adentrarem mais profundamente no Labirinto das Gélidas Estalactites, ali deitavam diante dos cinco heróis um espectro acerbo, a ignição de seus olhos o medo e enfraquecer algemas corações - uma serpente do gelo sinuoso e de temerosa envergadura cobria-se de escamas de fulgor lunar ascendente.

”Ela nos impede de passar, nos devora como asas corrompidas na fúria do inverno perene”, gemeu Gavriel, encolhido sobre si mesmo, enquanto os demais buscavam no amago de sua coragem um soprar áureo que enfrentasse o alento voraz do monstro prateado.

”Somos fortes juntos”, disse Aryssa, açoitando sua cauda e emanando uma chama etérea e azulada que parecia suplicar a fartura de um legado coerente e indestrutível. ”Podemos vencer e conquistar, mas precisamos acreditar - acreditar uns nos outros e, antes, nas forças místicas que repousam em cada um de nós.”

E um silêncio desceu àquele lugar, manso e devastador como uma nuvem de tênue gangrena, permitindo que a respiração oscilante dos cinco personagens se encontrasse, se confundisse e se desvanecesse na bruma do horizonte lâmpido e límpido.

Então, Aria avançou, os olhos coruscantes com um vigor intrépido e imarcescível, e gritou com a voz de mil tempestades congeladas: ”Somos um! Não há medo, não há treva, não há inimigo que possa nos abalar, enquanto

marchamos juntos e em uníssono, clamando por redenção e por vitória.”

E naquele sagrado instante de entrega e determinação, seus corações bateram juntos, repuxando das profundezas de sua alma pétrea a magia e o elemento ardente que lhe fora outorgado pelo Guardiã e pela vida.

Roran ergueu suas mãos, evocando um turbilhão de ventos cortantes e gélidos como se agora fosse ele o Senhor e a montanha daquele peculiar e temível cenário.

Lysander brandiu sua espada, açoitando o ar e fazendo-o crepitar com uma energia de plumas calcinadas e silêncios imperceptíveis.

Gavriel, em um raro ato de coragem, saltou adiante, lançando feixes de luzes e fagulhas alaranjadas de seu punhal vibrante e ígneo.

E Aryssa, sua voz potente e resoluta, soltou um rugido profundo e tempestuoso, libertando sua chama azul e empenhando-se em crestar a serpente gélida e etérea.

O embate foi efêmero, lapidar; como cinzas e brasas dançando em um tableau vespertino e trêmulo, as escamas da serpente tremularam, reluziram e se desfizeram, fundindo-se à neve e ao vento em um rictus subitâneo e vazio, e desaparecendo nos confins de um silêncio e de um abismo de bruma e pavor.

Exaustos e transformados, mas de coragem doravante tingida de um prisma agridoce, Aria e seus heróis enfrentaram suas provações e venceram. Seguiram, então, com passos cautelosos, mas firmes, como uma corrente de vento que se expande e se amolda às intempéries do destino. A lição fora aprendida e o Labirinto Gélido fora vencido; e uma nova aurora despontava, refletindo em suas lágrimas e em suas peles o brilho luminoso da coragem e da esperança, forjada na tempestade imorredoura e indomável de suas almas.

## **Desvendando o Passado de Roran e Lysander: Segredos Revelados**

A chama bruxuleante das tochas envolvia Aria e seus companheiros na penumbra calorosa da sala subterrânea, enquanto examinavam os documentos antigos e empoeirados. Um tremor intangível de urgência os guiava na busca por algo, uma migalha de informação capaz de conferir algum sentido ao passado nebuloso de Roran e Lysander, dois heróis incomparáveis cuja

lealdade e coragem haviam sido provadas na fornalha dos perigos e gigantes enfrentados. Era impensável que esses homens de honra pudessem guardar segredos - mas Aria não podia negar que algo os atormentava, aprisionando - os em correntes invisíveis do passado.

Roran examinou um pergaminho com um olhar severo e determinado, seus dedos trementes deslizando pelos traços sinuosos da antiguidade. Aria observava em silêncio, suas habilidades em decodificar a escrita nas páginas desbotadas parecia um dom fabuloso que apontava para um conhecimento mais profundo do passado. Por trás daqueles lindos olhos azuis, uma tempestade de emoções indizíveis fervilhava, acorrentando os elementos e aprisionando - os em uma cela de penas e lágrimas.

De repente, o mago parou de ler, e os olhos tempestade se arregalaram, agora marejados de espanto e pavor. Sua voz saiu trêmula, como um sussurro fragmentado pelo medo: "Lysander, está aqui. Está tudo aqui."

Ouvindo a urgência na voz do amigo, Lysander aproximou - se sem hesitar, prendendo a respiração enquanto escrutava o pergaminho reclinado sobre a mesa. Seus olhos percorreram rapidamente as linhas e colunas de misteriosas runas antes de lançar um olhar espantado e buscar o olhar de Roran.

"É verdade, então", admitiu angustiado Lysander, mal conseguindo articular as palavras antes de sentar - se pesadamente diante do agonizante documento. "Mas por quê? Por que não revelaram isso a nós antes?" Açoitado por uma tempestade interior, ele tentava desviar os olhos do pergaminho, mas atraído novamente pelo vórtice inescapável da verdade.

"Há uma explicação", disse Roran, a voz agora endurecida pela resolução, como se a revelação lhe conferisse aletas para erguer - se das profundas águas do desespero. "Lysander, a verdade sempre foi mantida oculta de nós para nos proteger da dor infalível de nosso passado. Agora, porém, podemos encarar de frente e com uma força recém - descoberta esses segredos sombrios e vencê - los."

A vontade ferrenha de Roran contraía - se em uma resolução provocativa e severa, e Aria sabia que era ela quem lhes devia explicações. Juntando toda a coragem, ela revelou em uma voz falha: "A profecia nos trouxe até aqui, e agora sabemos por quê." Estendendo uma mão trêmula para o pergaminho, prosseguiu: "Suas ligações com o passado de Eldoria e os dragões são inegáveis. À medida que desvendamos os segredos de Roran e

Lysander, o destino entrelaça suas vidas nessa teia de fatos desconexos.”

Não ousando encará-los, Aria respirou fundo antes de continuar: ”O pergaminho fala de dois irmãos, separados pela tragédia e pela guerra, forçados a renunciar a seus laços de sangue e a serem recriados sob novas identidades. Esses irmãos são vocês.”

A sombria revelação percorreu o ar como faíscas de desespero, cegando-os momentaneamente com seu peso excruciante. Aria, em seu ímpeto de compaixão, sentiu cada soluço, cada tremor dos ombros, enquanto lágrimas de reconhecimento e perda inundavam o espaço entre eles.

Com um adejar de emoções revoltantes, Roran finalmente enfrentou Lysander, os olhos amortecidos pela agonia de uma batalha interna travada por anos. Erguendo a mão em um gesto cauteloso e vacilante, suas palavras começaram hesitantes e embaraçadas, mas gradualmente ganharam força e conexão, como correntes se esticando para formar uma ponte sobre abismos insondáveis.

”Nós sabíamos”, disse ele resolutamente, ”que havia algo além do que os olhos podiam ver, um fio invisível nos conectando, em meio à turbulência e à luta. No epicentro dessa tempestade, Lysander, somos nós. Somos irmãos, unidos e reforjados pelo sacrifício e pelo destino.”

Naquele instante, fagulhas de lembranças há muito perdidas, ressuscitadas pelo laço indomável do sangue compartilhado, se abateram como um maremoto sobre o coração angustiado dos dois heróis. Lysander, redimido e elevado pelo poder inquestionável da verdade, encontrou sua voz em meio ao tumulto da memória e sussurrou um nome há muito esquecido.

”Thrain Meu irmão.”

As sombras e os medos que durante anos teceram um véu sombrio sobre seus corações foram dispersos naquele momento, e os irmãos reencontrados se abraçaram em uma sinfonia de soluços e risos libertados, um redemoinho de promessas e esperanças crescentes onde antes havia apenas silêncio e interrogação.

Aria assistia em silêncio, ciente de que havia desencadeado algo monumental e visceral que jamais poderia ser contido. A verdade, afinal, tinha o poder de quebrar mesmo as correntes mais fortes e de trazer luz à escuridão mais profunda. Ao assistir Roran e Lysander encontrarem seu caminho um para o outro no efêmero labirinto do passado, Aria compreendeu a força indomável dessa ligação e abraçou a tempestade que se precipitava,

prometendo guiar seus amigos através da escuridão que ainda ameaçava.

## A Batalha Contra o Primeiro Dragão: Momentos de Tensão

### Capítulo 5: A Batalha Contra o Primeiro Dragão - Momentos de Tensão

A furiosa tempestade roncava como um feixe de cólera retorcida, açoitando o nécessaire do espaço e do tempo contra o punho impassível do destino. No olho daquele redemoinho prateado e clamoroso, Aria, junto de seus aliados, enfrentava, com uma coragem muda e titânica, o que parecera, por um instante, ser a maináce indomável de um fim certo e absoluto.

Diante deles, impávido e colossal como a própria montanha que se impunha entre as fissuras da tempestade, emergia um dragão, escamas filamentosas e enegrecidas, presas e garras de um onyx incandescente, a fumejar de suas narinas um nevoeiro gélido e amargo - um terror sideral, silencioso e ingente, nutrido há eons nos primórdios sinistros do cosmo.

Respirações arquejantes e olhares dúbios se entrelaçavam, buscando aferir, na energia cambaleante das chamas, dos ventos e das águas, a força para lutar e perseverar no embate derradeiro, aquele último momento e último suspiro que disputava, no campo de batalha dos corações aflitos, a vituperação enfurecida do triunfo e da redenção.

”Fiquem juntos, mantenham - se firmes e não se deixem dominar pelo medo”, disse Aria, seus olhos flamejantes e sua voz corajosa, vibrante como um trovão distante e tenaz, antes de erguer sua adaga e extrair dela um torrente de água que imediatamente se transformou em uma barreira protetora para o grupo.

Roran, límpido e sereno como o vento do norte, abraçou a magia e o ar elementar, permitindo que se moldasse à sua vontade e com ele se fundisse em um cataclismo de silêncio e energia sibilante que, por um instante, pareceu desviar o olhar do dragão e perturbá - lo em seu ímpeto infrene - um suspiro, um tênue respiro antes da queda final.

”Eu o retomo, irmãos”, clamou Lysander, os olhos marejados de lágrimas e de estrelas ignotas, ”eu o retomo e juro, por tudo o que me é sagrado e divino, que não partirei após nós enquanto restarem braços e pernas no esqueleto de Eldoria”. E brandiu sua espada, aço solene, cruel e nebuloso como a lembrança de um inverno transmutado em aço e em temporal,



carcomendo o ar e incendiando o peito com a lembrança ubíqua e inalcançável da liberdade.

Eterna, a batalha se desenrolou.

O dragão e o fogo invadiram a quietude daquele mar de sombras e lampejos, como destroços de um sonho solene que resvala pelo firmamento, beijando as nuvens e as trevas em doses simétricas e amargas.

Aria e seus aliados lutavam, cada um com seu berregar e com seu clamor, até que os músculos e ossos se tornassem bruma, fumaça e arpéu de tempo e espaço. Roran lançava feixes de vento e de geada armífera que cortavam o corpo sinuoso e amorfo do dragão como um chicote de vidro que faz vibrar a sanha das tempestades. Gavriel, resiliente como uma rocha ou como a fênix que renasce das cinzas, engalfinhava - se nas garras e presas, circunspecto e petrificado, aferrado como pinças de coral luminoso à juba celestial da criatura.

Em um momento solene, com o peso de um oceano articulado em glórias e quedas, Aria, exausta e exânime, venceu a armadura cósmica, abrindo uma brecha e uma ferida infinita no ventre daquele ser intempestivo e desafiador.

Aquela brecha, um fio de esperança e amargura, desabalou o equilíbrio precário da batalha e acerrou, como um punhal na entranha muda do silêncio e da noite, a vontade desarticulada e grandiosa de sobreviver e lutar.

Aria, com os olhos febris, buscou forças em suas vísceras e relançou um turbilhão de águas ciclópicas, arremessando o dragão contra uma parede de espinhos e líquens.

Então, como a sinfonia que se precipita, o embate culminou em um ápice inelutável e arrebatador. Exalando, com a respiração do coração e da terra, uma egrégora indomável e límpida, Aria, Roran, Gavriel e Lysander uniram suas forças, concretizando - as em um poder que abarcava as galáxias e os ventos, a neblina e as montanhas; iam além da percepção e, em breve, apenas eram sobrevivência em estado puro.

Em um ronco áureo e doloroso, o dragão pereceu.

A criatura revidava por entre labaredas e morte os últimos golpes ferinos, mas, à medida que o tempo se desrompeu e as correntes do destino se alicerçaram novamente em seus pilares infectos, ela desapareceu em um introverso resfolegar de fogo, chamas e fuligem onírica.

Exaustos e transformados, Aria e seus aliados emergiram do abismo de sombras e gigantes, trôpegos e ensanguentados, vitoriosos. Aquele primeiro

embate legou - lhes, no íntimo e no placar maldito do destino, a coragem e a força de enfrentarem juntos os demônios que Eldoria e a vida lhes impunham. Redimidos e renascidos das cinzas do vazio, abraçaram - se em unísono e solene, compondo uma sinfonia de lágrimas e sorrisos onde outrora clamavam a morte e o fim do tempo.

## **Abrindo a Dimensão Obscura: Enfrentando as Forças das Trevas**

O crepúsculo caía sobre a terra embaçada de Eldoria, e o tempo estagnava diante da fenda entre as dimensões. No centro do abismo infinito, afrontando a natureza e a essência do cosmos, erguia - se Aria, impelida e amortecida pelo sofrimento e ânsia de seus companheiros.

Suor e medo escorriam - lhes dos rostos, criando ranhuras nas faces em arrepio, enquanto a abertura do portal ainda pairava diante do olhar desvelado. Aria sentiu o pavor eletrizar seus músculos, eufonia muda de uma dolorosa melodia interna que sabia ter chegado a um supremo e inumano ápice.

Aproximou - se, com passos taciturnos e vacilantes, e fez - se emanar de seus dedos a brevidade icônica de um lamento eterno. A escuridão, densa e inauspiciosa, ruborizou diante do timbre vívido da esperança, de orquestra de corações e de batalhões de amizade e fogo.

- Eu sinto, meu nobre coração - disse Roran, os olhos mareados e a voz entrecortada, chispante como um risco de ilusão no ar - eu sinto em cada lufa, em cada atrito do mundo, cada macia oscilação do destino.

O mago aninhou - se à sombra desse espectro titânico, com um zumbido baixo e ignoto em seu peito, tremendo como a corrente que bifurca o fogo e a névoa em largadas mãos, em pausas que anelam apurar e iluminar os sonhos.

- Nós venceremos - sussurrou Lysander, a coragem flamejante e infalível como um relâmpago ancilar em seu olhar, enquanto buscava, em um segundo de paz, encontrar as respostas e as asas de ânsias e esperanças reclinadas no próprio abismo.

Juntou - se a Aria, com braços tremendo e vozes interpostas, e ergueu a espada em um limiar de brumas e de estrelas, pulsante de sombras e de deslimitados agouros, como uma faísca solene de eternidade arrogante.

As vozes calcaram - se no silêncio e na penumbra boreal, desfaziam - se, em um eco mudo, em uma clave de sincelas e de partituras destroçadas por redomas de passados inequívocos e belígeros.

A dimensão obscura, anelando e sedenta, abriu - se, retorcida e impávida, no seio desse choque de desesperos e verdades, lapidados em lágrimas e sorrisos fundidos em abraços e suspiros. Ergueu - se como um ídolo e como uma serpente, abraçando - se com as trevas e com reverberações de luz no escuro.

O mundo parou.

Aria fitou, com olhos sinistros e mareados, o interior boreal e fervilhante daquele inferno astral, silenciado apenas pelos murmúrios e pelos soluços de arpejos e afagos que se esparramavam pelo ar como faisões de nevoeiros e treva.

Sentiu as mãos e as almas de seus companheiros açoitarem seu ventre e costelas, anelando manter - se à tona em um mar de incomensuráveis e inançaíveis dúvidas e pulsões.

Hesitou.

No último instante, no fiapos de segundos que se apartavam lentamente do seio do horizonte, Aria encontrou em si uma força que, até então, lhe fora inviolável e profana. Sentiu - se cândida e soberana, capaz de alicerçar - se nas armas da sabedoria e no eco pugnaz da paixão - e lançou - se, com Roran e Lysander, com Gavriel e Aryssa, no abismo diplomático das trevas.

Enfrentaria as forças das trevas - e, juntos, quebrassem as correntes de Eldoria, resgatassem a vida e os sonhos, o doce e o amargo da promessa e do amor.

Ergueram - se, corajosos como nunca antes, e se adentraram, unidos e irmãos, na teia infinita e no lamento universal das noites desveladas e dos silêncios ocultos - abraçados, como nunca na vida, pelo fio inquebrável da amizade.

## **O Sacrifício e a Libertação dos Dragões: O Fim da Batalha**

Capítulo 16: O Sacrifício e a Libertação dos Dragões - O Fim da Batalha

Aria sentiu o vento rechinar nas águas sangrentas do horizonte avermelhado, e em seus olhos brilhou a esperança de um último e reluzente lampejo

antes do crepúsculo do destino. Enveredou pelos céus estriados de incêndio e centelha, enlaçada ao lombo de Aryssa, a formidável dragonesa destemida, seus corações batendo em sintonia febril e indefesa, como canção dolente que o inverno executa nos peitos esquecidos.

Ao seu lado, Roran, Lysander e Gavriel mourejavam contra o vendaval. Suas montarias lhe seguiam sem vacilar, galgando trilhas tempestuosas pelos rastros das nuvens encapeladas que se desfaziam em pálido vórtice ao léu.

O ar tornava - se áspid e cortante, ferindo - lhes os olhos e os ouvidos trêmulos de coragem. Lysander, o cavaleiro destemido, cerrou os punhos e lançou ao céu uma invocação aos seus antepassados. Uma espada flamígera surgiu em sua mão, titintando como estrela em queda, azougada pelo ânimo fremente dos guerreiros que lhe antecederiam no limiar das eras.

No horizonte, irrompeu um feixe de luz e treva, amalgamado em algumas partículas vaporentes de púrpura e âmbar. Era a última batalha contra as forças das trevas que desejavam desencadear o caos em Eldoria. Silencioso e terrível, o olhar oculto do destino os espreitava, aguçado na ponta do último véu das sombras.

"Firmes e juntos, irmãos e irmã! Não devemos ser vencidos pelo pavor!" - Roran bradou, com um vigor inextinguível de tempos idos e por nascer.

Seus olhares entrecruzaram - se, uma tapeçaria de pequenos desesperos e insurgências sublimes, encavalgados nos arquétipos da coragem e do sangue ardente que lhes pulsava nas agonias e no beijo mudo do vento.

"Por Eldoria! Nós venceremos!" - cravou Aria, as palavras saindo de sua boca como um espectro de chamas e jasmins, evaporado na boca insaciável do firmamento.

Avançaram, erguendo - se e caindo com o infindável mar de horrores e grandezas que se estendia, além do norte, do leste e do sul, até o último instante de silêncio e de multidão retumbante.

A vanguarda de suas montarias rompeu o horizonte, onde repousava uma legião de sombras e olhos devasalores, afiados e brilhosos como a lâmina incisiva da morte, lacerando o espaço e exprimindo - se como sussurros de um fantasma boreal.

No coração da tempestade, Aria e seus aliados se lançaram, seus olhos a cintilar sem desastrar, cada fagulha de coragem tremulando e recamando - se como ouro no templo distante do vento.

Fragmentos de chamas, ondulações de medo e fúria retalhavam o ar,

açoitando-lhes corpos e almas amalgamados ao lume do acaso e dos patéticos restos de esperança que lhes conferia alento. Aria lançou, com sua adaga de águas mais antigas que o vento e a poeira das constelações, um redemoinho incontável e impiedoso de geleiras e fontes, tentando arrastar e fazer ruir a armadura irremediável dos inimigos vorazes que se levantavam das sombras, acoossando-lhes o pescoço e o ventre em um manto perverso e tenebroso.

Ergueram-se, impunes, como lampejos de ira e caos, açoitando Aria e seus aliados, fazendo-os vacilar e despegar do abismo, lançados como estilhaços de uma supernova que se extingue ao eterno beijo fantasmagórico do nada.

Roran, com lágrimas ferinas e hesitantes, se lançou ao socorro de Aria, desferindo uma palavra enevoadas e sinistra que se desdobrava em um escudo iridescente e diáfano, se entrepondo entre a fuligem e o fogo dos olhos inomináveis e ardentes dos inimigos. Alijou do ar o resquício pavono de uma magia milenar, que imiscuía-se no vento e enovelava-se no coração aterrorizado das trevas e dos destroços do tempo.

Cada um de seus aliados lutava, lançando jatos de fogo, raios e plasmas palpitantes de estrelas e ventos que se erguiam, supremos e semicondutoras, do éter sideral em que o destino se tecia, voraz e intrincado. No derradeiro instante do embate, um silêncio sorde e sofismático, um atraso cardíaco na sinfonia de luz e treva que bordejava aquele paroxismo ígneo de saldar os grillhões estiolados do futuro e do passado.

Cada golpe, cada respiração laboriosa e cada centímetro de coragem infundiram-se nas chagas abertas pela luta intensa que se desenvolvia ao redor deles. Aria sentiu a escuridão consumir o espaço em seus olhos, o frio penetrar em seu âmago enquanto o cansaço tomava conta de sua mente.

Os inimigos das trevas foram perdendo suas forças à medida que caíam sem rosto e músculos nos braços da noite. O último vestígio de sombra secou com um choro e um grito, liberando novamente a luz e o horizonte de Eldoria no firmamento em paz.

Aquele embate final, que os levou a questionar sua determinação e a enfrentar sacrifícios no campo de batalha, desvendava perante eles a conquista de um futuro promissor para Eldoria. Ao último alento da chama da guerra esvaecer-se, finalmente compreenderam o verdadeiro sentido de amizade e união.

Exaustos e transfigurados, balbuciavam seus triunfos e seus lutos, es-

quecidos momentaneamente da fadiga, da escuridão e do ardor do sangue e das lágrimas. Aria e seus aliados, vitoriosos, reerguiam - se ao som do canto silente das estrelas e da rotação do cosmos, selando com sua coragem titânica o nexo perdido entre Eldoria e a paz.

Retornavam aos seres mágicos, aos reinos encantados que lhes haviam guardado as esperanças e as lembranças mais doces e profundas, como se estivessem cravados no peito do tempo imemorial.

Embargada pela emoção, Aria virou - se para seus amigos, encontrando nos olhos amoibe e líquidos de cada um a força e a beleza indomáveis da contrevação e da perseverança.

”Conseguimos e conquistamos!” - exclamou Lysander, entre lágrimas comovidas.

Em um abraço solene, eles admiravam Eldoria restituída, renascida e blindada pelas brumas douradas do amanhecer de um novo tempo. Selados os dragões, pelos sacrifícios de homens e de divindades, a paz retornou às terras dessa mágica nação. Unidos pela amizade inquebrável, aprenderam que, mesmo diante do caos, a coragem e a união se mostram como a força mais poderosa para a libertação de todos.

## Chapter 12

# A Ascensão da Resistência Unida

À espreita das sombras da cidade, uma figura solene emergiu, esgueirando-se pelas vielas abandonadas e repletas de miséria. Roran caminhava com pressa, seu peito hesitante e ofegante, enquanto seus olhos procuravam as marcas de uma revolta há muito esquecida. Aria apertou sua mão, sentido seu pulso reboar como o martelar de um ferro na bigorna dos olhares clandestinos.

O mundo silenciava em torno deles, as vozes e os sussurros de uma resistência adormecida que se escondia por trás dos sorrisos e das sombras, ocultos nas catacumbas e becos esquecidos, esperando o dia em que seus gritos e mágoas erguessem os dragões do labirinto espectral do passado.

Ao chegarem a uma pequena sala nos escombros de um casarão dilapidado, Aria e Roran encontraram Lysander, Gavriel, Aryssa e outros recém-chegados da chamada à revelia. Reuniam-se ao redor de uma mesa coberta de mapas e planos, cada um com uma palavra sussurrada com fervor e dúvida, enquanto tentavam tecer uma corrente de resistência que pairasse na bruma e na escuridão, um baluarte solene de coragem e esperança que suportasse o peso de um mundo despedaçado na carne e na chama.

”Silêncio,” ordenou uma mulher de cabelos prateados e olhos gélidos como o mesmo horizonte que chamuscava a fronteira da morte e do desespero, balbuciando palavras místicas e invocações que se erguiam, qual um elixir de preservação e fortaleza, nos lábios procelosos de seus aliados. ”Há algo que precisamos saber, e apenas Aria e seus corajosos amigos podem nos contar.”

Aria sentiu-se insultada, a indignação fervilhando em suas entranhas e subindo com força à superfície de sua pele, enquanto fitava a tensão na face tensa de seus companheiros. Pensou em lançar palavras afiadas e ásperas, mas a serenidade e a promessa de uma coragem reluzente no olhar de Roran a fizeram reconsiderar e tecer, de memória e fio, a história que a tinham se desencadeado no fluxo voraz e desertor de um mundo que flutuava na beira do horizonte, como uma canção lamentosa e furtiva na presságio do vento.

”Não temos tempo a perder, aqui estamos juntos, unidos em um propósito único que irá moldar o destino de Eldoria por gerações,” ruminou Aria, a voz trêmula e decidida entrelaçando-se na penumbra.

”Todos nós temos razões para lutar, para resistir contra o crescente domínio das trevas em nosso mundo encantado. Juntos, nós nos ergueremos não apenas como aliados, mas como um símbolo do triunfo do espírito humano e dos seres mágicos sobre a escuridão eterna.”

O silêncio sorveu as últimas palavras de Aria, um eco fantasmagórico nos olhares e nas almas atormentadas que se escondiam entre os destroços e os sonhos abandonados de uma nação em desespero. Gavriel, em um gesto modulável e ligeiro, conspirou no ar uma pabulagem de códigos e enigmas, que emergiam como curvas e ângulos furtivos na luz inconstante de uma vela desvairada e humilde.

”Os planos estão prontos. Mas precisamos de coragem, força e união, o suficiente para enfrentarmos o abismo que se abriu em nosso próprio lar,” expressou Lysander, com seu olhar impávido e mortal, furioso como o vento que expressa com tíbios dedos aos lamentos mortos no ossário das sombras.

”Nós seremos essa coragem, essa união,” exclamou Aryssa, seu olhar feroz dançando na chama recôndita do lume, enquanto buscavam entre o vazio e o infinito singular a esperança suprema de cinzas e de raios que se desenlaçarão nas águas trêmulas do caleidoscópio do destino.

O silêncio, em uma ternura melancólica e sinistra, precipitava-se sobre a cabeça da centelha inquebrável que se erguia dentro daqueles que amavam as trevas.

”Então é hora,” murmurou Gavriel, o grito atônito de sua voz fazendo tremer o alicerce do mundo. ”A hora da Aurora da Resistência Unida!”

Aria e seus companheiros, de mãos unidas e corações acelerados, se ergueram, impenetráveis em sua coragem e sua determinação, capazes de abalar o universo e de arrancar, pelo fio dos espinhos e das estrelas, o amor



que havia sido roubado e desfigurado em Eldoria.

”Para Eldoria!” ecos silenciosos tremeluziram junto às chamas e ao vento, solitárias valsas humanas e mágicas que rompem o silêncio do tempo e do terror.

## **Apresentação dos Personagens Coordenando a Resistência**

A tempestade rugia nos céus sobre a Cidade Esmeralda, e os trovões acirravam - se, como uma presença ávida que se alastrava com persistência vindicativa. Nas vielas escuras e sinuosas, por onde a luz parcimoniosa das estrelas lutava em vão para penetrar a sombra, reuniu - se um grupo improvável de heróis e conspiradores, lançando suas vozes cautelosas e temerárias aos ventos que arfavam e uivavam pelos corredores esperançosos da resistência.

Aria, com o coração inflamado e pulsante de coragem e resolução, se postou diante dos amigos e aliados que arremessava, em desespero e fé, aos destroços e limites dos seus medos mais profundos e deslumbrantes. Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa moldavam junto a ela a tênue linha de luz e ousadia que se erguia frente ao vórtice de trevas e ao perigo sussurrante que permeava as brumas vindouras dos tempos emergentes.

”Escutem - me, companheiros,” disse Aria, sua voz escorrendo pelas bordas do silêncio, como uma trilha estrelada se desgrenhando no ar opressor da noite. ”Não há um segundo a perder, Eldoria jaz sob um miasma de correntes fatais e desvairadas, e somente nós podemos salvá - la das garras que se estendem, insidiosas e sinistras, em direção às chamas que dormem nas montanhas distantes.”

Os olhares cruzaram - se, uma intrincada rede de dúvidas e fervores íntimos, onde se refletia um vasto horizonte de lembranças amargas e calcinadas pela mágoa das desistências desvirtuadas. Sentado à esquerda de Aria, o mago Roran Tempestário brilhava seu olhar cerúleo, severo como o dilúvio que flutuava em suas veias.

”A memória daqueles que tombaram em nossa busca deve ser homenageada e vingada em harmonia e coragem,” proferiu calmamente. ”Nossas habilidades únicas e nossa fé mútua podem ser a força inabalável que desarticula os ardilosos planos das sombras, se nos mantivermos unidos como um facho de esperança que corta, impávido e impune, a penumbra inominável.”

Aria fitou o rosto de cada um dos presentes, seus olhos ardendo como um sinal incendiário de rebelião e de retumbante convocação; suas mãos se enlaçaram, cingindo - se na fímbria do sobressalto e do destino ignoto que se adivinhava através das brumas siderais e das palavras ocultas do pergaminho que sempre lhe escaldava as memórias e os sonhos.

Acomodada à direita de Aria, a dragonesa Aryssa Vendaval olhou profunda e sagazmente nos olhos da moça, esplêndida e solene como um eclipse na véspera do esconjuro e do armistício com o destino. "É chegada a hora de juntarmos nossas forças, irmãos de batalha, e de enfrentar - nos, destemidos e intrépidos como o vento, às muralhas enfumaçadas e escarnekedoras das cadeias do longínquo amanhã."

Neste instante, todos os olhos presentes repousaram sobre o rosto indomável e tranquilo de Lysander Martelar, o cavaleiro de rara integridade e lealdade, que até então trançava silenciosamente as palavras de confiança e brio aos cabelos de Eldoria no afã de reacender a chama fulgurante da resistência.

"Mesmo que o mundo entenebreça numa noite eterna, não desistiremos de levantar nossas espadas e escudos em defesa do lugar que chamamos de lar," murmurou o cavaleiro, erguendo seus olhos coruscantes como estrelas derradeiras que persistem, num rúbido último, em desafiar as trevas. "Há uma centelha que transcende as dimensões das sombras e das súplicas, e essa centelha, ardente e reticente, é a nossa convicção e a nossa promessa, selada no leito do fim e do começo da coragem."

Ao redor da mesa, que, em seu fulgor precário e oscilante, espelhava a sinuosa trama de anseios e determinações que se entrecortavam no vácuo luarento e profético da noite, cada um dos presentes buscou, nos recônditos da alma e no desígnio obstinado das veias e dos músculos, a voz peculiar e surda de um clamor íntimo e multipartidário, que os incitava a uma revolta despudorada e ao derradeiro passo ao longo do abismo.

Em um gesto solene e sideral, Aria fechou os olhos, açoitando - se com a tempestade que escapulia da sua voz e de sua fé descabidas e atrevidas, e ergueu, como um escudo sideral de consolação e medo, a palavra que os unia, imperecíveis e implacáveis, à eternidade do engajamento e do intangível entonteadado que se despendia do firmamento:

"Resistência!" ecoou sua voz no silêncio e no ar gélido da noite, e na memória e na renúncia de cada um que segurava Eldoria num suspiro, e

lançava - se ao ultraje das eras, como um sacrifício aos deuses e aos sonhos que dormiam, à espreita, no abismo e na esperança das gêmeas vigílias.

## Compartilhando Informações e Estratégias Cruciais

As sombras dissipadas pelos braços trêmulos do crepúsculo envolviam o grupo em um abraço invisível, enquanto eles se reuniam em um círculo que se afunilava em torno da chama do fogo. Neste ponto da jornada, as vozes crispavam em fendas e fissuras, hesitando diante do vácuo e da profundidade que se estende até os limites arcano de Eldoria. É neste momento, que Aria levanta sua voz e busca alcançar seus aliados com palavras que as chamadas crepitava em relutância.

"Decifrando o pergaminho - murmura Aria - descobrimos a estratégia das forças das trevas e as terríveis intenções com os dragões. Precisamos debater nossos próximos passos, combinando nossos conhecimentos e habilidades".

Os olhos dos presentes se cruzaram, faíscas nervosas saltitando de um olhar para o outro, o peso de suas escolhas e de sua missão lançados em confusões e fazendo pulsar a essência do conflito e da coragem diante do desconhecido.

Roran levantou a cabeça e endireitou os ombros, como se, num gesto abrupto e premente, tentasse recompor a integridade dos corações e das consciências aos sopros da carícia da desolação.

"Aria está correta - afirmou o mago -, somos fortes juntos, e nossa força está no conhecimento e na vontade de compartilhá - lo."

Lysander decidiu se posicionar também, e com um olhar sombrio e repleto de pesar, iniciou seu relato.

"Eu sei um pouco sobre as serpentes aladas, seres sombrios e traiçoeiros. Podem voar a velocidades impressionantes e possuem um veneno altamente letal", disse ele.

Era evidente o desejo de dissipar a melancolia cujos tentáculos se enrolavam nas entranhas das secreções do passado, e que neste momento ele buscar erguer a fachada enérgica e buliçosa que exhibe em seus mil sorrisos crepusculares.

Gavriel, neste instante, endireitou - se e piscou os olhos, desprendendo - se de pensamentos abismais e profundos, falou com serenidade, embora sua voz tropeçasse em arpejos intimoratos e silhosos: "Conheço a estrutura da

Floresta das Sombras como a palma das minhas mãos, mas nunca adentrei suas frações mais sombrias, trechos que somente podem ser alcançados com um conhecimento oculto e profundo.”

Aria sentiu-se impelida a falar, movida pelos relatos de seus companheiros. ”Os dragões, de acordo com o que lemos no pergaminho, estão despertando um a um, fazendo danos nos locais onde se encontram selados. Acredito que devemos nos concentrar na busca e confrontá-los antes que causem mais destruição.”

Havia, cintilante nas palavras de Aria, um sinal de ameaça e um traço de reivindicação, como se, na tentativa de desviar o olhar das incertezas e projetar os olhos no horizonte de sua luta, pretendesse converter-se em arauto do destino. Por um instante, o silêncio enroscou-se no espaço entre eles, um silêncio povoado de dúvidas e conclusões ambigualmente delineadas.

Aryssa interrompeu a quietude, sua voz carregada de ponderação e vulnerabilidade. ”Não podemos deixar que essas criaturas corrompam o equilíbrio e destruam nosso mundo. Devemos enfrentá-los, sim, mas não sem planejamento e conhecimento. Nosso poder vem da união e da vontade de proteger Eldoria. Não podemos vacilar em nossa determinação, e nosso empenho deve ser irrefreável.”

As palavras da dragonesa ecoaram como o trovão roubado das faíscas dos olhares, e todos se voltaram com um aceno e um gesto assentido, comprometendo-se com a causa comungada na chama e no sangue.

”Sim, cada um de nós possui dons únicos e recurso a conhecimentos vitais, liberados como antídotos dispersos nos caminhos recônditos do crepúsculo”, murmurou Aria, sentindo-se inundada por uma onda indescritível de solidariedade e embrionária determinação.

Erguendo a fronte para olhá-los, disse em tom solene: ”Aquele que conhece as montanhas, as planícies e os rios, que percorre o trilho invisível da floresta das sombras e enfrenta os inimigos em nome da nossa causa e esperança, compartilhe conosco sua sabedoria e seus segredos. Unidos, e inseparáveis como um só corpo, venceremos cobras aladas e dragões das trevas. Por Eldoria.”

Então começaram a compartilhar a estratégia, o coração investido de um anseio cocriador e desperto, enquanto as sombras dançavam nas bordas do fogo, e as estrelas observavam em silêncio e volúpia.

## Planejando Missões para Impedir a Libertação dos Dragões Restantes

A neblina de um amanhecer melancólico pairava sobre a Cidade Esmeralda, como um manto de vapor incerto e perturbado. Nas alamedas tortuosas e ermas, cruzavam-se silhuetas cambiantes de heróis e conspiradores, cujas sombras trêmulas se teciam no tapete de incertezas e angústias que os espreitavam em cada esquina perdida e atalho esquecido. Aos poucos, as portas rangendo com relutância e medo cederam à entrada de cada membro do grupo de aventureiros, que se convergem em um susurro crepuscular de segredos e desígnios ocultos.

Aria liderava o cortejo de esperanças e temores interligados, seus olhos fuzilando como fochos de determinação e revelação em meio às trevas e aos enigmas que se entrelaçavam na sala, onde apenas o fraco lusco-fusco das lanternas oferecia um vislumbre dos rostos inquietos e das vozes abafadas.

Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa se sentaram em torno de uma grande mesa quadrada, coberta de mapas empoeirados e pergaminhos esbranquiçados pelos tempos e pelas cicatrizes dos enredos desgastados e insondáveis. As palavras escapuliam, como pérolas caídas pelo sono do ar, e a cada nova frase os semblantes dos heróis se inflamavam com uma ousadia temperada pelo desespero e pelos desafios que lhes deslizavam, como serpentes invisíveis, pela imponderável fímbria do amanhã.

”Há ainda uma centena de dragões aprisionados nos recônditos ignotos de Eldoria,” Aria começou, vasculhando os olhares interrogativos e vigilantes de seus aliados com um inquebrantável fio de coragem.

Suas mãos tremiam, como se as memórias poeirentas do pergaminho a envolvessem com um enredar inesperado e súbito, e de seus lábios se evadia uma corrente surda e indefinível: ”Devemos agora, mais do que nunca, buscar em nossos corações e nas torrentes das nossas esperanças a estratégia que irá consumir a nossa luta e deter o dilúvio das trevas que rugem, como uma fera ancestral, nas estepes infinitas do destino.”

Os olhos dos aventureiros se entrecruzaram em um caleidoscópio de dúvidas e resoluções, e o silêncio se insinuou na sala, como um espectro inaudível e tácito.

Foi Lysander quem rompeu o feitiço da quietude arrebatada, erguendo sua voz como um farol de palavras audaciosas e desafiadoras: ”Nenhum

dragão restante deverá ser resgatado das trevas, e a cada pilar de sombras e correntes traiçoeiras que serrilham os penhascos das montanhas e dos abismos, enfrentaremos corajosamente a fúria das guerras e dos vendavais que se desencadeiam em furor no coração de Eldoria.”

Um murmúrio de assentimento e de consolo se propagou pela sala, e Aryssa, a dragonesa destemida, levantou-se de seu assento, suas escamas refletindo a luz pardacenta das lanternas em uma miríade cambiante de cores e emoções à flor da pele.

”Sabemos que o caminho a ser traçado é longo e repleto de emboscadas e infortúnios,” ela declarou, seu olhar cintilando como uma tempestade de brasas e de céu noturno, ”mas cada um de nós possui um conhecimento profundo e secreto, uma habilidade quase divina, que, ao direcionarmos nossas energias e convicções em uma sinfonia única e impenetrável, rasgamos as névoas das sombras e dos sórdidos enigmas que conspiram, astutos e impiedosos, contra a nossa jornada.”

Aria acenou com gratidão e admiração às palavras de Aryssa, e devolveu o ardor que a seiva do coração da dragonesa lançara através das veias congeladas da incerteza e do medo.

”Vamos visitar as aldeias, as cidades e os recantos distantes e inomináveis de Eldoria,” prosseguiu, sua voz ecoando como um clarão de luta e desespero no silêncio e no redemoinho da noite, ”e a cada passo, a cada soprar de vento impetuoso que se desprendia das asas do tempo, lancemo-nos ao abismo do esquecimento e recobremos, no cimo do vórtice dos nossos sonhos e anseios, a chama que balbucia e persiste em desfazer as correntes das eras.”

Os aventureiros assentiram, com uma mistura de ansiedade e firmeza inabalável, e em seus olhos chispavam as nascituras escolhas e os crepúsculos incertos dos corações desgarrados e resolutos.

”Dividamo - nos em grupos, como as fadas e os ventos de Eldoria,” apontou Roran, sua voz dotada de um timbre sussurrante e excitante como um eloço arcano de palavras mágicas e segredos imorais.

”Por Eldoria e pela esperança que ainda nos impele à beira do precipício,” Aria murmurou como um aceno e uma renúncia à hesitação que lhe envolvia o coração e as entranhas, ”e que os deuses e os mistérios insone das nossas convicções nos protejam no limiar do desconhecido.”

## Treinamento de Habilidades Mágicas e Combate em equipe

As cinzas do crepúsculo desabrochavam como chamas pardacentas nos lábios e nos olhos dos aventureiros, quando Aria e Aryssa cruzaram os antigos umbrais da arena, onde eles haviam combinado reunir-se para aprimorar suas habilidades mágicas e sua tática de combate com o grupo. Arcos de pedra dourada e azul-celeste suspendiam-se como asas gigantes e tênues das sombras, à beira do abismo do esquecimento e das indecisões que confundiam as mentes e as palavras dos heróis de Eldoria.

Roran aguardava os companheiros no centro da arena, seu manto esvoaçando como um sussurro surdo e inquietante, uma mão levantada em suspensão e em silêncio, comandando as chamas do fogo que rodopiavam freneticamente em torno dele, como uma dança de faíscas e de sombras fulgurantes.

Lysander, sentado à beira de um muro erodido pelas guerras antigas e pelos olhares famintos de um porvir em desaparecimento, observava com olhos penetrantes e compreensivos a sincronia da magia e da matéria que se delineava na ponta dos dedos e das almas de seus aliados. Gavriel circulava pela arena, inspecionando a perícia e o desempenho dos companheiros, esquivando-se das fagulhas lançadas pelo esforço e pela labareda incandescente do ardor e da determinação que inflavam os espíritos e iluminavam os rostos dos heróis.

Aria inspirou fundo, sentindo a energia mística perpassar cada célula de seu corpo em uma sinfonia de unidade e poder. Ela ergueu as mãos e começou a manipular o líquido vital das fontes de água ao seu redor, desenhando padrões complexos no ar com sua magia. Sua concentração voltava-se para a sintonia fina de suas habilidades, buscando alinhar-se com os movimentos e ritmo dos outros.

Aryssa, por sua vez, ergueu os olhos para o céu e deixou escapar um murmúrio inaudível, que reverberou no ar como uma onda de energia invisível e insondável, envolvendo seus aliados em um abraço etéreo e sombrio de esperança e força mística.

”Encontrem-se nas profundezas de suas almas”, sussurrou a dragonesa, enxugando uma lágrima silenciosa e engolindo as palavras de fé que lhe abriram as comportas da determinação e dos esforços ancestrais de coragem

e persistência.

”Entendam a magia que reside em cada um de vosso ser, e permitam que os rios de poder que correm nas veias e nos pensamentos de vocês ricocheteiem como fios luminosos e indissolúveis de marfim e arco-íris”, continuou Roran, desviando o olhar dos olhos fixos e interrogativos de Aria e direcionando sua voz e sua energia para as envolturas de silêncio e de animação que circundavam os corações fluorescentes dos heróis.

Lysander, neste instante, ergue-se de seu silêncio momentâneo e se dirige para o palco central, onde seus companheiros compõem um círculo ininterrupto e vibrante de habilidades e odores mágicos. Seus olhos, faiscantes como esmeraldas fulgurantes, congelam por um instante naqueles de Aria, que se encontram como em um embate entre a dúvida e o prazer, entre o orgulho e a humildade.

”Confiança não é algo que possamos buscar cegamente, nem mesmo ao som das fórmulas arcanas e meigas dos encantamentos e das ilusões. Precisamos aprender a ver a singularidade e o poder indescritível das nossas almas e de nossas emoções nos reflexos do olhar e das cicatrizes dos outros.”

A tensão e o nervosismo que pairavam no ar dissolviam-se aos poucos diante das palavras de Lysander, deixando espaço para a esperança e o entusiasmo crescente por esta nova sintonia e coordenação entre cada membro do grupo.

Gradualmente, a harmonia entre os movimentos e gestos mágicos de Aria, Roran e Aryssa fundiu-se com as habilidades acrobáticas de Gavriel e a perícia de combate de Lysander, criando um balé de energia e poder que envolveu a arena em um deslumbrante espetáculo de luz e sombra.

Com a duração de uma batida cardíaca torturada e durável, o grupo imbuído de magia e esperança chamejante se mostrou como uma força inabalável e singular. O jogo de habilidades místicas, combinadas com a tática de combate assertiva e infalível, revelou o potencial inegável de cada um, solidificando a amizade e aliança entre eles.

Ali, na arena, tendo pelos olhos e pelos corações a testemunha imortal e quimérica das vidas em jogo e do destino funesto e insone, Aria e seus aliados forjaram um laço de confiança e determinação que perduraria além das eras e dos suspiros que se traçavam nas bordas invisíveis do pó, das cinzas e dos rasgos da essência de Eldoria.



## Estabelecendo Alianças com Outros Reinos e Líderes

A fimbria do anoitecer descia sobre a Cidade Esmeralda, tingindo de um dourado pungente e auroral os mosaicos e colunas intrincadas que bordavam o horizonte. Aria, Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa adentravam o majestoso Salão das Alianças, onde, juntos e determinados, desejavam forjar tratados e pactos com os dignatários e soberanos das terras adjuntas e longínquas. Nos últimos meses, o grupo havia viajado por ermos selvagens, labirintos escuros e trilhos solitários, na busca de apoio para sua causa e fortalecimento de sua resolução.

Sabiam que a única maneira de enfrentar, com a coragem quimérica dos antigos, a ameaça crescente dos dragões e das núvens escuras de Eldoria era unir em uma aliança imortal os destinos e as lendas de todos os povos e seres místicos.

As portas do salão se abriram, e a luz do crepúsculo insinuou-se entre as frestas, como um dorso de serpente à espreita da sombra noturna. Aria, marchando à frente de seus companheiros, sentia o cerne do seu ser pulsar com emoções inexprimíveis e caleidoscópicas. Ansiava por apresentar a eles sua visão de um futuro pacífico, sustentado pela magia e pelo alento da persistência coletiva.

Rostos se voltam em sua direção, com suspiros de surpresa e admiração. Reis e rainhas, marechais e sacerdotes, elfos e feéricos todos contemplavam a entrada daquela jovem aventureira e seu grupo destemido. Aria notou, entre eles, a presença do Rei Urquhart de Navalecia, cujo semblante erguia-se como uma montanha de granito e de mistérios insolúveis.

”Vossas majestades, altos dignatários e senhores das terras e dos sonhos de Eldoria,” iniciou ela, seus olhos flamejantes como lindas e quase inatingíveis gêmeas luzentes, ”venho a vós hoje, acompanhada de meus corajosos aliados, para propor uma aliança das mais nobres e poderosas. O tempo é escasso, e os dragões e as trevas espreitam nas fronteiras do nosso mundo encantado.”

Os sussurros se espalharam pelo salão, e um marechal de um reino distante ergueu sua voz, hesitante e impertinente: ”E o que acreditas, jovem feiticeira, que poderá ser feito para impedir a derrocada predita pelas estrelas e pelos presságios das cabeças coroadas e dos corações exilados?”

Aria respirou fundo, sentindo o lastro das palavras que se entrelaçavam

em sua memória e em sua força, e replicou com fé e serenidade inabaláveis: "Juntos, poderemos enfrentar os dragões e as sombras, substituindo as correntes do temor pelo ímpeto e pelo brilho das labaredas da esperança e da verdade. Cada reino, cada ser tem dentro de si uma centelha, um elixir de sabedoria e de renúncia que arde, insone e antiquíssimo, pelos caminhos do infinito."

Uma pausa se fez, e Aria acrescentou, dirigindo-se a todos os presentes como se em um chamamento ancestral e profético: "Ofereçam vosso conhecimento, vossas habilidades e vossa fé no futuro de Eldoria, e juntos, como um clarão de luz, dissiparemos a névoa das trevas e das forças que ameaçam solapar os feitos e os desígnios dos nossos povos."

O silêncio se elevou como colunas de névoas incorpóreas, e no lusco-fusco da sala, os líderes e soberanos da vasta miríade de reinos e histórias entretecidas na tapeçaria de Eldoria se entreolhavam, insondáveis e operosos.

Cabeças finalmente se inclinaram e mãos se estenderam, e Aria sentiu que, em meio ao labirinto de emoções e mágoas que consumavam a noite e o destino, um fio condutor de aliança e esperança se despregava, como um despertar de estrelas e canções inesgotáveis.

O Salão das Alianças se abriu, e, entre os risos e as trocas de promessas e tréguas, o grupo de Aria se deixava envolver pela consciência de que sua jornada não cessaria ali, nas fronteiras das claridades e dos crepúsculos moribundos.

Seria, a partir de então, um correr de rios e de luzes, um abismo de esforços e de desafios, um embate diário entre a esperança e o medo, o alvorecer e o anoitecer dos corações e das batalhas de Eldoria. E, unidos pela fímbria de um pacto e de um destino imponderável, Aria, Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa trilhariam adiante, compassados e resilientes, pelo prado e pelo véu do futuro insondado.

## **Desvendando os Planos das Forças das Trevas**

As sombras impenetráveis devoravam cada superfície e contorno da sala escura, conformando-se com os desejos e os segredos das forças escuras que haviam outrora governado aquelas abóbadas. A tênue luz de uma fogueira azul-escuro ondulava nas extremidades das tábuas envelhecidas, lançando uma aura mística sobre a mesa central, onde inúmeros mapas, pergaminhos

e insígnias repousavam.

Com suas faces temerosas pintadas de terror e angústia, Aria e seus aliados se aproximavam do abismo de enigmas e traições que envolviam a teia das trevas de Eldoria. Lysander ergueu um mapa, estudando as intrincadas linhas de coordenadas que rastejavam pela superfície como serpentes sinuosas, enquanto Roran desdobrava uma série de pergaminhos escritos com uma caligrafia arrepiante. Gavriel examinava cada insígnia com seu olhar perspicaz, e Aryssa prestava atenção às palavras que escapuliam, como gotas de sangue gélido em um silêncio sepulcral, dos lábios de Aria.

Ela os havia convocado para aquela dolina escondida e desconhecida das profundezas de Eldoria com o propósito de revelar - lhes batalhas iminentes e os planos diabólicos que as forças das trevas urdiam no ventre do desespero e do vazio. Apoiando - se na mesa, com olhos aveludados como orvalho sob chuva crepuscular, ela falou, sua voz cortante e etérea como o sussurro dos ventos das montanhas áridas.

"Meus amigos, estes são os segredos ocultos das forças das trevas que buscam prender Eldoria em suas correntes brutais e sem olhar para trás," ela começou, engolindo as palavras que lhe arrepiavam os cabelos e os ossos transidos. "Este mapa é uma representação fidedigna dos seus covis e redutos, onde orquestram suas conspirações insidiosas."

Lysander, com a expressão marcada de uma indagação tortuosa e dolorida, apontou para um x marceneiro que saltava como uma ferida infectada no coração retorcido do labirinto das trevas e murmurou, perplexo e incrédulo: "E o que faremos diante dessa informação ameaçadora e quase indecifrável, Aria? Quantos olhares e seres já pereceram, mesmo desgarrados do abismo e dos dedos enluvados por veneno e traições?"

A voz de Aria flutuava pelo ar com a languidez de um pensamento abandonado e a resolução de uma fita que se enrijece e se estreita no fulgor das névoas da aurora.

"Devemos tomar a iniciativa - surpreendê - los e desarticular suas operações, impedindo que seus planos lancem as sementes da aniquilação e das trevas sobre os solos indomáveis e inquebrantáveis de Eldoria."

O clamor silencioso das veias se expandia e se encolhia no redemoinho das tendências e das palavras que se escondiam atrás dos espasmos e gemidos das emoções e das razões internas de Aria.

"Não podemos enfrentar o restante dos dragões e os espíritos inquietos

e sombrios das trevas sem nos adiantar a suas manobras e desvendar os limites e as minúcias de suas estratégias e de seus labirintos enegrecidos pelas nuvens do ódio e do desespero.”

Os olhos de seus companheiros estavam fixos nela, e Aria percebia a incredulidade, a convicção e a dúvida que se entrelaçavam, como espinhos e vozes inexprimíveis, na curva infinita dos lábios e das mãos impassíveis. E mesmo assim, dos recessos mais profundos de sua alma, onde jazia a semente da determinação e da magia ancestral, surgiu a certeza que seu instinto de liderança e a força inexpugnável de seu coração a guiarão e a seus amigos pelos abismos e precipícios dessa batalha inimaginável e avassaladora.

”Meus amigos, nós entraremos no coração das trevas, com a força da união, da magia e dos silêncios inabaláveis. Selaremos nossas almas e nossas palavras, na certeza de que, a cada passo, a cada fulgor, estaremos marchando para a batalha final, em que as sombras e os dragões não mais ameaçarão as bordas das escuridões e das pálpebras doloridas.”

## **Ataques - surpresa para Desarticular Operações Inimigas**

Envolta pelo manto da noite, Aria observava silenciosamente a fortaleza escura que se erguia à sua frente - o covil das forças das trevas de Eldoria. Seus olhos brilhavam com a chama da determinação, ao passo que ela delineava mentalmente o plano de batalha. Ao seu lado, Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa aguardavam suados em ansiedade, os olhos aguçados e as mãos firmes nos punhos de suas armas. No ar, pairava a tensão de um enfrentamento iminente.

Aria voltou-se para seus companheiros, sua voz baixa e firme como a lâmina de uma espada. ”Está na hora”, disse, sabedoria e coragem fluindo de cada palavra. ”Atacaremos em equipes. Roran e Gavriel, serão os responsáveis por causar distração entre as criaturas hostis, e, aproveitando essa confusão, Lysander e Aryssa irão desarticular os mecanismos de transporte mágico das forças das trevas.”

Lysander assentiu em silêncio, e Gavriel observava Aria com admiração e confiança, a ansiedade de seus olhos esmaecendo ante a convicção dela. Aryssa, as escamas de seu corpo iridescente espelhando a luz errante das estrelas, também acenou positivamente, o brilho dos seus olhos refletindo o ardor de um vulcão prestes a entrar em erupção.

Separaram - se em seus postos, os passos cautelosos e vibrantes como o murmúrio de um vento prenunciando a tempestade. Roran e Gavriel assumiram suas posições em uma colina adjacente, de onde lançavam feitiços de explosão e ilusão para atrair a atenção e gerar tumulto entre os inimigos. Enquanto isso, Lysander e Aryssa, como sombras ágeis e furtivas, deslizaram pelas laterais do covil, evitando serem vistos e detectados pelos olhos acostumados às trevas.

O som das batalhas e das balbúrdias ecoavam pelo vale, mas também o faziam os sussurros deliberados e os gaites das forças que apenas se intuía e não se divisavam. Aria, entretanto, não se permitia fraquejar: erguia - se em meio ao meteoro de violência e esperança, e cada gesto que emitia parecia ecoar um hino à redenção e às tempestades que se desenrolavam no firmamento de Eldoria como nebulosas de tinta fresca em um pergaminho de luz.

Enquanto Gavriel e Roran, com uma sinfonia mágica e um balé de coragem aquiliana, mantinham o foco das forças hostis, Lysander e Aryssa alcançavam os mecanismos de transporte das forças das trevas e, com precisão e tática, destruíam - nos com golpes celéricos e flamejantes.

Mas foi no instante em que a última faísca de luz explodiu como uma chuva de astros que sombras fugazes envolveram os heróis nessa abóbada de destinos cruzados e de redemoinhos de forças ancestrais. Aria sentiu o toque frio e pétreo das trevas enroscar - se em seu pescoço, e um riso gélido, como a angústia de um fantasma solitário, parecia entoar a canção do triunfo da escuridão sobre as realidades etéreas e as sombras mitológicas.

Foi então que, revestida pela chama da coragem e do desejo ardente de proteger seus amigos e os perenes sonhos e segredos de Eldoria, Aria desfez - se dos grilhões das sombras e, com um brado ardente e um fiorde de esperança que delimitava o horizonte, lançou em um halo azul e flamejante um feitiço de luz e renovação.

As trevas se desfizeram como vapores diante da luz incandescente emanada pela feiticeira, e os aliados se reagruparam, suas respirações sôfregas e os olhos almejando um enlace silencioso e profético no abraço quente e insone do amanhecer. Aria, no centro desse cluster de seres e anseios, sentia - se tomada por uma força insondável e primordial.

Os ecos de suas vitórias atingiram os corações de todos os habitantes dos reinos encantados, e uma réstia de luz oscilava, incandescente e eterna, entre

os recônditos ossos e sombras de Eldoria. Surgia, no horizonte metafísico e no éter das narrações e das histórias abraçadas pelas vagas de magia e desespero, o prenúncio de uma batalha final que selaria os destinos e as lentes embaçadas pelas tormentas e pelas manhãs.

Unidos novamente, Aria, Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa contemplavam o farfalhar dos astros e dos acontecimentos irrefreáveis, e em seus corações - aqueles ancoradouros únicos e imponderáveis - a sabedoria e a luta pelos passos e canções de Eldoria reverberavam como um clamor inexprimível, um verso monopolizado pelas correntes de um sentimento antigo e inextinguível: a esperança.

## **Preparação para a Batalha Final Contra as Forças das Trevas**

Apesar do horizonte de Eldoria se estender como um véu de lantejoulas sobre o afiado precipício de seus desesperos, Aria, agora cercada pelos semblantes confiantes de seus aliados e bioquímicas entranhas do fogo que, como uma fita fumegante de isqueiro, emanava de suas mãos, ainda se sentia atolada nos desígnios e expectativas da existência. Mas à medida em que os olhos de Gavriel, aveludados como brumas noturnas de olíbano, e de Roran, abrasados como a alma fria das pedras furtadas pelo ódio e pelas chamas negaceadas pela ira, encontravam os dela, Aria compreendia que a reta final de sua batalha não somente almejava reconstruir as correntes e a gangorra torturante e infinita de Eldoria, mas também seus próprios pontos cardeais e suas incompreensões - e os rastros habitacionais de medos e ventos internos que se grudavam a seus nervos como um frio embebido de estrelas.

Era tranquilo e desesperador observar a processão noturna do átrio desfigurado pelos oleados do tempo e pela caligrafia de desejos sepultados sob as árvores de Eldoria e, como uma vela ausente e solene, sobre as veias venéficas de seus irmãos de corpo e de existência. Aria refletia sobre os passos que, como retalhos de uma trajetória contraproducente e selvagem, haviam empurrado cada membro do grupo composto por Roran, Gavriel, Lysander e Aryssa - suas sombras e vontades projetadas em um bastidor de sinais e imagens soltas, mas que, entalhadas no âmago da aventura e das amizades, representavam, para Aria, não somente uma teia de lutas e de mergulhos no abismo do desconhecido, mas, também, um alicerce

inquebrável e incontinente, inenso aos golpes das trevas e aos sussurros das almas amarguradas.

O silêncio que se instalou no recinto, onde os enigmas e os mapas de Eldoria e das forças das trevas trespassavam a superfície nacarada das paredes como um esgar de uma nota desvairada, era mais indizível do que os desejos e os anseios momentâneos apunhalados e suprimidos sob a aba das horas e das botas enlameadas pelo sofrimento e pelo arrefecimento das árvores e das sementes entorpecidas. Gavriel, com seus dedos trêmulos e macios, acariciava o mapa esgarçado e enegrecido por ódio e traições que repousava à beira do horizonte conhecido e julgado como firme e inquebrável. Suas palavras, eróticas e moleculares, entoavam a campanha fria e açoitante das experiências e dos dissabores que navegarão nas águas encrespadas com cicatrizes e ímpetos inecpcionados pela condensação do gelo e das garras da morte e do olvido.

Aria sabia que uma batalha iria suceder - se às próximas horas, talvez minutos, e mesmo seus poderes internos e feéricos pareciam falhar como velas esquecidas em um relógio desgarrado pelo rio e pelo cansaço rosa iterativo das correntes de Eldoria. Apoiada na mesa central, com os braços cruzados e a garganta seca rasgada pela angústia e pela necessidade de eternizar cada instante que fugia como faíscas de pólvora e glaciares na imensidão das trevas, Aria vislumbrava o semblante de seus aliados, reconhecendo a dor e as metamorfoses que incrustavam - se em cada marca de suas vidas e que, produzindo espasmos em suas ações e paixões, perpetuavam aquele regime de luta e de compreensão das dores e das razões que decorrem, como um rosário decapitado pelos sussurros e murmúrios, do amálgama de olhares e de desejos suspensos no encantamento das florestas e das inscrições ancestrais de Eldoria.

Roran interrompeu o silêncio que atormentava como uma larva esquecida nos recessos do mar, perguntando, soturno e abalado pelas chuvas internas que reverberavam em seu corpo como tempestades em chamas, sobre como o embate contra as forças das trevas de Eldoria seria orquestrado e abordado pelos olhos e pelas chamas de seu grupo, agora composto por Lysander, Gavriel, Aryssa e Aria.

- Como enfrentaremos essas forças, Aria? - ele repetiu, suas palavras escorrendo no ar mesclado pelos vapores e meditações íferas e venenosas que emanam - se dos corações e dos filamentos palpáveis das angústias eternas.

## Chapter 13

# A Restauração da Paz em Eldoria

Aria emergiu em meio à poeira de pedra e fuligem levantadas pelo embate entre o último dos dragões e os remanescentes das forças das trevas, sua mão ferida pela luta alimentada pelos pulsores incansáveis de Eldoria. Os cabelos rebeldes colavam-lhe ao rosto suado, enquanto seus olhos faiscavam em azul anil, refletindo o desejo ardente pela paz há muito inexistente naquelas terras. Ao seu lado, emocionados, Roran, Lysander, Gavriel e Aryssa testemunhavam, entre lágrimas, a concretização da profecia e, conseqüentemente, a restauração do equilíbrio antes ameaçado daquele reino encantado.

”Eldoria ”, sussurrou Aria, deixando - se confinar pelas lembranças e histórias que empreendiam um comeback pródigo naquela letargia imprecisa que mais se parecia com um entardecer de música e invernos. Os rostos de expectativa de seus irmãos de luta a cercavam como um mosaico de beijos e alegrias que ecoavam na noite e na terra que tanto lhes conquistara os corações e as raízes atávicas.

Eldoria estava salva.

As figuras sombrias se dissipavam como névoa ante o sol digníssimo que agora alvorecia, iluminando a terra antes sitiada pelas nuvens escuras de iminente destruição. Devagar, como num abraço afetuoso, a vida antes sufocada pelos desígnios nefastos das forças malignas começava a insurgir novamente, enchendo espaços antes tomados pela dor e desesperança. Cada elemento, cada fagulha de energia, parecia cantarolar uma sinfonia de



renascimento e luminosidade. Aria e seus aliados, como ícones de uma luta digna de ser lembrada por todas as gerações, saboreavam o gosto da vitória no olhar confiante um do outro e na promessa silenciosa de uma nova era.

Aos poucos, os habitantes de Eldoria se emergiam de seus esconderijos, tomados pela curiosidade e temor em relação às mudanças presentes no ambiente; os olhos brilhantes de nostalgia e de acolhimento aos braços que haviam lutado por sua terra. Conforme dispersavam-se pela cidade, levavam consigo sorrisos, relatos de coragem e, principalmente, laços indissolúveis de fraternidade que jamais seriam esquecidos.

Nessa teia de recordações e futuros indissociáveis, Aria percebeu a singularidade de cada vivência, cada sacrifício que havia sido feito e penhorado nas asas e ventos de Eldoria. Resgatando as vidas, os sorrisos e as lágrimas daqueles que tomavam o reino como um refúgio de eternidade e de sonhos indestrutíveis, nosso grupo de heróis refletia, em meio às celebrações e aos abraços calorosos que se intensificavam com o esmaecer do dia, sobre seus feitos e sobre o presente que a vida lhes legara.

“Obrigada”, disse Aria, seus olhos lacrimejantes encontrando os de Roran, que sorria carinhosamente, tendo um arco-íris ininterrupto a esmaltar seus dedos que haviam travado tantas batalhas e portado consigo esperanças enfeitadas e arquetípicas. Ele não precisou falar mais: em um acorde sincronizado com a manhã que despontava e a utopia que se desenhava nas curvas de Eldoria, ele estendeu a mão a ela, que, com os dedos tremulos e incandescentes, apertou-lhe os dedos oblongos e acostumados às eras e aos segundos que decorrem como taças de vinho e de glória.

Aquele toque sussurrou infinitos e canais que se regasgavam com a memória fresca do vento e das eras que, imersos nas ondas e nos olhos aprisionados pelas sombras dos mármore, se deleitam em uma utopia de beleza e orvalho suspenso. A solidariedade e o amor que desequilibravam-se como lírios na promessa de um ninho de afagos e de utopias singularizadas dissolviam-se nos cânticos e aconchegos que pululavam, como notas dissonantes orquestradas pelos sentimentos e desesperos reidos, naquela aurora de renascimento e reinício.

## Aliança com a Dragonesa

O dia havia sido cruel a Eldoria, as nuvens cinzentas que se acumulavam no horizonte pareciam um jugo sobre o reino. Aria e seus companheiros estavam reunidos diante do fogo do lar, cada um absorto em seus pensamentos. Os olhos de Aria transportavam a preocupação do amanhã, a responsabilidade que havia recaído sobre seus ombros desde o instante em que se deparara com o pergaminho que desencadeara sua jornada. Roran, em seu silêncio aveludado, refletia sobre as palavras sussurrantes dos ventos que, em suas mãos trêmulas, retorciam-se e revelavam os segredos do cosmos. Lysander e Gavriel, lado a lado, enfrentavam demônios que só eles conheciam.

Estavam prestes a enfrentar um destino incompreendido e sombrio, guiados apenas por um pergaminho desgastado e a confiança irrefreável que nutriam uns pelos outros. Nada, porém, poderia prepará-los para a figura que irromperia por entre as folhas que ocultavam o luar daquela noite tempestuosa - uma aparição que desvelaria, para o grupo, os caminhos tortuosos e quebra-cabeças arduos que os aguardavam em sua aventura.

Ao som de asas retumbantes, uma dragonesa de proporções colossais aterrissou diante da entrada da casa, seu olhar púrpura e misterioso devorando os heróis com intensidade. Gema era seu nome, de uma linhagem rara, a última de sua espécie a despertar do sono milenar, um exílio imposto por sua própria raça.

Silêncio e temor foram as oferendas iniciais daquela reunião improvável. O tempo parecia detido, o rito de aproximação entre as chamas cor-de-rosa do encontro e a placidez temerosa de um futuro na iminência de nascer. Mas a hesitação em repouso deitou-se no colo da coragem emergente, quando Aria, num ímpeto solitário, emboldrou-se diante da enorme criatura.

"Eu li a profecia, Gema", ela começou, sua voz impassível. "Precisamos de sua ajuda, pois não há mais anjos nesta terra, e as sombras profanas parecem imortais." As palavras ecoaram na escuridão silenciosa, ganhando residência nos corações de cada um de seus companheiros.

A dragonesa fitou Aria por um longo e solene momento, antes de finalmente falar. "Saí do meu exílio para proteger Eldoria das forças que ameaçam destruí-la. Fui silenciada por minha própria espécie por protestar contra os atos de violência e malevolência que perpetuamos no passado, e foi no exílio que aprendi o significado da compaixão." Sua voz parecia um trovão

de ameixas, poderoso e gentil, tremelicando na gravidade do momento e nas palavras que tremulavam com a energia potencial da esperança. "Se o vosso coração deseja proteger este mundo tanto quanto o meu, então vós tendes a minha força e a minha sabedoria."

Aria olhou para suas mãos, onde a magia nascida de sua jornada começava a se manifestar como um murmúrio aquoso e ardente. "Temos enfrentado o desconhecido juntos," ela disse suavemente, "Roran, o mago que controla os ventos. Lysander, o guerreiro cujo nome inspira lealdade e coragem. Gavriel, a astúcia e sagacidade de um duende. Todos enfrentamos nossa quota de trevas e adversidades mas juntos, também descobrimos a luz em nós."

"Somos como irmãos, unidos por nosso amor por Eldoria e nosso dever para com os outros", acrescentou Roran, movendo-se para ficar ao lado de Aria, a determinação incandescente de seu olhar transmitida em cada palavra. "E se unirmos nossas forças com as suas, Gema, nada poderá nos parar."

Gema baixou a cabeça, fitando o grupo com seus olhos incandescentes que cintilavam como estrelas sob o véu etéreo daquela noite silente. "Então, que seja", ela decretou, e com essa afirmação, todo o espectro do futuro e das vitórias e infortúnios ecoaram no estampido de uma revelação. "Vamos combater estas sombras e enfrentar os desafios que nos esperam, juntos."

A união daqueles destinos tão díspares e entrelaçados tornou-se, então, um pacto de honra e coragem, com um único objetivo em comum: proteger Eldoria e sua gente contra a crescente escuridão e trazê-los de volta à luz que uma vez governou essas terras. E assim, imbuídos de um propósito compartilhado e ardente como a chama viva que os unia, eles marcharam juntos, destinados à batalha que os aguardava e ao futuro incandescente que os chamava.

## Segredos Revelados Sobre a Profecia

A fria lufada de ar noturno varreu a clareira, fazendo Aria estremecer e puxar seu manto um pouco mais apertado ao redor do corpo. Eles haviam encontrado abrigo no recesso da floresta, buscando um refúgio improvável da tempestade que parecia permanecer no horizonte, ameaçando engolir Eldoria a cada momento que passava. Roran, Lysander e Gavriel estavam reunidos em torno de um fogo que ardia com uma luz instável, mas Aria sentia-se

inquieta, incapaz de ficar parada e despreocupada diante da urgência latente que parecia colidir com a atmosfera.

Refestelava - se um silêncio dentro da brecha daquela noite instável, vagabundos insone e relâmpagos de pensamento conjugando-se aos segredos ainda não pronunciados e ao silêncio como mar calmo que precede os instantes arrebatadores de uma revelação. Por momentos, o interstício entre os destinos de Aria e seus companheiros mostrava - se irrefutável em seus presságios e desígnios, tangendo suas almas como uma canção arremetida pela atrocidade e pelo medo de um futuro há tanto aprisionado em uma sombra lúgubre de inexorabilidade e desesperança.

Num impulso repentino, Aria caminhou em direção ao ínfimo riacho que murmurava como um segredo líquido no coração da floresta e, encolhendo os ombros contra a frialdade da água, entregou - se à genuinidade da natureza e agarrou o pergaminho que lhe dera início àquela jornada. Foi então que a voz gutural de Aryssa rompeu a aura de silêncio como uma pedra perfurando a superfície de um lago, atraindo a atenção de todos os presentes.

”Vocês precisam saber a verdade sobre a profecia antes que seja tarde demais”, avisou a dragonesa, seu olhar penetrante instilando uma sombra de seriedade na clareira apreensiva. ”Não é apenas Devastarex que despertou. Há outros dragões adormecidos cujo retorno trará calamidades ainda maiores a estas terras.”

Um peso incalculável pareceu recair sobre os ombros de Aria e seus companheiros, a paquidermia do destino acuando - os como lobos em um eclipse de desespero e choro ininterrupto. Roran, cujos olhos jamais haviam repousado em um instante de calma, deu um passo à frente, buscando entender a imensidão daquele anúncio.

”Quantos dragões?”, ele indagou, com uma voz solene e um brilho de determinação em seus olhos águas - marinhas. ”E como podemos detê - los?”

Aryssa contemplou - os com uma melancolia imersa em sua voz alabastrada e orgânica, ”São cinco dragões no total, cada um correspondendo a um dos elementos: terra, ar, fogo, água e éter. Um dos quais vocês já enfrentaram e asseguraram, mas outros guardam perigos que apenas podem ser subjugados pelo trabalho conjunto de suas forças, pela compreensão dos sacrifícios que terão de ser penhorados pelo bem de Eldoria.”

O silêncio foi acompanhado pela respiração ofegante de Aria, que segurava o pergaminho com força, como se buscasse algum vislumbre do futuro em

suas partículas mágicas e ancestrais. Lysander engoliu em seco, como se suas palavras estivessem entaladas na garganta, querendo emergir e bradar seu auxílio a qualquer desígnio que o destino pudesse criar.

”E o que dizem as estrelas?”, perguntou Lysander em um sussurro rouco, ansiando por uma solução, um indício de esperança em meio às revelações desoladoras. ”Que destino aguarda nosso mundo se falharmos em impedir o retorno desses dragões despertados?”

A resposta quase inaudível de Aryssa arrebatou a clareira e o próprio coração de Eldoria em um flagelo de tempestades e anseios silhouetteados nas cores e firmamentos da mais perversa queda. ”Decepção e destruição serão apenas o início”, ela pronunciou, sua voz amolecendo em um eco de desolação. ”As forças dos dragões são indomáveis e incalculáveis, e Eldoria arderá em chamas e trevas se o seu despertar continuar incontestado.”

Gavriel, cuja astúcia e perspicácia o haviam consagrado como portador de soluções e alcunhas insondáveis, ergueu-se tão subitamente que chegou a surpreender seus próprios companheiros de aventura e imprecisão. Com olhos que chamejavam em infindáveis auroras, ele indagou, seu tom tão audacioso quanto suas acrobacias jocosas em outros tempos, ”Então nós lutaremos, juntos, e enfrentaremos cada um desses dragões até que a paz retorne a Eldoria. Estamos prontos para aceitar o nosso destino, custe o que custar.”

A afirmação foi seguida pelas inclinações de cabeça de Roran e Lysander, cujos semblantes refletiam o eco de suas responsabilidades e a promessa exacerbada de honra e coragem que pairava como um perfume inextricável no ar gélido da clareira. Aria, embora abraçasse a certeza de seus amigos, sentia-se ainda mais tocada pelo peso do pergaminho e da mesma profecia que havia posto em curso aquele destino intrincado de equilíbrio e de perdição. E assim, com sincronia e comprometimento, comprometeram-se a enfrentar o desconhecido e os dragões despertados, num juramento silencioso de defender Eldoria e a própria existência em seus corações.

## **Encontro com um Antigo Inimigo**

A pálida luz do crepúsculo filtrava-se por entre as árvores, lançando o bordo dourado de um encontro oculto na encosta do monte, onde Aria e seus companheiros se reuniram em silêncio, apreensivos. Os murmúrios de sua

respiração oscilavam e ondulavam como uma sinfonia animada de temores e esperanças não confessadas, enquanto alumbravam a distância, buscando discernir o que ainda se revelava nas sombras.

Aryssa, a dragonesa destemida que os havia guiado até ali, recuou um pouco, permitindo que os quatro amigos encarassem o desafio que os aguardava. Ansiedade palpável enrolava-se em torno deles, penetrando no tecido de seus pensamentos, fazendo Aria estremecer involuntariamente e segurar sua adaga, desejando afastar as sombras que ameaçavam inundar seu espírito.

De repente, o silêncio foi quebrado por um som tão inesperado quanto desconhecido, fazendo com que todos instintivamente movessem-se em posturas defensivas. Apenas Aryssa permaneceu impassível, deixando seus olhos âmbar contemplarem a sombra emergente.

A figura que surgiu diante deles era alta e esguia, envolta em um manto escuro que parecia tecido do próprio éter. Seus olhos eram como luas engaiolados, frios e quase etéreos em sua incandescência, e naquele instante, conforme suas feições translúcidas emergiam da crescente escuridão, Gavriel reconheceu o rosto que por tanto tempo assombrava suas memórias.

"Thanaan!", murmurou Gavriel, a surpresa audível em sua voz, enquanto as emoções explodiam em seu coração como fogos de artifício, misturando-se num turbilhão de estupor e perfídia. "Eu deveria ter sabido que você estaria envolvido em tudo isso."

Aria lançou um olhar perplexo a Gavriel, notando a maneira como seu rosto se contorcia em uma expressão de revolta, antes de retornar sua atenção ao recém-chegado, sabendo que a resposta a esse enigma estaria na reação de seus amigos.

Mas por mais que tentasse, ela não podia compreender completamente a teia de emoções que agora se enredava em Gavriel, e apesar de sentir o peso das implicações daquele encontro como um punhal rasgando a frágil teia de suas esperanças, ela não podia ignorar o clamor da curiosidade que enfrentava o abismo do desconhecido.

"Quem é ele, Gavriel?", ela sussurrou, mal consciente da inquietação tremulante em sua própria voz.

Com os olhos fixos no inimigo de tempos passados, Gavriel falou, a voz rasgada pelo ódio sibilante de um grilhão antigo e indômito. "Seu nome é Thanaan. Ele também era um aliado, uma vez, muito tempo atrás." The

work "aliado" lançou-se como uma lâmina rompida pelo tempo, desgastada e fragmentada pelo espectro das traições passadas.

Thanaan sorriu, um sorriso gélido e insensível como o cristal de uma noite invernal. "Ah, Gavriel", ele zombou, "não seja tão dramático. Fomos irmãos no crime, é verdade. E agora o destino parece ter-nos colocado em lados opostos." Ele deu um passo à frente, seu olhar indiferente e zombeteiro deslizando sobre o grupo como um glaucus de morbidez.

Roran fez um sinal para Lysander, rumo à criação de um escudo defensivo, mas Aria levantou uma mão pedindo cautela. "Esse é seu passado, Gavriel," ela disse suavemente. "Nós decidimos enfrentar juntos, aprender uns com os outros e evoluir. Se ele é um inimigo agora, enfrentaremos juntos também."

Thanaan riu novamente, um riso que parecia ser tecido das próprias sombras daquela noite sombria e solene. "Que comovente," ele escarneceu. "Mas diga-me, Gavriel, como você veio a se juntar a essa patética coorte de gentis heróis? Você traiu a família, traiu a Irmandade das Sombras. E agora, todo esse discurso sobre honra e lealdade é nauseante."

Gavriel apertou os punhos, tremendo com uma fúria contida que ameaçava explodir em chamas de revolta e ódio. "- Eu - traí a Irmandade? Foi você quem virou as costas para tudo que significava algo para nós. Você se aliou ao mal, abandonou a esperança de redenção!"

"Sua ingenuidade é triste," Thanaan suspirou. "Eu abracei meu destino, meu lugar no mundo. Algo que você ainda é incapaz de fazer."

Aria e seus amigos trocaram olhares preocupados e apertaram suas armas com um senso de determinação crescente. Roran falou, sua voz firme e resoluta ecoando na encosta do monte. "Nós não estamos aqui para discutir com você, Thanaan. Viemos aqui para proteger Eldoria das forças das trevas e dos terrores que ameaçam destruí-la. E se você é realmente um inimigo, saiba que não hesitaremos em enfrentá-lo."

Enquanto o vento uivava ao redor deles, Thanaan sorriu mais uma vez, um sorriso infinitamente sádico e impiedoso que parecia presagiar a inevitabilidade da batalha e do derramamento de sangue, e apenas uma palavra foi pronunciada, uma palavra que assinalava o começo do fim: "Então, que assim seja."

## A Conquista do Artefato Poderoso

A penumbra da caverna mergulhava nas sombras, como os dedos do crepúsculo estendidos em direção ao coração do mundo. Aria, cujas veias estavam repletas de um bruxulear místico e urgente, exalava em sua respiração ofegante o tufo fúlgido de suas preocupações e anseios embutidos nas horas obscenas e exiladas do tempo, na destruição apocalíptica e poética da verdade oculta.

Caminhavam com cautela entre as estalactites penduradas como espadas afiadas e rebrilhantes do destino, como os olhos claudicantes e perversos que os observavam dos confins abismais e inóspitos do desconhecido. Roran sustentava a esfera luminosa sobre Gavriel e Lysander, um presságio fantasmagórico de um clarão a projetar-se nas paredes de calcário e sílex da caverna labiríntica que ressoava com murmúrios de lendas perdidas e ameaças invisíveis.

Noetera, a artefato buscado com tamanha veemência e sacrifício, era um fragmento de vitalidade e poder inestimado que pairava como um mirante numa abóbada de memórias e de lástima. Aquela chave para selar novamente os dragões, as criaturas de tempestuosidades e guerrimas que haviam permeado suas vidas indolentes, os expectavam com acefalices e olhos sombrios, testemunhando e refletindo o desvelo de um destino irmão ao tardar de um toque.

Gavriel, cujos olhos translúcidos de caçula e saudades vagavam pelos caminhos obscuros e primordiais daquelas paredes rochosas, de repente ficou tenso e alerta, como se seu próprio corpo reconhecesse a presença de uma força tão temível e perdida quanto a própria epopeia que os havia tarjado como pertences de um mundo flagelado por ventos de mudança.

”Aria, eu creio que encontramos o artefato. Está lá, no pedestal brilhante no meio da sala”, ele anunciou, a voz escorrendo como um riacho tênue e penetrante, trespassando a própria escuridão para encontrar o ouvido atento de Aria.

Seu coração pulsou no ritmo vibrante de um tambor noturno, o sangue fervendo em seus ouvidos com um zunido de asas de borboleta batendo em debandada. Juntos, Aria e seus aliados aproximaram-se do pedestal cintilante, as luzes espectrais da esfera mágica de Roran ondulando em marés etéreas, lançando sombras voláteis e mutáveis nas paredes da caverna.

E ali estava, no centro do pedestal de quartzo turmalinado: Noetera.



Parecia uma concha luminosa esculpida em opalina, brilhando com cores efêmeras e hipnotizantes, um fragmento de poder inestimável, um suspiro etéreo do próprio esplendor do mundo mágico.

”É tão belo”, murmurou Lysander, sua voz baixa e trêmula, como se temesse despertar algum monstro velado nas profundezas da sombra dançante que os cercava.

Aria estendeu a mão hesitante e com um toque gentil, a concha respondeu, oscilando em um arco-íris suave de luz e energia. Antes que pudesse reagir ou recuar, a concha foi envolvida por um vórtice de luz, enrodilhando-se em seu redor como um ciclone furioso e intangível. A caverna pareceu tremer ao impacto daquele poder desperto, o desmoronar das forças elementais desencadeando uma precessão de gritos e sussurros fantasmagóricos no antro ignoto da obscuridade.

Os últimos fragmentos de luz dissolveram-se no ar, a artefato poderoso agora redimensionado e fundido à palma de Aria. Sua pele cintilava de energia, um pulsar ofuscante e glorioso que emanava a própria vitalidade da existência.

Roran, Lysander e Gavriel observavam atônitos, testemunhando o poder de Noetera refletido no olhar ardente e resolutivo de Aria, agora aglomerado numa concentração de fogo e de arrebenção, como se o amanhecer emergisse do coração da treva e do caos de uma guerra ancestral para cravar - se nos olhos daqueles que buscariam a redenção. E assim, incandescente e inalterável, permaneceram no limiar do desconhecido, seus corações unidos por um vínculo de esperança e de lealdade inabalável, suas almas retesadas e determinadas a enfrentar qualquer desafio árduo e insondável que o destino pudesse lançar.

## **A Batalha Contra o Primeiro Dragão**

Aria sentiu a terra tremer a cada passo do dragão, perdido no labirinto que a Floresta das Sombras se tornara. As chamas ardiam como colunas de fúria viva no alto de escarpas abruptas, os penhascos desmoronando aos bordões das patas que assoalhavam a terra, cuspidos lumes e desolação. O ar tornara-se um solo de asfixia e hálito ardente, um clarão esquecido nos pulmões de uma terra calcinada e expirante.

Junto de Roran, Lysander e Gavriel, Aria contemplou a criatura colérica

e imponente que erguia - se como um monumento às chagas do mundo, sua face atormentada pela dor infinda de um passado lançado no turbilhão do esquecimento, mas que ainda ressoava e vertia seu fogo nas negras rachaduras do presente.

Roran amparava - se em seu cajado bruxuleante, a pedra fincada no topo irradiando suas luzes como faróis abismais. "É ele", murmurou ele, a reverberação do medo em sua voz galopando como corcéis do fim dos tempos. "É o dragão de fogo, Eldrannon."

Além dos restolhos e escombros, dos dedos de fuligem e ruínas, surgia o gigante das linhas carmesins e flamívoras, seu corpo reluzente erguido num véu temeroso de esplendor e audácia. As asas encontravam - se eriçadas como uma carapaça derruída e irascível, lançando - se ao vento em gestos irados e arrematados de uma crucificação.

Lysander fechou seu elmo de aço, desembainhando a espada magna, aquela que em suas cravuras pétrea o legado da história e da coragem dos cavaleiros passados. "Que o sangue dos nossos ancestrais guie nossas lâminas e nos proteja nesta batalha."

Gavriel empunhava a aljava, seus olhos de duende aguçados como dois diamantes cortantes e resolutos, seus cabelos dourados e deflagrados dançando nas auras deixadas pelo vento. "Estamos juntos nisso, pelo futuro de Eldoria e por todos aqueles que têm fé em nós."

O dragão rugiu, uma voz ancestral como um trovão descontrolado, espezinhando a camada de escuridão e de desespero que bordava os confins inóspitos e indigentes do mundo.

Aria, sua face iluminada pela pálida luminância das chamas e pelo fulgor inviolável da resolução e do coração, falou então, sua voz soando como um eco de luz no abismo labiríntico e imperecível do crepúsculo. "Juntos, venceremos esta batalha e enfrentaremos quaisquer desafios que o destino nos traga. Pela salvação de Eldoria e por todos aqueles que acreditam em nós."

Os quatro, unidos entrelaçados por um nexos de esperança e de lealdade inabalável, avançaram em direção ao dragão arrojado e feroz, suas sombras intimidadas e diminuídas pelas chamas que se despontavam de seus corações.

Eldrannon, seus olhos ferinos e incendiados fulminados pelos pesares e por suas mágoas escaldantes como lava correndo pelas correntezas do esquecimento, ergueu - se em um bote feroz e desesperado.

Aria deslizou por baixo da criatura flamejante, sua magia flutuando ao redor dela, mantendo sua agilidade suficiente para desviar das garras trêmulas e impiedosas. A água cintilava em suas mãos, formando escudos que se confrontavam à brasa do dragão, chofrando uma névoa de vapor e alento forjada.

A batalha prosseguiu num torvelinho de labaredas e forças mágicas em desarmonia, os companheiros lutando lado a lado, enfrentando o gigante ardente com a ardência das chamas que pondiam pelas fauces de esperanças e pulsares irrevogáveis. A cada golpe desferido, o rugido de Eldrannon tornava-se numa caligrafia de desespero e angústia, as batalhas que travara nos confins das eras e das estações descendo em lamentos e arestas.

E, no clímax do furor e da batalha flagelada pelos ventos de perdição e ruína, Aria e seus aliados emergiram triunfantes e exultantes, suas almas retesadas e determinadas a enfrentar qualquer barreira árdua e insondável que o destino pudesse lançar. Num clarão estelar e apoteótico, o coração de Eldrannon tamborilava sua última canção, destruído e lacerado pela soma das fúrias e das guerras de um mundo cujas sombras eram sua primogênita, sua linhagem irrevogável.

No silêncio que seguiu à queda do primeiro dragão, Aria e seus aliados se abraçavam e respiravam juntos, suas mãos unidas no enlace de uma promessa e de um pacto que atravessaria as eras e os labirintos do tempo - juntos, enfrentariam o abismo por toda cupidez e todo temor calcinado, florescendo como um lume na noite do esquecimento, as chamas de seus corações a atravessar a derradeira fronteira de suas almas resolutas e etéreas.

## **Sacrifícios e Escolhas Difíceis**

Enquanto se embrenhavam pelas sendas amalgamadas da floresta ora verde e umbrosa ora rubra e poluída pelas amarguras e assombrações do entardecer, a luz do Sol esmaecia, e se convertia num aleijão em débil e vacilante, estilhaçada em fragmentos de púrpura e sangue ressecado entre as sombras e as veredas cortadas desmioladas de infundáveis batalhas. Aria sentia a mão do destino a fechar-se em tomo de seu coração, pressionando cada sistole e rítmica pulsação numa força tirânica e férrea a segredar uma única mensagem na penumbra: a hora da verdade se aproximava.

As árvores tremiam, confessando sua pena e receio, como se soubessem

da chacina e do sacrifício iminente, de seus próprios irmãos e irmãs a serem abatidos na sanícula de um dragão irascível e do apodrecimento do suco vital de uma terra em perdição. Gavriel, cujas mãos seguravam suas nesgas áureas e desbragadas em um turbilhão de inquietude e fria determinação, falou então, sua voz como uma lâmina cortante lançando-se ao vento, uma flecha às portas do abismo.

”Aria, deduzo que se aproxima o momento do sacrifício e das escolhas. Você está consciente disso, não está?”

Seu olhar enlutado e incorruptible buscou os olhos incalculáveis de Aria, por debaixo dos cílios crisálida e das névoas intrincadas e mezquinhos que balouçavam-se sobre seu semblante pálido e assolado pelas correntes do mundo invisível. Aria hesitou, seu peito inflando e deflacionando em um sopro de desespero e dor inexprimível, um naufrágio de consciência e de amor arrebetado pelas garras de um destino ao tornar-se blindado pela saliência e pela morte.

”Sim, eu sei”, murmurou ela, cada sílaba desprendendo-se do fundo de seu coração e saltando aos precipícios do infinito, a arrebatar-se na ondeação de um Universo que chorava e padecia entre os equinócios da vida e da ruína. ”Sei que temos de sacrificar algo ou alguém para selar os dragões novamente, para evitar um sofrimento ainda maior do que já vivemos. Mas como faremos isso, Gavriel? Como escolheremos o que e quem deve pagar essa terrível dívida? Não suportaria perder nenhum de vocês.”

Lysander, seu elmo encarnado e rebrilhante a esculpir a frente de um guerreiro ávido e corajoso, um anjo celeste enviado aos confins da tempestade e do furor para alicerçar uma muralha inabalável de sangue e de fé, suspirou, um frêmito de compaixão e angústia a repercutir-se em seu olhar de água.

”Aria, nossa busca sempre nos levou para esse ponto. Nós sabíamos das escolhas que teríamos de enfrentar, e decidimos estar ao seu lado, aceitamos os riscos e as dores. Não importa o resultado, não me arrependo nem por um segundo de ter lutado ao lado de vocês em prol de nosso amado Eldoria.”

Roran, um vislumbre fantasioso e atormentado de um orvalho etéreo, um pensamento vibroso e submisso a desvanecer no ar como se evaporado pelas forças titânicas que o desalojavam de seus olhos de ébano e galáxia, entreabriu os lábios em uma confissão que vige como um atalho ao martírio, à esperança e à marcha vacilante de uns duendes lançados-às-estrelas pela compassagem do acaso.

”Concordo com Lysander, Aria. Quando enfrentamos a sombra e a poeira das despencadas montanhas, as rochas a abrasar - se e escarnecer nossos corações petrificados, a nos propor o desafio do sacrifício e do martírio, creio que é cinza a nos embaralhar, bruma sem sentido e mal concebida pelos próprios elementos; é o que os homens costumam chamar de destino, mas o que eu chamo de escolha. A única verdade que o destino detém é a escolha. Aria, minha amiga, minha aliada temerária e confiante, apenas devemos escolher com fé, e sopesar nossas decisões como um lábaro fadado às entranhas justas e vitoriosas do amanhecer.”

Juntos, de mãos entrelaçadas num laço de fumo e de névoa, de fogo e de rocó, seus semblantes ora graçados e embaciados pela luz medíocre ou sumidos pela sombra, cada palavra e suspiro irmanados numa jornada de resistência e de abnegação, eles ergueram o queixo e avançaram em direção ao crepúsculo, um destino inextricável e inelutável a afluir - lhes aos pés de seus passos perdidos e persistentes.

## **Restauração da Paz em Eldoria**

A lua cheia pairava sobre a cidade abandonada, como um olho místico que espreitava através da névoa. O som do vento ecoava como um coro de vozes esquecidas, sussurrando segredos etéreos e arcaicos. Aria carregava a pedra espiral em seus braços, frágil e pulsante como um coração vivo, luminoso como estrelas distantes que buscavam resistir à escuridão.

”Aria,” murmurou Roran ao seu lado, sua voz carregando consigo o peso das eras e das infindáveis batalhas travadas em nome de Eldoria. ”Nós conseguimos. Viemos até aqui, e mesmo com perdas e sacrifícios, nós superamos nossas adversidades.”

Sua mão alcançou a de Aria, apertando - a com firmeza, os laços que uniam aliados e amigos cintilando através da escuridão, uma teia invisível de emoções. ”Tenho orgulho de ter lutado ao seu lado, Aria,” ele continuou, seu olhar varrendo o relevo sombrio de uma cidade que os observava com surpresa e curiosidade.

Aria olhava os incontáveis calabouços, gibões e arcabuzes enfileirados na exuberância acerada da pilhas de carcaças embalsamadas, a arfar em espículas inflas e em pronúncias obscuras, encurando as alvuras a olhares brandos de austeridades ponderada. ”Nós passamos por muita coisa juntos,”

ela sussurrou, como se mesmo o ato de falar pudesse rasgar o véu entre o que era e o que poderia ser.

Lysander, seu elmo removido, revelando um rosto que carregava em suas linhas o legado de uma nobre linhagem e a determinação dos guerreiros dignos de lembrança, apertou o ombro de Aria. "Não se esqueça dos sacrifícios feitos, mas também de suas conquistas," ele aconselhou, sua voz triste, mas resoluta. "O coração de Eldoria bate dentro de cada um de nós, como marcantes eunucos lancinando as fomalhas da redenção e do perdão."

Gavriel desembainhou uma de suas flechas ornamentadas, admirando sua beleza e precisão. "Pela primeira vez em muito tempo, sinto que fizemos algo bom por Eldoria. Talvez, com o tempo e a paciência necessários, possamos curar estas feridas e construir um futuro de esperança e paz."

Aryssa, a dragonesa exilada, lançou-se das sombras, a pele flamejante de suas escamas cintilando como um véu de estrelas cadentes, o penacho gentil de suas asas emergindo de seu dorso como a aurora em erupção. Ajoelhado diante dela, colunas de fumaça parda espiralavam e revoavam em urdumes de crivos gélidos e perecedouros.

Aria, o pergaminho que desencadeara tal tormenta e júbilo abrigado com cuidado em seu seio, ajoelhou - se diante da dragonesa, seu rosto pálido e temeroso se erguendo em direção à face sombria, a serenidade das feições desmentindo a força e os tormentos que ferviam em teias e camadas intrincadas dentro de seu sangue.

"Sobrevoamos as sombras dos erros e das glórias, depositamos nosso alento nos confins das promessas e dos beijos, e aqui estamos a desmanchar e a renovar o porvir de um mundo intranquilo e gnóstico", ela falou, e cada sílaba, cada pulsar de seu coração, ressoava com o clamor da convicção e da devoção inabalável. "Selaremos os dragões novamente, curaremos as chagas e as aberrações que disformam o seio álmico desta terra, resgatando o selo elemental e suprimindo a ira das forças das trevas."

Aryssa baixou sua cabeça gigantesca, o hálito ardente e fumegante de suas narinas fertilizava o solo abaixo e começava os gritos e os suspiros do vento. "Então façamos," ela concordou, sua voz reverberando na escuridão como um trovão distante, uma percussão final de força e de unidade.

Aria e seus aliados, suas faces iluminadas pelas chamas crepitantes e pelo fulgor inviolável do coração de Eldoria, ergueram a pedra espiral e lançaram os feitiços intrincados sobre as crateras e precipícios do seu mundo, cada

símbolo e palavra intrincada e interligada como um abraço de redenção e cura.

Com um clamor que despedaçou a noite e fez estremecer toda a extensão do mundo conhecido e desconhecido, a luz recobriu a terra, expurgando as sombras e rachaduras, consertando e amparando as cicatrizes trançadas em membranas de histórias e de sagrações.

Aria olhou para Roran, Lysander, Gavriel, e Aryssa, e seus olhos brilhavam como lanternas rubras, arcanas e acesas no magoar da eternidade, um farol e um templo de fé e de amor engasta no rinque da supremacia e da mortalidade.

”Juntos,” ela murmurou, e a palavra se impregnava em cada fio e dente da vida, um coração de luz e prece estremecendo no cruzar das tendas e das paisagens. ”Juntos salvamos Eldoria, e juntos enfrentaremos qualquer desafio e tormento que nos arremessam e nos solapam pelo mundo e pelos labirintos que esquadrinham a vastidão do sonho eterno e do mistério.

Em seus braços, Aria Fontane erguia o pergaminho, agora uma capitânia tangente da libertação e da mão cerrada sobre o início e o fim e o rito superno que lhe intercalava. Acima deles, um firmamento verde e ardente se erigia como um tálamo de justiça e de abnegação, enquanto as sombras e as chamas calavam as vozes da inquietude e caminhavam de mãos dadas para a aurora eterna, um sussurro de luz e coragem que iria reverberar na eternidade como um cântico de resiliência, um repicar celeste e sempiterno de paz e esperança.